

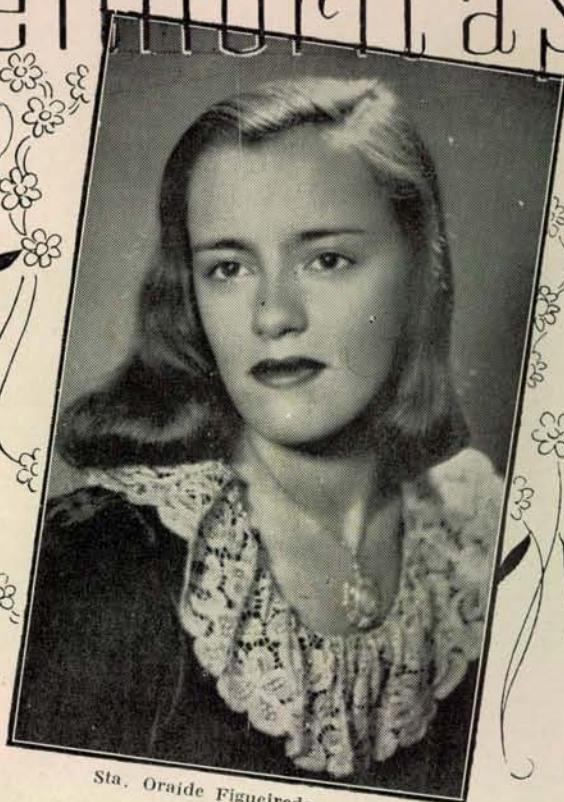
ALTEROSA



Senhoritas



Sta. Maria Alice Drumond



Sta. Graide Figueiredo



Sta. Irene Ferreira Gomes



Maria de Lourdes Lana

CAPA

Rita Hayworth, a loura estrela da Colúmbia, numa tricotomia executada pelo gravador Gervásio Pinto de Araújo.

CONTOS

"Seu" Lário	2
Mário Garcia de Paiva	2
O Chá	6
Alberto Renart	6
O Capricho	10
Artur de Azevedo	10
Amargo Sorriso	14
Wanderley Vilela	14
O Marido da Secretária	18
José Lara	18
O Marcador de Gás	22
André Birabeau	22
O Mascarado	26
Norval Richardson	26
Uma Mulher Perfeita	32
Phyllis Duganne	32
A Filha Mais Nova	38
Frederico Boutet	38

LITERATURA

Centenário Poético	39
Mário Matos	39
Vitrine Literária	40
Cristiano Linhares	40
Irmão Francisco e a Lagarta	52
Oscar Mendes	52

DIVULGAÇÃO

Uma Precursora: Madame Favart	42
Olga Obry	42
Cartas dos Estados Unidos	50
Huberto Rohden	50
O Estranho Criminoso de Vila Rica	54
Lúcia M. de Almeida	54
A Verdade Acerca da Intoxicação Alimentar	92
Donita Fergusson	92
A Mulher Brasileira Mudou Muito...	98
Djalma Andrade	98
De Jornaleiro a Multimilionário	102
Mona Gardner	102
Recordar é Viver	110
Abílio Barreto	110

HUMORISMO

De Mês a Mês	44
Guilherme Tell	44
Paisagens Locais	61
Fábio Borges	61
Pingos de História	68
Joaquim Laranjeira	68

RÁDIO

A partir da página	104
--------------------	-----

MODA E BELEZA

Moda feminina	72
A partir da página	72
Ginástica para sua beleza	86
Redação	86
Sugestões para sua beleza	90
Ivete Marion	90

DIVERSOS

Sedas e Plumas	48
Êsparsos	58
Página das Mães	62
Hinterlândia Poética	64
Caixa de Segredos	56
Arte Culinária	70
Grafologia	114
No Mundo dos Enigmas	122



Nossa Senhora

Quando, naquele dia de bonança,
O Altíssimo te deu a primazia
De ser a mãe de Deus — doce Maria —
Foste a Nossa Senhora da Esperança!

Quando, naquela noite limpa e fria
Que nunca te saiu mais da lembrança,
Nasceu Jesus, a celestial criança,
Foste a Nossa Senhora da Alegria!

Quando, naquela tarde feia e escura,
Cristo morreu no Gólgota maldito,
Foste a Nossa Senhora da Amargura!

E na manhã de intensa claridade
Em que o Senhor subiu para o Infinito,
Foste a Nossa Senhora da Saudade!

Edison Pinheiro



ALTEROSA é uma publicação da Sociedade Editôra Alterosa Ltda., com sede à Rua Tupinambás, 643, sobreloja n.º 5, Caixa Postal 279, em Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, Brasil. Diretor-redator-chefe: Mário Matos. Diretor-gerente: Miranda e Castro. Secretário da redação: Jorge Azevedo. Assinaturas (sob registro postal) Cr\$40,00 para 1 ano e Cr\$70,00 para 2 anos. Toda correspondência deve ser enviada à Sociedade Editôra Alterosa Limitada, assim como cheques, vales postais e outros valores.

"Seu" Lírio

Conto de Mário Garcia de Paiva

Ilustrações de Fábio

DEPOIS da cena melodramática desta manhã, seria de esperar que seu Lírio se retraísse, passasse a me evitar. Cheguei mesmo a pensar que ele mudasse de pensão. Não se dando maior importância à circunstância rara de não ter querido almoçar, seu Lírio se limitou a gastar sola de sapato aí no corredor, indo e vindo, a manhã toda. Contudo, ainda agora ele passou aqui pelo quarto e perguntou, sem me fitar, se eu podia dizer as horas. Podia, naturalmente:

— Dez pra uma.

— Pra uma?! Homessa!...

☛ Lá se vai ele pelo corredor.

*

Conheço-o de pouco tempo. E' um homem ranzinza, nervoso, neurastênico, — magro, miudinho, cabelos grisalhos, rosto suado de rugas, a cutis amarelada esverdeada, olhos azuis, de convescente, que lhe dão à fisionomia um ar perene doente. Não sei quais doenças o atormentam, mas ele vive em dietas, não come disso, não come daquilo.

Encontrando em mim um ouvinte benévolo e paciente, seu Lírio me prendia em palestras intermináveis, sendo futebol o seu assunto predileto. Na semana passada, depois de fazer uma crítica a um locutor esportivo, "irradiou" para mim os principais lances de um memorável flá-flú. Minúcias. Dodô passa para Dadá. Dadá para Dedé. Dedé para Didi...

Certa tarde, à porta da pensão, seu Lírio me contava por qua's máquinas o paredro Fulano de Tal fôra eleito presidente de uma entidade esportiva. Uma preta aproximou-se, humilde. Falou a seu Lírio:

— Oh, eu queria saber onde mora D. Zita. A casa dela...

E seu Lírio, numa ênfase, gritando as palavras:

— A senhora desejava que eu lhe fizesse o favor de informar o quê?

— Eu queria saber onde mora D. Zita. Ela é costureira, sabe?...

— A senhora pretendia que eu lhe fizesse o favor de informar o quê?...

E a preta — bronca, coitada — sem afinar com o amor-próprio de seu Lírio:

— Ah, seu moço, o senhor sabe, hein? E' D. Zita... Ela costurava...

Seu Lírio falou alto para o audítor: eu, o dono da loja ao lado, o casal da casa defronte, um grupinho da esquina.

— Vejam se isso são modos de se pedir informação! Esta dona quer, quer! que eu lhe diga onde mora D. Zita. Civilidade, minha dona, civilidade. A senhora pensa que eu vim ao mundo para lhe servir de cicerone?

A preta foi-se afastando, carancuda, agastada, não mais humilde.

— Ah, seu Cerone, o senhor que vá pro diabo, tá ouvindo! Vá pro diabo, pro diabo!

*

Seu Lírio, o Pacheco, Zé-Bino e o Armando costumam formar mesa de "poker", uma e outra noite. O Pacheco nunca faz coisa melhor que um par de ases ou uma trinca de rei. Mas certa vez seu Lírio pôs oito fichas na mesa e o Pacheco dobrou para dezesseis.

— As suas dezesseis e mais trinta e duas — o velho sorria.

Um silêncio expectante.

— As suas trinta e duas — e mais sessenta e quatro.

Bom, a coisa agora muda de figura... Seu Lírio hesita. Que será que esse pixote tem? Patife, assustando a gente, à-tôa. Vai ver que é um par de damas, uma sequência...

— Paguei as suas sessenta e quatro.

O Pacheco mostra as cartas. Seu Lírio pula na cadeira:

— Aaaa! dêsse nato não sai coelho, eu sabia. Veja o meu jôgo.

Mostra: um "street".

— Então eu ganhei — o Pacheco puxa as fichas.

— Fiz um "street"!

— E então! O seu "street" pode coisa alguma com o meu "flexa"?

Os olhos de convescente se voltam para o Eino. Seu Lírio sorri, enervado. Meneia com os ombros. Sorri.

— Essa é boa, hein! Fique com as fichas. O homem nunca havia pegado num baralho e a gente jogando com ele.

O Armando e o Bino procuram convencer Pacheco:

— Olha, começa com um par, depois vem dois pares, uma trinca...

Inutilmente. O Pacheco não se convence:

— Jogo "poker" há anos, sei o que estou dizendo. Mas...

— Não, nem vê que isso não entra na minha cabeça:

Seu Lírio recolhe o baralho. Conta as fichas. Sorri. Não se joga mais "poker".

O Pacheco só sabe esbravejar:

— Não, não, nem vê que isso não entra na minha cabeça!

E seu Lírio, tenso, a voz mansa:

— Entra, entra, com jeito entra. Bino, vai buscar o machado lá dentro.

*

Uma embarcação vence a custo a correnteza, avançando em zigue-zague contra o vento. Do outro lado, Guarulhou, as habitações humildes. Lá mais em cima, a ponte, o azul do céu no rio.

Eu e seu Lírio perlongáramos pela margem até o Asilo da Lapa. Agora vínhamos voltando.

— O senhor é campista?

À pergunta, ele estaca e me fita escandalizado, quase colérico:

— Eu, campista! Tem cabimento você me fazer essa pergunta! Eu campista! Você já viu um campista falar como eu falo? Com essa pureza de linguagem, com essa dicção? Sou carioca, carioca do morro.



— Mas José do Patrocínio era campista.

— Qual José do Patrocínio?

*

Não me dava tréguas. Pela manhã, à hora do almoço, do jantar, à tarde, à noite. A todo momento, seu Lírio. O quarto dele ficava contíguo ao meu, de modo que, pela porta entreaberta, eu lhe via a cama, o guarda-roupa (depois que ele "me descobrira", a porta passou a ficar permanentemente escancarada). Lá da cama ele falava e falava. Eu queria ler — eu queria trabalhar — eu queria dormir, e seu Lírio tatatá-tetetê. Muitas e muitas vezes eu procurava pôr fim à conversação saindo do quarto. O homem se irritava profundamente com essas interrupções.

— Onde vai você? — inquiria, caído, testa franzida. — Olhar da sacada? Ora, não há nada na rua.

Inventei que havia uma moça na casa ao lado. Volta e meia lá me ia eu pelo corredor ver a moça (um corredor comprido, imerso na penumbra; as longas táboas do soalho rangiam sob meus pés; ao fundo, um retalho do Paraíba, uma nesga de firmamento, uma estrela solitária). Mas eu não via o Paraíba, nem o firmamento, nem a estrela: via o futuro. Abandonar o Serviço de Saneamento, ir trabalhar com um parente em Mato-Grosso.

Mato - Grosso!... Como será a vida lá em Mato-Grosso, hein?

As águas do Paraíba corriam, trêmulas. Ali embaixo a l g u m

pescador jogava para a água a sua tarrafa. Ex'stirá algum brasileiro que conheça todos os Estados do Brasil? — me perguntei uma noite. Não, não existe não. Desci para conversar com um pescador. Com um jeito manso de dizer as coisas, ele me foi contando, espontaneamente, pedaços de sua vida.





EM TODAS AS CASAS DO RAMO
DISTRIBUIDORES:
[DROGARIAS RAUL CUNHA
RIO — BELO HORIZONTE



52
LIÇÕES DE
CATECISMO ESPIRITA
— ELISEU RIGONATTI —

UM LIVRINHO COM 107
PÁGINAS, ESCRITO PARA
USO DOS ALUNOS DOS
CATECISMOS ESPIRITAS.

VOLUME CARTONADO
Cr\$ 8,00

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS
OU PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO
POSTAL À

LIVRARIA EDITORA LIALTO LTDA.
RUA ARAGUAIA, 65-C. POSTAL 696
SÃO PAULO

***** TRIANGULO ***



PRECISANDO DEPURAR
O SANGUE
TOME
ELIXIR DE NOGUEIRA

Combate as Feridas,
Espinhas, Manchas,
Eczemas, Ulceras,
Reumatismo

— Atualmente tô em Campos,
com mulher e filhos. Como fun-
cionário do S. N. M., já trabalhei
em todos os Estados do Brasil.

— Como funcionário do Servi-
ço Nacional de Malária?

— Sim, senhor

— Conhece o Brasil todo?

— Tudinho.

*

Deu de mexer nas minhas coi-
sas com a maior sem-cerimônia.
Lavava-se com o meu sabonete,
penteava-se com o meu pente,
escovava-se com a minha escô-
va. Transferia para o seu quarto,
agora e depois, a minha tinta, a
minha preguiçosa, o meu dicioná-
rio. Procedia sempre com tama-
nha naturalidade, que eu contem-
porizava, marcava o estrilo pa-
ra outra hora, adliava a explosão.

— Minha Nossa! quedê minha
toalha, minha rica toalha-de-ba-
nho?! — Procuro a toalha, olho
aqui, busco ali escrafuncho lá.
Nada. — Seu Lirio, o senhor viu
minha toalha? Tem riscas azuis e
minhas iniciais grandonas. J. T.

O homem descalça as minhas
chinelas. Vai abotoando o pa-
letô do pijama. Fala:

— Uma que estava nos pés da
cama hoje cedo?

— E'. Nos pés da minha cama.

— Ah, de riscas azuis? To-
mei banho com ela. Mande para
a lavanderia. — Pára na porta.

— Seu José, por falar em toalha
será que o senhor tem aí alguma
coisa que cheire? Uma loção, al-
gum perfumezinho?...

*

Os bifes vieram em pratinhos
separados: um para mim, diante
do meu prato; outro para seu
Lirio, no outro lado da mesa.

— Com licença — falou seu
Lirio, e puxou o meu pratinho.

Comparou os dois bifes, cote-
jou-os — não sei se com respei-
to à côr, se com respeito à ma-
ciês.

— Será filé, helm? Não está
com jeito, não... Cutucou com
um garfo — e ficou com o gran-
dão, com o "meu" bife.

Meu apetite se desvaneceu
imediatamente. Levantei-me fu-
rioso.

— Onde vai, seu José? Homes-
sa! a tal moça não deixa nem o
homem almoçar.

*

Já agora, ao voltar do servi-
ço, eu o encontrava escarapixa-
do na minha cama, lendo jornais,



ouvindo o meu rádio. Falei com
calma e comedimento: Que não
estava bem êle usar assim, a to-
do momento, de minhas coisas.
Que cada um tivesse o seu sabo-
nete, o seu pincel-para-barba, a
sua tesoura. Que eu gostava de
ter os meus utensílios em ordem,
cada qual no devido lugar. Que
uma vez e outra, de muito em
muito longe, vá lá: uma lâmina
gilete é uma lâmina gilete, coisa
de nada, cinquenta centavos; um
bloco de papel tem dezenas de
fôlhas; um, dois, três envelopes
são uma ninharia. Mas que pelo
amor da mãe dêle, e pelo amor
da mãe da mãe dêle e pelo o de
tôdas as mães do mundo fôsse um
pouco menos confiado.

De então por diante seu Lirio
foi outro. Tão outro que che-
guei a me arrepender, chamei-me
egoísta, avaro, mão-fechada.
Acontecia êle me pedir uma coi-
sa e outra, — mas pedia, descul-
pava-se, humilhava-se. Eu esta-
va satisfeito — e dei corda. Não



precisava pedir nada não, era só repôr no mesmo lugar, — e não fôsse coisa de uso corporal, uma toalha, um sabonete, etc. Ele compreendia tudo muito bem. Tão bem que eu tolerava ouvir-lhe a "irradiação" de algum flafiu, primeiro e segundo tempos, e alguma prorrogação, para dessempeate.

✱

Ontem fêz um calor terrível. Estando desocupado um quarto pegado ao meu (êsse, o meu e o de seu Lirio são contíguos), resolvi repousar na cama desocupada. Me ocorrera antes dar um giro — ir até o Cajú ou deambular do outro lado do rio (a noite estava bonita, o luar maravilhoso), mas sentia-me lasso, cansado, sonolento. Uma divergência com um dos topógrafos do Serviço me deixara desgostoso, irritado. Entrando pela janela escancarada, o luar caía sobre mim como uma bênção. As idéias se me iam

acalmando, ia eu perdoando os homens e as injúrias do dia quando seu Lirio atravessou o meu quarto e deu comigo ali na penumbra. Sentado nos pés da cama, encostado à parede, a luz da lua dourando-lhe o branco dos cabelos e empalidecendo-lhe ainda mais a tez de defunto — ele falava, falava, falava, invetivando não sei se o dono da pensão ou Deodoro da Fonseca, o tempo passado ou o tempo presente. A cada momento me trazia à realidade, me despertava o torpor, me perguntava se sim, se não. A noite se foi fazendo mais e mais quente, o vento deixou de entrar pela janela, — eu suava, sentia-me queimar. Por fim seu Lirio se foi. Fez-se silêncio. Dormi. Quando acordei — já de madrugada, na impressão de ter dormido apenas meia-hora — dei com seu Lirio no meu quarto, de-pé, remexendo em coisas minhas. Imediatamente me vi muito conciente de mim mesmo e de tudo o mais, observando, olhos semicerrados (a luz continuava acesa). Sem a mínima preocupação de evitar ruídos, o homem abria, fechava, tornava a abrir a gaveta do criado-mudo, fuxicando coisas. Vi-o levantar o colchão de minha cama, como que procurando algo. Eu, imobilizado pelo espanto, sem poder atinar com o objetivo de tamanha audácia.

A indignação tomava conta de mim, descerrei, escancarei os olhos. Seu Lirio me olhou de lá e não se constrangeu, — antes, pareceu aborrecido com minha insistência em fitá-lo (eu deveria deixá-lo mais à vontade). Sentou-se na minha cama e ficou lendo uma folha de papel tirada da gaveta (a carta de minha irmã? a receita do médico? a nota de cobrança?). Eu observando, sempre. Parecia-me agora que, vendo-se assim pilhado em flagrante, ele havia como que perdido o pudor, fazia de cínico.

Pois bem — guardou o papel e deu uma busca nos bolsos do meu paletó (estou gastando sem necessidade muitos "meu" e "minha": ali tudo era meu: minha cama, meu criado-mudo, meu guarda-roupa, meus papéis, minhas cartas, minha vida). Novo abrir de gaveta. Outra folha de papel. Um cigarro.

Eu sentara na cama, olhando. Sustinha-me ainda a curiosidade de ver como acabaria aquilo. Súbito o homem passou a se movimentar com mais determinação. Despiu o pijama, abriu o guarda-roupa e vestiu a calça do meu ternô de casemira, depois de revis-

tar-lhe os bolsos. Meu pasmo e fúria chegaram ao auge. Tirou minha escova e pasta-de-dentes da gaveta e apossou-se de uma toalha-de-rostro. Agora, provavelmente iria lavar-se ao fundo do corredor.

Toalha ao ombro, armado de escova e pasta, veio de lá, caminho do corredor. Ao passar por mim, tombou o corpo, avançou a cara para a minha cara e gritou, numa voz sibilante, desagradável:

— Nunca me viu não!

Ah! Ora, ora... Pus-me de-pé como uma mola:

— Tira as minhas calças!

Ele se assustou com o tom de minha voz. Recuou um passo, uma inocente expressão de espanto no rosto.

E eu:

— Tira as minhas calças! Já!

Puxou a toalha do ombro e foi embrulhando a escova e a pasta.

— Não fale tão alto, que os pensionistas acordam — disse, e recuou mais um passo. — Que calças?

Quando avancei, ele se esgueirou para o corredor — e eu o seguí com tal ímpeto que quase desloco a porta com o ombro. Tomado de pânico, abalou pela penumbra. Eu atrás. As longas táboas carcomidas rangeram, houve um grunhir de portas, um estalar de madeira podre, apareceram o Ernesto, D. Lalá, o Armando, o Santo, o Bino...

✱

Agora, atenção. Ontem à noite eu não permanecera no quarto vizinho. Depois que seu Lirio se fôra, eu ainda dormira um pouco, meia hora talvez, mas acabara me transferindo mecânicamente, inconscientemente, para o meu quarto, a mente obnubilada pelo sono, — me esquecendo mesmo de apagar a luz. Portanto, dormi em meu quarto. Acordando, madrugada, vi seu Lirio no quarto dele, fuxicando coisas dele. Mas houve aquela confusão, aquele tremendo equívoco.

Minha Nossa Senhora, quase mato o homem!

Mas ele não se incomodou muito não, nem dá mostras de ressentimento. Ainda agora — não sei se eu já disse isso — há-de-haver dez minutos, ele passou aqui pelo quarto, num jeito amigo de quem quer fazer as pazes, e perguntou (sem me iltar, é claro) se eu podia dizer as horas. Podia, naturalmente.

— Dez pra uma.

— Pra uma?! Homessa!...

Lá se vai ele pelo corredor.

O CHÁ

CONTO DE
ALBERTO RENART

ILUSTRAÇÕES DE FÁBIO



SEMPRE me gabei de ser profundo conhecedor e fino apreciador de chá. Tenho-o tomado sem açúcar, à maseira chinesa; com caldo de limão, como os russes; com leite e sal, à moda tártara; acompanhado de fiambre e de geleia, como os ingleses; com pão, manteiga e queijo de Minas, à maneira vernácula. Já o saboreei temperado com a água de menta, com velho rum da Jamaica, com uma colherinha de vodka, com duas gotas de sambuca, e até com caninha "Tico-tico" em partes iguais. Apreendi a distinguir, pelo cheiro, o verde e o preto, o preparado em bule de metal e o preparado em bule de porcelana. Sempre afirmei, de olhos fechados, com um ligeiro arfar das narinas: — E' pekoe. — E' de Ceilão. — E' Lipton. — E' Ribeira.

Conheço, linha a linha, do primeiro ao último volume, todos os livros que se escreveram em tôdas as línguas vivas, mortas, e extintas, sobre o cultivo, colheita, preparo e propriedades do chá. Com o olho em M. Payen, fiz conferências em todos os chás de Caridade. Publiquei mesmo um opúsculo — "O chá — estimulante da energia vital e das faculdades intelectuais" — com prefácio do professor Mikoloko, da Universidade de Kobe. Fui eu — só hoje o revelo — o inventor do saboroso pudim de chá, cuja receita se encontra na famosa obra da escritora Maria Teresa. Resumindo, — em matéria de chá, sempre me considerei, na minha terra, a maior autoridade viva.

Mas... *the more I know the less I know* — escreveu o meu colega Piers England, citando não sei que filósofo. E, desgrazadamente, esta é a grande verdade.

Foi há dois meses que resolvi consultar o doutor Gonela, especialista em moléstias do estômago. Porque — não me envergonho de o confessar — faz mais de quinze anos que sofro de uma dispepsia crônica. Não me envergonho porque sei que neste pobre mundo, em cada grupo de cinco indivíduos, há pelo menos três inválidos.

O doutor Gonela, examinou-me, apalpou-me, radiografou-me, e afinal confirmou o meu diagnóstico:

— No duro, João Rebulho. Dispepsia crônica.

Depois abriu uma gaveta da secretária, tirou um maço de bulas, e pôs-se a ler uma por uma. Leu durante meia hora. Afinal, descoroçoado, tornou a guardá-las na gaveta.

— Não tenho nada que sirva — disse. Mas vou receitar-lhe um remedinho caseiro, com que minha falecida avó costumava curar a dor de barriga.

Tomou a caneta e o bloco de papel, olhou um minuto para o teto e escreveu a receita.

— Faça o tratamento durante trinta dias — recomendou. E, se não melhorar, volte à consulta.

Olhei o papel, mas não consegui ler. Os médicos insistem em escrever de maneira ilegível, quando hoje com a simplificação da ortografia, não há mais razão para isso.

— Estes meus óculos... — desculpei-me, devolvendo-lhe a receita.

O doutor Gonela interpretou os garranchos:

— Chá. Chá tôdas as noites. E' do que você precisa.

Fiquei encafifado.

— Mas, doutor! — exclamei. Eu não tenho tomado outra coisa em tôda a minha vida!

Ele cerrou as pálpebras, descerrou-as, olhou para o teto, tamborilou com dois dedos sôbre a secretária, mas não se deu por achado.

— E como é que você prepara êsse chá que toma tôdas as noites? — quis saber.

— Bem, doutor, — expliquei — eu costumo tomá-lo bem forte, com caldo de limão, à moda russa.

O doutor Gonela ergueu-se vivamente.

— Pois aí é que está o mal! — exclamou. Nada de caldo de limão! Nada de moda russa! Você deve tomá-lo puro, — puro e bem fraco!

Tornou a sentar-se, aliviado, e acrescentou:

— Naturalmente, para ajudar o efeito, você deve procurar um ambiente propício, como, por exemplo, a montanha...

— A montanha?! — estranhei.

— Sim, a montanha, a serra, as altitudes! Vá passar trinta dias numa cidade serrana!

Levantou-se, empurrou-me até a porta.

— Ar puro e chá puro, João Rebulho! E' do que você precisa!

* * *

Disposto a seguir à risca o tratamento, embarquei na manhã seguinte para Santo Antônio do Tugúrio — a aprazível cidade serrana. E, como medida de economia, fui hospedar-me em casa do maestro Casimiro Festinha, velho amigo da minha família.

Mas arrependi-me logo de não ter ido para uma pensão. Tôdas as noites, por volta das sete horas, o maestro Festinha ia bater à porta do meu quarto.

— Vamos então, Rebulho? Hoje vai ser o Rigolêto!

Dando o laço à gravata, eu perguntava, desconsolado!

— E poesia, como ontem?

— E poesia. Cá teremos outra vez o nosso Bilau. Vamos então?

Era uma estafa. Muitas vêzes ocorreu-me pretexto uma enxaqueca — indisposição muito natural num dispéptico. Mas, com receio de ferir as suas suscetibilidades de artista, ia aturando, noite após noite, aquela tremenda maçada.

A orquestra já o esperava na sala-de-visitas. Eram as três filhas — a Bibina, a Jotibia, a Marquinhos — cada uma diante da sua partitura. E o Rigolêto — ou a Tosca, ou a Traviata — durava até à meia-noite. Não alguns trêchos — os mais suportáveis — mas a ópera inteirinha, de fio a pavio.

Depois vinha o Bilau com a versalhada. Plantava-se num canto da sala, estendia o braço magro, e lá ficava, meia hora, movendo apenas os lábios secos, a recitar quadrinhas de pé-que-



Pilherias



... — Só me casarei com uma mulher instruída. Há-de saber, pelo menos, tanto quanto eu!

— Pois és modesto em tuas exigências. Nunca pensei que te conformasses com tão pouca coisa...

*

— Aonde vais tão apressado, homem?

— Vou ver o "Barbeiro de Sevilha".

Queres ir comigo?

— Não, obrigado. Eu me barbeio em casa.

*

Entre médicos:

— Não sabias?! Pois o nosso pobre colega Cardoso faleceu ontem!

— Ah, o imprudente! Aposto como andou tomando alguma coisa receitada por ele mesmo...

*

— Minha senhora, — diz o médico — a enfermidade de seu esposo não apresenta, felizmente, gravidade. Basta que descanse um pouco e que recupere as forças. Veja essa receita. É um calmante, quase um sedativo, ótimo para essas coisas...

— E quando devo dar-lhe, doutor?

— A quem? A seu marido? Nunca, minha senhora! Isso é para a senhora...

*

O professor, de muito mal humor, entra na sala de aulas:

— Quantos alunos há na aula?

— Dezenove! — gritam os meninos, em côro.

— E quantos idiotas?

— Vinte!

*

No hospício:

— Senhor diretor, está aí fora um sujeito perguntando se fugiu algum louco daqui.

— Por que pergunta êle tal coisa?!

— Porque lhe raptaram a mulher...

*

— Diga-me a verdade, doutor; que prefere: as mulheres fúteis ou as "outras"?

— Minha senhora, que "outras"?!

*

A mãe, prudente, interroga a filha:

— Parece-me que o tenentinho te fez a corte, durante todo o baile, não? Declara-se?

— Não, mamãe: estive apenas indagando se você, quando me casar, vai morar comigo...

*

Entre crianças:

— Que estás lendo?

— Os poemas de papai.

— Por quê? Fizeste alguma travessura?

brado, em que tentava evocar, aos acordes entorpecentes da "Dalila", os encantos da loura Brunilda — que, em prosa, se chamava Tijuca, morava no cabaré da Eugênia Pintada, e tinha sardas até no dedo mindinho.

O chá vinha depois dos versos. Bibina, a da flauta, pedia licença ao seletor auditório, afastava a cortina de chitão, e mergulhava no corredor às escuras. Reaparecia, vinte minutos depois, com uma larga bandeja de fôlha, tôda enterrujada, em que se alinhavam xicaras de diversos tamanhos, umas sem asa, quase tôdas rachadas.

Eu era o primeiro a ser servido. Bibina não ocultava o seu fraco por mim.

— Um cházinho para refrescar, seu Rebulho...

Inclinava-se um pouco, reborizada, e o seu vitorinho, no topo da cabeça, balançava como um João-teimoso.

O chá vinha escaldante. Era preciso deitá-lo no pires, e ir bebendo cautelosamente, em pequenos sôrvos. Mas correspondia exatamente à receita do doutor Gonela. Fraco e sem mistura.

— Cházinho confortante! — dizia ao meu lado o farmacêutico Bizuza, dando estalinhos com a língua.

— Não é mau para chá verde... — admitia eu.

E, autoridade no assunto, discorria logo:

— Segundo M. Payen, o chá verde, tomado à noite, perturba o sono de alguns indivíduos, ao passo que a infusão do chá preto não produz o mesmo efeito. Mas isso depende muito da qualidade do produto.

O farmacêutico, admirado do meu saber, interessava-se:

— É' ribeira — não?

Eu informava, desvanecido, passando a xicara sob o nariz:

— Não, Bizuza. Este é Lipton-verde. Mas é do bom...

— Confortante! — repetia o Bizuza, deliciado.

*

Certa noite, estafado pelo *Barbeiro de Sevilha*, esgueirei-me por trás do auditório sonolento, deixei o Bilau ganindo as suas quadrinhas, e desci ao quintal para respirar. Uma lua redonda e clara vagava no céu sem nuvens.

Lentamente, fui caminhando ao longo da cerca de arame farpado, até chegar ao fundo do terreno, onde havia um bambual. Parei e acendi um cigarro. Vindos da sala, chegavam aos meus ouvidos os acordes da "Dalila".

Não haviam decorrido cinco minutos quando distingi um vulto que se aproximava, ligeiro, por baixo das árvores. Nervosamente apaguei, o cigarro e meti-me no meio dos bambús. — É' um ladrão de galinhas — pensei.

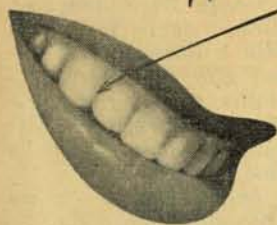
O vulto parou diante do bambual. Era a Bibina — a da flauta. Trazia numa das mãos um samburá e na outra uma tesoura. Com gestos rápidos, pôs-se a cortar fôlhas de bambú, que iam caindo dentro do samburá.

De olhos arregalados, e procurando suster a respiração, eu observava a estranha colheita. Dava pancadas ao miolo para compreender o que significava aquilo.

E de repente compreendi. Era o chá. Aquela beberagem escaldante, com que eu estava tentando curar a minha dispepsia crônica, era uma infusão de fôlhas de bambú.

Onde a escôva não atinge - começam as cáries!

*Proteja seus dentes
no Ponto Vital
com Gessy!*



É nas faces ocultas dos dentes, onde a escôva não atinge, que começam 4 de cada 5 cáries. Proteja seus dentes neste Ponto Vital, com Gessy.

De espuma ultra-penetrante, Gessy limpa onde a escôva não alcança: combate as fermentações dos resíduos alimentares, destrói os germes causadores das cáries, neutraliza o excesso de acidez. Mais econômico, Gessy custa até 20% menos que os demais dentífricos de alta qualidade. Use sempre — Gessy.



— a espuma gostosa
que clareia os dentes!

50 ANOS A SERVIÇO DA EUGENIA E DA BELEZA!

O Capricho

Artur de Azevedo

Ilustração de Fábio



Artur de Azevedo nasceu em São Luís do Maranhão a 7 de junho de 1855 e faleceu no Rio de Janeiro no dia 22 de outubro de 1908. Jornalista, poeta e prosador, dedicou-se ao teatro, à cuja arte emprestou o brilho de seu talento através de obras que o consagraram como um dos maiores teatrólogos da época. Como contista, Artur de Azevedo foi inconfundível. "O Capricho" revela-nos o espírito irreverente e satírico do famoso escritor brasileiro.

EM Mar de Espanha havia um velho fazendeiro, viúvo que tinha uma filha muito tola, muito mal educada e sobretudo muito caprichosa. Chamava-se Zulmira. Um bom rapaz, que era empregado no comércio da localidade, achava-a bonita; e como estivesse apaixonado por ela, não lhe descobriu o menor defeito.

Perguntou-lhe uma vez se consentia que a fôsse pedir ao pai.

A moça exigiu dois dias para refletir.

Vencido o prazo, respondeu:

— Consinto com uma pequena condição.

— Qual?

— Que o seu nome seja impresso.

— Como?

— É um capricho.

— Ah!

— Enquanto eu não vir o seu nome com letra redonda, não quero que me peça.

— Mas isso é a coisa mais fácil...

— Não tanto como supõe. Note que não se trata da sua assinatura, mas do seu nome. É preciso que não seja coisa sua.

Epidamo que assim se chamava o namorado, parecia não ter compreendido.

Zulmira acrescentou:

— Arranje-se!

E repetiu:

— É um capricho.

Epidamo aceitou, resignado, a singular condição, e foi-se para casa. Ai chegado, deitou-se ao comprido da cama e, contemplando as pontas dos sapatos, começou a imaginar por que meios e modos faria publicar o seu nome.

Depois de meia hora de cogitação, assentou em escrever

uma correspondência anônima para certo periódico da Côte, dando-lhe graciosamente notícias de Mar de Espanha.

Mas o pobre namorado tinha que lutar com duas dificuldades: a primeira é que em Mar de Espanha, naquele tempo, como hoje, nada sucedia digno de menção; a segunda, estava em como encaixar o seu nome na correspondência.

Afinal conseguiu encher duas tiras de papel com notícias deste jaez:

— "Consta-nos que o Revendo. Pe. Fulano, vigário desta freguezia, passa para tal parte."

Ou:

— "O Ilmo. sr. dr. Beltrano, juiz de direito desta comarca, completou ante-ontem 43 anos de idade. S. s., que se acha muito bem conservado, reuniu em sua casa alguns amigos."

— "Tem chovido bastante estes últimos dias", etc.

Entre estas modestas novidades, o correspondente espontâneo, depois de vencer um pequenino escrúpulo, escreveu:

— "O nosso amigo Epidamo Pamplona tenciona estabelecer-se por conta própria."

Devidamente selada e lacrada, a correspondência seguiu, mas...

Mas não foi publicada.

O pobre rapaz resolveu tomar um expediente e o trem de ferro.

— A' Côte! — dizia êle consigo; ali, por fas ou nefas, há de ser impresso o meu nome.

E veio para a Côte.

Da estação central dirigiu-se imediatamente para o escritório de uma fôlha diária e, formulou graves queixas contra o serviço da estrada de ferro. Remeteu dizendo:

— Pode dizer, sr. Redator, que sou eu o informante.

— Mas quem é o sr? — per-

guntou o redator, molhando uma pena. — O seu nome?

— Epidamo Pamplona.

O jornalista escreveu; o queixoso teve um sorriso de esperança.

— Bem, se fôr preciso, cá fica o seu nome.

Queria ver-se livre dêle; no dia seguinte, nem mesmo a queixa veio a lume.

Epidamo não desesperou.

Outra fôlha abriu uma subscrição não sei para que vitimas; publicava todos os dias a relação dos contribuintes.

— Que bela ocasião — murmurou o obscuro Pamplona.

E foi levar 5\$000 à redação.

Com tão má letra, porém, assinou, e tão pouco cuidado tiveram na revisão, que saiu:

Epidamo Peixoto . . . 5\$000.

Epidamo teve vergonha de pedir errata e assinou mais ... 2\$000.

— "Com a quantia de 2\$000, que um cavalheiro ontem assinou, perfaz a subscrição tal a quantia de tanto que hoje entregamos, etc. Está fechada a subscrição".

Uma reflexão de Epidamo:

— Oh! Se eu me chamasse José da Silva!

Qualquer nome igual que se publicasse, embora não fôsse o meu, poderia servir-me! Mas eu sou o único Epidamo Pamplona.



Era.
Dai talvez o capricho de Zulmira.

Uma fôlha caricata costumava responder às pessoas que mandavam os artigos, declarando os nomes no expediente.

Epidamo mandou uns versos. A resposta dizia: "Sr. E. P. — Não seja tolo!"

Como último recurso: Epidamo apoderou-se de um queijo de Minas, à porta de uma venda e deitou a fugir, mas a fugir como quem não pretendia evitar os urbanos que apareceram logo. O próprio gatuno foi o primeiro que apitou.

Levaram-no para uma estação de policia.

O official de serviço ficou muito admirado de que um moço tão bem trajado furtasse um queijo, como qualquer vagabundo réles.

— Estudantadas... — refletiu o militar.

E voltando-se para o detido: — O seu nome?

— Epidamo Pamplona! — bradou com triunfo o namorado de Zulmira.

O official acendeu um cigarro e disse com ar paternal:

— Está bem, está bem, sr. Pamplona. Vejo que é um moço decente... que cedeu a alguma rapaziada...

Ele quis protestar.

— Eu sei o que é isso... — atalhou o official. De uma vez em que eu sai de súcia com uns camaradas meus pela rua do Ouvidor, tiramos a sorte qual de nós havia de furtar uma lata de goiabada à porta de uma confeitaria. Já lá vão muitos anos.

E em outro tom:

— Vá-se embora, moço, e trata de evitar as más companhias.

— Mas...

— Descance, o seu nome não será publicado.

Não havia réplica possível; ademais, Epidamo era por natureza acanhado.

O seu nome escrito entre os dos vadios e ratoneiros era uma arma poderosissima que forjava contra os rigores de Zulmira; dir-lhe-ia: "Impuseste-me uma condição que bastante me custou a cumprir. Vê o que faz de mim teu capricho".

Quando Epidamo saiu da estação estava resolvido a tudo. A matar um homem se preciso fôsse, contanto que lhe publicassem as letras do nome.

Lembrrou-se de prestar exame na Instrução Pública. O resultado seria publicado no dia seguinte. E com efeito: "Houve um reprovado".

Era êle.

Tudo falhava. Procurou muitos outros meios o pobre Pamplona, para fazer imprimir o seu nome; mas circunstâncias tais o acompanhavam nesse desejo, que jamais conseguiu realizá-lo.

Escusado é dizer que nunca se atreveu a matar alguém.

A última tentativa não foi menos original.

Epidamo lia sempre nos jornais: "Durante a semana finda S. M. o Imperador foi cumprimentado pelas seguintes pessoas, etc."

Lembrrou-se também de ir cumprimentar S. Majestade.

— Chego ao paço — pensou êle — dirijo-me ao Imperador e digo-lhe:

— "Um humilde súdito vem cumprimentar V. Majestade".

E saio.

Mandou fazer casaca, mas no dia em que devia ir a S. Cristovão, caiu de cama.

✱

Voltamos a Mar de Espanha. Zulmira está sentada ao pé do pai.

Acaba de lhe contar a condição que impusera a Epidamo. O velho fazendeiro ri-se a bandeiras despregadas.

Entra um pagem. Traz o "Jornal do Comércio" que tinha ido buscar à agência do Correio.

A moça percorre a fôlha, e vê, afinal, publicado o nome de Epidamo Pamplona!

— Coitado! — murmura tristemente, passando o jornal ao velho.

— E' no obituário: "Epidamo Pamplona, 23 anos, solteiro, mineiro — Febre perniciososa".

O fazendeiro, que é estúpido por excelência, acrescenta:

— Coitado! foi a primeira vez que viu publicado o seu nome!



Se 1945 foi o Ano da Vitória, este de 46 deverá ser o da paz. Assim o desejamos de coração, todos nós, cansados das lutas e incompreensões. Não é fácil saber o que será o Ano da Paz. Sabe-se apenas que, apesar de terminada a conflagração universal em maio de 45, até hoje a Paz não se consolidou. Nada mais justo, porque a Paz não é uma conquista imediata, depois de uma guerra de tantas e espantosas consequências. Caminhemos para ela, a passos largos. E os nossos corações ainda alegrem com a vitória.

Dai, neste fevereiro, poderemos festejar o Carnaval da Vitória. O povo, em geral, logo se entusiasma à simples menção do Carnaval da Vitória. Não será apenas pelo Carnaval, nem muito menos pela Vitória. Haverá aí também a influência das maiúsculas, Carnaval da Vitória, assim escrito, transmite logo a ideia de que se trata de uma festa diferente. E é uma festa diferente.

Só agora o povo poderá exprimir, de maneira total, seu júbilo pela Vitória. Não nos esqueçamos de que, nos idos de maio de 45, gloriosos e entusiasmados, assistimos a uma das festas coletivas de maior harmonia e solidariedade. A alegria pelo triunfo era tanta, tal era o júbilo pelo regresso da paz, que todos se abraçavam e se confraternizavam, num desses espetáculos que de raro em raro se repetem. O Brasil inteiro se uniu, de Norte a Sul, para festejar. No Rio, por exemplo, terra onde Carnaval é certamente mais típico, não faltaram nem os prêmios e os cordões. Um Carnaval improvisado, uma explosão de alegria que contaminava, se irradiava, se estendia aos bairros distantes.

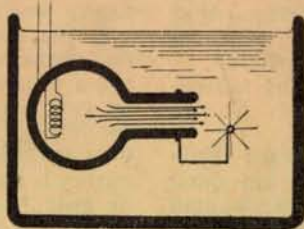
O Carnaval da Vitória deverá ser uma festa singular. Porque o Carnaval em si mesmo nada apresenta de singular e até que já se vai esmorecendo entre nós. Pelo menos, perdeu o brilho de antigamente. Este de agora, porém, será mais a comemoração do triunfo.

NO MEU recente livro "Por mundos ignotos", falei de certos prodígios da Natureza que ultrapassam toda a humana compreensão.

Chega-nos agora da Rússia — dessa Rússia tão belicosa quão intelectualista — a surpreendente notícia de que o famoso cientista Kapitza conseguiu, pela primeira vez liquefazer o hélio, gás levíssimo e não inflamável. Para isto teve de submetê-lo à temperatura de 268 graus C. abaixo de zero. É difícil atingir esse frio. Como o leitor sabe, a ciência admite em geral, como frio absoluto, cerca de 273 graus C. abaixo de zero, frio que se julga reinar nos espaços cósmicos intersticiais. Como expõe o Prof. John J. O' Neill, no "New York Herald Tribune", de 26 - 6 - 45, prolongadas e complicadíssimas experiências foram necessárias para que se conseguisse submeter o hélio ao tremendo frio de 268 graus negativos, frio que seria suficiente para matar instantaneamente qualquer mamífero.

Depois de conseguir o estado líquido desse gás renitente, o Prof. Kapitza prosseguiu nas suas experiências, rumo ao frio absoluto. Mas até hoje não atingiu esse estado. Alcançou, todavia, 271 graus, e neste estado o hélio assume uma forma super-fluida, cujas propriedades parecem zombar da lei da gravidade e de tudo quanto a antiga Musa canta. O hélio superfluido sobe em vez de descer! Atua, portanto, contra a conhecida lei de gravitação dos corpos! Enchendo-se um copo com esse fluido estranho (note-se bem, fluido a 271 abaixo de zero!) e colocando o copo sobre a mesa, o líquido sobe pelas paredes do vaso, escorre pelo lado externo, difunde-se sobre a mesa e invade o soalho, donde tenta alcançar as paredes do quarto — como um fenômeno mágico de Sherazada!

Enchendo um prato com esse hélio super-fluido, e colocando um copo vazio no meio do prato, o líquido toma conta do copo, trepando pelas paredes do mesmo até enchê-lo, e depois prossegue nas suas evoluções em sentido contrário. Parece que tem a ma-



Este tubo vácuo, imerso em hélio superfluido, continua vazia. Esquentando a espiral do interior, sai do tubo hélio fluido comum, podendo até impelir uma roda de palhetas; mas dentro do tubo não se descobriu hélio de espécie alguma.

✱

Outra experiência estranha que o prof. Kapitza realizou consiste no seguinte: submergindo em hélio super-fluido um estreito tubo de vidro, aberto em uma extremidade e fechado na outra e tendo no interior desta última ponta uma espiral metálica (veja o desenho), fazendo encandescer essa espiral, percebe-se uma torrente de hélio líquido a sair do tubo, podendo até mover uma roda de moinho, como se vê na figura. O que emana do tubo é hélio líquido. Mas o que é estranho é que, nenhum hélio super-fluido se descobre no tubo de vidro, apesar de se achar este submerso, no mesmo.

Móra aqui perto o célebre Prof. Albert Einstein (com o qual, porém, só falo sobre filosofia, e não sobre Relatividade).

O estranho fenômeno do hélio super-fluido parece confirmar a Teoria da Relatividade também para o campo em que se estão realizando as ditas experiências. É bem possível que a conhecida lei da gravitação dos corpos seja simplesmente relativa e condicionada às circunstâncias em que atualmente se encontram os corpos.

Bem dizia Shakespeare: "Há entre o céu e a terra mil coisas em que nem sonha sequer a vossa sapiência".

Que dirão de nós, daqui a cem anos. os nossos posteriores? Que ideia farão do "atraso" da nossa física e da nossa química — e também da nossa filosofia?

A única atitude digna que compete ao homem assumir em face dos mistérios da Natureza é a de uma sincera humildade e tolerância universal.

Da nossa ciência podemos duvidar — da nossa ignorância temos plena certeza!

Com espuma sedosa e perfumada
**Gessy limpa
e amacia a cútis-**

Dotado de "bouquet" suave e delicado,
em que se combinam 20 essências
diferentes, dos quatro cantos do mundo,

Gessy tem um perfume cativante
e romântico. Feito de preciosos óleos
vegetais, com elementos da maior
pureza, sua espuma sedosa exerce, sôbre
a cútis, uma ação tonificante e
rejuvenescedora. Experimente, hoje
mesmo, esta finíssima criação da
indústria brasileira. Verá, em pouco
tempo, sua cútis tornar-se
mais bela, mais suave, mais macia.



Amargo Sorriso

Conto de Wanderley Vilela

Ilustração de Rocha

PROFESSOR Atanagildo França estava pobre. Perdera a herança paterna em maus negócios. Era um homem compassivo e estóico. Cada pedra que ele encontrava no caminho, fazia florescer, em seus lábios, triste e amargo sorriso. Violenta pleurisia que sofrera na adolescência, o inutilizara para os serviços pesados. A grande guerra de 1914 tinha crucificado a sua geração. Essa moedora terrível de vidas humanas havia deixado, no espírito de Atanagildo França, traços fundos de pessimismo: fizera-o descrever dos homens que no seu egoísmo e prevenção seriam sempre feras. Vivia ao deus-dará em sua cidade natal. Foi aí candidato a delegado de polícia, mas fracassou esse desejo d'ele. A Câmara Municipal preferiu outro.

A' mingua de profissão, matava tempo jogando xadrez e escrevendo pequenos poemas que o jornalzinho do município sempre publicava com desprezo nas páginas de anúncios. Lá estavam os poemas perdidos entre anúncios espalhafatosos de marcas de automóvel e de macarrão.

Atanagildo França sorria quando se lhe deparava o poema espremido entre anúncios. E sorria amargamente. Ele sabia que era injustiça do redator, mas não protestava. Dava de ombros apenas. Certa tarde recebeu carta de um diretor de ginásio. A missiva inesperada convidava-o para lecionar latim. Ele estava tão acostumado a receber notícias desagradáveis que custou a acreditar no conteúdo da carta. Leu-a e releu como se quisesse devorá-la. Atirou um resto de roupa velha numa mala gretada, entregou aos cuidados de um parente sua cachorrinha Diana e partiu.

Logo que chegou à nova residência, apresentou-se de brim ao diretor do ginásio. Este, olhando-o atentamente de alto a baixo, disse com ênfase:

— E' o professor Atanagildo? Hoje mesmo lhe mandarei o horário das aulas.

E o Dr. Sinfrônio continuou

a escrever sem dar a menor importância ao hóspede.

Atanagildo balanceou a cabeça e sorriu amargamente. Retirou-se depois humilhado.

Estava muito pobre e deu a primeira aula com um terno surrado de brim.

Os alunos zombaram da sua figura pequena, da roupa surrada. Mas, Atanagildo não se enfureceu, sorriu benevolmente. Apesar de nervoso e doente, dominava-se heroicamente. E nisso é que estava seu grande valor. Ele era compassivo e extremamente humano. O senso de fraternidade era tão grande nele que nas barbearias e cafés a todos cumprimentava como irmãos. Não era latinista exímio, mas o seu método de ensino dava excelentes resultados. Consistia em escrever o texto latino no quadro, colocá-lo em ordem direta, analisando-a depois palavra por palavra. Mantia, dêsse modo, ordem e atenção na aula, sem muito sacrifício. Ensinava como se fôsse um colega mais experimentado de seus alunos. Não tinha vaidades, nem pretensões infalíveis de mestre. Dirigia-se aos discípulos com docilidade e camaradagem. Mas, os alunos não compreenderam esse despreendimento do mestre e tomaram-no como fraqueza.

Se algum discente revelasse demasiada presunção, Atanagildo mandava-o ao quadro, e,

*

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Si a bilis não corre e livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobreveem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

com terríveis arguições, demonstrava a debilidade do aluno, humilhando-o com luvras de peica. Esse processo sutil de ensino valeu ao professor muitos inimigos. Era, porém, a sua justa vingança contra os insolentes e pretenciosos. Embora severo nas aulas, nos exames era generoso, auxiliava os fracos. Muitos reprovavam esse gesto do professor de latim e diziam que ele estava procurando angariar a simpatia dos alunos. Outros falavam mesmo que era chaleirismo. A verdade é que ele fazia aquilo espontaneamente: Tinha adquirido o habito da bondade, de estar sempre ao lado dos humildes e doentes. Os próprios alunos retardados que Atanagildo ajudara nos exames, tornaram-se inimigos d'ele, devido a malévolas sugestões de Edmundo Ameixa, professor de português. Mas, o compassivo Atanagildo França não se revoltava, sorria amargamente. A ingratidão, entretanto, queimava-lhe o corpo e o espírito, como se ela fôsse pungentes setas de fogo. E, muitas vezes, na vigília do silêncio, isolado em seu quarto modesto de pensão, pensava consigo mesmo:

— O mundo é assim, não há nem sempre compreensão e humanidade nêle. Se o houvesse, seria um paraíso. Mas os homens fazem-no azêdo e sombrio em sua egoísta prevenção...

Tônico Pitanga, aluno ricoço, era o batuta do colégio como se dizia, e mandava até no Dr. Sinfrônio, que devia ao pai d'ele respeitável soma de dinheiro. Apesar de ser medíocre e retardado, Pitanga era o primeiro em tudo no ginásio. Um dia, o professor Atanagildo mandou-o ao quadro. E o aluno arguido não soube os tempos primitivos do verbo *deber* e não escreveu sem erros a primeira declinação. Foi um fracasso retumbante do manda-chuva do ginásio. O professor mandou assentar e disse-lhe cordialmente:

— Estou certo de que na próxima arguição você fará melhor figura.

Pitanga enrubeceu e asen-

tou-se mordendo os lábios furo de raiva. Como era natural, teve nota baixa em latim. Isso para a presunção dêle foi uma tragédia, desastre sem precedentes, ele que se imaginava invulnerável sob a proteção da riqueza paterna. Desde então Tonico Pitanga começou a fiscalizar todos os passos do mestre odiado. Já andava febrilmente colhendo assinaturas entre os alunos para pedir, em abaixo-assinado, a retirada do professor de latim. Um dia, Atanagildo entrou no bar do Jacob e pediu uma mineral. Pitanga correu afôito à casa do diretor e disse-lhe insidiosamente que o professor Atanagildo estava bebendo cachaca na venda do Jacob. O Dr. Sinfrônio sem investigar o fato, tirou os óculos dos olhos, franziu as sobrancelhas e murmurou entre dentes: "Isso é gravíssimo".

A' vista da credulidade insensata do Dr. Sinfrônio, Pitanga esfregou as mãos e estalou os dedos de satisfação. E acrescentou depois:

— Já está no segundo martelo.

— No segundo martelo?

— Sim, no segundo martelo!

E o Dr. Sinfrônio, recolheu-





NO sentido de estimular as vocações e proporcionar incentivo aos valores novos de nossas letras, a direção de ALTEROSA instituiu um CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS, premiando com a importância de Cr\$ 100,00 o melhor trabalho que recebe durante cada mês, nesse gênero, além de inseri-lo em suas páginas com ilustrações a cores.

Concorra também a esse interessante concurso que vem revelando ao público contistas de valor até então ignorados, obedecendo às seguintes bases:

- 1.º) O original deve ser datilografado em uma só face do papel, em espaço n. 2, com o máximo de 8 laudas em formato ofício e o mínimo de 4 laudas.
- 2.º) Motivo e ambientes locais.
- 3.º) Observância dos princípios morais que norteiam os costumes da família brasileira.
- 4.º) Argumento isento de tragédias fortes ou mistérios tenebrosos fixando de preferência as emoções do ambiente de família, do lar e os dramas de fundo moral sadio e honesto.

✱

Além do prêmio ao melhor trabalho do mês, serão publicados os que forem julgados dignos de Menção Honrosa.

✱

Todos os contos aproveitados, premiados ou não, terão os respectivos direitos autorais reservados por ALTEROSA.

✱

Não se devolvem originais enviados para este concurso, ainda que não aproveitados, nem se manterá correspondência sobre o destino dos mesmos com os autores.

cando os óculos nos olhos, repetiu mecanicamente:

"E' grave, gravíssimo..."

Edmundo Ameixa não tolerava a lealdade do professor de latim e dissimuladamente era o testa de ferro da campanha, que os alunos injustamente moviam contra Atanagildo França. Arvorou-se o professor de português em defensor incondicional de Tonico Pitanga e chegou mesmo a dizer que a nota que ele tirou em latim era injusta. Ameixa tinha a fanfarronice petulante da raça: Era filho e neto de italiano. Sua ogerisa ao professor Atanagildo provinha do seguinte: Em um diálogo havido entre eles no ginásio, Ameixa disse:

— "Tonico Pitanga é talentoso, bom e aplicado".

Atanagildo objetou:

— "Não vejo francamente tais virtudes nesse aluno. Talvez por ser mau psicólogo não descubro essa alma de flor e de luz que você dá ao Pitanga".

Ameixa não gostou da resposta, acendeu o cigarro e retirou-se falando alguma coisa em surdina. Desta vez Atanagildo sorriu menos amargamente que de costume...

Atanagildo tinha conhecimento da insidiosa e injusta conspiração que se tramava contra ele no ginásio. Para dar mais força e volume ao abaixo-assinado, inventou-se até que ele

assistia a sessões de macumba na cidade. Toda essa calúnia partia da pusilanimidade do diretor, da falsidade de Ameixa e do ódio de Tonico Pitanga. Certa noite, Atanagildo estudava uma ode de Horácio que deveria dar na próxima aula, quando alguém bateu à porta de seu quarto. Ao abri-la, achou-se diante do diretor do ginásio. O Dr. Sinfrônio, pálido como cera, entregou-lhe um caderno volumoso de papel amassado. Era o volumoso abaixo-assinado dos alunos que queriam a retirada do professor de latim. Após silêncio de um minuto, o Dr. Sinfrônio acrescentou, amarelo:

— Sinto muito, professor, mas como vê, os alunos pedem seu afastamento.

Atanagildo não exigiu explicações, apenas sorriu amargamente.

✱

Dois dias depois, arrumava sua velha mala gretada e regressava à cidade natal. Atanagildo voltava à sua terra para disputar um lugar ao sol.

Seria lá bem sucedido?

Ele havia sofrido muito e duradava da bondade humana. Pelo menos tinha certeza de que alguém o receberia festivamente. Esse alguém era a sua velha cachorrinha Diana. O resto ele entregava às mãos de Deus...

ANO NOVO EM JERUSALÉM

EM Jerusalém, a Cidade Santa, se festeja a entrada do Ano Novo ruidosamente. Lá, como em toda parte, as danças animam as reuniões em que aguarda o badalar da meia-noite, para a troca de expansões de alegria. E, tal como nos hotéis de luxo, nos clubes e nos cassinos das grandes cidades, em Jerusalém, no "Hotel Rei David" se reúne a nata da sociedade para solenizar, alegre, a passagem do ano.

O "Hotel Rei David" é, pois, o ponto de reunião do grande mundo. Por isso mesmo, é um hotel moderno, e extremamente luxuoso. Nele só se hospedam viajantes endinheirados. E na noite de S. Silvestre seus salões acolhem os representantes da Alta Administração, da diplomacia e da melhor sociedade local.

As 17 horas, inicia-se a ceia que deve prolongar-se até meia noite, entre iguarias, discursos e

danças animadas. A' meia noite em ponto, quando o relógio bate doze horas e a orquestra dá doze acordes, os salões apagam-se repentinamente. E entre a mais expressiva das algazarras e gritos de saudação e de alegria, abraçam-se e beijam-se os pares e casais presentes, em homenagem ao ano que entra, e durante um minuto.

Vencidos esses sessenta segundos, acendem-se de novo as luzes e as danças prosseguem num ambiente mais ruidoso e alegre.

Ao contrário do que fazem habitualmente, os homens exibem com prazer e até com orgulho, as manchas vermelhas de baton, que lhes ficaram impressas nas faces, nos lábios e no pescoço. E as mulheres sentem-se felicíssimas porque precisam ajeitar os cabelos e por nos lábios o baton que desapareceu...

E viva o Ano-Novo!

SAÚDE E DOENÇA

A CIÊNCIA médica preocupa-se constantemente em destruir os micróbios que atacam o organismo humano. Há porém, alguns germes neutros, e até mesmo benéficos, que auxiliam a destruição dos nocivos. Os micróbios da coalhada, por exemplo.

Entre os que devem ser combatidos e destruídos distinguem-se vários graus de malignidade. Em primeiro lugar colocam-se os que se adaptaram à vida de parasitas do nosso organismo, como por exemplo, os causadores da varíola e da gripe, que se transmitem direta e indiretamente.

O germe da malária, como se sabe, vale-se do mosquito para passar de um indivíduo a outro. O micróbio do carbúnculo, que penetra no organismo de qualquer animal de sangue quente, é capaz de permanecer em estado latente quando o ambiente lhe é adverso até poder invadir por meio do alimento ou de qualquer ferida aberta na pele o sangue do animal, onde revive e se multiplica.

Outros germes podem viver tanto no organismo humano ou animal como fora dele. O vibrião do cólera e o bacilo do tifo encontram-se na água como em solo úmido. Os do tétano vivem independentes do organismo, mas, se conseguem invadir um ferimento, multiplicam-se e despejam no sangue uma substância altamente tóxica.

O germe da difteria vive na garganta do indivíduo, mas espalha a sua toxina em todo o corpo. A invasão do organismo pelos micróbios é complexa. Lembrem-nos Wells e Huxley que o homem reage de modo variável à ação dos micróbios.

Há indivíduos que podem transportar no aparelho digestivo os germes do tifo, transmitindo-os a outros, sem que ele mesmo apresente nenhum sintoma da moléstia. Trata-se de pessoas que já foram atacadas pelo tifo, o que as imunizou, ou que já trazem, de natureza, a imunidade contra certas espécies de bacilos — imunidade congênita.

A difteria é propagada geralmente por um indivíduo sã e o organismo reage contra a moléstia de acordo com a constituição. A imunidade congênita, em relação à difteria, é variável segundo a idade. Quase toda criança, até aos seis meses, é imune. A imunidade desaparece depois dessa época, reaparecendo durante o crescimento do indivíduo.

O CLUBE DOS "GAFFEURS"

O CLUBE é uma instituição tipicamente britânica. Há-os de todas as espécies na Inglaterra. Sérios e cômicos. Destes, um dos mais curiosos é o "Clube dos Gaffeurs", sediado em Londres e fundado há cerca de cinquenta anos. Para se inscrever como sócio dessa instituição, é indispensável que o candidato narre as suas "gaffes" perante uma assembléia geral, que julga de plano, sem apelação nem agravo. As narrações têm que ser absolutamente verdadeiras e comprovadas com testemunhas idôneas. Os estatutos do "Clube dos Gaffeurs" não admitem em absoluto, que os seus sócios ou pretendentes a sócios entrem em concorrência com os de outro clube denominado "Clube dos Mentirosos"...



Para as donas de casa

O açúcar tem grande valor nutritivo e favorece o trabalho intelectual. Empregado com moderação produz a secreção abundante da saliva e facilita a digestão. Não deve, porém, ser utilizado em excesso.

*

As carnes brancas são de fácil digestão. Convém aos velhos, às crianças e aos enfermos em período de convalescença.

*

O sal em pequenas doses é necessário aos tecidos. Seu abuso, porém, ocasiona irritações e erupções cutâneas.

*

O café tem propriedades excitantes, tônicas e nutritivas. Ativa as funções cerebrais e facilita o trabalho intelectual.

*

O chá ativa a digestão, a circulação e o trabalho muscular.

*

As cortinas de trama muito rala gozam de muita preferência quando têm uma sãnefa que realça seu efeito.

*

O aipo recomenda-se pelas suas propriedades estimulantes do sistema nervoso: é indicado especialmente para os biliosos, linfáticos e gotosos.

*

Os espinafres são muito ricos em ferro e sais orgânicos e, portanto, muito bons para as pessoas débeis. São muito apetitosos quando cozidos ao vapor para serem comidos só ou com bifes.

*

O melhor lubrificante para as ferragens das portas é a glicerina, porque não se congela com o frio, nem se resseca com o calor.

*

Nunca use o espanador para a limpeza de sua casa, pois a sua propriedade, no caso, é remover o pó de um lugar para outro. Uma flanela, sim, absorve toda a poeira e, de vez em vez, deve a mesma ser sacudida para fora do aposento.

*

Uma solução de água e amoníaco é suficiente para tirar as manchas de suor.

*

Um pouco de ácido salicílico adicionado à goma arábica impede que esta se acidifique e, embora lhe transmita uma certa cor avermelhada, não lhe altera as qualidades.

PELA décima vez, João Carlos alinhou no papel timbrado da repartição, as parcelas correspondentes às suas despesas, constatando, melancolicamente, que o seu ordenado de escritório classe "F" era insuficiente para cobri-las. E o "deficit" que ficava, somado aos que já vinham de longe, aumentava-lhe, até o desespero, as preocupações, agravando-lhe a insônia de que vinha padecendo, e que nenhum calmante atenuava.

"Isso precisa ter um fim" — pensava, os dedos enterrados nos cabelos desalinhaados, preceentemente grisalhos.

Não sofria por si mesmo, senão por causa de Hermínia, coitada. Tão nova e bonita, a debater-se naquele imenso mar de dificuldades. Aos 23 anos, tinha do sofrimento uma experiência capaz de conferir a muita velhinha a auréola de santidade. "E por quê?" — interrogava-se, desolado. Porque ele a ludira. Fora buscá-la no seu rincão distante, arrancando-a à sua vida bucólica, sem cuidados, na pobreza sem protestos de sua gente. Acenara-lhe com o conforto, a alegria, o fausto da Capital. Cinemas, teatros, praias. Um mundo de coisas irresistíveis. E ela bem o merecia. Sua beleza não podia ficar escondida ali no mato, como a violeta na sua molta, humilde, sem brilho.

Este último argumento vencera-lhe definitivamente a resistência, já muito debilitada pelo amor que o moço lhe inspirara desde o primeiro instante. Casaram-se. E, agora, ali estavam num casebre perdido naquele longínquo subúrbio da Leopoldina. Nem trem elétrico. Aquilo nem chegava a ser Rio de Janeiro. Muito pior do que a vilazinha estagnada e poeirenta de onde a trouxera. E ela não tinha uma palavra de queixa. Preferia que ela reclamasse, exigisse as maravilhas que lhe prometera. Sim, preferia tudo àquele conformismo, àquela passividade que aumentava o seu tormento. Mil e oitocentos cruzeiros! Como pudera dizer que ganhava tanto! Nem a metade. Apenas o bastante para permitir-lhe encher-se de dívidas e enleiar-se cada vez mais nas dificuldades. E seu Jacó, da prestação, com aquela implacável ofensiva que lhe desencadeara. Não lhe dava treguas. Também, já esperara demais. Não estava mais para aquilo. Postava-se, todos os dias, no vestibulo da Inspetoria, num círculo constante, cada vez mais apertado, ao devedor. João Carlos vinha chegando com os companheiros para o trabalho.

O judeu interpelava-o, sem cerimônia, a voz áspera estropiando o português: "Como é, seu João? Precisa me pagar. Não pode esperar mais. Faz muito tempo não recebe tostão".

O moço ficava de todas as cores, de vergonha. Os colegas, chocados, entravam depressa no elevador, deixando-o de fora, dando explicações: "Pois é, seu Jacó, as coisas andam ruins para mim. Tudo o que ganho fica na farmácia. A mulher vive doente. Mas, qualquer dia, lhe pagarei tudo". Mentira. Hermínia não adoeceu uma vez sequer. De uma feita, chegara a dizer que a esposa dera à luz. No mês seguinte, repetiu o mesmo pretexto para fugir ao pagamento. Mas, seu Jacó não era tolo, não. Percebeu logo, observando, irônico: "Senhor disse mesma coisa mês passado. Agora tem menino outra vez?" João Carlos corou. Procurou outro subterfúgio, sem convicção. Não adiantaria. O judeu não lhe daria mais crédito. Considerava-o já um mentiroso consumado. Teve vontade de chorar, de ódio. Um ódio indiscriminado: ao judeu, à Hermínia, a si mesmo, ao mundo inteiro. Mas logo se arrependeu de haver odiado Hermínia. Uma esposa tão boa, tão pura, tão resignada. Não merecia aquilo. Ele, sim, era desprezível, ignóbil. Abusara, indignamente, do nome da esposa, acumpliciando-a numa mentira que o cobrira de ridículo. E — o que tornava mais torpe — explorando um estado que eleva as mulheres à categoria de santa. E seu Jacó, o risinho canalha, perguntando se tinha menino outra vez. Maldito gringo. Vingarse-lhe não lhe dando mais nem um níquel por conta do débito. Seria uma vingança completa. Seu Jacó perderia o sono, sofreria mais do que ele. E com a vantagem de se livrar de uma dívida importuna, incômoda.

Satisfeito consigo mesmo, pela solução encontrada, João Carlos, naquela noite, chegou em casa mais despreocupado, quase alegre. Aguardava-o, porém, uma surpresa desagradável: Hermínia rolava na cama, contorcendo-se em dores. Ficou desorientado, sem saber o que fazer. Correu à casa de uma vizinha, mulata muito entendida nessas coisas. Siá Rita disse que não era nada, coisa passageira. Com um calmante ficaria boa. Fêz um cházinho de folha de laranjeira. De nada valeu. As dores aumentando. João Carlos, mais alarmado, correu à farmácia, explicando o incômodo. O farmacêutico achou que podia ser apendicite.

— Pelas informações, parece. E' preciso chamar um médico — aconselhou. E indicou um.

João Carlos telefonou, da farmácia, e o médico veio num minuto. Examinou a moça, e afirmou, com autoridade:

— E' apendicite, não há dúvida. Vamos levá-la para o hospital. Chame um auto, depressa, rapaz.

João Carlos correu, como louco, à procura de um carro. Lembrou-se de que não tinha dinheiro. "Que será de mim?" — pensou, aflito. Meteu a mão na algibeira, retirando uma nota: vinte cruzeiros. Era tudo o que possuía. Aquilo nem para o taxi bastaria. Estava perdido. Que fazer? Pensou em recorrer ao dr. Silveira, diretor de sua repartição. Tolice. O chefe morava em Copacabana, há dezenas de quilômetros dali. Àquela hora, estaria no terraço de seu belo apartamento, olhando, com beatitude, as luzes faiscarem no mar, o braço em volta do pescoço fino da mulher, muito mais nova. Encontrou um taxi. Tratou o prego: quinze cruzeiros, até a casa-de-saúde. Felizmente, havia um hospital ali mesmo. "Seria pior se tivesse que levar a mulher para a cidade" — pensou, consolado. Mas... como interná-la? Tinha que pagar taxas adiantadamente. Conversaria com o médico. Seria franco e lhe exporia a situação real, embora o amor-próprio muito sofresse. Mas



não havia outro recurso. O doutor era um velho muito simpático, o aspecto bondoso, quase paternal.

Dentro do carro, a caminho do hospital, conversou com o médico.

— Não se preocupe com isso, meu rapaz — tranquillizou. O essencial é que operemos, sem demora, sua esposa.

E operou logo, com êxito. João Carlos ficou muito reconhecido àquele médico. Tão humano e compreensivo. E que mãos firmes! Firmes demais para a sua idade. Não se passara ainda meia hora, e já Herminia repousava, sossegada.

Dias depois, João Carlos recebeu a visita de Homero, seu companheiro de repartição. Estranhou. Nenhum sentimento, além de uma fria cordialidade, o ligava a qualquer dos seus colegas. Entre os dois, havia mesmo uma grande animosidade. Por causa de Homero, fôra preterido em duas promoções. Mas consolou-o aquela visita. No dia seguinte, porém teve quase um choque, quando viu parar no jardim do hospital o belo automóvel do dr. Silveira.

— Soube que sua esposa foi operada, meu caro, e vim fazer-lhe uma visitinha e oferecer-lhe meus préstimos — foi logo dizendo, sem cumprimentar. Abeirou-se do leito, onde Herminia dormia, mais bonita ainda no seu sono calmo, as longas pestanas pondo uma sombra recortada sobre as pálpebras.

— Parece uma criança — disse, com enlêvo, como teria dito: "É um anjo".

João Carlos, não de todo refeito do espanto que lhe causava aquela visita, parecia haver emudecido. E só voltou a si, quando o dr. Silveira, apertando-lhe a mão, na despedida, deixou-lhe na palma, disfarçadamente, uma nota de cem cruzeiros. João Carlos, entre surpreso e humilhado, quis devolver o dinheiro, mas já o carro partia céiere, cobrindo-o com uma nuvem negra da fumaça do gasogênio.

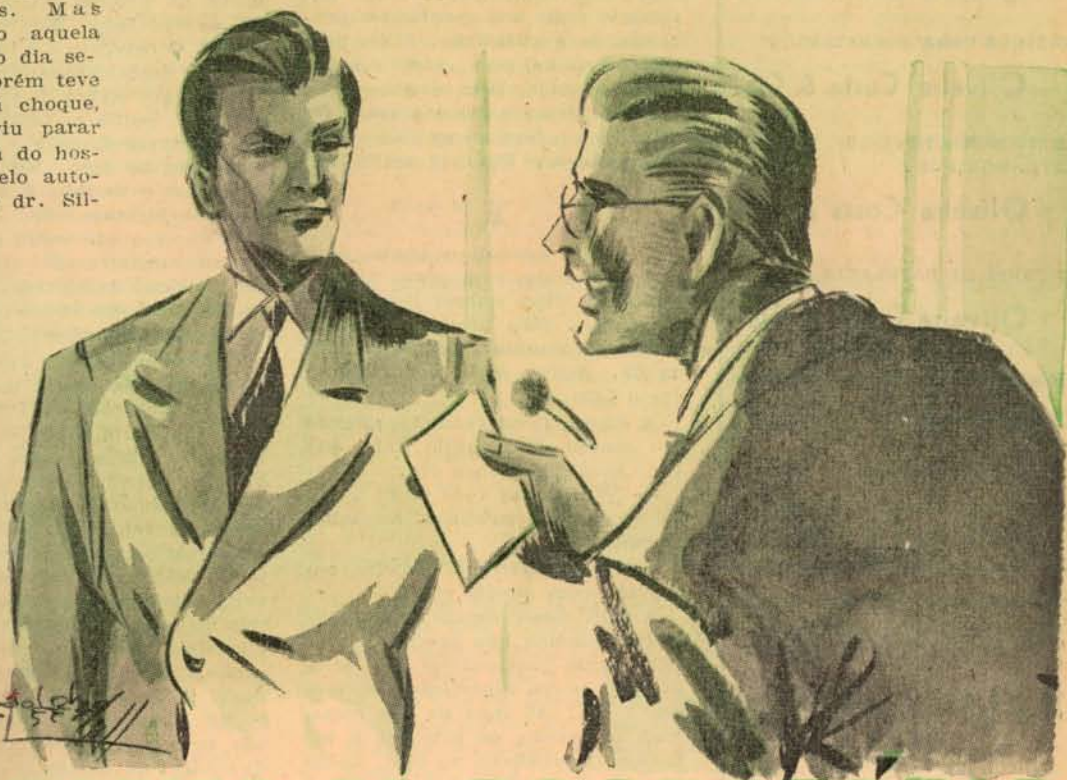
Ao voltar ao trabalho, dias depois, o moço dirigiu-se ao gabinete do diretor, para agradecer-lhe a visita no hospital.

— Alô, meu caro, como vai essa força? E sua senhora, está passando bem? — foi perguntando.

— Bem, obrigado, doutor. Herminia está quase boa. Eu vinha...

— Não precisa agradecer, rapaz, sente-se — interrompeu o chefe. Eu queria mesmo falar com você. Fique à vontade, meu caro.

Entre intrigado e apreensivo, o moço sentou-se na poltrona confortável, coberta de linho cinzento. Sempre que o diretor queria admoestar ou obsequiar um subalterno, empregava aquêle "meu caro", que tanto podia refletir desprezo como piedade. "Com certeza vai advertir-me por haver faltado oito dias ao expediente — pensou. Que o regulamento não permite... que sente muito...



O MARIDO DA SECRETARIA

Conto de José Lara

Ilustrações de Rodolfo

DESENHOS
STUDIO
Odolpho



AV. AFONSO PENA, 774
2º AND.-S/201-203
ED. CRUZEIRO
TEL. 2-7122
BELO HORIZONTE

**DESENHOS E CLICHÊS
PELO REEMBOLSO POSTAL**

PRESENTES ?

Oliveira Costa & Cia.

ARTIGOS PARA ESCRITORIO ?

Oliveira Costa & Cia.

**ARTIGOS NACIONAIS E
ESTRANGEIROS ?**

Oliveira Costa & Cia.

ARTIGOS DE PAPELARIA ?

Oliveira Costa & Cia.

**SEMPRE NA VANGUARDA
EM SORTIMENTO E PREÇOS**

AV. AFONSO PENA, 1050
FONE 2-1607 e 2-3016
BELO HORIZONTE

**FOTOGRAVURA
MINAS GERAIS
LTD.**

Fua Tupinambás, 905
Belo Horizonte - Minas
TELEFONE, 2-652

**Máxima perfeição
e presteza na
execução de clichês**

**TRICROMIAS E DOU-
BLÊS — CLICHÊS EM
ZINCO E COBRE —
APARELHAMENTO MO-
DERNO E COMPLETO**

mas mandará contar-me os dias, etc."

Nada disso. O dr. Silveira comunicou a João Carlos que ia confiar-lhe a chefia da sua seção. Que, além de ser o mais antigo na casa, era o único capaz de substituir o dr. Lemos, que fôra transferido.

— Hoje mesmo promoverei o expediente necessário — terminou na linguagem burocrática, como convinha.

Emocionado, João Carlos apenas pôde gaguejar algumas palavras de agradecimento. A surpresa quase o asfixiava. Saíu do gabinete com passos leves, a alma alegre, quase cantando. Ansioso por dar a notícia à esposa. Hermínia iria pular de contente. E orgulhosa dos méritos do marido. Ele crescerá na consideração dos colegas. Os contínuos passaríamos a tratá-lo por "doutor". Doutor João Carlos da Silva; ficava muito melhor. Mas o melhor... é que entrariam mais uns quinhentos cruzeiros, de gratificação. E ele bem que precisava, pois as dívidas haviam crescido, com a doença da mulher. Sempre considerara o dr. Silveira um homem egoísta e frio. Enganara-se. Era até muito humano.

*

À tarde, assinou o ponto, para sair, pensando, com gozo: "Daqui a poucos dias, estarei livre desta obrigação. Não precisarei correr, contar os minutos. Chegarei mais tarde. Sairei mais cedo. Como faz o Lemos".

A esposa ficou radiante, quando lhe contou. Mas aquilo tinha que vir. Mais dia menos dia.

— Não tivesse você tanto talento, querido — terminou, beijando-o, carinhosa.

O marido retribuiu o beijo, comovido com aquele elogio.

Alguns meses depois, o dr. Silveira anunciou que precisava admitir mais funcionários. As atribuições de sua repartição cresciam dia a dia. Ao lado de sua mesa, uma montanha de processo a informar já chegava ao teto. Lembrou-se de perguntar a João Carlos se não lhe interessaria um lugar para Hermínia. Se quisesse, era só falar. Gostava de auxiliar a quem merecia.

João Carlos ficou muito penhorado pelo interesse do diretor. Não achou má a idéia. Não, não era. Era ótima até. Mas precisava consultar a esposa. Se ela quisesse, muito bem. Não a obrigaria a trabalhar. Não fôsse dizer que ele estava precisando do dinheiro da mulher. Isso nunca.

Falou com a esposa. Ela ficou

encantada. Há muito tempo, estava mesmo com esse propósito. Ficava o dia inteiro em casa, sem que-fazer, inventando coisas, lendo novelas. Não tinham filhos. Por que, então, ficar à-toa, quando poderia ganhar uns cobres e ajudar o marido? Ser útil

— E' tão comum, hoje em dia. Depressa pagaremos as dívidas e poderemos mudar-nos para perto da cidade, não é, querido?

O marido disse que sim, satisfeito da vida. O seu maior sonho era morar no Flamengo. Tomar o seu banho de mar, almoçar, sossegado, e ir para o escritório, sem pressa, de ônibus. Aquilo é que era vida. Isso de viajar aos cachos, como pinhão, nos imundos trens de subúrbio não era com ele. Não lhe ficava bem, como chefe de seção. E agora, então, com Hermínia também trabalhando, a coisa era muito diferente.

Hermínia foi admitida. Trabalhava na própria seção do marido, ao seu lado. Estava entusiasmada. O conforto e o luxo do ambiente deslumbravam-na. Parecia-lhe que agora é que chegara ao Rio. Sentia-se infeliz quando o expediente findava e tinha que regressar ao lar. No domingo, saíu com o marido, à procura de um apartamento no Flamengo. Não tiveram que andar muito. Depressa encontraram um. Exatamente como desejavam. Hermínia estava excitada como uma criança no dia de aniversário.

O diretor chamou João Carlos. Sua secretária estava muito doente. Iria licenciar-se. Precisava de uma substituta e se lembrara de Hermínia. Mas queria antes saber se o marido estava de acordo. Não costumava sobrepor os interesses da repartição aos dos seus funcionários. João Carlos não se opôs. Não podia opôr-se. Dr. Silveira mostrara-se tão amigo. Cumulava-o de atenções. Demais, Hermínia teria uma boa gratificação. E vinha mesmo em boa hora. A instalação do apartamento no Flamengo trouxera-lhe novos encargos. Tinha a prestação do rádio, da geladeira. Esfregou a mão, quase gritando de contente. Hermínia também.

— Sinto apenas deixar sua seção, querido — disse, meio amuada.

João Carlos apreciou o pesar que a esposa mostrava. Mas, que não se incomodasse. Aquilo até era bom... para fazer saudades. Riram, felizes.

No lavatório, pegado ao das funcionárias, uns fiapos de conversa chamaram a atenção de João Carlos: "Aquilo já estava dando de-

mais na vista" — dizia uma voz, que parecia ser a de Maria Helena. "E só ele não percebe nada" — comentava outra, que o moço não identificou logo. "Engraçado ele não conhece a fama do dr. Silveira, você não acha?" "Acho sim."

Não, aquilo não podia ser com eles — pensou João Carlos. Dr. Silveirinha, sempre fôra de uma correção irrepreensível para com Hermínia. Jamais lhe percebera qualquer atitude ou mesmo intenção menos digna. Absolutamente desinteressado. Maria Helena era assim mesmo: não perdoava nem a própria mãe. Todo o mundo sabia disso. Com cara empíocada de espinhas e os olhos redondos de tartaruga, não conseguia um namorado. E vivava-se retalhando a reputação dos outros. Não, não podia fazer mau juízo do dr. Silveira. Seria injusto. Mais do que injusto: ingrato. Aquilo tudo não pasava de inveja, despeito, recalque. Hermínia era jovem, bonita. Merecera aquela distinção do diretor. As velhotas da casa não podiam suportar tanto sucesso.

Não deu mais importância ao caso, e deixou o lavatório, assoando um "blue" ouvido, na véspera, no Cassino da Urca.

No sábado gordo, o dr. Silveira informou a João Carlos que pretendia passar o Carnaval no seu sítio em Jacarepaguá. Precisava coligir uns dados para o relatório que devia apresentar ao Sr. Ministro — disse. Era um trabalho penoso para ele sózinho. De maneira que pensara em levar sua secretária, isto é, Hermínia, caso o marido não visse qualquer inconveniente. Terça-feira, à tarde, estariam de volta. E convidou, displicente:

— Se você quiser ir também, me dará muito prazer.

João Carlos disse que não queria ir. Mas Hermínia podia, por que não? Não via nada de mais nisso.

— Eu queria mesmo me divertir um pouco, nestes três dias — disse. Há anos que não sei o que seja uma follazinha no "Bola Preta"...

— Então está na hora. Mas porque não vai ao "High-Life"? É mais chique, mais refinado.

E, antes que o moço pudesse responder, tirou um cartão do bolso.

— Nada de indecisão! Vá ao "High-Life" — disse, entregando o convite. — E divirta-se, meu caro — terminou, com uma pancadinha amigável nas costas de João Carlos.



Minha amiga, a desconhecida...

"...Você já foi à Bahia...? Eu já fui. Naquele trenzinho de chocolate colorido do Walt Disney, na mais saborosa viagem em tecnicolor que já fiz fora da imaginação e dos sonhos.

Acontece, porém, querida, que eu desejaria ir um pouco mais longe. México?. Não. Estados Unidos? Não. Eu queria ir à Rússia. Eu queria ir à Espanha. São as minhas duas pátrias de sangue e eleição, porque, você sabe, a gente nasce como semente trazida em bico de andorinha imigrante, em terras que não escolheu, onde se deve viver uma civilização que não se parece com a gente...

E' bem verdade, que nascer é um exercício de desapropriação, divino, que não consulta posse anterior, direito adquirido ou lícito jurídico. O cidadão é nascido, não nasce, positivamente. Esta origem liberticida e totalitária da vida, é um... vício de origem. Entretanto, dêle se livraram Adão e Eva, os quais nasceram como as vacas do paraíso e as cabras edênicas ou os gardais que debicam os frutos da árvore da vida, do sópro fulgurante e fatal de Jeová.

Este modo privilegiado de nascer de Verbo soprado, indispõe a humanidade com o santo par original, de cuja santidade ou canonização não temos suficiente certeza, porque afinal, nossos primeiros pais foram cidadãos refugiados do Jardim das Delícias...

Falávamos de viagens, viagens... Existirá palavra mais sugestiva, musical, aventureira? Não há outra igual... para todos os que procuram na vida, algo para além da vida, o ideal, o absoluto ou a perfeição, coisas que são fuga, evasão, pacificação. Quem poderá, porém, viajar nos dias de hoje, ameaçadores e precários? E viajar é luxo, num país de quarenta milhões de descalçados. Nem mesmo umas simples férias terapêuticas, noventa por cento da população poderá gozar: a felicidade é um produto quinta-colunista...

Minha amiga, a desconhecida, que eu conheço tanto com os olhos do meu coração, há um meio de viajar clandestinamente, que desafia o câmbio desfavorável e o baixo padrão de vida nacional. Sabe qual é? Em dias de chuva ou de solidão doméstica, nos dias de fermentação romântica, quando tudo parece incerto e absurdo, ou mesmo nos seus dias negros, faça como as crianças ou como o João Benévolo, personagem do Erico Veríssimo, faça uma viagem interior. A princípio é um exercício difícil e meio rísculo de desdobramento consciente. Você vai se ver no cais (outra palavra "infernal") cercada de amigas ou sózinha, conforme sua sociabilidade; em seguida, você se instalará no "seu" próprio transatlântico e... O resto você completará. Este turismo de imaginação, que os presos e os exilados praticam com perfeição é de graça, confidencial, psicanalítico e evasivo, como um "film" de Walt Disney de fabricação pessoal.

Até breve, minha amiga".

Miëtta Santiago



O MARCADOR DE GÁS

*Conto de André Birabeau
Ilustração de Rocha.*

MADAME FINGE está vestida com um peignoir de cor indefinida: imagine-se um muro de pedra na proximidade de uma estação de estrada de ferro de grande movimento e ter-se-á uma ligeira idéia daquela cor. Um padrão de quadros grandes, quase apagados por espessa camada de pó. A cabeça está enrolada em um cache-nez cor de rosa muito viva, uma das mãos está apoiada nos quadris, a outra no cabo de vassoura. Está penteada apenas pela metade, e ia-me esquecendo de dizer que as meias estavam enroladas, nas pernas, dando impressão de dois saca-rolhas. Podia-se pensar ser uma vulgaríssima criada de servir. Puro engano! Madame Finge pertence à melhor sociedade, seus chás elegantes são muito frequentados, e todos recebem um convite para suas recepções e sentem-se bastante dissonados com tal distinção. Apenas no momento está sem empregada e por isso a encontramos assim.

Há dias chegara a Maria banhada em lágrimas e exibiu à patroa um telegrama com os seguintes dizeres: "Mamãe gravemente enferma, venha imediatamente".

Madame Finge fez primeiro uma cara de poucos amigos: ficar dois, talvez três dias sem empregada não é lá das melhores coisas, mas: — Mãe gravemente enferma!

Madame Finge não é uma senhora com o coração de pedra! Passado o primeiro movimento egoísta, Madame Finge que, pelo contrário, tem um coração de manteiga, até chorou com a criada. O senhor Finge consultou o horário para procurar o trem em que ela devia partir e preparou-lhe até uma pequena merenda para a viagem, constando de um ovo cozido, uma coxinha de galinha muito tenra, uns pãezinhos, uma garrafinha com vinho branco e outra de café com leite. O senhor Finge não se absteve de juntar um pouco de aspirina, porque as viagens de trem ocasionam frequentemente dores de cabeça. Finalmente, Maria ganhou de pre-



sente até o dinheiro da passagem. Não de pensar que foi gentileza excessiva, mas as empregadas boas rareiam cada vez mais, nos tempos que correm, e Maria é uma moça excelente, da qual os patrões só podem dizer: cozinha muito bem, é extremamente asseada, zelosa, sabe consertar irrepreensivelmente roupa branca, lava pessoalmente as peças mais finas, e até faz massagens na patroa! Além disso, é honesta e não é nenhum saco furado, não se metendo com as outras criadas. Tão pouco é ingrata: era só ouvir os agradecimentos que não se cansavam de repetir quando partiu!

Apesar de tudo é extremamente desagradável ficar privada da empregada! O dono da casa não o sente tanto, pois nada faz em casa. Mas para madame é uma contrariedade constante.

Procurou levar a coisa sem ligar grande importância: durante três dias deixou a louça usada acumular na pia da coza, e o pó juntar-se no chão até formar aqueles flocos cinzentos que lembram carneirinhos. Os móveis estão cobertos com uma camada de pó, e o padrão do tapete tomou novo aspecto com os fiapos, papéis cortados e farelinhos de pão. Chega a doer a vista. Pode-se contornar em parte a dificuldade, tomando as refeições no restaurante, mas é muito desagradável chegar em casa à noite para dormir em uma cama que não está feita há três dias! Passou o quarto dia e Maria ainda não voltara. Chegou o quinto dia e nada dela aparecer! E esse quinto dia era justamente o dia de recepção de Madame Finge. Era lá crível, que recebesse os seus amigos e conhecidos num salão tão maltratado e lhes oferecesse chá numa sala de jantar tão pouco apetitosa? Madame Finge procurou arranjar uma substituta, mas não encontrou nenhuma. Foi então que Madame Finge tomou uma resolução heroica, a única que lhe restava: vestiu-se pelo modo mencionado e pôs mãos à obra.

A pobre da senhora não está habituada a esses serviços e tudo ela faz com dificuldade!

Primeiro pegou no cabo da vassoura do mesmo modo pelo qual segura às cinco horas no bule de chá, com os dedos recurvados com elegância, mas brevemente compreende que tem necessidade de toda a força da mão para fazer alguma coisa. E agora começou a suar valentemente — é uma senhora bastante corpulenta — os cabelos umedecidos pelo suor, pendem por baixo do pano sobre a testa e quando enxuga esta com a mão, deixa nela uma marca que até então não conhecera.

— Meu Deus, se ele me visse assim! — pensou e sorriu sem querer. Certamente não a teria reconhecido, pois sempre a vira elegantemente vestida e maravilhosamente pintada. Creio que não é preciso dizer que este — ele — não se refere de modo algum ao senhor Finge...

Ele é um moço encantador de cerca de vinte e cinco anos, que mora no andar logo acima dos Finge. O conhecimento com ele se fez curiosamente na adega. O moço que tinha apenas uma garçoniêre não possuía adega própria; os Finge ofereceram-lhe então por gentileza, a sua. Nasceram daí as relações entre eles, e desde algum tempo Madame Finge sente-se deveras enamorada do seu jovem vizinho. Mas como! Naquela idade! Justamente por causa daquela idade. Madame atravessou vinte anos de matrimônio sem nunca se ter visto em tentação. Mas desta vez essa coisa complicada a que chamam paixão, tomou conta dela por inteiro. E está pronta para tudo! Ainda pior, até deseja tudo! Não é que esteja sem remorsos, não! Lembra-se com mal-estar e com vergonha do senhor Finge, esse modelo dos maridos, mas a paixão é demasiada e ela sabe que não terá mais forças para resistir a ela.

Mas, por enquanto, Madame Finge peca apenas por pensamento. Ele lhe fez a corte, suspirou alto em sua presença, flitiu visivelmente, apertou-lhe a mão com ardor, deitando cada olhar! Nada mais. O moço é tímido. Realmente ele deseja... está claro! Madame Finge é tentadora... Seus tornozelos, que são finos, a nudez dos seus braços, o decote fundo de sua toalete, tudo isso é capaz de seduzir um monge... E mais sedutor ainda se torna naquele ambiente da sala, em que as lâmpadas ocultas por formosos abat-jours derramam uma luz difusa e onde os odores espalhados por pastilhas de defumar provocam os sentidos...

Mais de uma vez o moço sucumbiu à tentação... Mas, depois... não! Escrupulos?... Quem sabe... Talvez medo de arrostar o perigo? Na última semana esse medo devia ter aumentado bastante, pois o moço deixara de atender a dois convites inequívocos. Uma opressão suave, doce e dolorosa a um tempo, apertou o coração maduro de Madame Finge. Não seria por isso, conveniente que o moço visse Madame Finge nesse estado, armada de vassoura e com um pano amarrado na cabeça! Santo Deus! Se ele estivesse à janela e a visse naquela fantasia! Com todo cuidado ela sacode os paños da poeira, de modo a não poder ser vista. Madame realmente está ansiosa pela volta de Maria, mas logo se arrepende do seu egoísmo: se Maria não voltou é porque sua pobre mãe está muito mal. Pobre mulher! Pobre Maria!

A campainha toca.

Que há de fazer? Não pode deixar de atender, aquela hora matutina; não pode deixar de ser qualquer caixeiro com encomendas. Madame Finge abre a porta, deixando apenas pequena fresta...

— Sou o marcador do gás — anuncia um homem uniformizado. Entra com muita segurança e olha desembaraçadamente para Madame Finge.

— Ora vejam! já não é aquela moreninha, cha-

Fique sedutora! REDUZA ESSA GORDURA QUE TANTO A ENFEIA TOMANDO
VINHO CHICO MINEIRO

NÃO EXIGE REGIME, NÃO FAZ MAL E É USADO HA MAIS DE MEIO SÉCULO
MULTIFARMA — Praça Patriarca, 26 — Sala 6 — São Paulo • Remessa pelo reembolso postal

S. S. Publicidade

No próximo número

Alterosa

- * Magníficos contos nacionais e estrangeiros, especialmente escritos ou traduzidos.
- * Crônicas e artigos de palpitante atualidade, firmados pelos mais consagrados escritores do Estado e do país.
- * Maravilhosos figurinos para o bom gosto da mulher brasileira
- * Moda, beleza, arte, sociedade, humorismo, etc.

Cr\$3,00 EM TODO O BRASIL

mava-se Maria, não é verdade? Não interrompa o seu serviço, conheço bem o caminho.

De fato, ele o conhece bem, e não necessita de quem lho mostre. Tira o bolso sua lâmpada, trepa numa cadeira e ilumina o medidor. E' um homem baixo, cheio de corpo, com olhos pequeninos e brilhantes por trás dos óculos que usa.

— Então aquela moreninha partiu mesmo! Mas não foi por muito tempo. Veio com certeza substituí-la durante sua ausência, não é?

Como é que Madame Finge havia de confessar naqueles trajes que era a dona da casa? Bateu a cabeça em sinal de afirmação, ficando um tanto vermelha.

— Logo vi — disse o homem do gás, assentando cuidadosamente os algarismos no seu livrinho — tenho conhecimento dos homens. Não é para me gabar, mas é preciso ter para isso uma boa memória. Viu como achei logo o caminho na sua cozinha, entretanto entro todos os dias em centenas de cozinhas. Podia pois enganar-me alguma vez, mas qual nunca me aconteceu tal! E' um talento inato!

A Companhia do Gás me tem na mais alta consideração, posso afiançar-lhe, e eu por minha vez gosto de minha ocupação, é preciso confessá-lo. E' verdade que se tem de subir muitas escadas, mas também se encontra muita coisa divertida. Vê-se tanta coisa! Entro na casa de todo o mundo, na casa do senhor conde, como na da mundana. Há de dizer-me que o conde não me aperta a mão e que a mundana não me recebe no seu boudoir! Fica-se na ante-sala: mas é justamente o melhor! A ante-sala é exatamente o mesmo que os bastidores no

teatro. Não tem a menor idéia, minha cara, do que se passa entre toda essa gente! Vamos principiar logo por esta casa! Al'ás, já devia ter ido buscar há muito tempo a garrafinha de cognac, sem que fôsse preciso que eu lembrasse; a moreninha nunca deixou de oferecer-me um cálice bem grande!

— Como, então a Maria lhe oferecia...

— Está claro que sim, e também tomava para me fazer companhia. Mas o que tem isso, se a patroa que fica na cama até meio dia, nada vê? Então a Maria conseguiu sempre a tal viagem?

— Como sabia que a Maria...

— Queria fazer uma pequena viagem de recreio ao sul, com o seu namorado, que é chofer, ora se eu sabia! Por sinal que combinou expedir para cá um telegrama: "Mãe gravemente enferma" — e isso sempre produz efeito. Vou derramar algumas lágrimas — disse-me ela, e aposto que ainda por cima me pagam a viagem. Com certeza conseguiu, pois a Maria era uma criatura muito esperta! Contou-me de que modo conseguia fazer as compras, embrulhando a patroa. Era de rir a bandeiras despregadas! Mas com certeza ela apanhou o dinheiro para a viagem! O patrão tenho certeza que o daria de bom grado, pois ele e a Maria...

O homem do gás piscou significativamente o olho...

— Como?!

Admira-se disso por parte do senhor Finge? Então ele não anda atrás de todas as criadinhas? Pelo menos com todas que conheci tinha uma ligaçãozinha. E não se pode levar-lhe a mal, pois parece que a mulher dele está se tornando uma verdadeira bola! Parece que está outra vez espartada, não? E' porque não a vê senão toda apertada e apamada! Mas Maria, que lhe fazia massagens, e trabalhava com luvas de fricção, sabia bem que ela é! Dizia que as formas da patroa começavam a desaparecer num verdadeiro alcochoado de banhas, causando-lhe isso o maior pesar. A Maria me contou ultimamente como ela fazia essas massagens, e ri-me a valer! A madame manda fazer as massagens quase até sair sangue e guincha durante todo o tempo como uma noivinha, conforme diz a Maria. E sabe quem riu quase até estourar, quando lhe contei essa história? Aquêlê moço que mora no andar superior!

— Oh!

— E então, por que está tão espantada com isso?

— Mas, então... mas então contou a ele tudo?... E' ele o que lhe respondeu?...

— Francamente, nada compreendi! Deu-me cinco francos. Depois, apertou-me a mão e disse-me: muito obrigado!



Fortifica, nutre e revigora. A maneira mais fácil e segura de tomar-se o legítimo óleo de fígado de bacalhau.

Por que não "dá certo"
a sua **MAIONESE?**...



A maionese requer poucos ingredientes. Poucos, mas bons. Com óleo "A Patrôa" a maionese é sempre um sucesso. Porque o óleo "A Patrôa" é refinado com tanto esmero, que o batido — condição essencial para uma boa maionese — torna-se mais fácil. A maionese fica delicada como um creme e o suave sabor do óleo "A Patrôa" lhe dá um paladar realmente precioso.

ÓLEO

A Patrôa

ASSIM DARÁ CERTO...

A proporção ideal para maionese é: 1/4 de litro de óleo, para duas gemas. O óleo deve estar bem frio, para facilitar o batido.



O sal é o que primeiro se põe nas gemas e convém batê-las antes de pôr o óleo.

Deve-se bater mantendo sempre o mesmo ritmo. Quando a maionese começa a tomar consistência, adicione os demais ingredientes: umas gotas de limão, ou vinagre, etc.



PRODUTO DA

Swift do Brasil



QUEM ousasse dizer a Parrish que ele era um vaidoso havia de enfurecê-lo terrivelmente. Vaidoso de quê? Para começar, era o primeiro a admitir que nada tinha de intelectual. Além disso, seu físico não inspirava nenhuma paixão fatal entre os membros do sexo fraco.

Quanto a ser um bom "sportman" — ah! isso sim, Parrish disse tinha a certeza. Os esportes sempre o atraíam, especialmente os de inverno.

Essa era justamente a razão porque se dirigia agora para a Suíça. Tinha verdadeira mania por esquiar.

Todo mundo dizia que sua aparência não atestava de modo algum sua idade! Ora essa!... Qualquer

homem como ele que dispusesse de tempo para praticar exercícios evitaria que o ventre se alargasse.

Graças à ginástica, Parrish atingia à maturidade com o físico de um atleta de trinta anos.

Se se dissesse que Parrish era orgulhoso, ele não teria dúvidas sobre isso. Em sua opinião todo homem devia ter certo grau de orgulho. Vaidade nunca. Vaidade ficava bem para a mulher.

E por falar em vaidade e em mulher, ali estava a senhora Renwick. Não lhe fôra apresentada, mas de tanto ouvir falar já a conhecia bem. Era viúva; os Oswald, primos de Parrish, viviam falando nela; que era linda e dotada de uma personalidade rara, pouco comum.

Quando Parrish a viu no Ritz, em

Paris, teve de admitir que a senhora Renwick era extraordinariamente bela e jovem. Não tão jovem que fôsse incluí-la no grupo das mocinhas de vinte anos; mas não devia estar longe dos trinta.

A senhora Renwick era realmente linda e a sua beleza era do tipo romântico. Seus olhos, sonhadores, enormes, castanhos, fascinavam.

Parrish achava a senhora Renwick muito vaidosa. Só assim justificava sua predileção pela companhia dos rapazes mais jovens com os quais passava a maior parte do tempo.

E Parrish já completara quarenta e dois...

No mesmo dia em que a viu no Ritz, à noite, foi-lhe apresentado. Terminada a apresentação, Parrish sentiu-se um tanto abalado no seu or-

O Mascarado

Conto de Norval Richardson
Ilustrações de Rodolfo

gulho pois ela sorriu educadamente e, um tanto lânguida, estendera a mão, olhando-o quase com um certo interesse... mas logo se foi, a dançar com um dos rapazes que a cortejavam constantemente. Nem sequer trocara algumas palavras com ele.

Mas o humor do nosso cavalheiro logo mudou. Filosoficamente achou que não valia a pena aborrecer-se, pois o mais provável era não vê-la outra vez. Além disso, as mulheres vaidosas são geralmente insuportáveis. Sucedeu, porém, que poucas semanas depois, se encontravam na Suíça e no mesmo hotel onde Parrish se hospedara. Encontraram-se num jantar que um grupo de amigos oferecia a Parrish no dia de sua chegada.

A impressão que dela recebera em Paris fêz com que ele se mostrasse friamente cortês. Não era nenhum rapazinho imberbe e isso haveria de saber a senhora Renwick. A propósito de rapazinhos: Parrish deduziu que ali na Suíça a senhora Renwick teria pouca oportunidade de se deixar cortejar por eles. Quase todos estavam nos colégios estudando e saíam apenas uma vez por semana...

Ele não iniciaria a conversa. Deixaria para ela a iniciativa. Por isso mesmo, começou a palestrar com uma senhora à sua esquerda. Quando, por fim, resolveu fitá-la, surpreendeu-se ao notar que ela o "estudava" com evidente curiosidade. Mesmo depois que o seu olhar se encontrou com o dela a senhora Renwick continuava fitando-o dum modo muito longe de ser impessoal.

— Estava pensando — disse por fim, — se você é igual à maioria dos que estão aqui... Veio também passar as férias com seu filho. Sem dúvida o rapaz está num desses colégios da redondeza, não é?

Parrish não se sobressaltou. Ela queria gracejar. Ele a imitaria. Com toda a calma, replicou:

— E você? Veio passar as férias com algum filho?

— Infelizmente... não. Nunca tive essa sorte. Vim para praticar os esportes de inverno. Quero aprender a esquiar. — E com entonação grave prosseguiu: — Creia-me que os invejo sinceramente a vocês, os papais. Deve ser algo encantador

vir aqui, encontrar-se com o próprio filho e passar uns dias maravilhosos percorrendo com ele as montanhas...

— Fez uma pausa — e a propósito: permitirá que seu filho me acompanhe numa excursão? Encanta-me o espírito de aventura tão predominante nos jovens. Geralmente devo conformar-me com os guias suíços que são cansadoramente prudentes.

Estas últimas palavras irritaram Parrish.

— Os guias devem ser prudentes — contestou. Estava furioso. Sabia ter idade suficiente para ser pai de vários filhos, mas a verdade é que não tinha nenhum. E depois por que motivo insistia nesse tema de juventude? Com refinada crueldade, como querendo dar a entender que ela não era uma mocinha, acrescentou: — E' natural que os guias sejam prudentes. Sómente os ossos dos jovens saram rapidamente.

— Isso deve ser um alívio para você, não é?

— Por que o diz?

— Porque tenho a certeza de que seu filho deve ser um rapaz forte e corajoso.

— E de onde essa certeza?

— Essa foi a característica que me pareceu destacar-se no retrato que vi dele.

— Você viu o retrato?...

— Sim, o retrato que está na biblioteca de Dick Oswald.

Parrish olhou-a com uns olhos prescrutadores e perguntou:

— Dick lhe disse que o retrato era de meu filho?

— Não precisou dizer-me. A semelhança é notável. Quando o vi em Paris soube logo que aquele retrato era de seu filho.

— E o que lhe disse Dick a respeito do retrato?

— Nada... somente que se tratava de John Parrish... e que se encontraria neste inverno na Suíça. Eu não havia pensado então em fazer essa viagem e jamais suspeitei que pudesse encontrar o rapaz ou seu pai no mesmo hotel onde me hospedaria... Mas, parece que essa conversa o aborrece. Ficou um tanto mal humorado... Tenho até a impressão de que não me deixará conhecer seu filho.

— E por quê não? — perguntou ele um tanto brusco.

— Porque certos pais têm receio de que seus filhos conheçam mulheres como eu.

— Que classe de mulher é você?

Ao chegar nesse ponto ela deixou escapar uma risada agradável.

— Eu sabia que você havia de interpretar-me mal. A verdade é outra: não sou suficientemente velha para conformar-me em estar sentada com outras senhoras a falar da temperatura ou de achaques. Continuo gostando das diversões que as pessoas de minha idade talvez não apreciem tanto. O entusiasmo da juventude me fascina. E' provável que lhe suceda o mesmo. Certamente preferirá passar a noite conversando com uma mocinha de vinte anos do que com uma mulher de trinta e cinco.

— Isso depende da mulher em questão...

— Oh! não. Você sabe muito bem que não é assim.

Tiveram de interromper a conversação. As regras de educação mandam que os homens também se dirijam à senhora que estiver à sua esquerda. Parrish não podia continuar sem considerar a respeitável dama da esquerda. Mas terminando o jantar voltaram a encontrar-se no salão de danças. Ele imediatamente convidou-a para dançar e fêz todo o possível para que ela notasse como dançava bem. Quase todas as mulheres que dançavam com Parrish terminavam dizendo cedo ou tarde que ele era um dançarino maravilhoso. Todavia, a senhora Renwick nada disse. Pelo contrário, dirigiu a palestra no velho tema de filhos... Com um lindo sorriso bailando-lhe nos lábios, perguntou:

— Seu filho dança tão bem quanto você?

Parrish franziu o cenho.

— Provavelmente acha que dança melhor do que eu — replicou. E acrescentou inventando: algumas moças já me disseram que dançar com meu filho equivale a uma aventura maravilhosa...

— Então há-de permitir que eu o conheça? — exclamou ela entusiasmada como uma criança.

— Bem... Quando quer conhecê-lo?

— Verá você; é preciso saber quando terá saída no colégio. Espere-me um momento.

Parrish a esperou no bar pensando mais que bebendo. Assim mesmo,

não chegava a uma conclusão a respeito da encantadora viúva. Acreditaria sinceramente que ele tivesse ali um filho no colégio? Parrish desejava de todo o coração que a senhora Renwick não fosse tão encantadora. Se ao menos o houvesse encarado como homem e não como pai!... A conversação sempre levada para o "terreno paternal" impedia que ele, por sua vez, a dirigisse para o terreno sentimental. O pior era que a senhora Renwick parecia firmemente decidida a só falar de seu filho.

De volta ao salão, a linda viúva Renwick disse-lhe meio desapontada:

— Acabo de telefonar ao colégio e me disseram que amanhã os rapazes não sairão pois têm importante reunião esportiva. Que lástima! Um dia inteiro perdido!

— Pois eu já sei — replicou Parrish tendo de antemão formado um plano — que todos os estudantes vão tomar parte na festa do Carnaval de Inverno que se realizará na pista de patinagem amanhã à noite. Irão todos fantasiados; a fantasia é obrigatória.

— Irei também a essa festa! — replicou ela, prontamente. — Apresentar-me-á a seu filho?

— Infelizmente receio não ser possível, pois amanhã talvez não esteja aqui. Entretanto, poderei avisá-lo.

— Diga-lhe que deseja fazê-lo conhecer uma mulher encantadora! — interrompeu ela. — A festa será na Pista do Palácio de Inverno? Pois bem, ali o esperarei. Irei fantasiada de espanhola com uma mantilha toda branca, cópia do famoso quadro de Goya.

— Bem... mas ele também irá fantasiado, pois é obrigatório. Como fará por reconhecê-lo?

— Você perguntará a ele e me dirá depois.

Depois disso dançaram seguidamente várias vezes. Por fim, a senhora Renwick retirou-se desculpendo-se: no dia seguinte muito cedo teria lições de esqui.

— Agradeço-lhe imenso já que me vai apresentar seu filho — disse ela, enquanto Parrish acompanhava até o elevador. — O mais que posso prometer é nada fazer para apaixoná-lo.

— Por mais que se esforce não poderá impedi-lo que se apaixone — respondeu Parrish com glacial galanteria. — Todavia, devo preveni-la: meu filho é um pouco "impetuoso". Não convém dar-lhe muita confiança.

— Por favor, não me venha pedir para ser prudente — disse ela rindo-se — Eu adoro o perigo! Boa noite!

✱

Parrish não pôde dormir bem nessa noite. Mil planos dançavam em sua cabeça. Um destes o fez levantar-se às quatro da madrugada para raspar o bigode. Depois dessa súbita resolução olhou-se no espelho. Pare-

ceu-se mais jovem. Apenas nos ângulos da boca notavam-se aquelas duas linhas que não são muito próprias de um rapaz de vinte anos. Ainda: na fronte o cabelo começava a ficar grisalho. Por um momento sentiu-se desanimado. Mas logo observou que continuava tão forte como na juventude. Este pensamento foi bom: trouxe-lhe a fé. Sim, estava bem forte. No ano passado ganhara o primeiro prêmio do concurso de esqui. Ele mostraria à senhora Renwick que ao seu lado podia-se viver aventuras mais interessantes do que junto desses mocinhos mimados e ingênuos.

Eram oito horas da manhã quando saiu do hotel para comprar uma fantasia. A única que encontrou foi o tradicional traje de pierrô. Não seria tão mal. Pelo menos, dada a largura, poderia vestir também o traje de esquiador. Um gorro e uma máscara completaram a indumentária.

De volta ao hotel, enviou um cartão à senhora Renwick informando-a de que, com muita cautela, conseguira descobrir a fantasia do filho: — ele compareceria à festa disfarçado em pierrô. Acrescentou por fim que falara a respeito dela ao filho que se mostrara simplesmente entusiasmado com a perspectiva de conhecê-la.

Parrish já decidira roubar um pouco da tranquilidade da senhora Renwick, dessa tranquilidade da qual ela parecia tão segura... Ela poderia tornar-se verdadeiramente admirável, como por exemplo, se lhe pedisse... mas... esses pensamentos já eram demasiado fantásticos...

Manteve-se durante o dia afastado dela. Fêz as refeições no quarto, e chegada a hora da festa, antes de pôr a fantasia de pierrô vestiu o traje de esquiador. Por fim, para completar a indumentária pôs a máscara, o gorro e dirigiu-se ao Palácio de Inverno.

Fazia muito frio; a maioria das pessoas patinava e bebia afim de provocar um pouco de calor. Parrish deu duas ou três voltas na pista e, em seguida, dirigiu-se ao local combinado onde esperava encontrar a senhora Renwick.

Finalmente ela chegou com seu disfarce de espanhola. Pôs-se a patinar e Parrish observou que ela o fazia tão bem ou melhor do que ele. Decidido, alcançou-a, ficando a seu lado. Antes que ela o notasse, deram duas voltas juntos. Quando, porém, a senhora Renwick fez meia volta para sentar-se num banco, Parrish a seguiu, sentando-se com ela. Antes de falar, perguntou se devia disfarçar o tom da voz. Isso faria a conversa um tanto forçada, e, talvez, ela descobrisse... Acabou resolvendo falar num tom mais baixo.

Ela o interrompeu para soltar uma alegre risada:

— Não o acreditaria capaz de cumprir sua promessa.

— Que promessa?

— Mas então ele não lhe disse?

— A única coisa que me disse foi que ia encontrar-me aqui com um amigo e que desejaria que patinasse com ela.

— Foi só isso que lhe disse?

— Não; acrescentou que é a mulher mais linda do mundo.

— Não foi difícil dizer-lhe isso sabia que eu estaria mascarada.

— Pois meu pai falou-me com tanta seriedade que até tive a impressão de que desejava minha opinião sobre sua pessoa como minha possível...

— Como possível o quê?

— Como possível madrastra.

— Que idéia horrível!

— Parece-lhe? E' possível que tenha razão.

A senhora Renwick pareceu não gostar da resposta, pois explicou agastada:

— Que conversa aborrecida! — logo afastou-se patinando.

Parrish a alcançou, tomou-lhe a mão e os dois agora patinavam numa esplêndida harmonia, com a mesma facilidade com que dançaram na noite anterior. Parrish, todavia não gostou muito disso: nesse terreno não poderia demonstrar nenhuma superioridade. Mas eis que lhe ocorreu uma idéia e não hesitou em pô-la em prática.

— Gostaria de subir comigo ao monte Hornberg?

— Seria ótimo! Quando iremos? Amanhã?

— Não; hoje mesmo. Há um trem especial que levará os rapazes do colégio até Saanemoser; é uma viagem de apenas meia hora. Lá subiremos o monte, à luz da lua e em esqui, naturalmente.

Ela vacilou um instante, e replicou:

— Eu nunca subi um monte em esqui...

— Oh! não há de ser nada, pelo menos para você que patina tão bem.

— Bem, aceito. A que horas sairá o trem?

— Dentro de meia hora.

— Terei que trocar de roupa. Espere-me aqui. Não demorarei.

— Como a reconhecerei?

— Eu o procurarei. Até já.

A formosa senhora Renwick reapareceu tão depressa que Parrish se surpreendeu. Apesar da indumentária masculina a senhora Renwick estava tão deliciosamente feminina como nunca. Parrish lembrou-se de que devia surpreender-se ao vê-la sem a máscara.

— Jamais pensei que fôsse tão linda! — exclamou.

— Como imaginava que eu fôsse?

— Não sei; somente posso assegurar que não tem aspecto de madrastra.

— Mas não sou madrastra...

Os dois tomaram o trem. Parrish foi guardar os esquis na cabine reservada e quando voltou para junto dela, encontrou a poltrona ocupada. Sorriu; até certo ponto achava melhor, ficariam na plataforma. Ali poderia tirar a máscara, fumar um cigarro e pensar...

Quando chegaram a Saanemoser já era noite. Parrish respirou aliviado. Trouxe os esquis e, ao aproximar-se da senhora Renwick, notou-a um tanto apreensiva na contemplação do morro de Hornberg.

— Vamos subir por ali? — perguntou ela.

— Sim; parece muito alto visto daqui. Mas a escalada é fácil. Depois estou aqui para ajudá-la... A última frase foi pronunciada num tom condescendente e isso fez com que ela levantasse a cabeça num gesto de orgulho para replicar:

— Não creio que seja necessário seu auxílio.

Começaram a subir o monte. Pouco a pouco os estudantes tomaram a dianteira até que eles ficaram completamente sós. Ao chegarem perto dum pinheiro ela se deteve, ligeiramente fatigada.

— Descanse aqui — disse ele, sempre em tom protetor. — Não pode acompanhar a marcha dos outros. Estão acostumados.

A noite estava escura, Parrish tirou a máscara e observou a senhora Renwick fazia grande esforço para subir. Não obstante, ela notou que Parrish estava sem máscara e logo exclamou, meio excitada:

— Ah! tirou a máscara! Deixe-me ver se parece muito com seu pai! Pelo menos, no retrato é muito parecido...

— De que retrato está falando?

— Do que vi em casa dos Oswald. Parrish fingiu uma gargalhada inteiramente juvenil.

— Refere-se ao retrato que está em cima da lareira? Não sou eu; é meu pai vinte anos mais moço.

— Hum! — murmurou ela. Creio que ofendi seu pai. E, a propósito: seu pai é muito orgulhoso por parecer tão jovem?

— Orgulhoso? E por quê? — disse Parrish com sincera reprovação na voz.

— Porque foi essa minha impressão. A maioria dos homens na sua idade são pesados e obesos. Ele continha esbelto como um rapaz. Aliás, isso me parece motivo de orgulho. A maioria das pessoas tem sempre algo que a faz vaidosa.

— Admite então que é vaidosa?

Parrish sorriu à fraca luz da lua.

— Talvez o seja; mas não creia que me orgulhe de estar bem conservada. Tenho justamente a idade que aparento. Depois, ainda não cheguei a essa fase da vida em que a gente trata de parecer mais jovem...

— E você acha que ele já chegou a esta fase? — perguntou Parrish com um pouco de dureza na voz.

— Que idade tem ele? — perguntou ela como resposta.

— Quarenta e dois.

— Pois aparenta dez anos menos.

— Será que isso influi na possibilidade de casar-se com ele se a pedir?...

— Todavia ainda não me pediu...

— Provavelmente está pensando nisso.

— Que o fez pensar?

— A maneira entusiasta com que falou em você.



— Sim? Pois isso me surpreende. Pensei que não lhe havia sido simpática!

— Oh não; está enganada! — disse Parrish com entusiasmo na voz.

Ela o olhou surpreendida e perguntou:

— Gostaria que me casasse com seu pai?

— Estimo muito o meu pai e me sentiria contente em vê-lo feliz. Crê que seria capaz de fazê-lo feliz?

— Se ele me quisesse realmente... e se eu gostasse dele deveras... Se... Mas apenas nos conhecemos...

— Acha você que se leva muito tempo para se saber que se ama ou não uma pessoa? — perguntou ele. Ela perturbou-se um pouco e respondeu:

— Pois... acho que não. Não é necessário muito tempo.

E se pôs a caminho ansiosa por terminar a conversa.

Avançaram mais meio quilômetro. Ao encontrarem um pequeno descanso ela foi sentar-se. Já não aguentava mais.

— Falta muito? — perguntou debilmente depois de beber um pouco de conhaque que lhe oferecia o companheiro.

— Infelizmente sim — replicou ele na esperança de que ela se declarasse vencida. Nada conseguiu. A corajosa senhora Renwick levantou-se e seguiu andando. Por fim, chegaram ao alto do monte. Ali havia uma velha cabana. Parrish olhou o relógio e

verificou que tinham levado duas horas no percurso.

— Céus! — exclamou — Se não nos apressarmos em voltar perderemos o trem.

Em seguida bateu à porta da cabana mas como ninguém respondesse abriu a porta. Ali não morava ninguém. A senhora Renwick, que já estava completamente abatida sentou-se num dos bancos, meio sonolenta. Parrish ficou junto a uma mesa apoiando a cabeça entre as mãos.

— Está muito cansada? perguntou ele com cruel satisfação. Ela nada replicou. Tinha adormecido. Arrepentido, Parrish apressou-se em dar-lhe um pouco de café. Deviam partir imediatamente. Mas tal era o cansaço da senhora Renwick que, mal abrindo os olhos, tomou o café e voltou a dormir.

— Acorde, acorde — disse Parrish — temos que partir.

— Eu preferia descansar um pouco...

— Impossível! Devemos partir ou...

Inútil. A senhora Renwick voltou a dormir.

Parrish saiu da cabana e foi sentar-se lá fora. Estava arrependido. Tinha agido mal com a companheira. Agora que vencera, que havia demonstrado sua superioridade, experimentava uma emoção nova; sentia desejos de protegê-la... Mas, se ao despertar, ela se tornasse novamente orgulhosa? E ainda: que atitude tomaria quando soubesse a peça que lhe pregara?

A noite passou rapidamente. Parrish dormiu pouco. Quando despertou o dia estava claro. Olhou o relógio, eram sete horas. Tirou do bolso alguns sanduíches, lavou o rosto e ficou à espera de que a senhora Renwick despertasse.

Andava de um lado para o outro, meio impaciente à porta da cabana quando ela apareceu alegre e bem disposta.

— Sente-se bem? — perguntou, ansioso.

— Muito bem. Então pensou que era muito divertido levar-me a esqui? Nunca pensei que fosse cansar tanto. Sentia-me, ontem verdadeiramente mortificada. Provavelmente não me convidará mais...

— Pelo contrário; desejaria convidá-la todos os dias.

Houve um pequeno silêncio. Ela olhou ao longe as montanhas enevoadas. Parrish observou que ela não se surpreendera ao vê-lo sem máscara em plena luz do dia.

— Como vamos sair daqui? — perguntou ela depois.

— Não será difícil. Confia em mim? Sim? Então deixe tudo por minha conta.

— Estou em suas mãos... Que outra coisa poderei fazer? E' necessário voltar à civilização mesmo sabendo que a minha reputação está arruinada...

— Sua reputação?

— Sim, parece-me que na Suíça também pensam mal da mulher que passa uma noite a sós com um homem...

Parrish franziu o cenho. Não lhe ocorrera pensar nisso. Já preocupado começou a colocar os esquis. Quando terminou ajudou a senhora Renwick a pôr os seus. Logo depois tentou explicar:

— Bem; a coisa é fácil. Mantenha os esquis juntos, o corpo flexível e um pouco inclinado para a frente. Conserve os joelhos ligeiramente curvados e... deixe-me dirigi-la.

— Estou pronta. Partimos?

— Vamos.

Tomando-a firmemente por um braço ele começou a descida, aumentando gradativamente de velocidade. Ela aprendera bem suas instruções pois avançava rapidamente. Ao chegarem num bosque, detiveram-se.

— Agora devemos avançar mais lentamente — disse ele. — Vamos assim. Tem-me seguido muito bem.

Apoiada no braço que a sustinha, ela o acompanhava sem dificuldade.

Era uma aventura realmente extraordinária...

Quando saíram do bosque, puderam ver a estação ferroviária lá em baixo, muito longe.

— Como estamos longe! — exclamou ela.

— A distância parece enorme se olharmos daqui. Mas logo verá. Che-

MELANCOLIA

Sobre mim pesa, triste e nebulosa,
A mesma sombra irreal
Que habita a alma tristonha e misteriosa
Dos formosos sonetos de Qüental.

Tristeza de doente,
Uma tristeza incerta
Que me deixa e se esvai, mas, de repente,
Em novo anel o coração me aperta...
Não é por ver que a morte se avizinha.
Ouça-a tentando os passos abafar
Como quem ronda amores sob a vinha
Envolto na penumbra do luar...
Mas sei que, embora o corpo lhe pertença,
Há alguma coisa em mim que não é dela:
Isto que espera e crê em Deus, e pensa,
E de formosos sonhos se constela,
E que pode perdoar, sentir, amar,
E há de alcançar, inequivocamente,
Uma alvorada após cada poente,
E após cada dormir um despertar...

ALFREDO NO'RA

garemos em dois minutos. — disse ele.

Afinal, chegaram sem nenhum transtorno. Tiraram os esquís e subiram para o trem. Parrish acendeu então dois cigarros, um para ela e outro para ele.

— Sente-se cansada? — perguntou voltando a sentir o arrependimento da noite anterior.

— Oh, sim... estou cansada. Não muito. Foi algo um tanto emocionante...

— Fiz muito mal em obrigá-la a realizar tal esforço — confessou Parrish. — Pode perdoar-me?

— Ao contrário; jamais o perdoaria se não me houvesse convidado; até já me sinto inclinada a aceitar todos os seus convites...

Parrish lamentou que no trem estivesse tanta gente. Apertou-lhe a mão e disse:

— Promete vir comigo todos os dias?

— Sim. Mas... a propósito: preferia que não tivesse tirado o bigode. Fica muito melhor. Vai deixar crescer novamente, não vai?

Ele soltou-lhe a mão, surpreendido e nada respondeu. Mas achou depois que devia falar.

— Isso significa que soube a verdade desde o primeiro momento?

Ela riu-se sinceramente dele.

— Há muito tempo que os Oswald vivem me falando em você. E o estimam muitíssimo.

Parrish tratou de simular um aborrecimento que estava longe de sentir. Falou meio sério:

— Eu devia ter compreendido que desde o primeiro encontro caíra em suas teias...

— Acho que foi o contrário — confessou ela numa sinceridade encantadora, ruborizando-se deliciosamente.

— Hum... creio que isso não é certo...

— Não? Acaso não compreende que perdi... Que pensará de mim seu filho?

Ele ficou sério e perguntou meio brusco:

— Por que fez isso?

— Quer dizer, porque accedi ao seu convite? Quis ter a certeza de que você não é um velho, de que ainda o anima o espírito jovem e que as aventuras ainda o atraem...

— Você não parece compreender a gravidade da situação, querida... Só há uma maneira de resolvê-la...

— Sim... já sei; e essa será outra aventura... — disse ela.

Parrish tomou-lhe as mãos, acariciando-as.

— Terá que casar comigo! — exclamou.

Ela ficou séria talvez pela primeira vez. Olhou-o nos olhos e respondeu:

— Nada poderia fazer-me mais feliz, meu querido mascarado...

SABER FAZER É UMA ARTE QUE DEPENDE DE SABER ESCOLHER!



diz a
BENEDITA



BONS ingredientes fazem bons pratos! Por isso, exija o Composto "A Patrôa" — cuja pureza é garantida pelo tradicional bom nome Swift! De textura suave e delicada, o Composto "A Patrôa", já

vem batido 2 vezes, facilitando a liga das massas mais finas — que asseguram bolos, pastéis, sonhos, biscoitos, bolachas de aspecto tentador e paladar delicioso! Prefira sempre Composto "A Patrôa"!

SONHOS "A PATRÔA"

Ferve-se uma chicara de água com 1 colher de Composto "A Patrôa". Junta-se uma chicara de farinha de trigo e cozinha-se até ficar um angü que despregue da panela. Neste angü, frio, junta-se 1 colherinha de sal e 1 colher de sobremesa de fermento. Desmancha-se

o angü com 4 ovos, 1 a 1, até ficar bem unido. Descansar a massa uma hora. Frita-se numa panela, com farta porção de Composto "A Patrôa", não muito quente. Os bolinhos crescem muito, por isso deve-se usar uma colher de chá de massa para cada um.



COMPOSTO

A Patrôa

PRODUTO DA Swift do Brasil

Que bom!

que bom!

que bom!

que é...



MARTA Anderson sempre experimentava orgulho e preocupação toda vez que observava seu filho mais velho. A natureza de Reinaldo tinha algo de primitivo e rebelde; possuía uma virtude que podia qualificar-se de cósmica, e que tornava impossíveis e absurdas quaisquer interferências às manifestações do seu temperamento. Por isso mesmo, Marta nunca intervinha na sua vida.

Essa tarde, o seu rosto moreno se iluminou, quando o filho a convidou:

— Quer dar um passeio de carro?

— Um passeio, não; mas tenho de ir à cidade. Leva-me?

Reinaldo respondeu-lhe com um sorriso, abrindo a porta do automóvel. O sorriso de Reinaldo Anderson explicava, de forma instantânea e concludente, a sua popularidade e sucesso com o sexo frágil. Seu rosto era moreno e expressivo como o de sua mãe, quando em repouso; às vezes, tinha até um aspecto severo. Mas um sorriso o iluminava e enchia de simpatia, fazendo destacar linhas atraentes. Em vez de ter seguido os estudos superiores, ele escandalizava a aristocrática família, dedicando-se ativamente ao comércio. Nisso tinha muito em comum com a sua mãe — ela tam-



UMA *Mulher* PERFEITA

Conto de Phyllis Duganne - - Ilustrações de Rodolfo

bém tratava de igual para igual tanto aos criados como qualquer elemento do povo.

— Quero dizer-lhe que hoje oferecemos uma festa. Já sabia? Espero que você não falte. Esqueça-se um pouco dos negócios...

— Estarei presente. Levarei Clara e... bem sabe que ela não é da aristocracia...

Marta evitava enterferir na vida de seu primogênito. No momento em que ouviu o nome de Clara não demonstrou nenhuma surpresa e nem sequer curiosidade. Limitou-se a inquirir intimamente a si própria até quando duraria esse novo capricho do rapaz. Reinaldo, de fato, sempre tinha um novo conhecimento que o absorvia. Felizmente — pensava sua mãe — esses conhecimentos não duravam mais que um mês...

Não obstante, perguntou:

— De que família é Clara?

— Smith, mamãe... Ela trabalha no Banco. É a secretária do tio Félix.

Marta recordava-se vagamente da secretária do tio Félix. Era uma jovem alta, de expressão calma mas decidida, de cabelos castanhos e olhos azuis.

Reinaldo freiou o carro no local a que sua mãe destinava.

— Virei básica-la dentro de uma hora.

Marta saltou. Instintivamente, dirigiu-se para o Banco. Por um pretexto qualquer, encaminhou-se para o escritório do tio Félix. Viu Clara logo à entrada. Trocou com ela algumas palavras sem importância e, quando se retirou, levava a visão inquietante de um par de olhos azuis, um rosto juvenil animado de uma singular dignidade, uma cabeça altivamente erguida. Pela primeira vez e, sem saber porque, surpreendeu-se pensando na possibilidade de Reinaldo casar. E intimamente assustou-se.

— Reinaldo casado! Haveria outra "senhora Anderson". Logo viriam os filhos, que seriam seus netos...

A este pensamento, a respiração de Marta se acelerava.

* * *

Ainda que às vezes fizesse troca dos títulos nobiliárquicos da família de seu marido, Marta reconhecia que era das mais antigas famílias do País. Ela era Sprague, o que equivalia a dizer, da mais alta e inflexível sociedade. E os Smith? Que família era aquela, de que nunca ouvira falar?

Soube-o naquele mesmo dia, quando, de volta, se dirigia para o automóvel. Reinaldo conversava com um homem de estatura média e já de certa idade, vestido com um pull-over azul. Aproximando-se, reconheceu o interlocutor de seu filho: um maquinista da estrada de ferro, que algumas vezes era visto na estação do bairro. Vendo-o, o homem dirigiu-lhe um cumprimento e se despediu de Reinaldo.

Quando mãe e filho já estavam de volta, ela lhe perguntou, aparentando pouco interesse:

— Faz tempo que conhece empregados da estrada de ferro?

Reinaldo pareceu vacilar, mas respondeu, lacônico:

— Aquêle senhor é o pai de Clara Smith, mamãe.

— Ah! — exclamou Marta, um tanto admirada.

E não falaram mais a respeito.

* * *

A tarde Reinaldo, em sua residência, conduzia a primeira convidada à festa — Clara Smith. Apre-

sentou-a a seus pais e notou satisfeito que eles a observavam com admiração, especialmente sua mãe. Trocavam observações banais, quando o rapaz lhe disse:

— Venha, Clara, quero mostrar-lhe a casa. Creio que nunca esteve aqui, não?

— Bem sabe que não...

A casa dos Anderson impunha-se logo pelo bom gosto de suas decorações e do sóbrio mobiliário. Não se notavam adornos fúteis e nem tão pouco móveis modernos e incômodos: tudo era amplo e severo naquele lar em que viviam uma mulher e cinco homens.

— Que formosa habitação! — ia exclamando Clara.

— Digo-lhe que não tem por que se admirar. Quer ver uma autêntica beleza? Veja-se naquele espelho — respondeu Reinaldo, acercando-se dela.

— Parece-me que os convidados estão chegando. Vamos?

Com um ligeiro movimento, esquivou-se. Marta Anderson observou-os de mãos unidas e mais uma vez concordou que a jovem era deveras encantadora e de muita personalidade.

* * *

Horas depois, no dormitório do casal, Andrés Anderson pacientemente ouvia a esposa. Ela, sentada ao tocador, deixando que os cabelos envoltos ocultassem a expressão do rosto, ia dando evasão aos seus pensamentos.

— Andrés, que acha dessa moça?

— Que moça?

— Clara Smith.

— Pareceu-me boa moça. Simples, sem afetação, suficientemente moderna sem sê-lo em excesso... Parece séria, sobretudo.

— Agradou-lhe vê-la com Reinaldo? Sinceramente...

— Não sei o que dizer, querida. Mas creio que é, por ser ela bonita, deseje casar-se? Em outras ocasiões...

Marta o interrompeu:

— Em outras ocasiões não parecia enamorado. Hoje, pude observar muitas coisas. Andrés, sinto que essa jovem não me estima.

Andrés acendeu um cigarro, olhando de soslaio a esposa, a quem ele amava como nos primeiros dias de casado. Com um acento malicioso inquiriu:

— Querida, não estará sendo injusta para com a jovem?

— Não! — exclamou — Você sabe que não. Não faço questão de linhagens de família. Sabe bem que sempre me opus às pretensões aristocráticas dos nossos parentes, mas... Oh! Andrés, você sabe que não me refiro a tal. O que me leva a ter essa suposição é a maneira dela se portar quando conversa comigo.

Andrés acompanhou as palavras da esposa com um sorriso, e depois disse:

— Não sabia do que era capaz...

— O que está insinuando?

— Ciúmes, querida; nada mais...

Também estou meio enclumado...

* * *

O clube social de Hendon reunia a sociedade mais alta da localidade. Era tradicional a frieza com que cercavam qualquer pessoa do povo que lá fôsse ou qualquer outra que não pertencesse ao círculo. Reinaldo, no entanto, levou Clara a uma das reuniões semanais.

Marta estava presente e observou que a filha do maquinista se distinguia das outras moças. A jovem tinha equilíbrio, dignidade, uma personalidade bem definida. E acima de tudo deixava transparecer uma naturalidade subjugante.

Uma das sobrinhas de Marta fez-lhe a seguinte observação:

— Veja como está o Reinaldo, titia! Parece que já a vejo parenta dos Smith...

O tom mordaz com que foram pronunciadas estas palavras pareceu injusto a Marta. Respondeu simplesmente:

— Clara é uma boa moça. Não vejo razão em depreciá-la.

* * *

Passaram-se alguns meses. Com o tempo, Reinaldo tornava-se mais assíduo em cortejar Clara Smith. Marta se preocupava com isso. Sem poder suportar a situação por mais tempo, resolveu intervir.

Nunca se havia imiscuido nas afeições dos filhos, mas agora se julgava no direito de interceder naquele caso de amor. Resolvida a isso, convidou Clara para um chá.

Enquanto a esperava, cheia de impaciência, sentia que a consciência a acusava de alguma coisa indigna dela. "Se é verdade que ama meu filho, deve renunciar ao seu amor, para o próprio benefício de Reinaldo". Esperava poder dizer-lhe estas palavras, incisivamente.

Clara não tardou.

Quando Marta servia-lhe o chá, a jovem foi direta ao assunto:

— A sra. convidou-me pelo simples desejo de me ver? Não tem algo a me dizer?

Um rubor intenso cobriu as faces da sra. Anderson. No momento sentiu-se furiosa com aquela jovem, cuja fraqueza a fazia envergonhar-se.

— Desejo saber se tem o propósito de casar-se com meu filho.

O olhar de Clara, até então sereno, ganhou um brilho estranho.

— Não sei — respondeu — Reinaldo ainda não me falou em casamento. Creio que vive preocupado com a diferença de nossas condições sociais.

Marta compreendeu que a interlocutora abordava a questão sem rodeios. Era franca e parecia valente.

— Ele é um homem diferente — prosseguiu Clara — Se fôsse o orgulho a causa de sua incerteza, eu não seria capaz de amá-lo. Mas eu o amo, sra. Anderson, porque sei que as diferenças em sociedade não constituem nenhuma barreira para sua decisão. Quando nos conhecemos eu sabia do seu gênio folgazão para com as mulheres. Aceitei sua corte para dar-lhe uma boa lição. Não podia prever...

Marta, ao ouvi-la, procurava esconder sua emoção.

— Não podia prever que chegasse a amá-lo tanto. Sei que ele também me ama profundamente. No entanto, ainda roto que ele se considera superior a mim. Com este sentimento é impossível uma conciliação perfeita.

Cada palavra da jovem era uma revelação para Marta.

Que valiam a nobreza e o preconceito comparados à atitude da moça? Na altivez com que expunha seus sentimentos, sim, havia linhagem, não dessas adquiridas com um nascimento eventual, mas das que logo se impõem como resultado de um grande caráter.



— Reinaldo está cego. Será que ele ainda não compreendeu o tesouro que está arriscado a perder? — pensava Marta.

Tomando Clara pelos braços, disse-lhe num tom que revelava profunda simpatia:

— Esqueçamos Reinaldo por um momento. Quisera conhecê-la melhor. Creio que seremos boas amigas.

* * *

A partir desse dia, Clara Smith visitava com frequência a sra. Anderson e passou a corresponder às provas de amizade e afeto que esta lhe dedicava. Suas visitas coincidiam com os momentos em que Reinaldo lá não se encontrava. Por sua vez, Marta ignorava se eles se viam em outros lugares. As duas mulheres quase nunca falavam de Reinaldo.

Pouco tempo depois, Andrés Anderson foi a Londres, a negócios. Quando anunciou o seu regresso, participou que ia levar, em sua companhia, um jovem par do Reino Unido, Lord Truran.

A família Anderson foi à estação esperá-los. Quando Andrés apresentava os seus ao ilustre visitante, este pôs-se a observar, com curiosidade, uma locomotiva que estava próxima. Todos acompanharam a sua vista, ao mesmo tempo que ouviam dele:

— Que formosa criatura! Estamos nós num pedaço do paraíso?

Era Clara que conversava alegremente com seu pai.

Marta dirigiu-se ao visitante:

— E' uma amiguinha. Gostaria de conhecê-la?

— Muito! — respondeu imediatamente Lord Truran.

Apresentados, saudou cordialmente o maquinista Smith e efusivamente a sua bela filha.

O lord era um rapaz alto, simpático e parecia muito inteligente.

— Vem jantar conosco, Clara. — convidou Marta — Serviremos melhor os rapazes.

Durante o jantar, Reinaldo manteve-se na mesma atitude de indiferença com que se apresentara na estação. O hóspede, ao contrário, mostrava-se muito comunicativo e entusiasta, dizendo tudo o que pensava, e pensando quase sem interrupção. Ao fim



do jantar pediu a todos que o tratassem pelo apelido: Ian. Com os olhos fixos em Clara, declarou

— Encanta-me este país...

Pouco depois, perguntou à jovem:

— Terá tantos pretendentes como deve ter admiradores?

Terminado o jantar, Reinaldo foi levá-la até sua casa. Por qualquer motivo ela não quis continuar por mais tempo na residência dos Anderson.

Lord Truran, naquela noite, ao se despedir de Marta, comentou:

— Esta moça personifica o ideal...

* * *

Uma semana depois, o hóspede dos Anderson revelava que alguém, em Hendan, lhe causava uma grande influência. Com efeito, nada parecia agradar ao jovem Lord senão quando Clara Smith o acompanhava. Ele mesmo ia buscá-la à sua casa. Mostrava-lhe inúmeras fotografias de suas vastas propriedades, dos seus cavalos de puro sangue e do seu "yatch". Diariamente mandava-lhe flores, arranjando mil pretextos para vê-la durante todo o dia. Marta Anderson estava ao par de tudo e reconheceu logo as boas intenções que tinha o seu hóspede com relação à filha do maquinista. Reinaldo nada fazia e nada dizia, até que um dia anunciou uma viagem que o iria ocupar por todo um mês em Chicago. Sua mãe não escondeu a penosa impressão que a notícia lhe causava.

— Vai viajar justamente agora, meu filho?

— Por que não agora? — respondeu ele, erguendo os ombros — Negócios são negócios e temos que atendê-los a qualquer hora.

Marta suspirou pensando numa jovem que tinha o porte e a dignidade de uma rainha, sendo de origem tão humilde. Pensou também no hóspede simpático, bom e fabulosamente rico.

— Justamente agora? — perguntou Clara que ouvira a resposta do rapaz. Não sabia ela que repetia as aflitivas palavras de Marta.

Reinaldo respondeu-lhe como o tinha feito à sua mãe.

— Oh! Reinaldo, você é um homem incompreensível.

— Sim, Clara, tem razão — retrucou meio brincalhão — Forjaram-me numa fornalha.

— Sei que há sangue indígena na sua família. Você herdou deles a cor morena, o sorriso que pode ser cruel, o olhar sombrio, resoluções imprevisíveis, mas... terá herdado também solidez de sentimentos? Herdou a capacidade de amar?

E, num tom queixoso:

— Truran me ama, Reinaldo!...

Ele replicou imediatamente:

— E'? Demonstra que tem bom gosto...

Ditas estas palavras, Reinaldo se retirou, fechando a porta. Clara deixou-se cair no sofá, chorando como se alguma coisa lhe despedaçasse o coração.

* * *

Nos dias que se seguiram, Marta Anderson se mostrava mais aflita do que a jovem. Sabia ela que três destinos se cruzavam, o que significava estar em jogo a felicidade de três pessoas, inclusive a de seu próprio filho. Andrés compreendeu logo a tremenda preocupação que assaltava a esposa. Observou ainda que Clara, dia a dia, também se mostrava bastante aflita. Ian, por seu turno, não escondia a grande paixão de que era possuído. Intimamente ele pensava em propor-lhe casamento, e esperava apenas uma oportunidade.

A sra. Anderson monologava:

— Nunca poderei culpá-la se acabar aceitando lord Truran. Qualquer moça se apaixonaria por ele...

Com razão, ela assim considerava as coisas. O lord era inteligente e agradável. Nem sequer observava a diferença de condições sociais entre Clara e seus hóspedes. E aos olhos da sociedade, Reinaldo representava um partido menos desejado do que ele. Ainda mais, porque o primogênito dos Anderson se considerava superior à Clara, ao passo que Ian se consideraria honrado em tê-la por esposa.

O desfecho não devia tardar.

Com efeito, uma tarde, Ian procurou a sra. Anderson e foi logo dizendo:

— Acabo de visitar a srta. Smith. Declarei-lhe todo o meu amor... fiz-lhe ver o que ela representa para mim, que é muito mais do que todos os meus títulos e toda a minha fortuna. Mas, não consegui convencê-la...

Fez uma curta pausa e prosseguiu:

— Sra. Anderson, eu lhe sou muito grato pela hospitalidade. Sinto ter de abreviar o meu regresso. A sra. compreende que...

— Sim, Ian, eu compreendo.

Marta mal podia conter o desejo de estreitá-lo de encontro ao peito e consolá-lo. Sentia intensa alegria, mesclada de uma ponta de tristeza com o infortúnio do jovem.

— Nós o deixamos ir com grande pesar. Para mim é quase um filho, Ian... Espero que algum dia volte novamente a passar alguns dias conosco.

— Obrigado. Se me permite, vou mandar um criado preparar minhas malas.

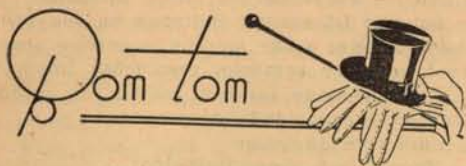
O jovem se retirou, conservando a mesma dignidade, mas Marta sabia que, mesmo um homem como ele, sente, em certas ocasiões, um infantil desejo de chorar.

* * *

Lord Truran partiu naquele mesmo dia. Três dias depois, Reinaldo regressava de Chicago.

Clara, naquele dia, foi jantar com os Anderson.

— Acho-o pálido, Reinaldo — disse ela, ternamente.



Oferecer um chá a uma visita depois das dezoito horas, não é correto nem usual. Impõe-se servir, então, um coquetel.

*

A maioria das pessoas serve-se de sanduiches simplesmente com as mãos ou com o auxílio de um guardanapo de papel. Isso poderá ser permitido em um estabelecimento de pouca importância, mas é indesculpável onde se apresentem pratos e talheres conjuntamente, pois sanduiches se comem com faca e garfo.

*

Não se deve comparecer a nenhum ato de importância com calçados de salto baixo ou "trotteur". Também não devem ser usados com vestidos de certa categoria. Cada ato ou cerimônia requer trajes e acessórios adequados, apesar das correntes modernistas que transigem com muitos dos requisitos que, antes, era impossível infringir ou omitir.

*

E' prerrogativa dos noivos eleger os padrinhos de casamento. De maneira alguma, nós outros, amigos e conhecidos, devemos interferir na escolha, afim de deixá-los em absoluta liberdade de ação.

*

Nas visitas de pêsames é de rigor comparecer-se com indumentária escura, sem adornos nem muitas jóias vistosas. A' mesma norma estão sujeitos os comparecimentos a funerais e missas de sétimo dia.

*

A circunstância de não se haver assistido a uma festa ou refeição, não exime da obrigação do agradecimento à atenção, desde que o convite tenha sido formulado.

*

Não se deve deixar uma visita muito tempo à espera na sala, como também não se deve abusar do recurso de não recebê-la por simples capricho, quando não existam fortes razões para tal atitude.

*

Os amigos do noivo devem enviar à noiva os seus presentes de boda, pois ela é que tomará as devidas notas, e agradecerá, oportunamente. Tais presentes são enviados, sempre, com certa antecedência

*

Sempre que combinar sair com alguém, esteja pronta à hora marcada. E' desagradável para a outra pessoa apressar-se para atender a um compromisso e ouvir dizer: "Tire o casaco, por favor, e espere um pouco. Estarei pronta dentro de quinze minutos."

Com aparente despreocupação, êle respondeu: — Pálido?... Mas você está com aspecto adóvel.

Durante a refeição falaram animadamente, mas não se ouviu uma única referência a respeito da repentina partida de Ian.

Marta observava simultaneamente o filho e a jovem. Ela estava mais linda, apesar das surpresas e dos acontecimentos dos dias anteriores.

Reinaldo ofereceu-se para acompanhá-la, quando ela fez menção de se retirar.

Na sala de leitura, Marta procurava inutilmente deter sua atenção no livro que tinha nas mãos.

— Está hoje preocupada, querida — observou-lhe Andrés.

Ela pensava no pobre Ian, em Reinaldo e em Clara. Que lhes reservava o futuro? Seu filho compreenderia em tempo o valor daquela moça?

Duas horas depois, vendo Reinaldo chegar, não suportou por mais tempo a sua grande preocupação. Andrés pressentiu a próxima tempestade. A sra. Anderson começou a recriminar o filho. Disse-lhe tudo o que pensava a respeito das suas relações com Clara. Ela mesma se surpreendia da veemência de suas palavras. Terminou chamando-o de cego, presunçoso e orgulhoso obstinado.

Reinaldo ouviu-a com um largo sorriso. E, brincalhão:

— Não suspeitava que tivesse êste geniozinho, mamãe...

Ela respondeu de pronto:

— Reinaldo! Diga-me agora mesmo: casará com ela ou me verei obrigada a fazer seu casamento?

— Acha que ela me aceitará?

— Oh! meu filho. Não se faça de rogado. Você parece um tolo... Por que, homem enigmático, a deixou com Ian? Não via o risco de perdê-la?

— Já que insiste, vou lhe dizer: a minha ausência foi mais pensa para mim. Ausentei-me para que Clara pudesse fazer a escolha, livremente. Compreendi logo que a afeição de Ian era sincera e que êle podia oferecer-lhe mais do que eu...

Marta dominou a emoção que lhe causavam estas palavras. Tentando dar um acento severo à voz:

— Já confessou o seu amor? propôs-lhe casamento?

— Sim, mamãe. E ela consentiu em ser minha esposa.

* * *

Naquela noite, Marta portou-se como se fôsse uma criança. No quarto, ainda com os olhos marejados de lágrimas, deixava que os seus pensamentos saíssem aos borbotões, como se uma torrente de felicidade inundasse o lar dos Anderson.

— Andrés, não se sente feliz? Não se sente mais aliviado, como se nos tivessem tirado uma grande preocupação? Como amo Clara! E' possível compreender tanta felicidade quando se vai perder um filho como Reinaldo...?

Andrés acareou-se da esposa. Fixando os seus olhos nos dela, com aquela mesma expressão de carinho e amor do tempo de noivado, limitou-se a responder, enquanto lhe enxugava as faces:

— Não vamos perder Reinaldo. Ao contrário, querida. Ganhamos uma filha digna do amor e amizade que nós todos lhe devotamos.

ANTISARDINA

uma feliz descoberta

Sou mais uma fã de **ANTISARDINA** que deseja proclamar a excelência do creme **ANTISARDINA** para livrar-nos das imperfeições da pele.

ANTISARDINA é uma feliz descoberta para o embelezamento da cutis.

Outubro de 1944

(Ass:) Miralva de Assis



★ AS PEDRAS PRECIOSAS ★

As mulheres sempre gostaram de usar joias e pedras preciosas. Não se sabe ao certo como nasceu esse hábito. J. H. Bradley, no seu livro, o "Autobiography of Earth", procurava determinar as origens do gosto feminino pelas pedras preciosas.

Alguns antropólogos atribuem-no à crença em poderes mágicos. Outros, talvez com maior razão, asseguram que o brilho e a beleza da cor eram armas para atrair a atenção do homem primitivo. O que se sabe ao certo, porém, é que as pedras preciosas foram objetos da admiração humana, muito antes da era cristã e da literatura mais rudimentar que nos ficou.

Há milhares de anos lapidavam-se pedras preciosas na Babilônia. O Egito dos Faraós também sabia apreciá-las.

No decorrer dos anos nunca perderam o seu poder de atração. Desde tempos remotos atribuíam-se-lhes qualidades sobrenaturais; acreditava-se que neias residiam espíritos poderosos, capazes de influir na vida dos homens.

Quando o mundo inteiro acreditava em mila-



gres, o poder sobrenatural era assunto corrente. Uma antiga lenda da Pérsia atribui origem diabólica às pedras preciosas, já que Satanás, para incitar o homem ao pecado, resolveu inventá-las. Ainda hoje persiste o interesse pelas pedras preciosas. Apenas é bem diverso do que levava os povos antigos a fazerem uso das joias.

Antigamente, os namorados adquiriam uma esmeralda, que era o talismã capaz de lhes revelar os sentimentos da criatura amada. Agora, porém, compram esmeraldas porque são realmente belas, raras e sobretudo, muito caras.

Em nossos dias já se adotam também as pedras artificiais, já que toda mulher deseja possuir joias e as autênticas estão muito além de suas possibilidades. As artificiais mais interessantes são as chamadas sintéticas, preparadas por processos químicos. Entre elas contam-se diamantes, rubis, safiras, etc. Só em detalhes mínimos o observador experimentado verifica a imitação.

A FILHA MAIS NOVA

Ao sair da fábrica naquele dia, Bernardo acompanhou o Sr. Maile. Depois de caminharem juntos, em silêncio, durante algum tempo, fez o pedido. O velho estacou bruscamente, chamou-o e recomeçou a marcha.

— Quer dizer que queres casar com Paulina, minha filha mais velha? Não se pode fazer oposição; sabes ganhar bem a tua vida. Já falaste com ela?

— Não, senhor; preferi falar-lhe antes.

— Isto te dignifica. Creio que ela poderá ser feliz contigo...

— Então, diz o senhor que sim? — perguntou Bernardo, satisfeito.

— Então, digo-te que não. Não a dou a ti — respondeu tranquilamente o velho.

Bernardo ficou como que estarelecido e assombrado. Queria ter um lar e uma mulher sensata e boa dona de casa como Paulina... Que significava a recusa?

— O caso é que não quero casar Paulina antes que se case sua irmã mais nova — a Emília — explicou o sr. Maile — E dir-te-ei porque: Emília tem um gênio dos diabos. Quando morreu minha mulher, Paulina tomou a direção da casa. Soube dirigir seus irmãos e passa o dia a cuidar da casa. Nunca está de mau humor e nunca vai buscar-me na taberna, se acontece, algum sábado, eu demorar-me mais um pouco e tomar *vermouth*... Enfim, com ela se pode estar tranquilo... Emília já é outra coisa. Tem um gênio! Um furacão, filho, um furacão! Se te disser que lhe tenho medo... Com ela já eu não seria senhor dos meus atos e teria que andar na linha para não arranjar escândalos. Se Paulina fôsse embora, Emília tomaria conta da casa e eu não me sinto com ânimo de voltar aos dias passados... Porque a garôta, física e moralmente, é o retrato vivo de sua mãe... Durante vinte e seis anos fui aperreado de toda maneira, podes crê-lo.

— E, por isso, o senhor quer sacrificar Paulina, não é?

— Nada disso! Eu não t'a nego, mas com uma condição: casa-me antes a Emília. Procura-lhe um



Frederico Bontet

noivo que lhe convenha, então, poderás casa com Paulina. Dou-te minha palavra. Isso não será difícil. Ela é uma moça bonita, expedita, trabalhadora, honrada. Tem ruim caráter e é autoritária como o diabo, e eu, seu pai, tenho que andar com juízo; mas um marido já é outra coisa. Enfim, para terminar digo-te: se a casas, Paulina será tua mulher sem mais demora.

A missão teve início no dia seguinte. Bernardo tropeçou com dificuldades. Muitos dos seus companheiros eram já casados; outros não queriam sê-lo.

A grande maioria dos candidatos não lhe parecia digna da jovem. Esta, por sua vez, recusou a três dos apresentados e troçou cruelmente de cuidado e interesse em quererem casá-la.

Bernardo irritou-se muito, sem, porém, atrever-se a manifestá-lo, pois a pequena também o intimidava.

Ele, que fizera seu pedido em fevereiro, viu entrar novembro sem nada mais ter falado ao pai de Paulina. Mas, agora, resolveu falar-lhe.

— Escute, então, sr. Maile — começou a dizer envergonhado — Tenho que lhe fazer uma confidência... Já encontrei um marido para Emília.

O velho deu um pulo.

— E, agora, não reclamas Paulina? Que aborrecimento. Hoje mesmo o contra-mestre Rivet me pediu sua mão. A rapariga gosta dê-lo, acha-o muito bom partido e aceitou seu pedido. Não podes censurá-la, pois ela ignora nosso pacto. Tu, já o sei tens minha palavra... Meu Deus! Que contratempo. Mas, escuta: falta saber se Emília aceita o homem que lhe propões.

— Sim, aceita-o, e os dois estão de acordo. O que me disse sobre Paulina me dá grande prazer, porque o homem que encontrei para Emília... sou eu. Sim, à força de falar-lhe dos outros, acabei por falar-lhe de mim próprio. Com Paulina queria casar-me por conveniência, compreende?... Com Emília, porque me enamorei dela como louco... Quanto ao seu mau gênio...

— Seu mau gênio? — interrompeu o velho. — Escuta bem o que vou dizer: para se ser feliz é preciso ter-se uma mulher de peso e medida... Eu o sei por experiência própria.

ESTAVA sem assunto para crônica, quando um amigo me espalhou o boato de que o centenário do nascimento de Castro Alves ia acontecer por esses dias. Oh que desafogo! E comecei logo a revirar o tema na memória sob vários aspectos. Quando já tinha assentado alguns pontos que me pareciam interessantes, fui verificar a data do acontecimento. Era a catorze de março de 1946. Fiquei meio decepcionado. E como o tempo urgia, resolvi escrever sobre o caso com esta antecedênciazinha de uns trinta e poucos dias. E pensando bem, o centenário de um homem como esse bahiano eloquente pode ser comemorado qualquer dia, pela mesma razão por que o de muitos outros não se celebra em data nenhuma. Afinal de contas, que é um centenário? Um cálculo sempre errado, considerando-se que o tempo é criação quimérica do espírito, uma vez que não teve começo nem fim. E do ponto de vista emocional ou sentimental, Castro Alves é até criança, pois em verdade nasceu ontem, as suas crianças líricas andam de boca em boca, os namorados amam ainda com os seus versos e com as suas imagens. Sua presença impõe-se mesmo com insolência, tanto que alguns poetas modernistas chegaram ao cúmulo de admiti-lo com casca e tudo. O que mais admiro nele é a cabeleira florestal. A cabeleira mais bonita da literatura indígena depois dos bigodes parnasianos do inesquecível Alberto de Oliveira. Quando atuava na Bahia, ele exclamava, sacudindo a juba:

— Tremei, pais de família, D. Juan vai sair à rua...
As bahianinhas morenas e de olhos verdes (elas têm verdes os olhos) ficavam excitadas com o rapagão tonitroante, com a sua bela figura, com a sua testa proeminente, com os seus olhos de beduíno.

A's noites, costumava ele aparecer no teatro e, debruçado nos camarões, deitava o verbo em cima delas e contra Tobias Barreto. Castro Alves de fato foi o maior orador da Bahia, mesmo se falando em Rui Barbosa, o qual era mirradinho e, ainda por cima, não sabia rimar os discursos. E Rui, nem no tempo de moço, nunca teve competência pra namôro.

Alterosa

PARA A FAMÍLIA DO BRASIL

*

Diretor-redator-chefe
MÁRIO MATOS

Diretor-gerente:
MIRANDA E CASTRO



Pensava que estudar direito devia de ser meio de vida. O poeta, ao contrário, era avesso às disciplinas da Academia e parece que andou tomando "bombas" no curso, não sei bem se é certo, porém me contaram. E aliás não podia deixar de ser assim. O donjuanismo se mostra incompatível com

o estudo do direito. Castro Alves foi o introdutor diplomático do donjuanismo na poesia brasileira. Não conheço rapaz nenhum tão hábil pra soprar segredos sensuais no ouvido das mulheres. Que declarações de amor! Que fogo! Que suavidade quente que ele tinha na voz e no ritmo! Não havia mulher que resistisse. Era um verdadeiro dissolvente da coesão familiar. E por isso espalhou o pânico entre os burgueses chefes de família, porque sempre se revelou um sujeito que não dava pra marido.

Foi o menos marido dos nossos poetas de todos os tempos. Verdade que nunca quis sê-lo e nem podia.

Outro feitio que era dele: — o de poeta assustador. Uma ocasião, veio para S. Paulo e de passagem pelo Rio foi ter com Machado de Assis. Leu-lhe poemas. Este ilustre chefe de seção ficou atordoado com as dinamites verbais do bahiano. Escreveu a José de Alencar contando o episódio, ainda um pouco fora de si, ele que quase nunca saía de dentro de si mesmo.

Indo para a Academia de São Paulo, lá continuou o poeta a vida de tumultos amorosos. Chamava as meninas de cá de "morenas filhas do país do Sul". E pregou a mentira romântica de que as paulistas andavam de vagalume no cabelo. Esta é boa! É a mentira mais sugestiva que eu já li.

Depois de pintar o sete na Paulicéia, regressou ao Norte, nas férias. Um dia, deu um tiro no pé e morreu. Isto é que foi o diabo, quer dizer, o único trecho de prosa de sua vida rimada.

Como se vê, começou a existência muito bem do ponto de vista literário, mas terminou-a muito mal. Seu fim foi um desastre biográfico, dissonante com a sua vida, em que só entram a cabeça e o coração.

A sua morte no entanto pode ser considerada como um acidente.



Vitrine LITERARIA

UM LIVRO PARA VOCÊ

CRISTIANO LINHARES

APOSTO como você nunca leu nenhum livro de Valdomiro Silveira. E isto não tem nada de mais, porque é o que acontece com muita gente. Em primeiro lugar, é raro encontrar-se uma obra do escritor paulista nas livrarias; em segundo, o gênero a que ele se filia — literatura regional — contravem um pouco o gosto generalizado entre os leitores. Mas é pena que seja assim, porque, na verdade, é um dos prosadores mais originais, e ao mesmo tempo, mais realistas da nossa terra.

Até certo ponto, a birra do leitor contra o regionalismo literário tem alguma razão de ser, porque a maior parte dos escritores de tal gênero se nota pelo artificialismo e, como já se disse, só conhece o sertão e o caboclo por ouvir dizer, por ouvir contar. São regionalistas da Avenida Rio Branco, conforme era o caso de Coelho Neto. De fato são inventivos ou falsos.

Não é este o caso de Valdomiro Silveira, muito ao contrário. Desde moço, quando foi promotor público em Santa Cruz do Rio Pardo, adotou o costume de inquirir e de escutar a conversa dos caboclos, e de tudo ia tomando as suas notas. Estudou-os a fundo. Como nenhum escritor nacional, ele soube fixar a psicologia, a alma, as atitudes, o comportamento dos mixuargos diante da vida. Os livros dele refletem esta sabedoria feita de experiência diária durante muitos anos. E' por isso uma literatura vivida. E nada tem, convém juntar, nada tem de fotográfica ou mecânica. Antes a movimenta a vitalidade subterrânea, a força íntima da vida. Trata-se (é o termo) de verdadeira criação.

Valdomiro Silveira morreu em 1941 e agora, neste ano, foi editado um livro póstumo de sua autoria e que tem por título "Leréias". E' um vocábulo de matuto, este, e que quer dizer lérias, pequenas histórias entre jocosas e complicadas. Figura o autor que os contos são ditos pelos matutos e nesta feição é que talvez esteja a maior atração da obra. A gente parece que está a ouvir o nosso povo a conversar, a relatar as suas emoções e os seus dramas. E' de uma naturalidade...

Temos para nós que a qualidade singular do conto deve ser a oralidade. Estilo de conto é o de conversa como está a indicar a sua própria denominação. Conto deve ser contado, senão não é conto. Pois bem. Deste ponto de vista, nenhum contador de histórias no Brasil supera a Valdomiro Silveira.

E' um mestre.

Vale a pena lê-lo com vagar nesses dias e nessas noites de chuva, pois será um modo excelente de abstrair da vida e mergulhar na alma do nosso povo.

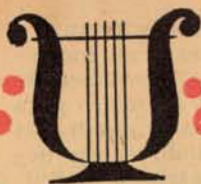
★ LIVROS NOVOS ★

"HISTÓRIA DE MINHA VIDA — George Sand — Livraria José Olímpio Editora — Rio.

Continúa a Livraria José Olímpio a publicação da monumental obra "História da Minha Vida", memórias de George Sand, a grande romancista francesa (na coleção "Memórias, Diários e Confissões").

O volume hoje lançado traz como sub-título "Meus primeiros anos" e pode, à semelhança dos demais, ser lido separadamente. A escritora prossegue na enternecida evocação da figura do pai, Maurice Dupin, bravo oficial (Conclui na pág. 57)





POETAS E PROSADORES

SE CADA um de nós fizer a análise retrospectiva de sua vida, verificará que alguns fatos sem importância na aparência foi que decidiram de nossa sorte ou, pelo menos, deu-lhe orientação dominante. Cada homem tem um eureka na existência. Foi ao ver uma maçã a cair que o sábio descobriu a lei da atração das massas no espaço.

Estamos aqui a percorrer sobre Malba Tahan, o escritor, e ao mesmo tempo a lembrar-nos de que foi por acaso que ele descobriu a sua vocação literária, que lhe deu a fama e o dinheiro. Era ele o menino, e então se chamava João Batista de Melo e Souza. Estava na escola. O professor marcava para os alunos de vez em quando, composições a respeito da ambição, da esperança, da virtude e de outras coisas assim indefiníveis pela sua própria natureza. A rapaziadinha, já se sabe, fica numa inquietação dos diabos. Uma ocasião, Melo e Souza fez duas provas e desprezou uma por achá-la ruim. Deixou-a de lado. Mas aconteceu que o seu colega vizinho envolver o tema. O tempo passava, e ele se debatia na est. Foi nesta hora que viu o rascunho do companheiro e pediu. Sousa consentiu e o menino tirou o primeiro lugar. Foi mestre.

Meditando no caso, o pequeno e futuroso Malba Tahan pensou consigo mesmo:

— Puxa que descobri uma fonte de renda!

E desde esse dia, pôs-se a escrever composições para os colegas a preço infimo. O nível mental da turma subiu muito. Estava descoberta uma vocação literária. E' verdade que se passaram muitos anos de silêncio, antes que o escritor viesse a focalizar o nome. Mas isto não quer dizer nada. Todas as forças da natureza se elaboram silenciosamente. O que é fato é que, ao surgir na literatura nacional, já appareceu como estilista perfeito. Tanto que Humberto de Campos e muita gente de qualidade inclinaram-se a pensar que se tratava do pseudônimo de um prosador consumado ou mesmo de traduções de algum notável escritor oriental. E' que o caso se caracterizava pela originalidade. Ele principiava pelo fim, sem ter comêço aparente. Depois da estréia, passou-se o que todo mundo sabe: — os seus livros não chegam para os seus leitores. Ele tem um público cada vez mais numeroso.

Diante de tal êxito crescente, é imperioso o desejo de se querer descobrir as

(Conclui na pag. 57)



Malba Tahan



★ OS "BEST-SELLERS" DO MÊS ★

PARA orientação de nossos leitores, oferecemos, aqui, a estatística dos livros mais vendidos no último mês em nossa Capital, através do serviço de informações que mantemos com as nossas principais livrarias: Belo Horizonte, Cor, Cultura Brasileira, Francisco Alves, Inconfidência, Minas Gerais, Oliveira Costa, Pax e Rex:

- 1.^o — *Entre o amor e o pecado* — romance — Kathleen Winsor — Editora Assunção.
- 2.^o — *Nossa vida sexual* — divulgação científica — Fritz Kahn — Editora Civilização.
- 3.^o — *Amar foi a minha ruína* — romance — Ben Amed Williams — Editora Universitária.
- 4.^o — *Nunca é tarde* — romance — Rachel Field — Livraria Civilização Brasileira.
- 5.^o — *Como venceram os grandes homens* — biografias — Dale Carnegie — Editora Dupolo.



BEBIDA Diplomática...

Onde quer que se encontre o CAFÉ promove logo um ambiente de cordialidade. E' o diplomata por excelência nas reuniões de gabinete ou no seio das mais humildes famílias. Mas CAFÉ diplomata só é o "CAFÉ FINO" sem mistura, preparado tecnicamente no



PUBL. ARAUTO

RUA RIO DE JANEIRO, 390
ESQ. TUPINAMBÁS

Ao fazer as suas compras, tenha em vista que um produto muito anunciado é necessariamente um bom produto. E recuse as marcas desconhecidas.

ORQUIDEAS

"Laelia Purpurata" — a rainha das selvas do sul — flores enormes de sépalas e pétalas brancas ou rosadas — labelo purpúreo.

— planta escolhida — Cr\$ 30,00 — porte e embalagem (caixeta de madeira) já inclusos. — José R. Amaral Junior — Caixa Postal, 154 — CAMPINAS — E. S. Paulo.

DÔR de DENTE?
CERA
Dr. Lustosa
INOSENSÍVEL - INFALÍVEL!

MUITO se falou durante a última guerra no importante papel desempenhado pelos artistas do teatro para manter alto o moral das tropas aliadas, divertindo-as em períodos de estagnação e inatividade aparente. Na Inglaterra e nos Estados Unidos, companhias de bailado, de comédia e de variedades faziam a volta dos acampamentos militares, muitas vezes localizados em pontos isolados, longe dos grandes centros urbanos. Outros elencos não hesitavam em atravessar o oceano infestado de minas e submarinos inimigos para levarem aos soldados e marinheiros que lutavam em pleno Pacífico em condições particularmente difíceis, um pouco de alegria e de conforto moral.

Logo atrás da linha de fogo, em tôdas as frentes de luta desta segunda guerra mundial — muito mais "mundial" ainda do que a primeira — comediantes, músicos, dançarinos, cantores, homens e mulheres, arriscavam a vida para encorajar com a sua arte os irmãos em armas e as irmãs usando a farda das forças auxiliares femininas.

Entretanto, ninguém se lembrou ao que me parece de que em 1945 transcorria o bi-centenário do "teatro de guerra" — se é que este termo pode ser aplicado ao teatro para as forças armadas. Foi, de fato, em 1745 que, pela primeira vez, um grande general encarregou um célebre casal de atores de organizar, no seu quartel-general, durante uma árdua campanha militar, um teatro para os seus soldados.

Aquêle general era o famoso Maurício de Saxe que guerreava então em Flandres sob a bandeira do rei de França. Os artistas por ele escolhidos chamavam-se Monsieur e Madame Favart e eram bem conhecidos e muito apreciados pelo público parisiense. Eram recém-casados.

Justina Cabaret du Ronceray fôra contratada poucos meses antes para a Opéra-Comique da qual Favart era diretor. Era êle, ademais, autor da obra "Fêtes Publiques" na qual a jovem Justina estreitou, sob o pseudônimo de Mademoiselle Chantilly, com estrondoso sucesso. Favart, encantado, pediu a mão de sua intérprete. Mas, pouco depois do casamento, a Opéra-Comique devia fe-

char suas portas, e a companhia de Favart passou a perambular de um teatro para outro, numa existência irrequieta e incerta. Assim foi que Favart muito se alegrou com a oferta do marechal de Saxe:

"Já que me deram sôbre o Senhor informações muito vantajosas", escrevia-lhe êste grande capitão, "dou-lhe a preferência para outorgar-lhe o privilégio exclusivo da minha comédia. Tenho certeza de que o Senhor fará tudo o que puder para torná-la florescente. Não acredite, porém, que eu veja nela apenas um objeto de mero divertimento de operações militares; ela entra nos meus cálculos políticos e no meu plano de operações militares.

Vou instruí-lo quando fôr preciso, do que o Senhor tem de fazer nesse sentido. Conto com a sua discreção e a sua exatidão."

Justina Favart tinha apenas dezoito anos quando seu espôso assinou o contrato com Maurício de Saxe e foi para Bruxelas com tôda a sua "troupe" da qual ela era a figura principal. A estréia foi das mais auspiciosas. Favart tinha o gênio da improvisação e era um ótimo organizador, duas qualidades indispensáveis na vida errante que começava. Raramente representavam duas vezes seguidas na mesma cidade. Em Antuérpia os maquinistas acabavam de aprontar o palco quando veio a ordem de partida, sem que o espetáculo se pudesse realizar. Em Liege os artistas foram obrigados a fazer suas malas logo depois de baixar o pano, saindo da cidade de quatro horas mais tarde, na madrugada, sem ter tempo para dormir; o mesmo se deu, no dia seguinte, em Louvain. E cada vez era preciso desfazer tôda a montagem, arrumar os cenários, enrolar telas, dobrar os trajes amassando-os nas malas, amontoar em caminhões madeiras, bancos, instrumentos de música... tudo isso sem falar nos atores e nas atrizes que estavam nervosos e exaustos, prêsas de pavor quando iam ter em pleno campo de batalha, em meio do troar dos canhões e dos gritos dos feridos — o que acontecera mais de uma vez.

O marechal de Saxe fornecia carruagens, cavalos, homens armados para a escolta. A's vezes também viajavam em navios. As viagens estavam longe

UMA PRECURSORA:

Madame Favart

TEXTO E DESENHO DE OLGA OBRY



de ser confortáveis, e as escadas ofereciam um descanso precário. Aos poucos, porém, a gente da ribalta ia se acostumando com a vida guerreira, ao ponto de alugar cavalos de montaria para as damas e os cavalheiros irem ver as batalhas de perto, tornando-se por sua vez espectadores. Tudo isto não impedia ser a disciplina teatral tão rígida quanto a disciplina militar: as récitas principiavam na hora certa desenvolvendo-se sem atritos diante de platéias à cunha: Madame Favart, aliás Mademoiselle Chantilly, era a alma do conjunto. Sem ser muito bonita, era extremamente viva e graciosa, dona de um "esprit" bem parisiense. Um dia, depois de uma breve trégua, Maurício de Saxe mandou que o diretor do teatro anunciasse uma batalha para o dia seguinte. Logo depois do fim do último ato Justina voltou ao palco para inclinar-se diante da assistência que batia palmas freneticamente e parando frente ao pano já fechado, cantou com a sua voz linda e puríssima uma improvisação esboçada na mesma hora pelo marido:

"Nous avons rempli notre tâche;
Demain nous donnerons relâche;
Guerriers, Mars va guider vos pas;
Que votre ardeur se renouvelle:
A des intrépides soldats
La victoire est toujours fidèle.
"Demain bataille, jour de gloire;

*Que dans les fastes de l'histoire
Triomphe encore le nom français,
Digne d'éternelle mémoire!
Revenez, après vos succès,
Jouir des fruits de la victoire."*

No dia seguinte, 11 de outubro de 1746, o exército do marechal de Saxe lograva uma vitória brilhante, desbaratando as tropas do príncipe Carlos de Áustria, nas vizinhanças de Raucoux. À noite, os soldados e oficiais vitoriosos assistiam a um novo espetáculo da Companhia Favart, acolhendo-a com longos aplausos. E' curioso constatar que Maurício, vencedor magnânimo, não hesitava em emprestar, de vez em quando, seus comediantes aos próprios adversários. Nestes casos, o elenco inteiro recebia salvo-conduto para atravessar as linhas dirigindo-se ao acampamento inimigo.

As hostilidades entre franceses e austriacos eram suspensas, por um acôrdo comum, até a sua volta. Será que tais esquisitas "tournées" eram aproveitadas pelo dono da companhia para uma hábil propaganda tal como se faz hoje em dia pelo rádio, na chamada "guerra das ondas"? Seja lá como fôr, ninguém, do outro lado da barricada, suspeitava um ardil neste ato de cortesia.

O êxito militar da companhia Favart durou mais de dois anos. Seu fim teve razões nada militares: desde o início, uma complicação imprevista — embora fôsse fácil prevê-la para quem conhecesse o temperamento do belo Maurício — vinha atrapalhar as já tão di-

fíceis atividades de Favart: o patrão namorava sua esposa e andava sempre à procura de ocasiões para ficar a sós com o objeto de sua paixão. Justina recuava habilmente, evitando com cuidado todo escândalo e toda possibilidade de briga entre o esposo, a quem amava sinceramente, e o ardente admirador que desejava afastar sem provocar-lhe ciúmes e raiva. Em 1748 ela não aguentou mais esta situação equivocada e foi refugiar-se em Bruxelas na casa de sua amiga a duquesa de Chevereuse, fugindo não tanto aos rigores do deus Marte, que havia estoicamente suportado, quanto às astúcias do pequeno deus alado que ameaçava constantemente seu amor conjugal com as suas flechas perigosas.

Depois de breve estadia em Bruxelas, Madame Favart voltou a Paris, de onde mandou ao "empresário" implicante um certificado médico que a livrava do contrato sob pretexto de saúde.

Para Favart, que não tardou a seguir sua mulher, foi mais difícil escapar à furia do amo abandonado. Ele teve que esconder-se durante vários meses em Paris, sempre perseguido pelos homens que Maurício de Saxe havia mandado para pegá-lo e trazê-lo de volta. Decorreram vários anos até que — já morto Maurício de Saxe — ele conseguiu reformar sua companhia e reiniciar suas atividades teatrais em Paris, como dantes primorosamente auxiliado pela fiel Justina.

De MÊS

Uma linda cantora argentina, dizem os jornais, acaba de vender uma casa para comprar perfumes para o seu uso pessoal.

Ninguém entende esta vida
Tão vária, tão desigual,
Por isso a gente duvida
Se ela fez bem ou fez mal.

Muitos homens se deslumbram
Com os ouropéis e afinal,
Riquezas há que perfumam,
Outras há que cheiram mal.



Verificou-se, no último pleito, que a mulher brasileira se interessa pelas campanhas eleitorais.

Por entre as urnas perpassa

E, na arena, se mantém
Com o prestígio da sua graça
E da sua lábia também.

Eva, na luta, sem medo,
Sabe o perigo afrontar,
Nem mesmo guarda o segredo
Do voto que ela vai dar.



Segundo uma estatística publicada no Paraguai, as maiores fortunas dali estão nas mãos de homens pouco cultos ou mesmo analfabetos.

Sem ironias ou insultos,
Chega-se ao fim verdadeiro:
Enquanto sonham os cultos,
Os outros juntam dinheiro.

Dize logo com franqueza
Se rico ou pobre tu és:
— No mundo, apanha a riqueza
Quem corre com quatro pés



O MÊS

Guilherme Tell

Acaba de morrer, na Bahia, um bigamo que viveu 13 anos em harmonia com suas espôsas.

Com duas espôsas belas
Foi feliz corao ninguém...
Não diz a nota se elas,
Juntinhas, viviam bem..

São espôsas compassivas
Essas que a sorte lhe deu;
Mas as duas estão vivas
E o homem feliz morreu...



Os criminosos de guerra alemães davam, de presente, aos estrangeiros, judias lindas e instruídas.

Homens máos, consciências frias,	Sem pilhéria e sem chalaça,
No apuramento da raça,	Apenas verdade justa:
Ofereciam judias	— A mulher que vem de graça
De graça ou mesmo por graça.	E' a que mais caro nos custa...



...SEDAS e PLUMAS...

A gentil e encantadora senhorita resolveu, por ser pobre, entrar num concurso, candidatando-se a um lugar de seiscentos cruzeiros mensais. Entre as matérias exigidas pelo edital, figurava a matemática, disciplina terrivelmente exata e indigesta para os cérebros delicados. Era necessário um professor, e a garota não dispunha de meios para contratar um bom mestre. Por felicidade sua, um moço engenheiro se ofereceu para servir de guia à pequena na selva selvagem dos números. Combinou-se o horário, sala de aulas, método de ensino e tudo mais.

Logo nos primeiros dias deu-se o inevitável mestre e aluna se apaixonaram. Antes de chegar ao capítulo das frações, a graciosa discipula se esqueceu do concurso e o jovem professor não se utilizava mais do giz nas suas explicações. As horas de aulas se transformaram em longos e doces idílios, sem cifras, sem problema, sem equações. E tudo correu tão bem, que no dia exato do concurso a aluna foi pedida em casamento pelo mestre, e, como o jovem é rico, a candidata não compareceu às provas marcadas para as nove horas da manhã. Justamente a essa hora, os dois, em automóvel, faziam um passeio e gozavam as delícias da vida. O Estado perdeu uma excelente funcionária, mas a pátria, tudo faz crer, terá, em breve, novos soldados robustos e valentes...



O salão elegante de madame X é um verdadeiro necrotério. Ali se reúnem jovens e matronas, hábeis bisturéis que cortam e recortam reputações, almas, honra e tudo mais. Homens e mulheres levados para aquela sala saem reduzidos a cacos.

Há dias assistimos ali ao esquiteamento de uma linda moça. A operação foi feita com a habilidade de sempre, mas o espetáculo deixou-nos consternados. O nome da jovem foi lançado na arena por uma velha cheia de anéis e de malícia:

— Há muito tempo que não vejo N., como vai ela?

Uma moçoila que lá Pitigrilli e discute Freud, respondeu, com vivacidade:

— Está ainda percorrendo consultórios médicos em busca de uma moléstia.

E uma outra:

— E' uma manja como outra qualquer. Apenas estranho que ela deteste os velhos clínicos, naturalmente mais experimentados e hábeis. Só procura médicos jovens e, se possível, solteiros...

Uma trintona sabidíssima, com um sorriso perverso, mostrando três pivôs e uma corôa, retrucou:

— E' um processo tolo que nunca deu resultados. Sistema só usado por jovens inexperientes. Os médicos não caem...

Uma morena com ares piedosos, acrescentou:

— E' possível que frequente os consultórios sem segundas intenções. De fato, ela tem uma bela plástica. Mas isso não é tudo...

A senhorita que gosta de livros complicados, observou:

— Freud explica o caso. Há jovens que frequentam os consultórios médicos à procura de sensações. Um exame completo, com auscultações, toques aqui e ali, perguntas indiscretas, tem uma grande influência sobre os nervos das mulheres. E quando o clínico é jovem e delicado, chega a ser uma delícia...

Quando a moça fazia a sua preleção, ouvida atentamente pela roda, uma criada entrou na sala trazendo refrescos. A bebida calmante apareceu na hora exata...



NO baile elegante, rapazes e moças comentavam a vida romanesca de um homem já grisalho, conhecido pela sua galanteria. E' estranho, observavam, que um senhor daquela idade possa provocar paixões. Ele não é rico, dizia uma, não ocupa alta posição na sociedade e, no entanto, sei de várias mulheres que o amam apaixonadamente.

Uma senhora inteligente, que ouvia a conversa, esclareceu:

— De fato, os jovens acreditam que só a mocidade pode amar. E' um engano. Abram a história. Os homens fatais são quase todos maduros. Têm a sabedoria da experiência, conhecem vários tipos de mulheres. Sabem o que agrada a cada uma. Fazem a declaração na hora certa. E, além disso, os cabelos brancos, lhes dão um certo encanto que os jovens não compreendem. O moço é, em regra, indiscreto. O velho, ao contrário, não sai pelos cafés a apregoar suas conquistas.

Esse que vocês vêem, tem tido mais aventuras que Casanova, e, todas aquelas que o amaram, têm certeza de que ele não a revelará o segredo. Madame não disse mais com receio de se trair. Há vinte anos passados, ela teve uma profunda paixão por aquele homem grisalho que ainda hoje, incendeia corações...





Parfume

PARIS

*o suave desdobramento
da personalidade feminina*

Coty



Cartas dos ESTADOS UNIDOS



por HUBERTO ROHDEN

O "GRAND COULEE DAM" - ESTUPENDA OBRA DE ENGENHARIA

VIAJANDO pela "Northern Pacific Railroad" rumo oeste, cinco dias depois de deixar Chicago, e um dia antes de atingir Portland, no litoral do Pacífico, pernoitei em Spokane, que é uma espécie de Petrópolis multiplicada por três. Fica mais ou menos à mesma altitude da nossa pitoresca cidade serrana e tem 150.000 habitantes. Fim de julho, que é pleno verão, encontrei em Spokane uma temperatura primaveril durante o dia, e quase hibernar durante a noite.

No dia seguinte tomei o ônibus, que, em menos de três horas, através de intermináveis trigais, me levou à maior obra de barragem do mundo, o célebre "Grand Coulee Dam". Antes de dizer algo dessa gigantesca obra de engenharia no planalto vulcânico do noroeste americano, chamo a atenção do leitor para um ponto que muitos ignoram. Também os Estados Unidos lutam com o problema das secas, com a diferença, apenas de que esse flagelo assola, não o nordeste, mas o noroeste deste país. A área atingida é um extenso planalto de milhares de quilômetros quadrados, de formação vulcânica, como se depreende do abundante pedregulho e das vastas aglomerações, que cataclismos prehistóricos arremessaram à superfície do globo. Terras de formação vulcânica são, geralmente, áridas, sendo

por isto tidas por estéréis ou frácas, quando em geral são muito férteis e próprias para certas culturas. Lembro-me do delicioso vinho "lacrime Christi" e outros, produzidos nas dependências do Vesúvio, onde o solo é saturado de detritos de cinza e lava. As plantas necessitam de determinados sais, e estes são encontrados em certos resíduos vulcânicos, dissolvidos pelos agentes climáticos e hidráulicos.

Através dos ditos planaltos norte-americanos cavou o rio Colúmbia o seu leito, vindo das montanhas do Canadá e demandando o Oceano Pacífico ao oeste de Portland. Onde as camadas inferiores são excessivamente duras, as águas da torrente roeram passagem em sentido mais ou menos horizontal; onde as ribanceiras lhes opõem forte resistência, descem, pacientes e irresistíveis, para o fundo do solo, excavando poços e gargantas estreitas, por vezes de enorme profundidade. Sendo que essas águas vêm das alturas geladas do Canadá, apresentam cor verde-escura, a mesma coloração característica das célebres cachoeiras do Niágara, que visivelmente há poucos dias.

A uns 270 quilômetros ao oeste de Spokane passa o Colúmbia River entre montanhas escarpadas, e nesse ponto resolveu a engenharia americana captar-lhe as verdes águas e obrigá-las a prestar serviços de incalculável valor. A guerra retardou as gigantescas obras de represagem, mas o que está feito é estupendo e dá idéia do que vai ser, daqui a pouco, essa maior obra de barragem do mundo.

Em companhia de um dos engenheiros, percorri de automóvel e a pé, todos os setores internos e externos do grande dique de Grand Coulee. À luz dos seguintes dados estatísticos pôde o leitor formar idéia da amplitude da obra. A muralha de cimento armado que corta o leito do rio mede, no fundo, 1.000 (mil) metros, e no alto 1.440. A espessura dessa muralha é de 166 metros na base e 10 na crista. A sua altura é de 182 metros, represando águas com a profundidade de mais de 100 metros. À margem esquerda do rio, do lado inferior da barragem, erguem-se a casa das turbinas e demais instalações hidrelétricas. As turbinas, em funcionamento ou prestes a entrar em atividade, são seis, tendo cada uma diversos metros de diâmetro. A usina toda tem 11 andares, sendo 8 subterrâneos, e 3 acima do nível da terra. Elevadores, alguns com capacidade de 6.000 quilos, sobem e descem através do vasto complexo de aço e cimento. Lá no fundo, meridianamente iluminado, mal se ouve o som da própria voz, tão intenso é o roncar e sussurro das gigantescas turbinas em perpétua atividade. Uma vez ultimada, produzirá essa usina uma corrente elétrica de 2.700.000 cavalos-força, ou seja 1.944.000 kilowatt, economizando diariamente nada menos de 1.100 vagões de carvão de pedra, que seriam necessários para produzir idêntico potencial de energia elétrica.

Mas não é tudo. Grande parte da força hidráulica represada não é aproveitada para acionar as



Moderno Fixador

LOÇÃO FIXADORA
HERÚ

Reunindo qualidades técnicas insuperáveis, a LOÇÃO FIXADORA HERÚ perfuma delicadamente, fixa, dá brilho e não engordura os cabelos.

A LOÇÃO FIXADORA HERÚ não suja, não mancha nem estraga os chapéus.

BELO HORIZONTE: Herú Pimentel & Cia. - C. P. 242
RIO J. R. de Almeida & Filhos - C. P. 3485
CAMPOS M. O. Manhães & Cia Ltda. - Rua Carlos de Lacerda, 11.

turbinas, lá nas profundezas da terra, escoando por cima da muralha da barragem. Este excesso vai ser aproveitado, futuramente para serviços de irrigação, abrangendo uma área de uns 960.000.000 de metros quadrados, e transformando os atuais desertos de pedregulho em paraísos de verdura e fertilidade.

Foram empregados na construção da referida barragem 12.000.000 de barris de cimento, 19.000.000 de quilos de aço em chapa, e 38.000.000 de quilos de ferro em barra. As custas totais montam a 200.000.000 de dólares, ou seja uns 4.000.000.000 (quatro bilhões) de cruzeiros.

*

Não faltam ao "Grand Coulee Dam" elementos de notável beleza e estética. A queda das águas, de mais de 100 metros de altura por quase 1.000 de largura, é dividida em 10 grandes lençóis correspondentes aos 10 arcos que correm por cima da muralha, servindo de suporte a uma larga ponte ou estrada que liga as duas margens do rio. As 10 pilastras dêesses arcos dividem em outras tantas partes as águas em queda oblíqua, as quais, mais abaixo, tornam a unir-se em um único lençol, formando magníficos relevos de espumejantes saliências. A parte superior dêesse enorme lençol, depois de transbordar pela muralha, desliza suavemente sobre um plano inclinado, qual enorme placa de vidro ou de gelo verde-escuro. Daí a mais uns metros, abandona a sua placidez glacial e, acelerando sucessivamente o curso, se arremessa em vasta parábola ao seio rochoso do lago inferior, de cujas misteriosas profundezas borbulham fantásticamente as águas que os tubos das turbinas lançam impetuosamente à superfície do lago. Confundem-se as torrentes de cima com as de baixo, formando indescritível epopéia de força e beleza, estranhas cúpulas de neve, montanhas de espuma, geysers de leite e enormes esguichos de água, como os que saltam das fauces borbulhantes do Niagara. Por cima dêesse fantástico mar de neve em ebulição arqueia-se a mirabolante fatamorgana do arco-íris formado pelos raios solares ao refletir-se na subtil poeira da água que sobe constantemente aos ares.

*

Não sei até que ponto o nordeste brasileiro oferece semelhança topográfica com o noroeste americano; igroro se é possível realizar, em nossas zonas periódicamente flageladas pelas secas, obra igual a que o governo estadunidense está cometendo aqui. Pode o problema de irrigação ser mais difícil entre nós, por falta de um rio de águas perenes em suficiente altitude.

Mas outro aspeto, o da eletrificação em larga escala, está a desafiar a iniciativa dos nossos poderes públicos e a capacidade dos nossos engenheiros. Mesmo sem falar em "Paulo Afonso" e "Iguassú", temos, no vasto território nacional, centenas de poderosas quedas d'água, mais que suficientes para fornecerem energia elétrica a toda a indústria nacional e eletrificação de todas as linhas ferroviárias. Há séculos que essas inesgotáveis fontes de energias despejam inutilmente a sua enorme potencialidade hidráulica — quando o Brasil inteiro vive a clamar por combustíveis para alimentar a sua indústria e seus transportes. A natureza brasileira, incomparavelmente fecunda e pródiga, está a oferecer-nos as suas riquezas — e os brasileiros não estenderam ainda o braço para se apoderar dêesses tesouros... Se uma única cachoeira, como a do Grand Coulee, com meia dúzia de turbinas, pode fornecer milhões de kilowatt e economizar diariamente mais de mil vagões de carvão, porque não poríamos, enfim, a serviço da nossa indústria, em larga escala, as energias perenes que a natureza está a oferecer com tanta liberalidade, através de todas as latitudes e longitudes do território nacional?



Empolgante aspecto das obras da grande usina do Grand Coulee Dam, perto de Spokane, Estado de Washington.

É certo que a construção de barragens e usinas exige grandes trabalhos e despesas, mas estes são de preferência iniciais, ao passo que o rendimento é contínuo e sem grandes despesas ulteriores. Quanto custam 1.000 vagões de carvão diários? ou seja 365.000 carros de carvão por ano?...

Abalisados engenheiros e experts americanos opinam que o futuro da indústria humana não está no terreno do carvão e da gasolina, mas, sim, da eletricidade gerada pelas forças hidráulicas do globo. As jazidas de combustíveis, por maiores que sejam, são finitas e se esgotarão em tempo determinado, ao passo que as potências hidráulicas são praticamente infinitas e inesgotáveis — enquanto o nosso planeta não tiver toda a superfície nivelada, como dizem acontecer com o planeta Marte, onde não parece haver rios nem cachoeiras, mas tão somente lagos e canais em eterna placidez. Até que nossa terra, com todos os seus Himalaias, Andes, Alpes, Pireneus, Carpatos e mil outras cadeias de montanhas, chegue a êsse nivelamento total, lá se irão muitos séculos e milênios, e dos nossos ossos não haverá o mais ligeiro vestígio sobre a face do globo — a não ser que alguma fíbia ou uma abobada craneana tenha a sorte de se petrificar no fundo da terra, oferecendo aos geólogos ou paleontólogos dos séculos 100, 1.000 ou 100.000, interessante assunto de estudo e discussão...

Até lá, aproveitemos o que a Natureza nos oferece de útil e belo — e façamos os brasileiros à imagem e semelhança do Brasil...

São Francisco da Califórnia, agosto de 1945.



FABIO

Irmão Francisco e a lagarta

OSCAR MENDES

IRMÃO FRANCISCO estava pronto para pôr-se a caminho. Terminara suas orações e sentia agora o coração todo entumecido e abrasado de amor a Deus, capaz de transmitir às palavras do irmão, que iria pregar, aquela mesma alegria e aquele mesmo ardor de que se achava possuído.

Despediu-se fraternalmente de Irmão Elias, lançou um olhar de ternura à sua querida Porciúncula, onde seus irmãos de hábito se entregavam, a essa hora, a suas obrigações e afazeres, e desceu para a estrada, dirigindo-se à cidade próxima.

Lá o esperavam aqueles que ansiavam por ouvir de seus lábios as palavras de amor e salvação.

Não lhes diria coisas difíceis de compreender, nem lhes descreveria os horrores infernais, para abalar-lhes o espírito e amolecer-lhes os corações. Não estivera a compor belas frases, mas pensara em Deus, na sua bondade, na sua misericórdia, na generosidade com que enriquecera a terra de dons e na equanimidade com que os distribuira a todos, indistintamente. Os homens, porém, na sua cobardia e no seu egoísmo, haviam criado as desigualdades e os privilégios. Deixaria que o coração borbotasse os louvores ao Criador e às suas criaturas e estaria certo de que encontraria eco e compreensão em todas as almas, ávidas de um pouco de alegria e de felicidade.

A caminhada pela estrada, entre árvores, flores, cantos de passarinhos, sob o céu azul e o belo tépido do sol da manhã, lhe encheria a alma de alegria e de seus lábios haveriam de brotar os cânticos de louvor ao Criador, derramando-se, como um bálsamo miraculoso, nas almas dos humildes e dos sofredores.

Irmão Francisco aspira fundamente o ar matinal, todo fragran-

te de erva molhada e dos perfumes vários com que as flores retribuía a carícia morna do sol. A aragem viva soprada dos montes lhe esperta o sangue nas veias. O céu é tão azul e o sol esplende tão límpido e aquecedor que Irmão Francisco não resiste ao convite maravilhoso. Põe-se a cantar, como nos tempos de sua louca mocidade em Assis, com aquela efusão de coração e aquela trovadoresca harmonia que herdara de sua mãe provençal. Seus pés, afeitos às jornadas longas e poeiras e às subidas íngremes sobre seixos agudos e escorregadios, aligeiram-se no andar, ao ritmo da canção. O vento acaricia-lhe, brincalhão, a barba intonsa e os cabelos despenteados.

Irmão Francisco fita, com amoroso e grato júbilo, a face ainda não coruscante do Irmão Sol, tão belo, tão radiante, tão cheio de esplendor. Vê com que generosa liberalidade transforma as humildes gotas de orvalho em cintilantes gemas irisadas e compara-o a um reflexo da imensa e inexgotável liberalidade divina.

Detém-se, por vèzes, Irmão Francisco na estrada para curvar-se sobre uma touceira de capim e saudar a Irmã Flor, tão escondidinha, tão humilde, no seu refúgio verdeengo. Sorri-lhe, enternecido, diante de tanta modestia e de tanta beleza.

Chama-lhe depois a atenção, num socavão entre pedras, a atividade madrugadora duma aranha, a tecer, afanosa, sua tela. E sorri, com a mesma embevecida ternura, para a habilidade e a presteza da laboriosa Irmã Aranha, tão feia, coitada, com aquela barriga mole e aquelas pernas peludas.

Continua a andar! Dos ninhos, entre ramos, chegam-lhe aos ouvidos pípiolos de filhotes e cânticos alvigeiros das mães, enquanto os papais esvoaçam, atarefados, ganhando a vida. Aquêles chilreios e pípiolos parecem-lhe saudações amigas e Irmão Francisco aviva o andamento da canção, para que tenha o acompanhamento gratuito daqueles trefegos cantores sem escola.

Irmão Francisco acena-lhes, agradecido, lembrando-se, por contraste, daquelas andorinhas gritadeiras que, em Alviano, haviam um dia parado, a seu pedido, a algazarra, para que êle pudesse pregar a palavra de Deus. Ao baixar a vista sobre o caminho, vê que algo se move na areia fúlvula, bem junto a seus pés. Detém-se a tempo de não esmagar aquela vida rastejante. Agacha-se, para ver mais de perto o imprudente animalzinho que tão lentamente ia atravessando a estrada. Era uma lagarta molenga e peluda, cujo corpo ondulava no coleio desgracioso, como água encrespada por um vento forte.

Irmão Francisco curva-se mais sobre a lagarta e diz-lhe, em tom de afetuosa censura:

— Que imprudência, Irmã Lagarta! Atravessando assim sózinha uma estrada. Não vês o perigo que corres? Eu poderia ter-te esmagado, se não te houvesse visto a tempo. Vais tão devagar e tão a descoberto que qualquer um dêsses pássaros, à busca de alimento para a filhotada, seria capaz de levar-te no bico, para regalo dos seus. Ou talvez algum menino mau te apanharia para torturar-te e depois esmagar-te, quando se cansasse de brincar à tua custa.

A lagarta parara e parecia escutar com atenção as palavras carinhosas do frei. Não era tão feia assim. Havia no seu dorso uns desenhos caprichosos e o pêlo tinha um colorido veludoso, semelhante a uma penugem de pintalhão. E até mesmo aquêles coleios, que parecera desgracioso à primeira vista, obedecia a um ritmo que lembrava leve ondular de flâmula ao vento.

Irmão Francisco pensou em como se pode encontrar beleza até numa lagarta, repulsiva para os distraídos e para os que não sabem contemplar as maravilhas de Deus. Condoeu-se, ao mesmo tempo, daquela fragilidade tão só e tão abandonada, entre tantos perigos e ameaças de morte. Talvez não conseguisse a coitada atravessar a salvo aquele trecho de es-

(Conclui na pag 95)

Quina Petroleo ORIENTAL,
finamente perfumada, fixa o pen-
teado, evita o embranquecimento
prematureo, extingue a caspa e com-
bate todos os parasitas capilares.



Quina Petroleo ORIENTAL

A VIDA DO CABELO!

À VENDA EM TODO O BRASIL

P. Ferraz

Banco do Brasil S. A.

O maior estabelecimento de crédito do País
Matriz no RIO DE JANEIRO

Agências em todas as capitais e cidades
mais importantes do Brasil e correspon-
dentes em todos os países do mundo.

DEPÓSITOS COM JUROS

(sem limite) a. a. 2 %

Depósito inicial mínimo,
Cr \$1.000,00. Retiradas li-
vres. Não rendem juros
os saldos inferiores àque-
la quantia, nem as contas
liquidadas antes de de-
corridos 60 dias a contar
da data da abertura.

DEPÓSITOS POPULARES

(Limite de Cr \$10.000,00)

a. a. 4 %

DEPÓSITOS LIMITADOS

(Limite de Cr 50.000,00)

a. a. 3 %

DEPÓSITOS A PRAZO FI-

XO:

Por 6 meses a. a. 4 %

Por 12 meses a. a. 5 %

DEPÓSITO COM RETIRA-

DA MENSAL, DA REN-

DA, POR MEIO DE CHE-

QUES:

Por 6 meses a. a. 3½ %

Por 12 meses a. a. 4½ %

DEPÓSITO DE AVISO PRE-

VIO:

Para retirada mediante

aviso prévio:

De 30 dias a. a. 3½ %

De 60 dias a. a. 4 %

De 90 dias a. a. 4½ %

Depósito mínimo inicial —

Cr \$1.000,00.

LETRAS A PREMIO:

Selo proporcional. Condi-

ções idênticas às do De-

pósito a Prazo Fixo.

O Banco do Brasil faz todas as

operações bancárias. Desconta, às

melhores taxas do mercado, dupli-

catas, letras de câmbio e promissó-

rias. Realiza empréstimos em

conta corrente garantida. Efetua

cobranças. Promove transferências

de fundos, etc., e presta assistên-

cia financeira direta à agricultura,

pecuária e às indústrias, por inter-

médio da Carteira de Crédito Agri-

cola e Industrial, com os seguin-

tes fins:

a) — custeio de entre-safrá; aquisi-

ção de sementes;

b) — aquisição de máquinas agri-

colas e animais de serviço

para trabalhos rurais;

c) — custeio de criação;

d) — aquisição de reprodutores e

de gado destinado à criação

e melhora de rebanho;

e) — aquisição de matérias pri-

mas;

f) — reforma ou aperfeiçoamento

de maquinaria das indús-

trias de transformação;

g) — reforma, aperfeiçoamento ou

aquisição de maquinaria para

outras indústrias que pos-

sam ser consideradas genui-

namente nacionais pela uti-

lização de materiais primas

do País e aproveitamento de

seus recursos naturais, ou

que interessam à defesa na-

cional.

Os interessados obterão na Agên-

cia de Belo Horizonte, com maior

presteza, todos os informes de que

possam carecer com referência a

tais operações.

Agência em Belo Horizonte - RUA ESPÍRITO SANTO

O ESTRANHO CRIMINOSO

Lúcia Machado de Almeida

UM HOMEM, que pelos modos e
trajes era novo na cidade,
visitava o majestoso prédio da
Câmara e cadeia de Ouro Preto,
naquele começo do século XIX.
Seu vulto pequeno quase desapare-
cia entre os enormes pilares e
colunas feitos com a pedra ama-
relo-rosa do Itacolomi.

Um guarda acompanhava-o
através dos salões enormes, ex-
plicando detalhes da construção
da casa.

— Vamos descer ao primeiro
andar, disse ele. Talvez lhe inte-
resse ver a parte onde funciona
a cadeia.

— Claro, disse o visitante, se-
guindo-o.

Atravessaram corredores som-
brios e viram as celas separadas
uma das outras por grossas pare-
des.

— Esse está aqui há dois anos,
disse o guarda, mostrando-lhe
através das grades, um homem
mal encarado, sentado num ban-
co. Ficará preso até ao fim da
vida. Matou dois fazendeiros para
roubar. Esse fez isso, esse fez
aquilo, continuava o guarda, ex-
plicando os crimes dos prisione-
ros.

Chegaram até a uma grande es-
cada de pedra. Debaixo dela, num
vão, havia um cubículo escuro. A
única abertura consistia numa
pequena janela, de tamanho ape-
nas suficiente para dar passagem
a uma cabeça humana.

— Credo! A solitária! exclamou
o guarda, fazendo o sinal da cruz.

Aquilo causava mesmo pavor.
Nenhum ser humano, por mais
sadio que fôsse, jamais conseguiria
sair vivo daquele antro! Sem
luz, sem ar, em contacto com o
chão úmido... Mais valia a pena
ser enterrado vivo e morrer logo...

O visitante, horrorizado, come-
çou a imaginar quanto era cruel
aquêllo castigo.

— Grande deve ter sido o cri-
me dessa pobre criatura, para fi-
car assim encerrada nesse lugar,
disse ele.

— Veja-a, tornou o guarda,
abrindo a janelinha.

O homem olhou para o interior
da cela e divisou um vulto alto,
de pé, com um braço estendido
para cima.

A claridade era pouca, e não se
podia perceber mais nada.

O guarda foi buscar uma lâm-
pada de azeite e, pela pequena
abertura, iluminou o cubículo.

O estrangeiro debruçou-se para
ver e recuou assustado. Ali den-

tro estava o mais estranho dos se-
res! Tratava-se de um homem
grotesco, ricamente vestido com
um traje metálico que faiscava
na luz. O braço direito erguido,
brandia ameaçadoramente uma
lança e o esquerdo segurava um
escudo. E que ar perverso ele ti-
nha! Os olhos eram esbugalhados,
os cabelos e a barba negros e ca-
cheados. Um esquisito chapéu
com plumas cobria-lhe metade da
cabeça, e uma capa de veludo
vermelho bordada a ouro caía-lhe
pelas costas.

Como que magnetizado, o pri-
soneiro continuava imóvel, olhan-
do-os fixamente e empunhando a
ponteguda lança.

— Um louco! exclamou o es-
trangeiro, no auge do espanto.

— Nada disso tornou o guarda,
retirando o lampeão e fechando
a janelinha.

— Sentemo-nos naquêllo banco,
e conversemos, continuou ele.

O visitante ouviu então a histó-
ria do mais estranho hóspede que
a cadeia de Ouro Preto jamais
teve! Uma história que começara,
alguns anos atrás, quando a cida-
de vivia os seus dias de maior
opulência e glória.

*

A noite descia sobre Vila Rica
e os primeiros lampiões come-
çavam a ser acesos.

Um homem sentado à porta de
uma casa modesta, afinava o seu
violão, depois do dia cheio de tra-
balho.

Dois escravos negros subiam a
ladeira da rua do Ouvidor, carre-
gando uma espécie de tenda, den-
tro da qual se ocultava um mulo-
to de feições deformadas por des-
conhecida enfermidade.

Ao chegarem à Praça princi-
pal de cidade, dirigiram-se ao
Palácio dos Governadores.

O magestoso edifício fazia lem-
brar um castelo, com suas vigias
e guaritas.

— Que desejam? perguntou um
dos guardas fardados de verme-
lho que estavam de ronda.

Ao ouvirem o nome dos recém-
chegados, abriram alas, e um dê-
ies acompanhou os dois escravos
até ao interior do Palácio.

— Antonio Francisco Lisboa!
— anunciou o mestre de cerimô-
nias, introduzindo-os na sala de
honra, onde o Governador das Mi-
nas Gerais, Bernardo de Lorena,
os esperava.

— Benvindos sejam! exclamou
êste, recebendo-os.

DE VILA RICA

● Ilustração de Fábio

— Assentai-vos e ficai à vontade, continuou ele.

Os dois escravos pousaram a tenda no chão, carregaram a esquisita criatura que vinha dentro dela e colocaram-na, com todo cuidado, na poltrona.

Era um homem de pele escura, baixo, rosto congestionado, pés e mãos deformados. Olhava timidamente para os lados e não dizia nada.

— Sabei que sou grande admirador de vossa arte, começou Bernardo de Lorena.

O mulato continuou a fitá-lo em silêncio.

O governador elogiou-lhe os trabalhos nas igrejas de Ouro Preto, e disse que mandara chamá-lo a fim de encomendar-lhe uma imagem de São Jorge, em tamanho natural, para figurar nas procissões de Corpus Cristi.

Sempre calado, o Aleijadinho fez um gesto de assentimento com a cabeça.

Bernardo Lorena soou uma campainha, e segundos depois apareceu o seu ajudante de ordens, José Romão.

Assustado com o aspecto de Antônio Lisboa, o homem soltou um grito de espanto:

— Que criatura horrível! — exclamou ele.

Pela primeira vez então, o Aleijadinho pronunciou algumas palavras naquele lugar:

— Maldito arganaz! murmurou entre dentes, os olhos fuzilando de ódio.

Bernardo Lorena habilmente desviou o assunto, e começou a falar nos púlpitos de pedra-sabão que Antônio Lisboa fizera para a Igreja de São Francisco de Assis.

Terminara a entrevista. Depois das despedidas, Januário e Maurício, os dois escravos, carregaram e seu amo e colocaram-no na tenda outra vez.

Já era noite. Enquanto desciam a rua do Ouvidor, o Aleijadinho meditava nas palavras de José Romão, que tanto o haviam maguado. Homem grosseiro aquele! E que olhar estúpido possuía! Olhar de quem era vazio por dentro e nem mesmo alma tinha! Que diferença fazia que ele, Antônio Lisboa, fôsse um aleijado? Não fôra por culpa sua que fica-

ra assim, não havia de quê se envergonhar, portanto. E que lhe importava isso, se de suas mãos, assim mesmo deformadas, saía a Beleza? Se era verdade que seu corpo se arruinava lentamente, êsse corpo representava a parte menos importante, a parte mais grosseira de sua personalidade. Esta sim, era pura e sensível, grandiosa e nobre... E haveria de ficar gravada na pedra-sabão pelos séculos afora... Mas o estúpido José Romão não via, não compreendia isso. Vingar-se-ia dele muito breve... E de que modo? Ele bem o sabia...

✱

Mal despontara a aurora, os tambores começaram a rufar anunciando a grande procissão de Corpus Cristi.

As ruas de Vila Rica achavam-se cobertas de uma areia fina e branca, que rebrilhava à luz forte do sol. Colchas de damasco de vá-





Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar, para garantir o seu bom humor diário e a saúde de toda sua vida!

"SAL DE FRUCTA"

ENO

rias cores caíam das janelas das casas, e guirlandas de flores naturais entrecruzavam-se no ar, atravessando as ruas de um lado a outro.

Um piquete de cavalaria, tocando clarins, deu início ao desfile, que se dirigia à Igreja Nossa Senhora do Pilar, onde estava sendo celebrada missa solene.

Era deveras imponente o aspecto dos soldados, com suas fardas brancas e vermelhas bordadas a ouro, plumas azuis nos chapéus de feltro.

Seguiam-se os estribeiros em trajes de veludo verde com botões de prata.

Logo depois vinham os doze apóstolos e algumas figuras da Bíblia, vestidas a caráter e seguidas pelo povo que formava duas alas.

Ao chegar perto da Igreja do Pilar, a procissão estacionou,

aguardando a inspeção de São Jorge. A chegada deste foi anunciada por foguetes e pelo soar de centenas de campainhas.

Ei-lo que vinha, precedido pelo seu luxuoso séquito de pagens, trajando veludo encarnado, montados em cavalos brancos, com ferraduras e rédeas de prata! Laços de fitas multicores pendiam dos arrelos e esvoaçavam ao vento.

A imagem de madeira feita por Antônio Francisco Lisboa apareceu, afinal, exibindo um vistoso traje metálico, montada num belíssimo cavalo branco ferrado a ouro puro. De ouro também eram os estribos, freios e bridões.

O santo empunhava uma lança na mão direita e na outra segurava um escudo.

Um pagem de cabelos empoados de ouro, seguia ao lado, puxando

as rédeas de trancelim do mesmo metal.

Súbito ouviu-se um murmúrio entre o povo. O ruído aumentou até se transformar numa só gargalhada.

— José Romão! José Romão! — exclamavam todos.

A figura de São Jorge reproduzia exatamente os traços fisionômicos do ajudante de ordens de Bernardo Lorena! O mesmo ar estúpido de quem não tem alma... A mesma expressão maldosa nos olhos...

A multidão não parava de rir, e José Romão, que estava entre o povo, acabou retraindo-se para casa, furioso.

Antônio Francisco Lisboa estava vingado...

*

— Então é esse o mesmo S. Jorge que acabei de ver na prisão? perguntou o visitante, interessadíssimo. Mas porque o puseram na "solitária"? Que crime fez ele?

O guarda sorriu e explicou:

— Na profissão de Corpus Christi deste ano, o Santo, ao descer a ladeira do Ouvidor, desprendeu-se do selim ao qual estava encaixado, e caiu ao chão.

— E daí? Interrogou o estrangeiro.

— A imagem, em sua queda, atingiu o estribeiro que estava ao lado, matando-o quase instantaneamente.

— Mas como? perguntou o visitante.

— A lança que o santo segurava cravou-se nas costas do pobre pagem, varando-lhe o coração. O senhor Governador resolveu então processar São Jorge, por crime de assassinato e a sentença foi de um ano de cadeia, na solitária...

O visitante soltou uma boa gargalhada e disse:

— Meu amigo, garanto-lhe que em lugar nenhum do mundo jamais houve um prisioneiro desta espécie...

Agradeceu ao guarda por tantas atenções e retirou-se.

Uma neblina muito fina cobria Ouro Preto como um véu sobre uma joia.

*

A VIDA

A vida é um trabalho ou um ofício que invariavelmente temos de aprender. Quando um homem conhece a vida mediante a prova de suas dores, as fibras da sua sensibilidade adquirem um governo autômato e ele chega a ser capaz de dar um ajuste, perfeito às emoções.

Balzac

POETAS E PROSADORES

(CONCLUSÃO)

razões do mesmo. E são muitas. Parece no entanto que a principal é que Malba Tahan ensina a sabedoria em parábolas e lendas. O homem, desde a sua infância e a da humanidade, gosta de aprender por meio de histórias. E' uma das propensões mais fortes e mais constantes do seu espírito. Não foi a-tôa que Cristo nos apostolou por esta forma. Ora, o ilustre escritor brasileiro tem um dedo e um jeito especial para isso. Quando ele começa a contar uma de suas histórias, o leitor vir logo menino, fica de boca aberta e... adeus tempo. Esquece tudo, embevecido. E sai da leitura distraído, contente da vida e com duas ou três verdades, que lhe serviram muito para norma de conduta.

Se acrescentarmos a esta virtude de Malba Tahan o dom da naturalidade, a graça do diálogo e a clareza, que ele tem, teremos explicado, em traços predominantes, os motivos do seu êxito literário. Entrar em outras partes de seu mérito seria alongar esta conversa sem necessidade, porque, o leitor o conhece e o admira. Não é preciso pôr mais na carta. Mas se, por ventura, há por aí alguém que não o tenha lido, compre qualquer número de ALTEROSA e leia-o, porque, de acordo com a promessa dele, vai colaborar constantemente na nossa revista.

Eis a notícia boa que lhe damos, leitor paciente. Deixamo-la para o fim, para fixar uma boa impressão.

LIVROS NOVOS

(CONCLUSÃO)

de Napoleão, exemplo de marido exemplar, amando a esposa com um carinho excepcional. As cartas por ele escritas da frente de batalha revelam um coração extraordinariamente amoroso.

Eis um belo livro para a sensibilidade feminina.

AS MEMÓRIAS GANDHI — Livraria José Olímpio Editora — Rio.

Nada mais digno de atenção do que estas "Memórias de Gandhi", ora editadas pela Livraria José Olímpio na coleção "Memórias, Diários e Confissões". Devem elas suscitar no público um interesse tanto maior quanto imensa é a confusão reinante sobre o verdadeiro sentido das teorias de Gandhi. A figura do hindu semi-nu, com um leopardo nas costas parece ridícula aos olhos dos ocidentais para os quais o traje, o formalismo, a apresentação externa constituem coisas muito importantes.

Estas memórias apresentam subsídio valioso para a história da civilização neste verdadeiro sentido da palavra civilização, que devemos lê-las na excelente tradução de Livio Xavier.

AMORES HISTÓRICOS



NO famoso Museu Beethoven, em Bonn, nas salas amplas que hoje prolongam o humilíssimo sótão em que nasceu o genial artista, entre as inumeráveis recordações que detêm o passo do visitante, junto aos instrumentos de música que Beethoven utilizou, e outros objetos com que amigos procuravam em vão aliviar-lhe a dor da surdez, — uma gravura se impõe como força de evocação irresistível.

Representa uma mulher jovem, de grandes olhos escuros, boca carnuda, madeixas escuras apanhadas pelo toucado complicadíssimo da indumentária neo-clássica, em voga nos princípios do século passado. No retrato, lê-se esta dedicatória: "Ao gênio sem par. Ao grande artista. Ao homem bom. T. B."

Estas duas letras são as iniciais da condessa Terêsa Brunswick, a "amada imortal" de Beethoven, e esse retrato querido é o possuiu consigo até a hora derradeira.

Quando morreu, acossado pelos credores e por uma família ingrata, prostrado no leito miserável pelas dores da hidropisia, uns raros mas dedicados amigos apressaram-se em pôr a salvo das rapacidades frateras uma delicada caixinha da qual Beethoven jamais se havia separado desde os longínquos dias de sua triunfante mocidade nos salões aristocráticos. Essa caixinha guardava três cartas de amor.

"Minha amada imortal.

Releio vossa carta e sinto que vosso espírito vive na música que componho, sonata que nasce do meu espírito à luz desse luar de sonho... Sois a alma dessa música divina, porque não pertenceis à letra, onde os preconceitos anulam os sonhos e arruinam a vida dos que se adoram. Sois o meu anjo nesta terra de dor e sofrimento, e haveis de sentir, através dos anos, quanto profundo é o meu amor por vós..."

A sonata a que Beethoven alude é a "Sonata ao Luar", que enlevou a romântica condessinha cujo amor constituiu o encanto e o desespero do genial compositor.

A música era a virtude ou o vício supremo daquela sociedade a um tempo extremamente impressionável e extremamente frívola. Terêsa aproximou-se de Beethoven como discípula. A música sublime de Beethoven Terêsa amou o homem, — o homem bom, como o considerava, — admirou o artista supremo que ele era, e idolotrou o gênio sem par... E Beethoven correspondeu ao puro amor de Terêsa, amando-a em silêncio, num profundo respeito.

Terêsa era, porém, nobre. E o preconceito de estirpe sobrepujava a todos os sentimentos. E o amor de ambos sublimou-se num platonismo doloroso.

Terêsa sofreu ao devolver-lhe as três cartas de amor que Beethoven lhe escrevera após ter passado o verão na magnífica herdade dos Brunswicks, estada que foi um sonho para ambos.

Beethoven compreendeu o sofrimento da "amada imortal" e guardou as missivas sagradas.

Terêsa Brunswick não esqueceu o genial amado, cuja imortalidade ela sentia na sua música que os havia unido para sempre. E não o esquecendo, não amou outro homem, pois não se casou. Seu espírito foi um dos mais nobres de seu tempo.

Certa vez, no outono de sua vida, acabrunhada pelas calamidades que se espalharam sobre quantos a rodeavam, Terêsa afirmou que "enquanto Schiller escrevesse e Beethoven compusesse, não era possível deixar-se dominar pelo desespero."

Beethoven jamais a esqueceu. E na sua música vive, sutil e aérea a imagem de uma mulher que chora suavemente...

Esparços

VOX CLAMANTIS IN DESERTO

Se peço paz, concórdia e humanidade,
ri-se o mundo das minhas fantasias;
e o monstro cego da animalidade
prepara o abismo das carniçarias.

De nada vale a histórica verdade
nem fala o exemplo de passados dias!
Hão de voltar as mesmas agonias
e as mesmas cinzas da inutilidade.

Mas, mesmo incompreendido, sem um crente,
não me abate a surdez de toda a gente
nem a insânia geral me desconforta.

O mesmo verbo sairei pregando,
como alguém que vivesse articulando
os sons estranhos de uma língua morta.

Edmundo Costa

A ALGUÉM QUE ME QUER...

Florescem rosas, lírios e açucenas
do sol buscando o beijo abrasador.
Procura noutras plagas mais amenas
Esse alguém que te espera para o amor!

Que te daria eu se, do calor
do sol que me abrasou, restam apenas
açucenas pendidas de langor
e orvalhadas de lágrimas serenas?

Queres, talvez, que em tresloucadas juras
eu te prometa amores e ternuras
numa voz triste, dissonante e rouca?

Buscando ardores onde é morto o sonho,
tu só terias, nesse amor tristonho,
gelados beijos de gelada boca!

Maria Teresa de Andrade Cunha

DETERMINISMO

Nada muda o destino, nada muda
a sorte de uma ou de outra criatura.
A fé no Criador é que as ajuda
a suportar os transe, na amargura.

Só mesmo a religião consola e escuda
o ser humano em sua desventura
embora, a alguns, a falsa idéia aduda
de crer que haja outra força mais segura.

Creio na prece — força abençoada
que um dia, cedo ou tarde, enviará
a um coração fiel a paz sonhada...

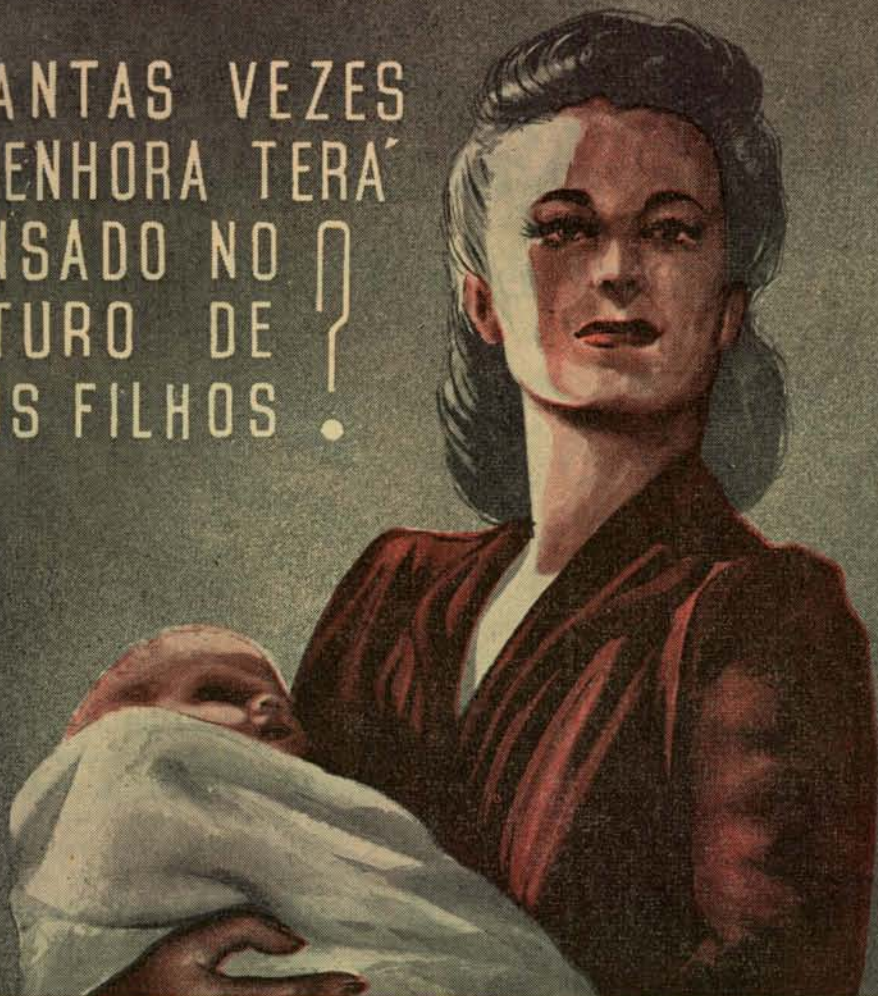
Quem crê, assim, um dia vencerá.
Jamais me curvarei desalentada:
o que fôr meu às minhas mãos virá!

Véra de Mello



Fragmentos
DA POESIA NACIONAL

QUANTAS VEZES
A SENHORA TERÁ
PENSADO NO
FUTURO DE
SEUS FILHOS ?



E CERTO que uma das mais constantes preocupações das mães reside no futuro de seus filhos. E os recursos para a sua perfeita alimentação, a constante assistência médica, seu vestuário, e, principalmente, as diferentes fases de sua educação, constituem a interrogação mais aflitiva que assalta o espírito das senhoras ao pensar no futuro das suas crianças queridas. Mas todas essas aflições podem desaparecer,

desde que se recorra ao método de ensinar à criança o hábito de economizar. Praticando a economia, seus filhos estarão provendo o seu próprio futuro, acautelando-se, desde crianças, contra as surpresas do destino. Abra, hoje mesmo, uma caderneta da Caixa Econômica Estadual para os seus filhos, e vá acostumando-os a fazer seus pequenos depósitos regularmente.

CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL

DEPÓSITOS GARANTIDOS PELO GOVÊRNO DO ESTADO

Rua da Bahia, 1649 — Telefone 2-0151 — Belo Horizonte
Agências em todas as cidades do Estado de Minas Gerais



Incomparável ao escrever... assim é a Parker!



A partida instantânea, o menor esforço para escrever e o depósito de tinta sempre visível... tornaram esta Vacumatic conhecida em todo o mundo. São características tão marcadamente Parker como o seu elegante corpo, circundado de anéis luminosos.

O orgulho universal que os possuidores de uma Parker demonstram instintivamente, dá idéia do prazer com que o senhor poderá escrever. Se o seu revendedor não possui temporariamente a Parker Vacumatic, faça uma encomenda. Estão vindo mais, com estas características que só a Parker apresenta:

- 1 - Corpo translúcido patenteado, através do qual o excepcional depósito de tinta é sempre visível.
- 2 - Pena de ouro de 14K, com a ponta guarnecida de raro osmirídio, de modo a permitir que se escreva rapidamente.
- 3 - Enchedor sem saco de borracha, patenteado, manejável com uma só mão.
- 4 - Segurador de bolso — mantém a caneta baixa e protegida em seu bolso.

Parker

 **VACUMATIC** 

CANETAS - LAPISEIRAS

PREÇO: CR\$ 265,00 JUNIOR VACUMATIC, CR\$ 150,00

Representantes exclusivos para todo o Brasil e Posto Central de Consertos: COSTA, PORTELA & CIA., R. L. de Março, 9 - 1.º, Rio de Janeiro
J. W. Z. Em Belo Horizonte: Sr. José Harry Leite - Rua São Paulo, 554

943-P

Paisagens Locais





EU SEI que a senhora, como boa mãe, tem a

★ Conselhos para casamento ★

confiança. Nasce-lhe o desejo de pertencer também

idéia fixa de casar bem a sua filha. Nada mais natural, não há desejo mais justo. Mas o que é preciso é não ficar só nesse desejo lização. E' necessário agir. Agir com tato e inteligência, e também saber em que consiste este tato e esta inteligência. Um bom rapaz, quando quer se casar, aquilo em que primeiro pensa é em constituir uma lar que seja a cópia ou a imagem daquela em que foi criado. Pode-se compará-lo a um pássaro que procura um ninho igual ao em que nasceu. Esta é a primeira idéia que lhe vem, claramente ou subconscientemente. Assim, é conduzido a aproximar-se de u'a moça que mais ou menos se pareça com a sua mãe, na fisionomia, nos modos, no gênio ou, em geral, na figura física. Quase todos os rapazes, quando chegam entre os 25 e os 30 anos, estão neste estado de espírito. Por isso é que cumpre às mães aproximá-los de suas filhas, e o modo melhor é o de promover reuniões familiares seletas e pouco numerosas. Convém reunir moças de educação fina, maneiras distintas e, sobretudo, de temperamento maternal. E' verdade que o principal é que haja um ambiente familiar apropriado, não importa que seja até modesto. Este ambiente deve se mostrar pela suavidade dos sentimentos, pela harmonia dos nossos costumes. Deve nele reinar a alegria natural e esta sensação de felicidade calma que, sendo verdadeira, tem um atrativo dominante. Em tal meio, sente-se o moço logo integrado em um novo lar, o qual, se fôr a imagem melhorada do seu, logo o encanta e o prende. A familiaridade, a simpatia, a cordura e a atmosfera moral constituem para êle fatores de sentimento e de

aquele mundo agradável. O motivo principal de tudo isso é a confiança moral. E aqui é que entram em cena as virtudes dos pais, aos quais não é necessário ensinar o comportamento. Nada de pensamentos, de atos ou de palavras injustas, maus ou mesmo malévolos. Aí cumpre que reinem os costumes e as qualidades mineiras. Ora, nesta atmosfera, qualquer moça bem dotada será requestada e amada, e estará obtendo, sem dúvida, a sua felicidade.

Por isso é que sempre me insurjo contra o desprestígio em que vão caindo as reuniões de família. E' um mal. Mal para os moços e especialmente para as moças.

Um bom chefe de família, u'a mãe de família inteligente promoverá, de vez em quando, festas singelas em sua casa. E, depois, isto solidifica amizades e diverte também um pouco. Mas no geral não se pensa deste modo, porque os pais são nervosos e irritantes e as mães não querem ter trabalho. Prejudicadas são as suas filhas, que estas, coitadas, gostam sempre de uma festinha de vez em quando. Talvez sejam até inspiradas pelo instinto. E' bom e útil fazer um esforço para contentá-las. Pedimos a toda moça que ler estas linhas que dê ciência delas ao papai e à mamãe para ouvir o que êles dizem. Se concordarem, promovam logo uma festinha para começar. Desde que sejamos convidados, compareceremos e não diremos nada. Seremos mau convidado, porque se trata de um pai que já casou as filhas. E bem casadas, graças a Deus...



Jogos e Brinquedos



ENTRE as brincadeiras ao ar livre, tão salutares para as nossas crianças, aconselhamos a da "caça aos ratinhos". É uma diversão própria para as manhãs ou as tardes, não devendo jamais ser realizada sob o sol quente demais.

Vamos, portanto, ensiná-las aos nossos garotos: Os parceiros formam uma roda e seguram-se as mãos. Antes, porém, devem tirar a sorte para saberem quem será o gato, que perseguirá os camondongos. Aconselhamos, para maior graça da brincadeira, seja o gato escolhido entre as crianças mais novas, que correm menos e que terão, portanto, dificuldade em penetrar na roda e perseguir os ratinhos...

Feita a roda e escolhido o gato, este fará tudo para penetrar no círculo, tentando vencer por todos os meios — menos pela violência, e é justamente por isso que aconselhamos seja o gato a criança menor — os impecilhos que se lhe opõem ao desejo de penetrar, pois, conseguindo-o, provocará a debandada dos camondongos, cada um procurando se livrar do gatinho da melhor forma... Ai que a brincadeira fica divertida. O gato, enraivecido, persegue os ratos que o enfurecem ainda mais com indiretas alusivas à sua falta de força nas pernas, sua nenhuma vocação para gato e sobre os seus defeitos...

Convém que esta diversão seja realizada sob a orientação de um adulto zeloso, que incentive a brincadeira ensinando aos ratinhos como provocar o gato e evitando que algumas crianças mais entusiasmadas se suponham mesmo gato e ratos de verdade...

*

A VIDA COMEÇA AOS...?

A velhice para muita gente tem sido uma etapa muito fecunda, o que contrasta com a mentalidade de certas nações novas, que, por isso mesmo, tímbram em afastar de toda a atividade pública, condenando-os à inércia, os homens que ultrapassam os 40 anos. Nada mais prejudicial e menos justo.

Em 1937, George Bernard, escultor de 73 anos de idade, aceitou o encargo de esculpir em mármore nada menos de setenta e cinco grandes figuras ornamentais, durante um lapso de tempo que calculou em vinte anos.

Com a idade de 64, lady Joan Verney escreveu sua primeira novela.

Goethe terminou seu "Fausto" aos oitenta anos.

Tennysson produziu o "Crossing the Bar" aos oitenta e três anos e Ticiano pintou uma de suas grandes telas quase aos cem anos de idade.

Oliver Wendell Holmes deu o seu "Over the Teacups" aos setenta e nove.

Lord Kelvin, famoso homem de ciência, que iniciou seus inventos aos vinte anos, somente aos oitenta e dois é que aperfeiçoou um deles, a bússola marítima.

Neville Chamberlain ingressou na vida política aos quarenta e sete anos.

Lenine tinha a mesma idade quando, em 1917, ascendeu ao poder, na Rússia.

Washington foi elevado à presidência dos Estados Unidos aos quarenta e oito anos.

Nelson, o célebre almirante inglês, ganhou a batalha de Trafalgar quando completava quarenta e sete anos de idade.



Os olhos límpidos e sadios têm magia e sedução! E é tão fácil — com LAVOLHO

devolver aos olhos a limpidez e o brilho; restituir ao olhar o encanto e a expressão capazes de revelar as melodias do seu afeto.



INFERTILIDADE

Poesia

MÃOS

Benditas mãos, mimosas, pequeninas,
— lírios abertos para a caridade.
Mãos que afagam meninos e meninas
que padecem chorando na orfandade!

Mãos de veludo e seda! Mãos franzinas
sempre a esbanjar um mundo de bondade...
[de
qual se fôssem as próprias mãos divinas
protegendo e abençoando a humanidade!]

Mãos que nasceram cheias de ternura,
mãos que através da noite mais escura,
andam as almas guiando entre os abro-
[lhos...

Mãos aromais, ó mãos de irmãs queri-
das,
mãos que, em chegando o fim das nos-
[sas vidas,
vêm, compassivas, nos fechar os olhos!

Sebastião Lasneau

Esta secção destina-se à
publicação de poesias dos
poetas novos. Com isto AL-
TEROSA visa estimular os
artistas jovens de Minas e
de outros Estados. Toda
produção que, a nosso cri-
tério, fôr boa terá acolhi-
da nesta página.

BEIJOS

Há beijos a que a Dor somente assiste...
Outros, beijos de fogo, que derramam
a volúpia em caudal, sobre os que se
[amam,
de sensação que enerva e que persiste...

Outros são beijos puros. Não reclamam
compensações. Nêles o amor existe:
beijos de mãe que ao pranto não resiste
ao ver, do filho, as dores que o infla-
[mam]

Entre todos, porém, nenhum, por certo,
(E eu, que os tive aos milhões, quentes,
[lascivos...])
deixou-me esta impressão tão compun-
[gida:

foi quando os lábios meus, num triste
[apêto,
após beijarem tantos lábios vivos,
beijaram, mãe, teus lábios já sem vida!

Alberto Paiva

FIM DE HISTÓRIA

Amei e fiz do amor o meu supremo an-
[seio.
Aos brados da razão alheio e desatento,
passei de um devaneio a outro devaneio.
sem jamais encontrar o procurado alen-
[to.

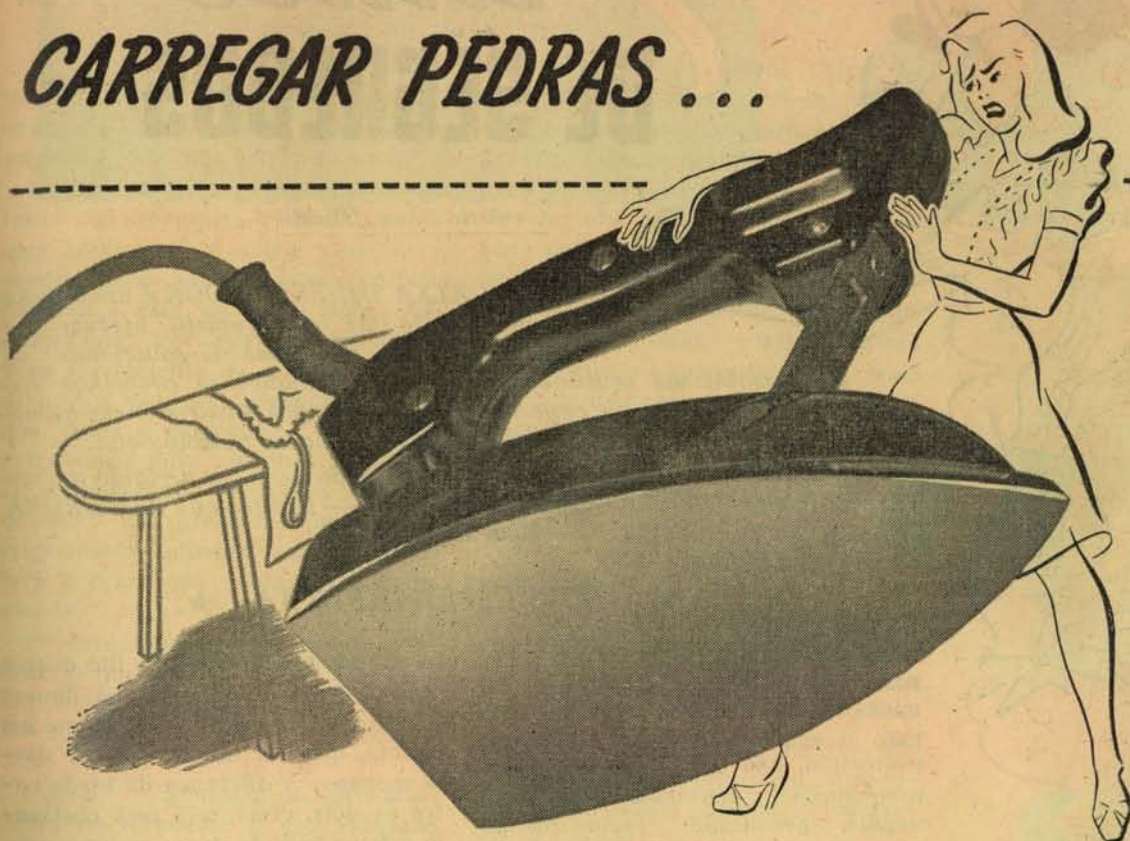
Abrindo o cortinal do meu deslumbra-
[mento,
deixei que penetrasse a luz jorrando em
[cheio.
Supus em cada aurora um novo encan-
[tamento
ouvindo, em toda voz, um límpido gor-
[geio.

Depois... (Depois, no amor, é o fim de
[toda história.)
E faça a gente um grande esforço de
[memória
Para saber se andou por sonho ou rea-
[lidade...

Mas, seja como fôr! O certo é que inda
[vivo
olhando o pôr do sol, à tarde, pensativo,
esquálido faquir, grilheta da saudade!...

Júlio Ribeiro

— Passar roupa pesava-me como **CARREGAR PEDRAS ...**



**...mas, essa extrema sensação de desânimo desapareceu
com o uso do Vinho Reconstituente Silva Araujo!**

Às vezes, a mais leve das tarefas parece-nos tão pesada, tão árdua, tão penosa... É quando se torna necessário averiguar se não se trata de sangue pobre, fraco e desnutrido. Porque daí às vezes advém tal estado de depauperamento que o desânimo impede qualquer trabalho... Para os fracos e esgotados, nossos eminentes médicos recomendam Vinho Reconstituente Silva Araujo. É que esse poderoso fortificante contém cálcio, fósforo, quina e peptona. Assim, abrindo o apetite, estimulando a assimilação dos alimentos e reajustando tôdas as energias, Vinho Reconstituente Silva Araujo deve ser tomado quando o enfraquecimento geral e a indisposição para a menor tarefa somente podem ser combatidos mediante a ação de um poderoso revigorante do sangue.



Como outras sumidades, assim atesta o professor Augusto Paulino:

«Tenho empregado, de longa data e sempre com ótimos resultados, o Vinho Reconstituente Silva Araujo, ótimo

e conhecido preparado que nunca falha nos casos indicados». Palavras como estas constituem os inúmeros testemunhos atestando o Vinho Reconstituente Silva Araujo como consagrado revigorante do sangue

Vinho Reconstituente **SILVA ARAUJO**

— O TÔNICO QUE VALE SAÚDE!



Caixa DE SEGREDOS

Consuelo San Martin

CAIXA DE SEGREDOS é uma seção permanente que esta revista oferece aos seus leitores desejosos de solucionar os seus problemas sentimentais, proporcionando-lhes conselhos sinceros e baseados na experiência e observação da existência humana, através das suas múltiplas manifestações psicológicas.

Toda correspondência para esta seção deve ser dirigida a Consuelo San Martin, "Caixa de Segredos" — Redação de ALTEROSA — Caixa Postal, 279 — Belo Horizonte.

★ CORRESPONDÊNCIA ★

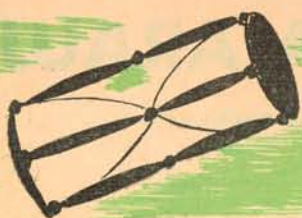
Morena Triste — Ouro Fino — As suas queixas, Morena Triste, não têm muito fundamento. O fato de ter faltado o seu namorado ao encontro prometido, não é motivo para tanta preocupação, mormente tendo ele, depois, procurado reconciliar-se com a minha gentil consulente. Não sei das qualidades morais do seu eleito, mas, acredito ter você sabido escolher um futuro companheiro, tão bem formado quanto me parece a sua namorada. Se assim é, não vejo inconveniente em continuar a se interessar pelo rapaz, cujos sentimentos para com você parecem sinceros. O essencial é ser sempre discreta e sobretudo manter uma atitude de tal modo sensata, que um possível rompimento não venha trazer-lhe qualquer arrependimento. Prevejo, contudo, para muito breve a realização feliz do seu sonho...

Elina — Capital — Minha jovem patriciã: o seu caso é de fácil solução. Analisando-o, verifico que, se

na realidade, o namorado lhe dedica uma grande afeição, não há de ser um motivo tão vulgar como o que me aponta, que vai fazê-lo desistir desse namoro. A diferença de idade entre os dois, creio, não será obstáculo à felicidade de duas criaturas que, realmente, se estimam. Acredito-a amada; contudo, acho que os seus pais deviam estar cientes do seu sentimento para com esse moço. Nenhum conselheiro mais acertado e melhor que eles. Não é de bom aviso deixar na ignorância dos seus casos de coração, os pais.

Com a sua experiência e, sobretudo com o afeto que lhes despertam os filhos, ninguém mais sábio e competente para dirigir-lhes os destinos:

Teresinha — Brasópolis — Minas — Antes de iniciar a resposta a sua delicada missiva, os meus agradecimentos pelos generosos elogios à diretoria de "Caixa de Segredos".





Li com tãda atenção a sua preza-da carta. Fala-me você com extra-ordinária inquietação do seu caso de amor.

Minha jovem Teresinha, no seu lugar eu procuraria imediatamente uma certeza sôbre o que vem ocorrendo. Quem sabe se a sua correspondência caiu em mãos pouco escrupulosas? Por que não se dirige você diretamente ao seu primo, pedindo-lhe uma explicação? E' certo que, dado o parentesco que existe entre vocês dois, não lhes será difícil um entendimento nesse sentido. Quanto à sua pergunta, quase posso respondê-la afirmativamente. Tudo leva a crer que você é realmente amada.

Procure saber o que aconteceu e apareça para dizer-me do resultado obtido, que eu espero seja favorável à minha encantadora desconhecida.

Cônsul — Pirapora — Minas —
Antes de responder a sua presada missiva, quero agradecer-lhe os bondosos votos de felicidade, retribuindo-os com igual intensidade.

Meu jovem amigo: aqui está a sua carta de 21 de dezembro. Tudo o que nela me diz vem confirmar o juízo que faço do seu autor. Percebo tratar-se de um rapaz inteligente, educado e, sobretudo, sensato.

Na exposição que faz do seu caso, observo que há um pequeno engano no que diz respeito ao modo de pensar da moça de que se enamorou.

Em amor, meu amigo, todos somos vulgares. No dia em que essa moça gostar de alguém, não se artificializará mais, a ponto de tornar-se diferente das outras mulheres.

Acho que você precisa definir-se. Não há de partir da moça, é claro,

uma confissão de amor. Cabe ao meu jovem amigo, torná-la ciente dos seus sentimentos para com ela. Se lhe falta a necessária coragem para fazê-lo pessoalmente, escrevalhe dizendo da sua admiração pela sua patricia. Ou recorra a alguma pessoa amiga para ajudá-lo nessa empresa. Uma senhora, por exemplo. Não continui, contudo nessa dúvida que o atormenta, pois, mais vale a mais cruel das certezas que a mais doce das dúvidas.

H. P. — Capital — Grata pelas referências elogiosas à revista e à "Caixa de Segredos".

Minha jovem desconhecida, diz-me você gostar, há mais de um ano, de um rapaz e serem amigos desde criança. Que o mencionado rapaz é conhecido de sua família, onde priva da amizade e da confiança de todos.

Que agora, sem nenhum motivo, diz ter o mesmo retirado o seu compromisso, alegando, apenas, ter deixado de amá-la.

E' certo que essas decisões à maioria dos casos aparecem sempre quando uma terceira pessoa se interpõe entre duas que se queiram bem. Pode haver outro motivo também, mas, de um modo geral é êsse o que comumente aparece. Na hipótese de haver uma outra no seu caminho o que você têm de fazer é procurar esquecê-lo dignamente, sem ódios inúteis.

Se na realidade gostar de você, passado o período de tentação, voltará. Se não, é melhor que a deixe agora, quando nenhum compromisso social ainda não a comprometeu. Sendo você tão moça, fácil será esquecê-lo.





por JOAQUIM SARANJEIRA

Pingos de História

O TEMA APROPRIADO

Quando o senhor d'Aubigné, tenente-general dos exércitos do rei e grande escudeiro de Henrique III, teve, por ser huguenote, de retirar-se da corte profundamente católica de França, estabeleceu-se em Genebra, onde, à beira dos setenta anos, casou-se com uma donzela muito jovem. O ministro protestante, que lhe celebrou o matrimônio, tomou para tema de sua palestra ao Evangelho: "Perdoai-lhes, senhor; eles não sabem o que fazem"...

ALEXANDRE E A HORTICULTURA

Tão bom guerreiro quanto horticultor, o grande Alexandre não perdia ensejo de fazer referências aos seus conhecimentos agrícolas, aplicando-os como exemplo a qualquer fato. Assim, sendo já senhor da Ásia inteira, aconselhado a lançar maiores tributos a tão magnífico Império, respondeu-lhe que não era bom hortelão aquele que, para colher os frutos, arrancava as raízes das árvores.

O FOGO E A GAZE

Representava-se a "Fedora", no Teatro Francês. Um hóspede de Luís Filipe, rei de França nessa época, homem novo e de bela aparência, vestindo magnífico traje oriental, ocupava com outro personagem bastante mais velho o camarote real. Aquêlles, era o bei de Tunis; o outro, um general ajudante de campo do monarca. Depois da representação, durante a qual, com os olhos constantemente fixos em mademoiselle Rachel, seguira o bei com manifesta emoção cada palavra e cada gesto da famosa trágica, o general perguntou-lhe:

— Que pensa Vossa Alteza de mademoiselle Rachel?

— Penso — respondeu o príncipe — que é uma alma de fogo encerrada num corpo de gaze.

O dito foi repetido à gloriosa atriz, a quem agradou extremamente. Era-lhe grato recordar esse louvor oriental do bei; repe-

tindo-o ao seu médico, dias antes de morrer, acrescentava, melancólica:

— Ele tinha razão, doutor! Como vê, o fogo queimou a gaze!

ÓCULOS DE AUMENTO

Andava Luís XV percorrendo as repartições de guerra de sua capital, quando, vendo sobre um móvel uns óculos, tomou-os e disse:

— Vejamos se são bons.

Pegou dum papel, que parecia ali estar casualmente, mas era nada mais nada menos que um elogio, cheio de engrossamento e exageros. Ao ler as primeiras linhas, tornou a deixar os óculos e o papel, dizendo a um oficial que se aproximava sorridente:

— Bolas! Pensei que fossem melhores que os meus; mas apenas são de demasiado grau de aumento...

O DINHEIRO E A HONRA

Diziam uns marinheiros ingleses, durante uma trégua, com arrogância e soberbia, ao célebre corsário francês Surcouf:

— Enquanto nós, os ingleses, combatemos pela honra, os senhores franceses combatem pelo dinheiro.

— Certamente, — respondeu Surcouf — cada um combate para apoderar-se daquilo que lhe falta.

DE MEYERBEER

Meyerbeer era, como se sabe, de origem hebraica, e, certa vez que em casa de Rossini conversava ao canto de uma janela com dois maestros também judeus, alguém veio procurá-lo.

Rossini, porém, adiantou-se e disse ao importuno:

— Impossível. O meu querido Meyerbeer não pode agora falar-lhe. Está ali ao canto... na sinagoga.

E DEPOIS?...

Censurando um Senador a Maximiliano II por tratar os cativos

turcos com demasiada benignidade, quando seria mais útil fazer-lhes cortar a cabeça, conforme fizera Hércules à hidra de Lerna, o imperador respondeu:

— E depois... com quem havíamos de pelejar?!

SURPRESAS DA CAÇA

Alexandre Dumas satisfazia, caçando, uma de suas paixões favoritas. Tendo abatido uma lebre, após longo tempo de espera, cansou-se e entrou num albergue, afim de beber alguma coisa. Correu o hospedeiro a servi-lo e, depois de saborear o vinho, perguntou o famoso romancista:

— Quanto lhe devo, amigo?

— Cinco francos, senhor Dumas.

O escritor fez uma careta, pois achou bastante caro esse preço, mas logo acrescentou, contendo-se:

— Afinal, vá lá! Tenho bebido poucos vinhos iguais.

— Perdão, — retrucou o taberneiro, protestando — nada lhe cobro pelo vinho, senhor Dumas, que lhe dou de graça e com muito prazer. Os cinco francos são para pagamento da lebre, que o senhor abateu quando fugia do meu quintal!

ELAS POR ELAS

Dizia um erudito, destes que levam anos debruçados sobre velhos alfarrábios, ao poeta Theophile Viaud:

E' pena que, tendo tanto espírito, saibas tão pouco!

— E também é pena — ripostou Viaud, no mesmo tom piedoso — que, sabendo tanto, tenhas tão pouco espírito.

VOLTAIRE E O MÉDICO

Num grupo, onde se encontrava Voltaire, gabava-se um médico de ter salvo de grave enfermidade o cético filósofo. E acrescentou:

— Não é exato, mestre, que me deve a vida?

— Para falar verdade, doutor — respondeu Voltaire — o senhor

salvou-me a vida, mas também, na verdade, nada lhe devo, de vez que, para mim, a vida não vale coisa nenhuma...

BOA-RESPOSTA

Brissac famoso capitão que abominava os padres, dizia à mesa redonda dum hotel, olhando significativamente para o abade de Berbis, sentado ao lado oposto:

— Por Deus! Se eu tivesse um filho idiota havia de fazê-lo padre.

E o sacerdote, calmo, levando aos lábios a colher de sopa:

— Sem dúvida o senhor seu pai não era da mesma opinião

ORGULHO ARISTOCRÁTICO

A princesa dos Ursinos, que na corte de Felipe V de Espanha, interceptou certa feita uma carta onde o senhor d'Estrée, embaixador de França em Madrid, fazendo a descrição dos costumes espanhóis a seu amo Luis XIV, afirmava que a princesa exercia império absoluto sobre quanto a rodeava, excepto — acrescentava, — sobre seu intendente, com quem vive da maneira mais íntima, acreditando-se até que seja casada secretamente com esse homem de obscuro nascimento e condição bastante inferior".

Ofendida com o final da missiva, a princesa escreveu-lhe audaciosamente à margem, num desafo de orgulho:

"Lá casada, isto não!"

OPINIÃO SENSATA

O estadista Talleyrand, ouvindo um jovem político falar pelos cotovelos, dizendo às escâncaras tudo quanto pensava e a gabar-se dessa franqueza, como se fôsse uma virtude, aconselhou-o com bonhomia:

— O senhor é ainda muito moço, por isso fala dêsse modo. No decorrer de sua carreira diplomática, contudo, aprenderá que a palavra não foi dada ao homem para exprimir seus pensamentos, mas, ao contrário, para dissimulá-los.

*

ESCARAMUÇAS

Para zombar duma velha dama muito formosa na mocidade, mas que já o não era, perguntou-lhe Francisco I:

— Há muito tempo voltastes do país da formosura?

— Sim, sire. Desde quando vossa majestade regressou da heroica jornada de Pávia — riposou a dama, numa alusão cruel à batalha por êle perdida contra Carlos V, e que lhe custara o cativeiro da Espanha.

Quando o senhor deixar de existir,
QUEM RESPONDERÁ
POR ESTES COMPROMISSOS

Educação dos filhos Cr\$
Manutenção da família "
Aluguel da casa "
Assistência médica "
Hipoteca "
Impostos de transmissão "
Despesas eventuais "



QUEIRA

consultar, sem compromisso de sua parte, a "Providência do Sul", que há mais de 39 anos não faz senão resolver problemas idênticos, para homens sensatos como o senhor!

Companhia de Seguros de Vida

"PREVIDÊNCIA DO SUL"

PORTO ALEGRE

Andradas, 1046 (Sede)

B. HORIZONTE

R. Rio de Janeiro 418, 1.º

R. DE JANEIRO

Candelaria 9, 9.º

SÃO PAULO

J Bonifacio 93, 6.º

SALVADOR

Chile 25/27, 4.º

CURITIBA

15 de Nov. 300, 2.º

RECIFE

10 de Nov. 147, 4.º

A "Providência do Sul", já pagou a segurados e beneficiários mais de 75 milhões de cruzeiros e a sua Carteira de Seguros de Vida em vigor sobe a mais de 700 milhões



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.



APLICAÇÃO FACILIMA:

Pecar ao nosso serviço tecnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos gratis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40 - São. Rio

Nome

Rua

Cidade Estado..... A17

Arte Culinária

CULINÁRIA ORIENTAL

• MARIA TERESA •

CADA terra com seus costumes... Eis uma verdade que constatamos até na arte da alimentação, onde os processos variam como os gostos. Não resta dúvida que o grau de civilização influi na arte culinária, e como prova poderemos retroceder o olhar aos nossos índios... Mas, indubitavelmente, entre vários fatores, destaca-se o climático aliado às circunstâncias mesológicas.

Retrocedamos a um tempo em que os chineses já eram cozinheiros experimentados, quando nós não havíamos começado nossas pesquisas e cogitações culinárias... Descobriam eles combinações de substâncias alimentícias mais sutis e mais imaginativas do que as apresentadas atualmente nas mesas européias ou americanas.

Há diversas lendas sobre a comida dos chineses. Ouve-se falar dos ovos enterrados desde a dinastia dos Ming e que centenas de anos depois constituem o prato número um dos banquetes orientais. A verdade é que os ovos roxos e castanhos que se vêem sempre nas festas chinesas são tão ou mais frescos que os que comemos, pois trata-se de ovos de patos, cozidos no forno várias horas, misturados com casca de trigo e chá forte. Assim preparados, os ovos duram muito tempo, porém isso não prova que os chineses os comam velhos.

Os chineses, por exemplo, não começam o seu "menú" como nós; ao contrário, comem nozes no princípio, isto é, sementes de melão, e terminam com um pouco de caldo claro e transparente.

Outra regra básica da comida chinesa é que a mesa não é lugar onde se proceda dissecação de diversas aves e outros animais. Os instrumentos cortantes que usam os brancos, na mesa não são admitidos na mesa dos chineses, que fazem vir comida toda cortada e pronta a ser ingerida comodamente. Os alimentos são levados à boca por meio de palitos e colherinhas que são prodígios de arte.

A primeira coisa que aparece numa refeição chinesa é uma pirâmide de toalhas, molhadas, quentes e perfumadas. Com elas, os convivas lavam as mãos e os rostos. Esse costume tem sua razão de ser pela crueza do clima oriental, quente e empoecrado.

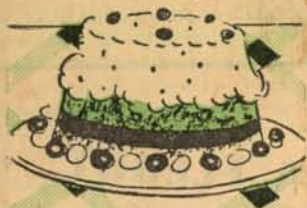
Vamos conhecer três pratos chineses:

Para começar, diremos que nada há de especial na sua maneira de preparar o arroz. Esse é a base de quase todos os seus famosos guizados. Tomam meia xicara de arroz para cada pessoa, lavam-no muitas vezes, deitam numa panela e cobrem com pouco de água: dois dedos acima do arroz. Tampam hermeticamente o recipiente e deixam o arroz ferver. Quando ferve, retiram do fogo e o colocam ao lado do fogo, até que seque a água completamente. Servem-no em pequenos recipientes fechados, de porcelana. Também usam juntar pedacinhos de abacaxi e damasco. Convém experimentar essas variações: não estão longe do gosto brasileiro.

Um prato com ovos, fácil de confeccionar, é o seguinte: separam-se as gemas de cinco ovos, misturam-se com uma xicara de leite, uma colher de manteiga e uma xicara de presunto cortado em pequenos pedaços. Batem-se as claras em neve e juntam-se à mistura, adicionando também os temperos. Coloca-se no forno durante vinte minutos. Obter-se-á um bolo saboroso.

O pato à chinesa também constitui bela novidade para o nosso paladar. Corta-se a ave completamente. Deve ser gorda, nova, e bem temperada com sal e pimenta. Coloca-se numa frigideira manteiga de amendoim: um centímetro e meio. Quando estiver quente, deita-se o pato picado. Enquanto cora, em fogo lento, faz-se um molho de cebolinhas verdes, vinho, água e azeite. Quando a carne estiver toda corada, deita-se esse molho em cima, tampa-se a frigideira e conserva-se por mais meia hora a fogo moderado.

Pedirão bis... à chinesa.



★ CARDÁPIO ★

SALADA DE FEIJÃO BRANCO

COZINHA-SE feijão branco em água e sal, depois do mesmo ter estado algumas horas de molho em água pura.

Depois do feijão cozido, escorre-se bem a água e deixa-se esfriar dentro do passador.

O tempero deve ser feito com azeite, caldo de limão e cebolinhas de "pickles" raspadas. Completando o prato, rodela de tomates.

SOPA DE AGRIÃO

DEIXAR cozinhar, durante uns vinte e cinco minutos, pouco mais ou menos, um bom molho de agrião.

À parte, umas batatas e uma ou duas cenouras devem ser passadas num espremedor, juntando-se-lhes a água na qual foram fervidos os agriões.

Na hora de servir, pode-se adicionar uma xícara de leite na qual se desfaz um pouco de malsena ou farinha de arroz. Um pouco de manteiga e, querendo, uma ou duas gemas de ovos, tornarão mais saborosa essa sôpa substancial.

PUDIM DE BACALHAU

PÔE-SE de molho uma ou duas postas de bacalhau, partindo-se, depois de algumas horas, tudo em lascas finas.

Faz-se um refogado com azeite e cebolas, coloca-se dentro o bacalhau cortado e mexe-se, adicionando-se aos poucos mais azeite até que ele fique bem cozido.

★ SOBREMESAS ★

DOCE DE ABÓBORA COM COCO

DEVE-SE escolher uma bonita abóbora bem vermelha e enxuta. Descascada, é pesada afim de se verificar a proporção da dosagem que é a seguinte: para um quilo de abóbora igual quantidade de açúcar e um côco ralado.

Põe-se primeiro a abóbora picada para cozinhar em pouca água: assim que estiver bem cozida é passada por uma peneira, voltando novamente à panela, juntando-se, então, a calda de açúcar em ponto de fio. Depois de misturar bem a massa na calda, adiciona-se o côco ralado: assim que a massa estiver largando do fundo do tacho, o doce estará pronto. Assim que ficar morno, coloca-se na compoteira.

ROSQUINHAS DE POLVILHO

Peneiram-se junto duas xícaras de polvilho, uma de farinha de trigo e outra de açúcar. Amassa-se tudo com uma xi-

Juntam-se, então, fora do fogo, para cada duas partes de bacalhau, uma de arroz já cozido e passado no espremedor. Tempera-se, amassa-se e juntam-se dois ovos.

Despeja-se numa fôrma e deixa-se assar no forno, coberto com queijo ralado.

VITELA COM TALHARIM

PÔE-SE para refogar na manteiga um pedaço de vitela. Quando tomar cor, adiciona-se um pouco de caldo de carne e algumas cebolinhas e tampa-se bem a panela.

Deixa-se cozinhar em fogo regular, sendo que para a carne ter esta meia hora é o período para meio quilo de carne.

O talharim é cozido à parte e em água fervendo, temperado com sal; o talharim fresco fica bem cozido em sete ou oito minutos, enquanto que o talharim seco demora vinte e cinco minutos para ficar no ponto.

Escorre-se bem a água em que o mesmo foi cozido.

Despeja-se uma concha de caldo na caçarola onde se cozinhou a carne, deixa-se reduzir um pouco e passa-se num passador bem fino.

Arruma-se a carne no centro da travessa, o talharim em volta e rega-se tudo com o molho.

cara de banha derretida, adicionando-se em seguida o leite que for necessário para a massa ficar em bom ponto de enrolar as rosquinhas.

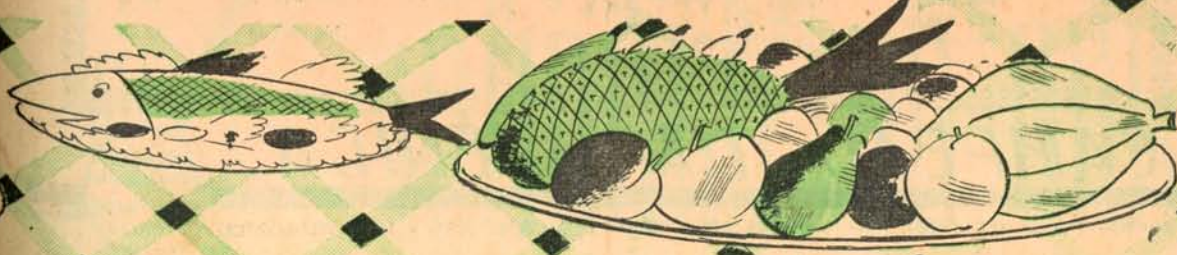
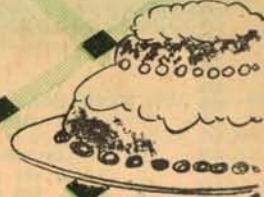
As rosquinhas são colocadas em tabuleiros para irem assar em forno regular.

BOLO FELIZ

BATEM-SE muito bem uma xícara e meia de manteiga, meia xícara de banha e três xícaras de açúcar.

Depois de bem batidas, juntam-se-lhe cinco gemas, uma clara batida, um cálice de vinho branco, uma xícara de leite, cinco xícaras de malsena e uma colherinha de bicarbonato desmanchado num pouco de leite.

Liga-se bem a massa, despeja-se em fôrma untada com manteiga e põe-se em forno quente.



★ TENDÊNCIAS DA MODA ★

PARIS, a cidade-luz, após o tenebroso período que atravessou volta a irradiar para todos os recantos civilizados do mundo, o bom gosto e o esplendor das novas criações de seus modistas. E os criadores da elegância feminina, retornam às suas antigas atividades com uma fertilidade de-veras auspiciosa, através de uma profusão maravilhosa de modelos e infinita variedade de inovações.

Os salões e as ruas de Paris já têm novamente aquela antigo e característico aspecto festivo e a sua moda já readquiriu a universalidade que todas as elegantes conhecem e admiram.

Sintetizemos, nesta rápida crônica, as atuais tendências da moda na grande capital francesa.

Observa-se, imediatamente, uma única orientação em todos os centros irradiadores da alta moda feminina: realçar, nos modelos, os quadris, as mangas e os chapéus.

Paquin, por exemplo, oferece cinturas sóbrias, e lindas aplicações em torno dos punhos, fazendo aumentar consideravelmente o efeito dos ombros. Sugere ainda saias amplas, com aplicações de cetim franzido, formando artísticas abas até à fimbria da saia.

Já Balenciaga recorre a franzidos e bolsinhos para fazer avultar os quadris e, por meio de graciosos babados, a que um casaquinho curto empresta uma nota original, consegue um notável efeito de inspiração antiga.

Schiaparelli, com um modelo vespéral, oferece uma original li-



inha cruzada, obtida mediante um cinturão aplicado em duas partes da blusa e cujos extremos, cruzados nas costas, se ligam à frente, formando largos cintos. Em vários modelos desse notável criador francês, as frentes são muito largas e às vezes os tecidos franzidos partem dos ombros e se distribuem graciosamente ao meio da cintura.

Madame Carpentier, uma das mais brilhantes desenhistas e criadoras de Paris, apresenta saias lisas e circulares. Também está

conseguindo uma nota muito original com os grandes punhos de seus modelos.

Nas junções das mangas com os ombros apresenta artísticos trabalhos em franja que empresta ao modelo uma graça aristocrática.

Hermes, cuja preferência de moirim e jersey é notória, oferece numerosos modelos de babados com ombros caídos.

Quanto aos acessórios, não são tantas as inovações. Os sapatos são delicados e os botins com saltos moderados. As capas mostram artísticas fivelas nos cintos largos.

Luvas de tecido fino têm sido usadas com vestidos lisos.

Quanto às joias, predominam as de grande tamanho, às vezes em forma de broches, que se usam no ombro, pendentes.

Paris começa a brilhar de novo... Nos seus figurinos admiráveis esplende, novamente, para o deslumbramento das mulheres de todo o mundo, a imaginação desses mágicos criadores de beleza. A graça irresistível da parisiense vem inspirar as suas irmãs de elegância através das silhuetas esguias, dos talhes ousados e dos estilos inconfundíveis...

E' um sinal de que a moda começou a imperar de novo no reino encantado da mulher elegante!

ENVELOPE CAMPEÃO ? E DINHEIRO NA MÃO!

LOTERIA FEDERAL

EXTRAÇÕES EM FEVEREIRO DE 1946

Dia	Premio maior	Preço
2	1.000.000,00	120,00
6	500.000,00	70,00
9	1.000.000,00	120,00
13	500.000,00	70,00
16	1.000.000,00	120,00
20	500.000,00	70,00
23	500.000,00	70,00
27	500.000,00	70,00

LOTERIA DE MINAS

EXTRAÇÕES EM FEVEREIRO DE 1946

Dia	Premio maior	Preço
1	300.000,00	40,00
8	200.000,00	30,00
15	300.000,00	40,00
22	200.000,00	30,00

DE ONDE QUER
QUE VOCÊ RE-
SIDA, PODERÁ
PEDIR O SEU
BILHETE AO

CAMPEÃO DA AVENIDA

NÃO MANDE
DINHEIRO EM
REGISTRO
SIMPLES

Av. Afonso Pena, 612 e 781 — C. Postal 225 - End. Tel. CAMPEÃO - B. HORIZONTE



JINX FALKENBURG, a deliciosa estrela da Colúmbia, mostra como você poderá brilhar nos salões festivos do Rei Momo, vestida de mexicana.



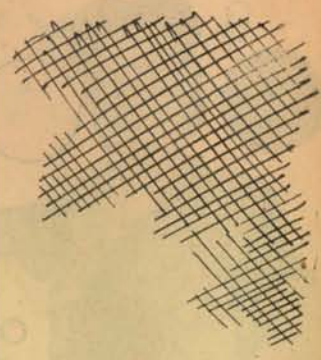
MODÉLO DO MÊS

PARA TODAS AS HORAS

MARILYN
MAXWELL,
a linda Iduri-
nha da Colúmbia.

SHIRLEY TEMPLE a
jovem estrela da Co-
lúmbia e JUNE HA-
VER a nova loura da
Fox.





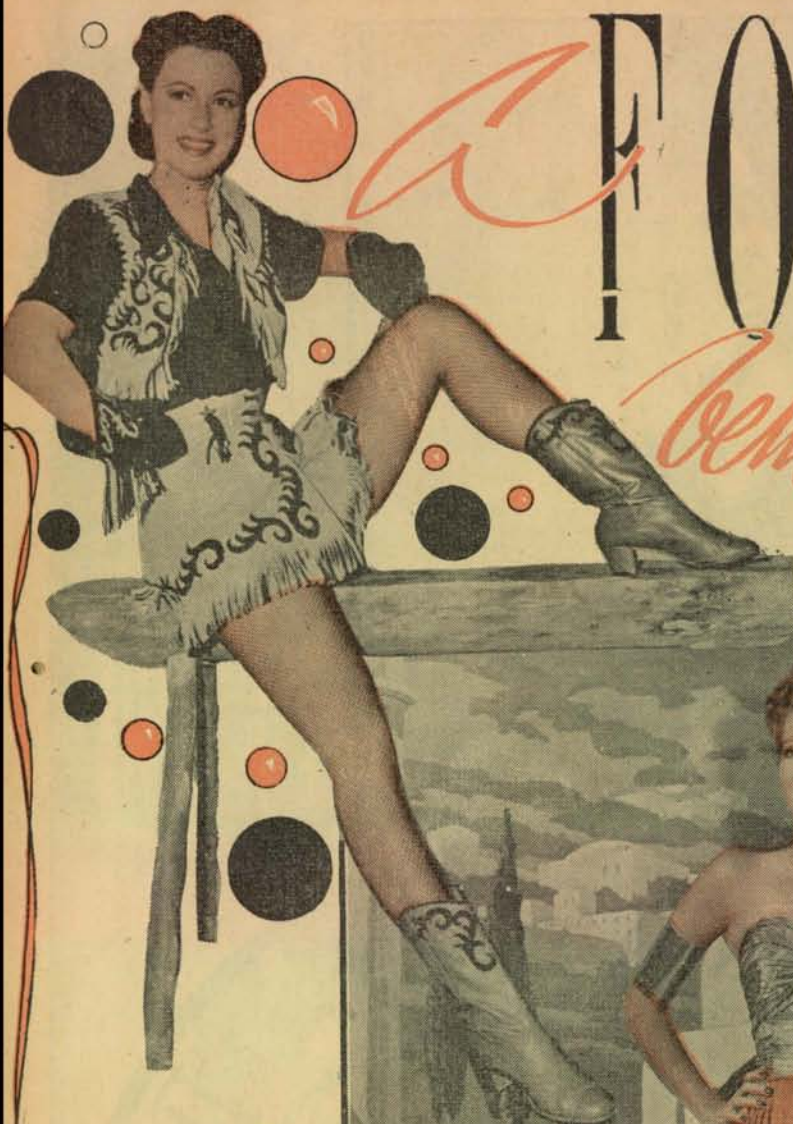
ADELE JERSEN, a encantadora lourinha da Colúmbia, ofereceu às suas inúmeras fans este fascinante *negligé* em crepe preto, cuja austera beleza se alia maravilhosamente ao seu tipo tropical.

IRENE DUNNE, a adorável Irene de tantos filmes inesquecíveis, sempre se caracterizou pela elegância. Vêmo-la, aqui, oferecendo uma encantadora toailete para viagem... Que tal?

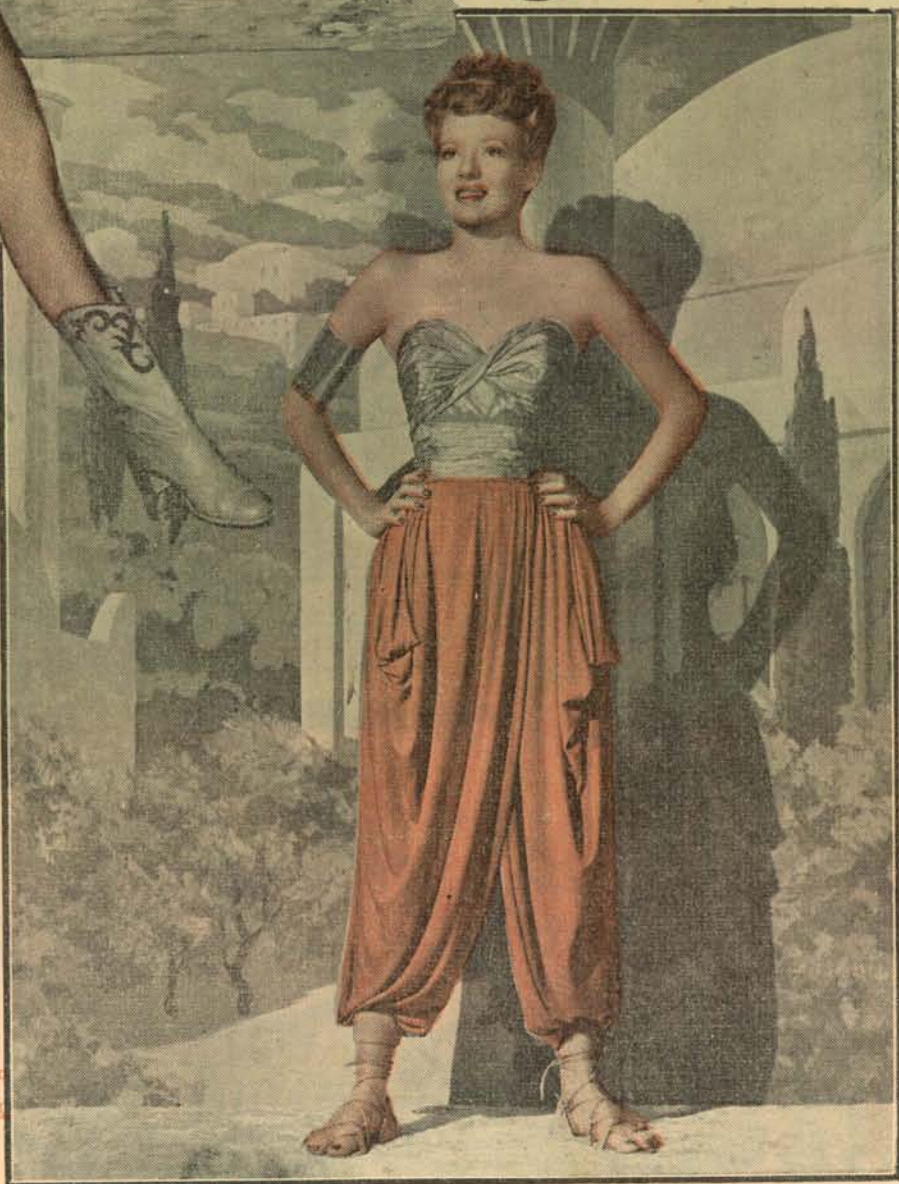


FOLIA

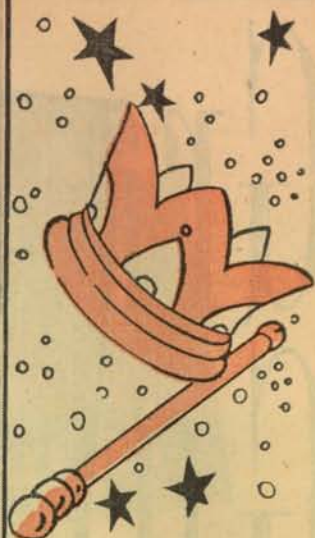
Belia



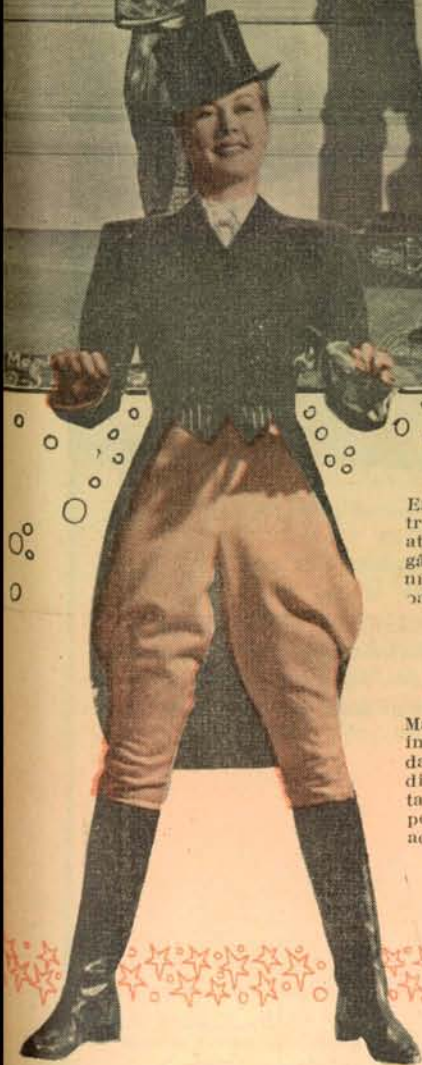
Eis uma linda fantasia de cow-girl que nos sugere a elegantíssima ELEANOR POWELL, a luminosa estrela da constelação da Metro. Não haverá, por certo, ninguém que lhe resista aos laços certosos...



EVELYN KEYES, estrela da Colúmbia, nos sugere esta odalisca infernal...



Merle Oberon, a fascinante artista da Columbia, na interpretação da belíssima película "A Noite sonhamos" sugere aqui uma fantasia original: George Sand, a célebre escritora que ela encarnou com tanto apuro... Não há Chopin moderno que resista..

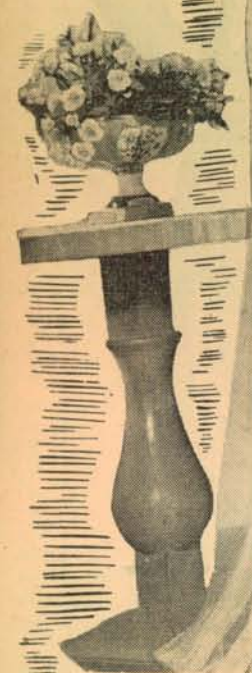
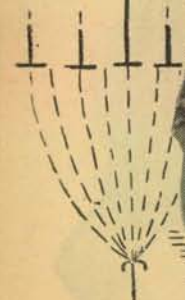
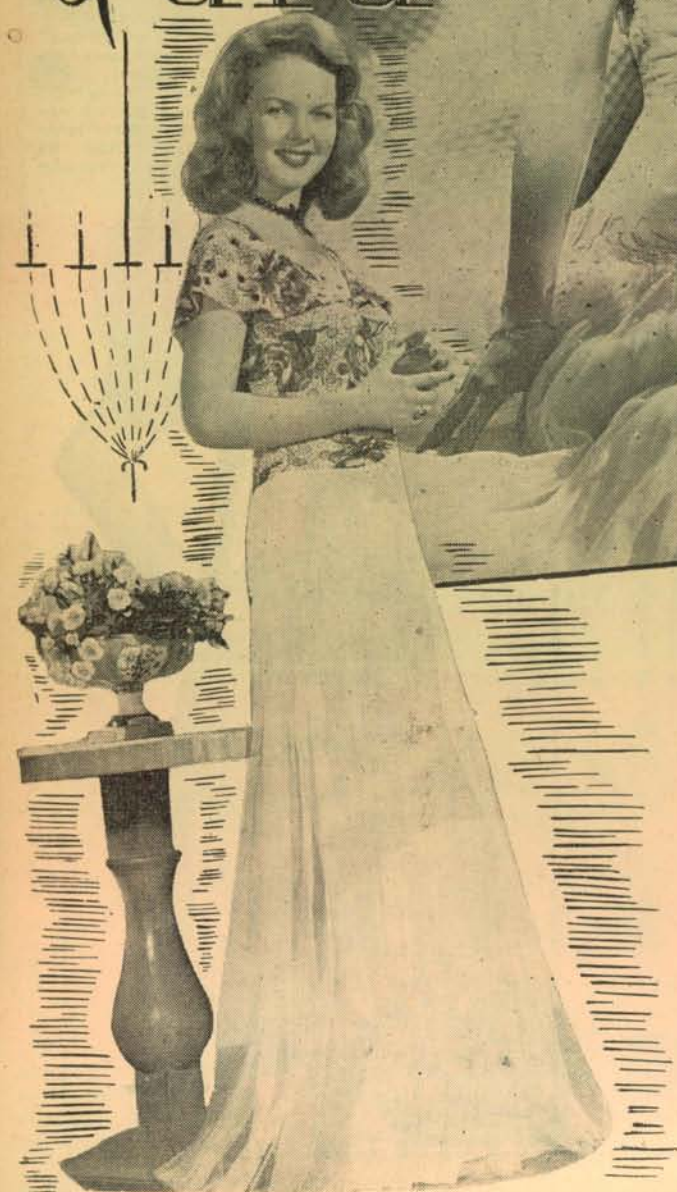


Emily Smith, da Metro, nos oferece aqui através de sua elegância, esta moderníssima amazonas... para saltos,

Marjorie Reynolds, a interessante estrela da Paramount, acredita no sucesso festa perturbadora camponesa. Nós também acreditamos...



Grande Gala



CAROLE LANDIS, a deliciosa loura da Colúmbia, oferece-nos um modelo originalíssimo para baile, cuja nota elegante são os bordados a fio de prata e a rica saia de organza bordada.



NANETE PARKS, a menina-moça da Colúmbia, exhibe-nos maravilhosa *toalete* para uma aristocrática reunião social. A graça da blusa em seda estampada alia-se a fidalga beleza da saia executada em branco.



Os fabricantes das meias Lobo poderiam aumentar consideravelmente a produção, si não colocassem, antes de tudo, o empenho em manter sua tradicional qualidade. Em vez de colher os lucros do momento, os fabricantes das meias Lobo, ainda que à custa de sacrifícios, preferem assegurar a mais alta qualidade possível na situação atual e conservar para o futuro o seu bom nome. Com êsse intuito, a produção das meias Lobo, apesar

de sua enorme procura, não foi aumentada, pois o aumento repentino de sua produção sacrificaria os inúmeros requisitos técnicos exigidos para a sua fabricação. Por isso, quando adquirir meias, insista na tradicional qualidade LOBO e limite-se a comprar o estritamente necessário, para que o maior número possível de consumidores possa ser servido. A marca LOBO representa qualidade para o consumidor — e Qualidade pesa na balança!

Meias

Lobo

UM PRODUTO
DA FÁBRICA
LUPO

Standard Propaganda

Noiva

JOAN BLONDELL, a sedutora estrela da Fox, sugere esta maravilhosa toailete para o grande dia em que você realizar o seu sonho...



PARA AQUELA INVEJÁVEL BELEZA DAS ESTRÊLAS



LANA TURNER
estrela MGM

...O PRIMEIRO E ÚNICO **PAN-CAKE MAKE-UP**
criado por
Max Factor Hollywood

Você ficará deslumbrada com a beleza
que também poderá ser sua desde a
primeira vez que usar o Pan-Cake Make-up.
Instantâneamente êle lhe dará à pele
um aspecto impecável, aveludado e de colorido
saudável e natural.



Pan-Cake é mais outro famoso make-up originado por Max Factor - Hollywood. Experimente-o hoje mesmo.

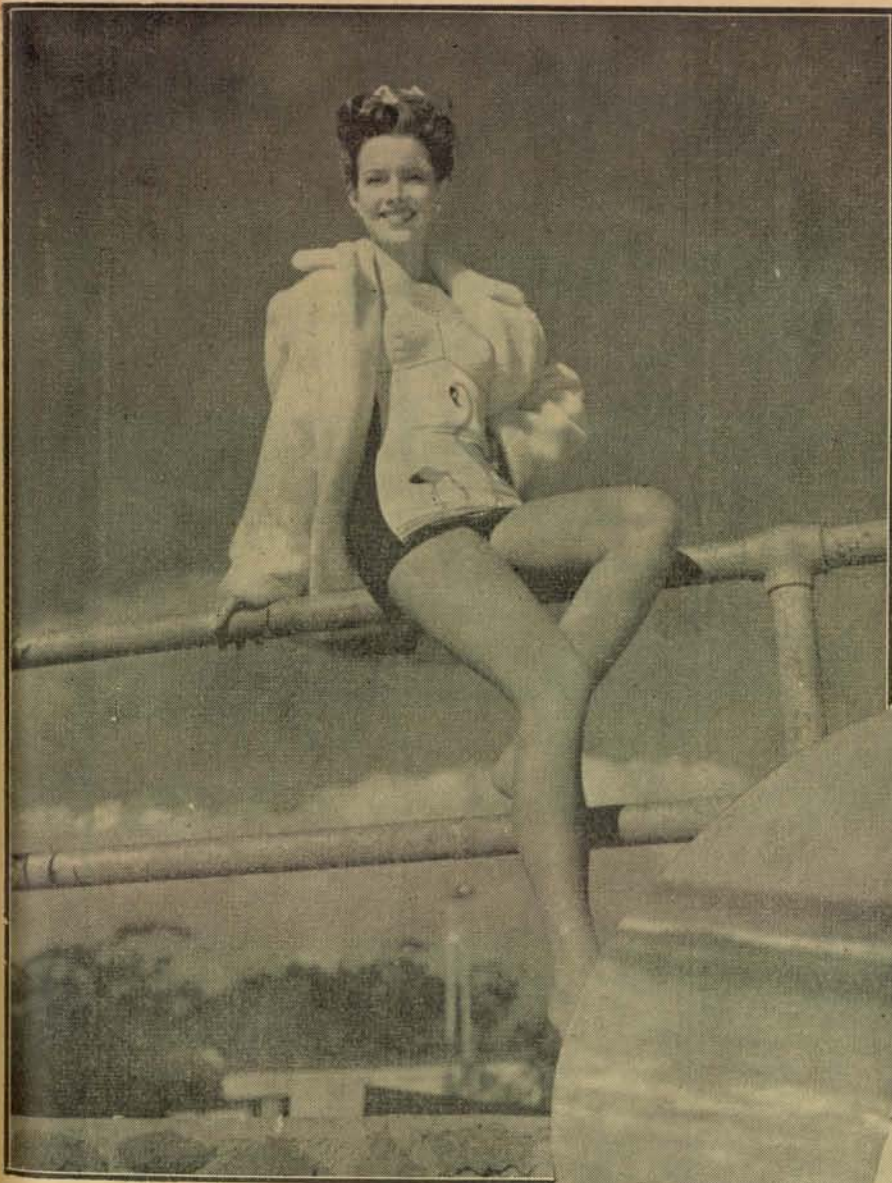
A VENDA NAS CASAS DO RAMO

A BELEZA AO AR LIVRE

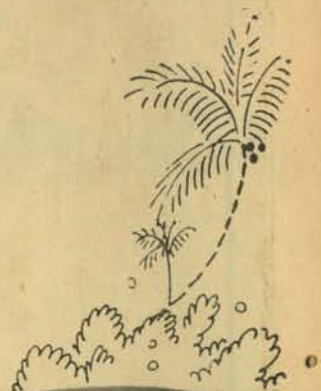
ESTHER WILLIAMS, a querida estrela da Colúmbia, faz explender, aos raios do sol, tôda a sua helênica beleza...



JINX FALKENBURG sorri ao sol no encanto que lhe dão as margaridas brancas, enquanto DUSTY ANDERSON procura descobrir quem a admira... Fotos Colúmbia.



SUSAN PETERS, a deliciosa estrela da Metro que obteve o seu maior sucesso na linda película "Canção da Rússia", ao lado do admirável ROBERT TAYLOR, aqui nos aparece em todo o esplendor de sua mocidade privilegiada, usando um perturbador casaco branco muito em moda nas estações frias da Califórnia...



EVA GARDNER adora as praias de Santa Mônica, cujo sol lhe tonifica a epiderme. Exibe a sua beleza física na elegância de um *maillot* cuja simplicidade é a nota predominante nos balneários modernos... Foto Metro.



Ginástica

para

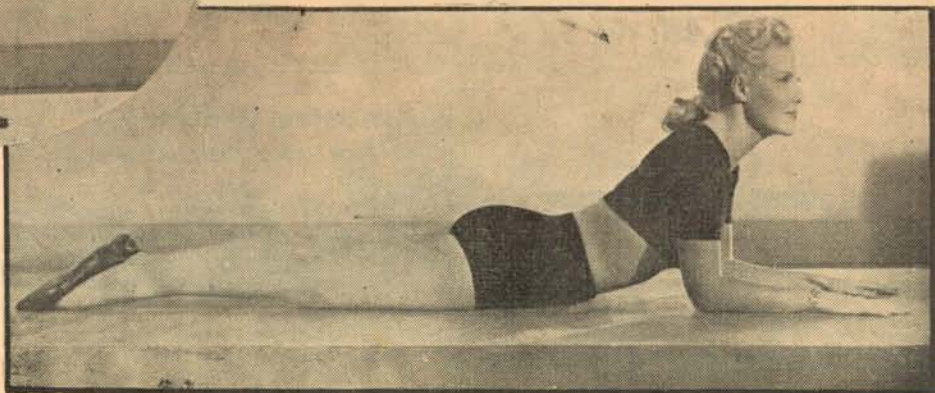
Com as costas apoiadas em uma barra (se não tiver uma barra, o tampo de uma estante ou de um canapé pode servir), firme-se nas pontas dos pés levantando lateralmente uma das pernas tão alto quanto possível e mantendo o pé esticado. Em seguida, mantendo a perna esticada na mesma altura em que está, procure balançá-la como se tivesse por eixo o próprio corpo, mas sem girar a parte superior deste. Ilustrado por JANIS CARTER, da COLUMBIA.

✱

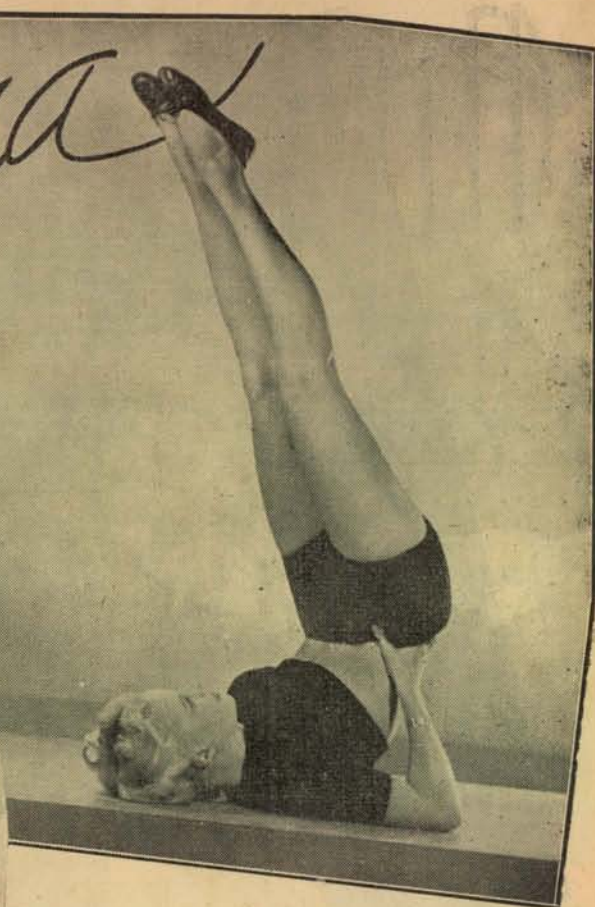
Para adelgaçar as coxas — Apoiando-se na ponta de uma mesa ou no encosto de uma cadeira, com os pés bem juntos e o braço livre estendido lateralmente à altura do ombro, eleve-se nas pontas dos pés. Em seguida, comprimindo o abdômen numa inspiração sustida, deixe os ombros distenderem-se enquanto mantém firme o pescoço. Mantendo o corpo firme nessa posição, vá lentamente dobrando os joelhos até sentar-se sobre os calcanhares, mas sempre com o corpo em posição erecta e firme, de maneira a que a cabeça fique na mesma linha dos calcanhares. Relaxe e repita o exercício. Demonstração de JANIS CARTER.

✱

Para a elegância da cintura — Deite-se sobre o abdômen apoiando-se firmemente nos antebraços que devem manter erguido o torax. Contando até três, faça: 1 — vire lentamente o corpo, de maneira que fique equilibrado sobre um dos lados e um dos antebraços; 2 — mova a perna livre diagonalmente mantendo-a firmemente estendida; 3 — faça o mesmo com o braço. Voltando à primitiva posição, faça o mesmo exercício apoiada no lado oposto. JANIS CARTER, estrela de "Os Mosqueteiros do Rei", da COLUMBIA ilustra muito bem o exercício.



★ ★ ★ Sua Beleza ★

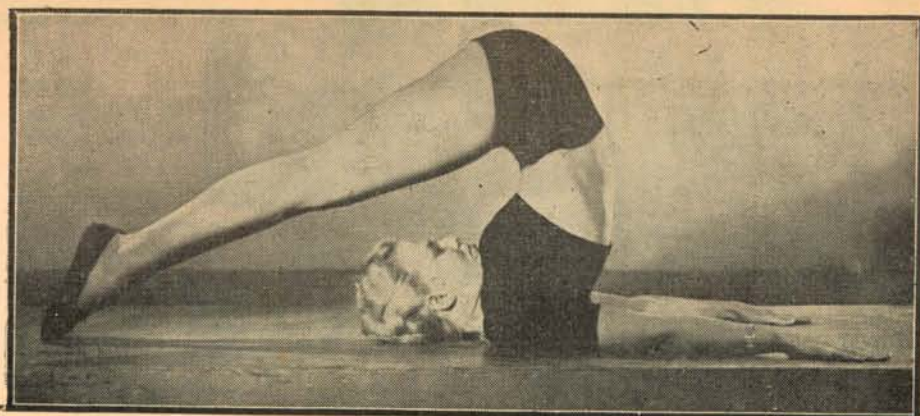


Para as pernas — Com as costas apoiadas no chão e os braços mantendo os quadris, levante, uma após outra, as pernas, tendo os pés estendidos e apontados para cima. Dobrando os joelhos volte à posição primitiva na mesma ordem, isto é, uma perna após a outra. Aprese o ritmo do movimento e repita o exercício dez vezes. JANIS CARTER, ilustra o exercício.

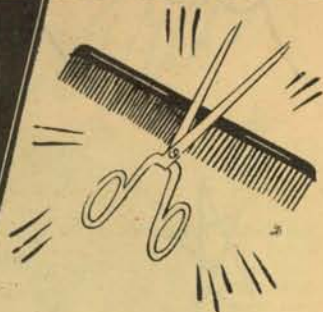
✱

Para adelgaçar os quadris — Permaneça em posição erecta, o braço estendido lateralmente, estenda a perna direita com os dedos do pé apontando para a direita. Nesta posição vá dobrando a perna para trás e o braço para frente, de modo a fazer coincidir a linha do cotovelo com a do joelho. Faça o mesmo para o lado esquerdo. Demonstração de JANIS CARTER.

Para a espinha — Em posição deitada, bem apoiada nas costas, pés, pernas e coxas bem unidas, vá levantando-as vagarosamente até a contagem de dezesseis. Atingido o mais alto, faça com que se voltem lentamente sobre a cabeça até as pontas dos pés tocarem o solo. Ainda lentamente e na mesma contagem, volte à primitiva posição. Aumente o ritmo do exercício diminuindo progressivamente a contagem de tempo, primeiro a 8, depois a 4 e finalmente, a 2. JANIS CARTER, da Colúmbia, faz uma demonstração do exercício.



Novos Penteados



ASSIM como as belas molduras valorizam os quadros, os lindos e artísticos penteados imprimem às cabeças femininas novo encanto oriundo da harmonia existente entre o estilo do arranjo dos cabelos e os traços fisionômicos.

A característica dos penteados modernos é a linha de originalidade, dentro porém dos limites que a elegância impõe.

A simplicidade também constitui atualmente detalhe essencial para o sucesso de um penteado pois uma criatura pode ser simples e ao mesmo tempo original.

Já se tornou absoleta a afirmação de que os penteados para cima envelhecem o rosto da mulher. Nada mais absurdo. E tanto apressada é a afirmação que tais penteados monopolizam atualmente as atenções femininas e, todos os dias, desfilam ante os nossos olhos, "jeunne filles", e senhoras, ostentando ótimos arranjos...

Cumprе, todavia, atentar na conformação do rosto. Logicamente num rosto comprido não se adapta um penteado alto, mas sim o que mantém o cabelo comprido na nuca para dar a ilusão da forma fisionômica ovalar.

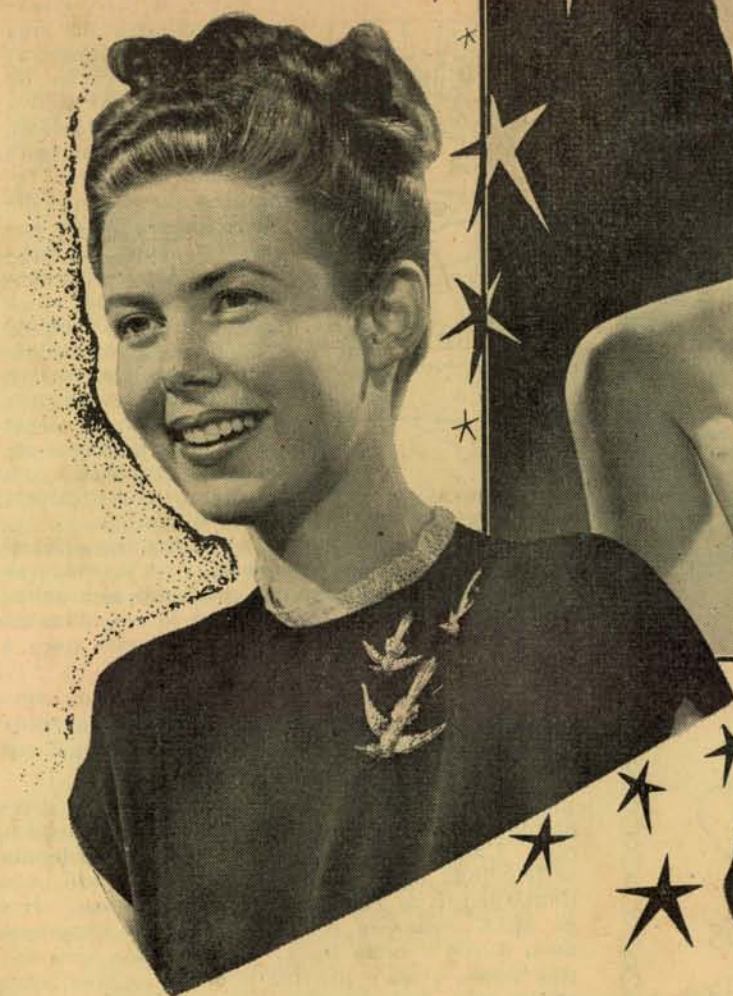
— Um belo penteado — afirma Adele Jersen, a encantadora loura da Columbia—aumenta a beleza da mulher. Mas é preciso que aliado à originalidade do estilo esteja presente o bom-gosto que se traduz pela simplicidade... Nada

JANE FRAZEE, a elegante estrela da Columbia, num penteado moderníssimo, próprio para festas.



JINX FALKENBURG, da Columbia, sugere este penteado em que a deliciosa simplicidade não exclui elegância e bom gosto, mas ao contrário...

ADELE JERSENS, a louríssima
estrela da Colúmbia, provando a
eficiência de um penteado bem
executado...



VANESSA BROWN,
da Colúmbia, num
penteado que bem
se harmoniza com a
sua toalete.

mais lindo que um rosto jovem emoldu-
rado por um penteado carinhosamente es-
tudado, em harmonia tanto quanto possí-
vel com o formato do rosto. São pequenos
detalhes que não merecem de muitas mo-
ças a mínima consideração mas que cons-
tituem às vezes a chave do segredo de
muitos tipos de beleza que vivem obscure-
cidos por penteados inadequados...

O penteado moderno admite os laços —
vejam o lindo penteado de Adele Jersens —
que substituem os chapéus. Podem ser en-
trelaçados com as tranças, num contraste
encantador, ou dominando a cabeleira, que
atrás deve ser levantada e ter na testa
enfeites artísticos arranjados com as ma-
deixas.



ADELE JERSENS sugere aqui um penteado ultra-moderno que com-
bina maravilhosamente com o colar aristocrático...

ONTEM
TOSSINDO

HOJE
SORRINDO



EM
24 HORAS,
DEITOI
DEFLUXOI
E TUAI
MANIFESTAÇÃO.

**PEITORAL
DE ANGICO
PELOTENSE**

EXCELENTE TONICO DOS PULMÕES



Em 50 anos de trabalho honesto e construtivo, a Sul America estendeu a 1548 dentre os 1668 municípios brasileiros o seu serviço de proteção à Família Brasileira.

Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida



SUGESTÕES PARA

IVETE

A ESCOVA



Entre os mais eficazes auxiliares da mulher para a conservação e preservação de sua beleza, a escova tem lugar de relêvo, pois, nas diversas fases do embelezamento feminino, ou seja, no cuidado cotidiano do cabelo, da cutis, da dentadura, das sobranceiras e pestanas, — a sua ação é altamente benéfica e necessária.

A escovadela, em geral, confere beleza porque dá brilho e frescura. Um pequeno arsenal de escovas e um

par de luvas para fricções, são insubstituíveis sob o ponto de vista estético e higiênico.

O cabelo, por exemplo, só brilha mais quando é minuciosamente escovado. É preciso escová-lo desde a sua própria raiz, mas sem achatá-lo, e sim arejando-o, e escová-lo em todas as direções, de baixo para cima, da direita para a esquerda, da frente para a nuca.

Para a melhor aplicação da brilhantina convém, por ser prático e benéfico, usar uma escovinha. Dêse modo, a cabeleira adquire um reflexo vistoso.

Há escovas especiais para o rosto, cuja finalidade é coadjuvar nos tratamentos tonificadores. Umedece-se seu cabelo em água e depois se fricciona ligeiramente a cutis, insistindo particularmente na região próxima às orelhas. Logo após, aplica-se o creme nutritivo, mantendo-o durante meia hora. Essa prática sistemática aclara a tez e previne contra o aparecimento das rugas.

Para eliminar o excesso nas capas de pó, hoje um pouco menos intensas, porque as maquilagens modernas não o exigem, o mais aconselhável é empregar-se uma escova bem delicada, que contribuirá para se conseguir a uniformidade desejada, a gradação própria e de umação perfeita.

Ao escovar o rosto, deve-se ter o máximo cuidado de não o fazer de cima para baixo, pois tal prática relaxa os músculos e dá resultados contraproducentes.

A dentadura deve merecer, também, a máxima atenção, e é preciso escová-la pelo menos uma vez por dia. Impõe-se a necessidade de zelar pela brancura dos dentes e o exige a higiene. Os dentes devem ser escovados em sentido longitudinal e vertical.* Esta última forma tem por objeto eliminar resíduos que possam ficar nos interstícios. Também é aconselhável escovar a face interna da dentadura. Isto é prescrição médica.

A SUA BELEZA

MARION

A BELEZA FEMININA

A beleza é uma soma de perfeições. Existe um mínimo de qualidades que é indispensável a uma jovem reunir, para merecer o qualificativo de *feminosa*.

A beleza feminina consiste — além da pureza de traços — em ter cabelos suaves e sedosos; pele fresca, olhos brilhantes, dentes alvíssimos, mãos delicadas, colo jovem, sem rugas, busto firme, cintura fina, joelhos lisos, pernas bem torneadas, cadeiras rijas, pés bem cuidados. Como se observa, constituem esses detalhes um conjunto difícil mas não impossível de se conseguir. Vejamos, pois, como é possível conseguir esse conjunto de detalhes essenciais para a beleza feminina.

Para ter cabelos suaves, escove sua cabeça ao levantar-se e ao deitar-se, utilizando uma escova dura. Se o cabelo for seco, use brilhantina; se for gorduroso, faça uma fricção com água de colônia.

Os olhos refletem a alma, dizem os poetas. Tenha-os, pois, brilhantes, lavando-os com água de rosas morna. Duas ou três vezes por semana, substitua esses banhos por compressas de água fria, sobre as pálpebras, pois tais compressas têm a virtude de tonificar os tecidos, retardando o aparecimento de rugas, que envelhecem.

O colo merece, também, especial cuidado: lave diariamente o seu pescoço, com água e sabão, dedicando-lhe, ainda, os mesmos cuidados que dispensa ao seu rosto.

Para um busto firme e elegante, nada mais aconselhável que a prática de abluções com água fria. Para tonificar o músculo do peito, levante lentamente os braços até em cima, fazendo-os, depois, descer paralelamente ao corpo.

Quanto à cintura, preste atenção ao seu ventre, afim de que ele não adquira muito volume. Faça exercícios de flexão. Não confie apenas nas cintas redutoras. Ao comer, mastigue bem e devagar... Não coma demasiado, nem beba líquidos em excesso.

Seus dentes devem ser constantemente examinados. Escove-os duas vezes por dia, usando dentífrico de qualidade. Visite seu dentista de três em três meses.

Para ter joelhos bonitos e lisos, assim como os cotovelos, devem eles ser tratados com escova, água e sabão. Depois disso, uma massagem com lavolina. Assim tratados, não apresentarão rugosidades anti-estéticas.



Lingerie Valisère, carícia de elegância para as suas formas. Lingerie Valisère, tecido indismalável e corte individual rigoroso.

LINGERIE

Valisère

CONTACTO QUE É UMA CARÍCIA

PANAM — Casa de Amigos



A VERDADE ACERCA DA INTOXICAÇÃO ALIMENTAR

DONITA
FERGUSON de "CORONET"

A alimentação tem estado na linha de frente das conversações mundiais estes últimos anos. Os soldados nela interessaram-se, a Marinha dela vangloriou-se, as repartições do governo sôbre ela emitiram ponderáveis pareceres, donas de casa inquiriram a respeito, rainhas e primeiras-damas ensinaram como prepará-la.

A despeito disso muito pouco sabemos acêrca de um tema relacionado com alimentação, o qual certamente virá a ser o foco das atenções nos planos de saúde de post-guerra: — a intoxicação alimentar.

As coisas que comemos e bebemos são responsáveis por uma variedade de doenças: botulismo, intoxicação estafilocócica, triquinose, tularémia, disenteria amebiana e bacilar, tifo e paratifo, febre ondulante. Contudo, continuamos amargamente a considerar cada distúrbio digestivo agudo como sendo uma intoxicação por ptomainas.

A ptomaina não é um tóxico. É o nome de uma substância que se forma na decomposição do alimento. No peixe e muitos outros alimentos, a ptomaina desenvolve um cheiro tão alivo que o nariz humano sente-se satisfeito em virar na direção oposta. Corre a respeito, do falecido presidente Harding, a maior balela acêrca da ptomaina. Embora tivesse êle morrido de uma embolia que, por coincidência, sobreveio quatro dias após uma infecção intestinal, sua morte foi geralmente atribuída à intoxicação por ptomaina causada por ingestão de carangueijos ou peixe. Nenhum carangueijo é, em si mesmo, intoxicante. Nem o é qualquer outro crustáceo,

embora os mexilhões obtidos da costa oeste possam ser perigosos devido ao alimento de que se nutrem.

A vida dos marítimos é garantia segura para qualquer repasto — e nela aparecem a muito malsinada barracuda, assim como ostras em meses sem "r". A semelhança dos mexilhões, os quais costumam ser portadores de germe da tifoide, o peixe barracuda pode, ocasionalmente, absorver e transportar um veneno. De modo geral, entretanto, é tão inofensiva como a habitual história em torno de peixes. Assim são também as ostras. Seu único inconveniente é que desovam no curso de maio, junho, julho e agosto — fato que torna sua carne fibrosa e inapetecível, nunca, porém, perigosa. A derradeira tolice na fábula da ptomaina presidencial foi a suspeita levantada sôbre o peixe enlatado. Como o Departa-

mento de Agricultura tem constante e solicitamente explicado, os enlatadores americanos usam um tão aperfeiçoado processo de folheamento, que o metal tóxico, proveniente do velho sistema de folhear, é hoje um perigo do passado.

Muito poucos alimentos, sejam da terra ou da água, são venenosos por natureza. As exceções incluem a batata verde, folhas de ruibarbo, vagens enfeimçadas, pão feito de centeio germinado, cicuta e resinas açucaradas. Todos, exceto a batata verde — que pode ser tornada inofensiva pela remoção funda da casca e dos "olhos" — são raros e, sempre, mortíferos. Os únicos alimentos naturais venenosos que abundam são os cogumelos (cham-pignons), e os já citados mexilhões.

Cogumelos venenosos, mesmo para os técnicos, são frequentemente indistinguíveis das va-

★ MODERNA LUC

POUCO se sabe a respeito da resistência natural ao botulismo. Mas quanto a isso, os funcionários da Saúde Pública dos Estados Unidos contam a história de um crime perfeito, de arrepiar os cabelos.

A história começa num jantar para cinco. Todas as cinco pessoas comeram do mesmo alimento, mas só morreram intoxicados o anfitrião e três convidados, enquanto a anfitriã escapava ilêsa.

Investigando, os inspetores de saúde ficaram certos de que a anfitriã era a criminosa, mas como não havia provas e nenhuma evidência tangível, a suspeita não foi levada aos tribunais.

Devido a razões dela melhor conhecidas, esta Lucrécia Bórgia contemporânea decidiu que seu marido "sobrava". Modelar dona de casa, estava habituada às conservas caseiras e conhecia os peri-



riedades comestíveis. Nem pelo sabor, nem pelo "test" da colher de prata, pode-se guiar com segurança.

Enganosa noção é, também, a de que frutas verdes causam dores de estômago. Não é a verdeza, mas a insuficiente mastigação de uma fruta dura e de mau sabor que causa "dores de barriga" nos garotos. Nem há, outrossim, verdade na história de que os desarranjos intestinais resultam da mistura de certos alimentos. Conservas e sorvetes, bananas e leite, etc. são perigosos somente no mundo das velhas donas de casa.

O verdadeiro envenenamento alimentar (intoxicação alimentar, como é tecnicamente conhecido), ocorre quando as bactérias entram no sadio e normal alimento e lançam substâncias venenosas conhecidas como toxinas. Embora bactérias possam estar presentes na

materia prima alimentar, elas usualmente se introduzem durante a preparação. Podemos prevenir tais ocorrências, observando estritas medidas sanitárias na preparação das refeições e vigiando que nada contaminado chegue até a cozinha. Uma vez que há bactérias no alimento, podem elas emitir toxinas somente a temperaturas acima do congelamento e abaixo do ponto de fervura. Se guardarmos o alimento a uma temperatura abaixo do ponto de congelamento, nenhuma toxina (sem exceção), poderá formar-se. Se o fervermos antes de comer, todas as toxinas presentes serão destruídas. Por esses dois meios, bem como através de limpeza, podemos, de modo absoluto, evitar a intoxicação estafilocócica, uma das duas formas de intoxicação alimentar.

O botulismo, outra forma de exceção, é resultante de pro-

cessos impróprios de enlatamento de gêneros alimentícios. Os casos fatais são raros (20 casos por ano nos Estados Unidos), mas acima de dois terços desses casos têm seu êxito letal dentro de quatro dias. Desde 1925 não tem havido casos de toxina fatal.

O alimento capaz de provocar botulismo apresenta leves indícios. Ocasionalmente, bôlhas ou cheiro de ranço indicam possível perigo. Algumas vezes há dilatação perceptível da lata. Em tais circunstâncias, não tocar no alimento: — deve ser imediatamente destruído em lixívia de soda.

Se o botulismo forma os raros e fatais casos de intoxicação alimentar, a intoxicação estafilocócica responde pela maioria. Não se conhecem nos Estados Unidos, quantos casos ocorrem anualmente.

Fatais, de 150 a 200 são registrados por ano. Como, porém, essa forma de intoxicação não é sempre fatal, médicos e inspetores de saúde pública tendem a desprezá-la. Embora a intoxicação estafilocócica não possa ser positivada em alimentos, sendo ainda impossível percebê-la pelo cheiro ou sabor, uma informação completa sobre cada caso fatal, haveria de contribuir para torná-

RE' CIA BORGIA ★

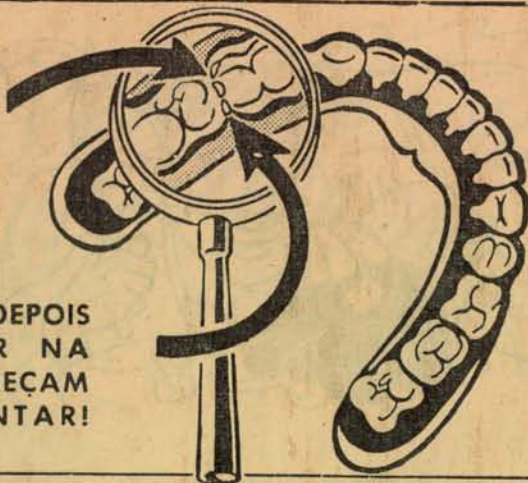
gosos sinais de botulismo. Um dia, alegremente observou ela bôlhas em uma lata de feijoada. Absorvendo uma diminuta quantidade do produto da lata fatídica e, no outro dia, outra dose maior, no fim do mês estava ela habituada a receber doses de botulismo capazes de matar um regimento. Assim imunizada, estava ela em posição de dar o golpe de graça, servindo generosas porções da fatal feijoada a seu marido, a si mesma e aos três ocasionais convidados, que foram, evidentemente, incluídos no diabólico plano para realçar a inocência da anfitriã. E deu resultado, pois essa dama hoje excursiona fora do país.

Embora isto seja um crime perfeito, não é um sábio exemplo a seguir. A dama jogou perigosamente com a sorte quando decidiu-se a obter imunização contra a fatal enfermidade, pois, para tal, até hoje nenhuma imunidade foi conseguida pela medicina.

CUIDADO!

Aqui atacam os micróbios!

2 HORAS DEPOIS
DE ESTAR NA
BOCA COMEÇAM
A FERMENTAR!



Os resíduos alimentares que ficam nos interstícios dos dentes, fermentam 2 horas após as refeições. Somente um dentífrico medicinal como o Odorans, pôde penetrar nesses restos de alimento e embebê-los, evitando assim a fermentação, causa da cárie e do mau hálito. Faça de Odorans o complemento da sua higiene bucal em bochechos e gargarejos diários.

ODORANS

O DENTÍFRICO MEDICINAL

la tão infrequente quanto o botulismo.

O único meio de eliminar para outros o mesmo perigo, é investigar a origem de cada coisa que a vítima comeu recentemente. Crustáceos e carnes conservadas são os piores culpados. Em seguida vêm os alimentos que requerem prolongada manipulação. Sanduíches, saladas, molhos, fricassés, especiarias, são o exemplo

A maioria dos Estados norte-americanos exigem informações sobre todas as enfermidades causadas por alimentos, leite e água. Tanto quanto ignoramos dessas leis e enquanto as autoridades não se disponham a obter estudos detalhados de cada caso, haverá intoxicações alimentares aos milhares.

"ALTEROSA"

NO RIO E SÃO PAULO

Esta revista é encontrada à venda no Rio de Janeiro, em todas as bancas do centro, a partir do dia 5 de cada mês.

Em São Paulo, nas bancas do centro e com os distribuidores gerais, Agência Siciliano

VERSOS E CROCHÊ

QUEM nos diz que, num futuro próximo, não será deixada exclusivamente às mulheres toda atividade literária? Aos homens incumbiriam tarefas mais sérias, mais árduas, mais construtivas. Se tal vier a suceder, o homem que nessa época porvindoura fizer literatura, será encarado certamente como um exemplar de humanidade retardada. Compôr versos parecerá então ocupação tão ridícula e tão pouco varonil como nos parece hoje o bordar almofadas ou fazer crochê.

EDUARDO FRIEIRO

A ORQUESTRA SINFONICA

A orquestra sinfônica compõe-se de quatro classes de instrumentos: de cordas, de sopro, de metal e de percussão.

Os instrumentos de cordas baselam-se no quarteto tradicional, acrescido de contra-baixo e constam de 16 a 20 primeiros violinos; 14 a 18 segundos violinos; 10 a 12 violas; 8 ou 10 violoncelos e 8 contrabaixos. Os de sopro compreendem 2 ou 3 flautas — uma das quais pode ser um "piccolo"; dois ou mais clarinetes, um ou dois oboés, um corne inglês, dois fagotes e quatro cornes franceses, além de outro clarinete, quando necessário.

Os instrumentos de metal constam de duas ou mais trompetes, dois trombones e uma tuba. A

bateria, ou percussão, é variável, compreendendo geralmente três tímpanos, afinados de acordo com o tom da composição a executar, bombo e outros instrumentos de percussão, de acordo com as exigências da partitura, como, por exemplo, triângulo, xilofono, campainhas, gongo, castanholas, carrilhão, matraca, etc.

Fazem parte da orquestra também duas harpas, instrumentos de corda e percussão, e às vezes o piano, o harmonium e a celeste. Ainda há pouco eram as harpistas as únicas mulheres que figuravam na orquestra. Hoje, porém, vê-mo-las frequentemente, executando instrumentos de corda, de percussão e até mesmo de sopro.

A COMPANHEIRA POBREZA

CONTAM-SE inúmeros episódios de pais que se opuseram a que seus filhos se dedicassem à profissão literária, pelo receio de que a miséria fosse mal inerente à vida de literatura. Entre vários episódios deste gênero, pode-se citar aqueles que se deram entre Bilac e seu progenitor; igualmente entre Balzac e seu pai. A história da vida literária, em todo o

mundo, vem justificar de algum modo essa crença de que a existência de escritor tem como consequência a penúria. São inúmeros os exemplos. Não se referindo a vários, registrados nos fastos literários brasileiros, conhecem-se, entre muitos, estes que citamos:

Cervantes Saavedra, o imortal criador de D. Quixote, foi soldado raso, depois cobrador de impostos e acabou morrendo na miséria. Camões teve seu fim também na mais negra miséria. O autor dramático D'Holte não assistiu à estréia de uma famosa peça de sua autoria porque não teve uma calça para vestir.

Morreram na maior penúria Samuel Boyer, Drynden, Le Sage, Torquato Tasso. Rosworth cerrou os olhos numa cadeia pública por não ter dinheiro para pagar suas dívidas. Justus Wendel, o grande dramaturgo e poeta batavo, vendia melas no fim de sua vida, vindo, aos noventa anos, a morrer de fome. Lineu "emendava" seus sapatos com pedaços de papelão. Vaugelas, para pagar dívidas, teve de legar seu corpo a uns estudiosos de anatomia.

CASA GRAÇA

DE

Claudino de Oliveira Graça

Comerciante em ferragens, louças, vidros, material elétrico, tintas, cal, cimento, manilhas, madeira serrada, azulejos, fabrica de ladrilhos, etc.

Compra e Venda de Cereais por atacado

Praça Getúlio Vargas, 143
CARANGOLA — MINAS

IRMÃO FRANCISCO...

(CONCLUSÃO)

trada. Uma formiga mais forte e mais atrevida talvez lhe embarcasse a passagem e chamasse outras companheiras para cercá-la e crivá-la de ferroadas, até deixá-la como morta. Ou sentiria pelo dorso o sopro dum rufo de asas que não seria uma carícia de vento, mas prenúncio de bicada mortal. Ou um pé desatento a reduziria a uma pasta verdininha, que a areia da estrada sugaria.

Irmão Francisco tem pena da pobrezinha. Estende-lhe o dedo magro, como se pedisse o pé a um passarinho. A lagarta ergue a cabeça e avança sem receio por aquela ponte curta e morna e pára depois na palma aberta da mão do frade. Irmão Francisco ergue a lagarta até mais perto de seu rosto sorridente e diz-lhe, com voz macia:

— Vou levar-te a um lugar seguro, onde não possas temer os mais fortes do que tu. Mas não terás que agradecer a mim e sim A'quele que te criou.

E saindo fora da estrada, aproximou-se duma moita de grama e depôs, com carinhoso cuidado, numa haste verdinha, a inermé lagarta. O animalzinho fez um coleio que parecia um aceno de gratidão e de adeus. Irmão Francisco pensou mais uma vez que teria sido uma pena a morte brutal da pobrezinha, a quem Deus determinara um futuro breve, porém cheio de beleza, e lhe disse:

— Algum dia hás-de transformar-te numa linda borboleta, irmã Lagarta, da mesma maneira que o nosso corpo feio e cheio de pecados algum dia libertará a alma, que então voará para o céu, toda luz e beleza".

Levantou-se. Uma alegria maior cantava dentro de seu coração. Irmão Francisco retomou mais ligeiro a caminhada, que os fiéis lá estavam na igreja à sua espera. Sabia agora o que lhes iria dizer. Estava pronto o seu sermão.

TROVAS

Pobre não é nesta vida
apenas o que não tem:

— E' mais pobre quem tem
[tudo]
e em nada vale a ninguém.

LINDOURO GOMES

ROTEIRO

Pelas vias tortuosas dêste mundo,
Trilhamos todos, ásperos caminhos,
E o homem, — pobre ser — com dó profundo
Se colhe flores também sofre espinhos...

Através de um penar assás fecundo
Que se elabora dentro dos cadinhos
Das diárias químicas de que é oriundo,
Só no amor vê compensação, carinho...

Mas ainda assim, a luta aí não finda
E apesar de arejar-se a inteligência
Numa felicidade imensa e linda,

Muito tem que sofrer em quintessência
O ser humano a vida inteira ainda
Pelos invios caminhos da existência...

PETRARCA MARANHÃO

*

VOLTAIRE, BANQUEIRO

POUCA gente talvez saiba que o tremendo sarcasta de Ferney, José Maria d'Aronet, foi um agiota. Diz-se que aos quarenta anos de idade já possuía uns seis ou sete milhões de francos. Fazia empréstimo aos fidalgos a 10 por cento ao ano. Uma das suas modalidades de operações, feitas com herdeiros de grandes fortunas, era a condição expressa nos contratos dêste só terminarem em caso de morte do banqueiro. Em vista do seu aspecto doentio achava sempre negócios nestas condições. Acrescenta um biógrafo que se o cliente mostrasse hesitação, Voltaire punha-se a tossir de modo aflitivo, dando a perceber que morreria em pouco. Muitos, com a demora da morte do credor, com o continuo crescimento dos juros, resgatavam a dívida sem gozar a esquisita cláusula. Na verdade, o grande e mordaz Voltaire viveu oitenta e quatro anos.

Don Juan

O BATON CONQUISTADOR
QUE RESISTE A TUDO E AO
QUAL NINGUÉM RESISTE.

Don Juan

NEW YORK



EM TÔDAS AS BOAS CASAS DO RAMO

**Sangue
puro**

com o uso de

INHAMEOL

REI DOS DEPURATIVOS
DO SANGUE

A Sífilis é produtora e
origem de muitas afec-
ções graves. Use para
combate deste flagelo o
grande auxiliar no tra-
tamento da Sífilis e
suas manifestações.
CONTRA: REUMATIS-

INHAMEOL

CONTRA: REUMATISMO —
ULCERAS NAS PERNAS —
FERIDAS — MANCHAS DA
PELE — DORES DE ORI-
GEM SIFILITICA — PUR-
GAÇÃO DOS OUVIDOS —
PURGAÇÃO DOS OLHOS
COM ARDENCIA E LACRI-
MEJAMENTO.

A VENDA EM TODAS AS
FARMÁCIAS E DROGARIAS DO PAÍS

*

No verão, as mãos e os bra- ços femininos necessitam de VELMA'N

No verão, as mulheres tor-
nam-se mais belas e mais ama-
das... e isto porque o calor
obriga-as a usar vestidos leves,
decotados e sem mangas, res-
saltando assim os principais
encantos com que a natureza
dotou as filhas de Eva. Para
tornar ainda mais notáveis es-
ses encantos e defendê-los con-
tra os efeitos dos raios solares,
existe VELMÁN, creme mara-
vilhoso para as mãos e tam-
bém para os braços.

VELMÁN combate manchas,
rugas precoces, suores exces-
sivos e odores desagradáveis
ocasionados por fumo ou exces-
so de transpiração.

VELMÁN deliciosamente per-
fumado, clareia e amacia, tor-
nando as mãos e os braços al-
vos, sedosos e adoravelmente
juvenis.

VOLTARA'?

ELENA CAMPER



É ESTA a pergunta que se fa-
zem milhares de mulheres
tomadas de angústia e de inquie-
tação: voltará? Ela o amava;
queria-o apaixonadamente, com
loucura ou com toda a alma, pois
são estas as três maneiras de ex-
primir um estado de coração,
mais comumente empregadas por
nós, as mulheres. Assim querer
— quer dizer — querer com toda
capacidade e possibilidade de amar
e, no entanto, de repente surge o
rompimento, dá-se de súbito a
dolorosa separação... Quando pen-
sa nisso, o que acontece a todo
momento do dia ou da noite, não
pode, não quer acreditar na reali-
dade; parece-lhe que tudo foi um
pesadelo, que logo vai despertar
e, então, exclamará como quando
se trata de um pesadelo real —
“Graças a Deus que estava son-
hando!” No entanto, agora, não
é assim; não despertará e nem di-
rá isso, por que o pesadelo é real:
rompeu suas relações com o ho-
mem a quem queria, e um a um,
passarão os dias em que ele cos-
tumava visitá-la, sem que ela não
tenha outra companhia que não
seja a de suas lágrimas e de suas
recordações...

Por que se deu esse horrível
rompimento? Nem se recorda
mais. Ciúmes, palavras duras,
rípidas... recriminações áspe-
ras... porque ele chegara tarde
alguma vez... intriga de suas
amigas... Uma série de pequenas
coisas que lhe subiram à cabeça
pondo-lhe os nervos em alvoroço,
e produziu-se o violento inciden-
te. Ele se foi sem despedir-se e
não mais voltou. Assim é que
“passou tudo”. E desde então,

vem-lhe constantemente ao cére-
bro, em dolorosa percussão, esta
pergunta pungente, aflitiva: —
voltará?

Que não daria ela para que seu
noivo voltasse? Que sacrifícios
seria capaz de fazer? Porque o
certo é que o quer acima de tudo
na vida, que o adora e o idola-
tra. A intensidade do seu amor é
mais compreensível e mais vivi-
da, agora que perdeu o objetivo
dessa adoração. E se assim é, e
se já o era antes do rompimento,
como pôde fazer o que fez e dizer
o que disse, sem que essa voz in-
terior que a condena agora, a ti-
vesse advertido da perigosa le-
viandade de sua atitude? O certo,
o dolorosamente certo, é que ele
se retirou e não mais voltou. Que
fazer para que volte, para que re-
gresse? Escrever-lhe, pedindo-lhe
perdão? E' isso que primeiro lhe
sugere seu coração magoado, in-
quieto. Faria bem? Não, não con-
vinha fazê-lo — replica-lhe ime-
diatamente seu amor próprio. A
emenda seria pior que o soneto,
como se diz vulgarmente. Ela se
diminuiria, assim rebaixando-se,
implorando. No entanto, ela se
reconhece culpada e sente que de-
veria dar o primeiro passo para a
reconciliação. Mas, se não lhe
mentiu quando afirmava que a
amava, ele bem poderia, cavalhei-
rescamente, poupar-lhe a humilha-
ção de lhe pedir desculpas...

Que fazer? que fazer? Se ela o
chamasse, era quase certo que ele
viria imediatamente. Mas, o seu
regresso seria o de um triunfa-
dor; voltaria cheio de censura,
com ar de superioridade, de con-
descendência.

Esperar, então? Mas se ele vier
a enamorar-se de outra? Isso não
seria estranhável, porque seu noi-
vo, além de excelente criatura, é
atraente, simpático, elegante, e
mais de uma de suas próprias ami-
gas lhe invejava a sorte. Este
pensamento a mortifica, mais,
muito mais que qualquer um dos
muitos que lhe turbilhonam na
cabeça. E é preciso evitar que
isso se dê — custe o que custar.
Sim, mas como fazer?

Suponhamos agora que o noivo
se lhe apresente de novo, bus-
cando a reconciliação. E' de
crer que, para diante, ela
será prudente, procurando medir
o alcance e o efeito que possam
produzir suas palavras, e melhor
conter os seus impulsos de ciúme
e intolerância. A experiência foi
dura e deverá corrigir-se. Acon-
tecerá isso?



O Mestre

QUANDO a sombra caiu sobre a terra, José de Arimatéia, acendendo um archote de pinho, desceu da colina para o vale, pois tinha interesses a tratar em casa. E, ajoelhado nas duras pedras do Vale da Desolação, ele viu um rapaz que estava nu e que chorava. Seus cabelos eram da cor do mel e o seu corpo era branco como uma flor, mas ele arranhava o corpo nos espinhos e em seus cabelos havia uma coroa de cinza.

O homem poderoso disse ao rapaz que estava nu e que chorava:

— “Não admira que tão grande seja a tua dor, pois em verdade Ele era um justo”.

E o rapaz respondeu:

— “Não é por Ele que eu choro, mas por mim. Também eu mudei a água em vinho, e curei o leproso, e dei vista ao cego. Eu caminhei sobre as águas, e expulsei demônios do corpo dos possuídos. Eu alimentei os famintos no deserto, onde não havia alimento, e fiz sair os mortos de suas estreitas casas, e à minha ordem e diante de uma grande multidão uma figueira estéril secou e morreu. Tudo o que esse homem fez também eu fiz.

E não me crucificaram...”

Oscar Wilde

*

O AMOR

O amor, como o ópio, comunica, durante algum tempo, aos seres inferiores, uma exaltação furiosa que eles tomam por força de gênio — Hughes Rebell

*

De todas as paixões violentas, a que fica menos mal à mulher é o amor — La Rochefoucauld

Protegida
contra
o suor
desde o momento
em que se veste!

Um pouco de ODORONO nas axilas é o quanto basta para proteger contra o suor de um a três dias! ODORONO é a resposta a uma genial fórmula médica; evita inofensivamente a transpiração; não irrita a pele, não causa dano aos vestidos, é de fácil aplicação.

Quando a Senhora usa ODORONO, a mesma coisa lhe ocorre nos salões ou nos lugares onde pratica os esportes: toda liberdade de movimentos e confiança. Por isso, milhares de Senhoras elegantes usam o desodorante e corretivo da transpiração ODORONO. Experimente-o: existem duas espécies ODORONO “REGULAR” — para uma proteção duradoura: — e ODORONO “INSTANTANEO”, para as peles delicadas.



ODO-RO-NO

DESODORANTE E CORRETIVO DA TRANSPIRAÇÃO

ODORONO é oferecido também em forma de creme, suave e não gorduroso; aplica-se como um creme vaporoso.

A MULHER BRASILEIRA

Mudou muito...

DJALMA ANDRADE



A MULHER brasileira terá mudado nesses últimos tempos? De fato, ela não pode ser a mesma dos livros de Macedo ou de Alencar. Mas até aonde vai essa diferença?

Há cerca de trinta anos, Júlio Dantas escreveu uma página viva e interessante sobre a "Eva brasileira". Foi no tempo em que todo o Brasil se abastecia no mercado literário português. Em que os moços decoravam trechos inteiros de Eça de Queiroz e os boêmios imitavam João da Ega. Época feliz, em que os jovens de temperamento agressivo catavam adjetivos insolentes nos livros de Camilo, e as almas melancólicas se banhavam no desalento de Antônio Nobre.

Júlio Dantas era o autor predileto da juventude. Descrevia ambientes elegantes, gozava da fama de profundo conhecedor da psicologia feminina, e às vezes, satirizava as mulheres em crônicas adocicadas e galantes.

As edições dos seus livros se esgotavam facilmente no Brasil, sem dúvida o seu melhor mercado. Por tudo isso, a notícia da sua vinda aqui em 1920, causou sensação.

Tôda gente queria conhecer o criador da "Ceia dos Cardeais", talvez a peça teatral mais popular em nossa terra. "Ah, como é diferente o amor em Portugal!"

"Como seria Júlio Dantas?" indagavam as mulheres. Quase tôdas julgavam-no um Casanova requintado, irresistível, erudito e diabólico. Afinal, desembarcou em nossa terra o escritor ilustre. Teria, nessa época distante, cerca de cinquenta anos. Grisalho, quase gordo, amável e risonho, pronunciando as palavras com acentuado sotaque lusitano, não deixou de desapontar, a princípio, os seus admiradores. Depois das suas conferências, reabilitou-se.

Era, de fato, um espírito brilhante e ágil.

Depois de uma quinzena de Brasil, partiu prometendo-nos uma longa reportagem sobre o nosso país.

Publicou, em seguida o seu livro "Eva", cheio de notas sutis sobre a mulher carioca, baiana, paulista e mineira.

Teria sido justo nas suas observações?

Na época, as suas críticas causaram sensação. Hoje, quase não reconhecemos o Brasil nas velhas páginas do fecundo escritor. As nossas patricias, pelo menos, mudaram muito...

A primeira descoberta que fez Júlio Dantas não foi extraordinária. Disse êle: "Em geral, a brasileira distinta não trata o marido por "tu", como a portuguesa; trata-o por "você". Não se faz idéia da ternura dêsse "você", doce, quebrado, melodioso, penetrante. Ao pé dêle, o "tu" português é seco e quase grosseiro."

Logo depois, assegurou que as nossas patricias abusavam das pérolas. Nunca viu, afirmou, tantos colares de pérolas em pescoço de mulher.

A nossa situação financeira, em 1920, era folgada, não resta dúvida, mas não seria exagero do autor de "Pátria"?... Disse mais: "A brasileira é, em geral, preconceituosa. Não conhece as demasias e as extravagâncias da americana do norte. Não fuma e condena as mulheres que fumam".

Talvez fôsse assim em 1920. Hoje as nossas patricias fumam e criticam as que não fazem o mesmo.

Júlio Dantas, querendo realçar a timidez e a inocência da mulher brasileira, contou o seguinte: "Uma menina de quinze anos, loira e tímida, disse aos pais que ia à igreja e veio ver-me ao hotel. O livro de missa, de fôlhas douradas, tremia-lhe nas mãos. E perguntava, quase a chorar:

— Diga-me, eu pequei?"

Hoje o fato seria inacreditável. Qualquer moçoila, sem pedir licença à família, vai aos hotéis buscar autógrafos de artistas de cinema e de ases de futebol. E todos, pais, mães, avós e tios acham tudo isso muito natural e muito inocente.

Há, também coisas absurdas na reportagem do conhecido escritor. Dizia ele, em 1920: "E' evidente a influência do italiano na pronúncia das mulheres. O valor de certos grupos dá um encanto, uma meiguice especial à fala da Eva brasileira: ela não diz "dia", mas "djia"; não pronuncia "docemente", mas "docementche".

Deveria ser muito afetada, pensamos, a mulher que pronunciou de tal modo as palavras assinaladas por Júlio Dantas. Escreveu ainda: "A brasileira elegante tem o hábito do telefone. Madame Z acordava-me todas as manhãs às 7 horas e conversávamos horas a fio..." Era, assim, em 1920 o assim é no ano de graça em que vivemos...

Em certo tópico, anotou: "A brasileira pode casar-se com um português, com um alemão, com um italiano; é sempre ela que domina; o lar fica sendo brasileiro, o filho é brasileiro". Talvez fôsse assim naquele tempo. Hoje, filho de alemão com brasileira é, em regra, quinta coluna...

Júlio Dantas passou, depois, a analisar a literatura feminina no Brasil. Citou, em primeiro lugar, Rosalina Coelho Lisboa. Acreditando que toda mulher intelectual tem obrigação de ser feia, supôs que a autora de "Rito Pagão" fôsse uma solteirona magra, desajeitada e míope. Não escondeu o seu contentamento, quando viu que se havia enganado: "Foi verdadeiramente encantado que eu beijei a mão daquela mulher perturbadora — uma miniatura veneziana de Rosalba, toda ela feminilidade, distinção, beleza, juventude e graça".

Gilka Machado o impressionou vivamente.

Na época em que esteve aqui o autor da "Ceia dos Cardeais", tinham sido lançados, em circulação, "Cristais Partidos" de Gilka Machado e "Exaltação" de Albertina Berta. Essas obras causaram sucesso, e Júlio Dantas acreditou que todas as escritoras brasileiras eram ousadas como aquelas. Não viu que o estilo ardente de ambas era exceção na nossa literatura, e concluiu que só as mulheres do Brasil sabem dizer as coisas como elas são...

Volvidos quase trinta anos, vemos que as brasileiras mudaram muito. Não há mais tantas pérolas nos colares. Nenhuma mulher pronuncia mais "djia". Albertina Berta morreu. Gilka Machado deixou de fazer versos para admirar Eros Volúcia, o seu mais belo poema. Também Júlio Dantas é outro. Há um ano esteve aqui em missão diplomática. Deixou de ser escritor para ser político. Velho e abatido, não se interessou pelo Brasil feminino. Só observou homens e acontecimentos. Ao voltar para Portugal, não levou também, da nossa terra a mesma impressão viva e animadora de 1920. Tudo mudou muito...

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL DE MINAS GERAIS

*Os depósitos são garantidos
pelo Governo Federal e ren-
dem bons juros*

Retiradas por meio de cheques



**RUA TUPINAMBA'S, 462
BELO HORIZONTE**



SUCURSAIS: Juiz de Fôra, Poços de Caldas e Uberaba.

FILIAIS: Barbacena, Conselheiro Lafaiete, Muriaé, Nova Lima, Pouso Alegre, São João del Rei, Uberlândia e Varginha.



● Em face do Decreto-Lei n. 8.475, de 20 de Dezembro de 1945, ficou elevado para Cr\$50.000,00 o limite para os depósitos populares, com juros. Estes depósitos são impenhoráveis e não estão sujeitos à prescrição.



Realizou-se, em janeiro último, no Restaurante Pinguim, o jantar oferecido aos diretores - proprietários da Gráfica Queiroz Breiner pelos seus empregados e clientes, sendo intérprete dos homenageantes o dr. Felix Fernandes Filho. A foto acima focaliza um aspecto da merecida homenagem aos distintos irmãos Breiner.



Comemorando o seu 45.º aniversário de fundação, a diretoria da Associação Comercial de Minas realizou, em janeiro último, no salão nobre de sua sede social, uma sessão solene, durante a qual tiramos a fotografia ao lado.



O MÊS EM REVISTA



O Clube de Minas Gerais, a prestigiosa agremiação social que realiza permanente conagração da numerosa colônia mineira da Capital Federal, realizou em janeiro último brilhante reunião social em homenagem ao magistério mineiro na pessoa do Prof. Augusto Amarante, da cidade de Carangola. A foto acima expressa o brilhantismo da elegante festa.

"AUSÊNCIA"



Mário Augusto Barreto

"AUSÊNCIA", o livro de versos que Mário Augusto Barreto acaba de publicar, constitui, sem dúvida, a revelação de um poeta de sensibilidade. Apresenta-nos o livro, todo ilustrado por esse outro poeta do lápis que é Rodolfo, esplêndidos sonetos que nenhum dos nossos maiores poetas se negaria a assinar.

Ciro Vieira da Cunha prefaciando o livro, assim se expressou: "Seus poemas deixam sentir que foram sofridos silenciosamente, em inquietações ou saudades, mas sem clamores nem ímpetos, numa penumbra suave descida de um lucivelo dourado. Anda nêles um lirismo encantador de fôlhas dançarinando nas águas mansas de um lago tranqüilo".

Na realidade, o lirismo é a nota predominante na poesia de Mário Augusto Barreto, cuja pena se enfeita de rendas e plumas para cantar suas dores e desabafar, em versos harmoniosos, suas tristezas.

"AUSÊNCIA" é uma sequência de trabalhos em que a técnica se alia à beleza do sentimento humano de que esse poeta jovem é um intérprete admirável. Merece, portanto, ser lido e sentido, em toda a sua lírica floração.



A Humildade

A HUMILDADE é a verdadeira prova das virtudes cristãs. Sem ela conservamos nossos defeitos, dissimulados unicamente pelo orgulho que os oculta aos demais e, frequentemente, a nós mesmos.

La Rochefoucauld

Experimente
o Novo Secante
oleoso CUTEX de
ação rápida!



"QUICK DRY" fixa e seca o esmalte
nas unhas num piscar d'olhos...
Aplique-o e estará pronta para
calçar as luvas e sair!

QUICK DRY é um secante ultra rápido que se aplica para secar o esmalte nas unhas. Ajuda a manter as unhas bem feitas por mais tempo. E amacia a cutícula também.

COMPLETE A SUA ELEGANCIA

USANDO DIARIAMENTE PARA ASSENTAR E DAR BELEZA AOS SEUS CABELOS

• Acaba com o
quedo do cabelo,
caspa e o seu uso
avilta os cabelos
brancos.

EUTRICHOL

CONCORRE
PARA O SEU
SUCESSO

MULTIFARMA - PRACA PATRIARCA, 26 - S. 6 - S. PAULO
REMESSA PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL

A Resposta de São Boaventura

S. Boaventura dava tão belas aulas de teologia na Universidade de Paris, que Tomás de Aquino lhe perguntou onde estudava para ensinar com tanta beleza.

E S. Boaventura, mostrando-lhe o crucifixo, disse:
— "É nele que eu aprendo a ciência sagrada."



GRAVADOR

RUA GONCALVES LÉDO 45
FONE 43-0631

RIO DE JANEIRO

OS CLICHÉS DESTA REVISTA SÃO
FEITOS NESTA CLICHÉRIE.

ARAUJO

PHOTOGRAFIAS
ZINCOGRAPHIAS
TRICROMIAS
DUBLÊS, CLICHÉS
EM COBRE, E
DESENHOS.



RIO DE JANEIRO



De Jornaleiro a Multimilionário

MONA
GARDNER

O FABULOSO SUCESSO DE CHARLES LUCKMAN PROVA
QUE OS ESTADOS UNIDOS SÃO AINDA A TERRA
DA OPORTUNIDADE

de
"Coronet"

NO carro salão do veloz expresso de Chicago, dois homens trocavam informações absolutamente confidenciais e íntimas acerca de negócios. Ao calor da conversação, tocaram no inevitável, e então recente, caso da fusão da Companhia Pepsodent com a Irmãos Lever. Já que se tratava de confidência, um dos homens, de cara sanguínea, revelou que era amigo íntimo de "Chuck" Luckman, o presidente da Pepsodent. O outro também admitiu conhecer Luckman muito bem.

— "Sim, sim, um rapaz de fenomenal sorte!" acrescentavam. "Imagine! Ser presidente de tal companhia aos 35 anos de idade! E ninguém o ganha em cabeça! Certa vez, "Chuck" me falou..." E os dois citavam, em voz alta, o bom amigo Luckman.

Do outro lado da passagem central sentou-se um homem, displicente, de cabelos louros e tez queimada, a ler calmamente um livro. Após dez minutos daquelas referências a Luckman, sentiu-se entretanto, enfadado. Levantou-se, sacou um cartão de visitas, colocou-o diante dos dois faladores, saudou-os e retirou-se do carro. O cartão dizia: **Charles Luckman.**

De novo em sua cabine, Luckman fumou séguida e silenciosamente. Não que o preocupasse os homens dizerem-se seus conhecidos. A eterna referência à sorte é que o irritava. Homem de princípios, Luckman jamais admitia tão inconsistente e responsabilizada coisa como a sorte.

Hoje, Luckman refere-se ironicamente às lutas do passado e sua legenda heróica. Aos nove anos já contribuía para a renda da família; dos quatorze aos dezoito cursava, em sucessão, a escola e o colégio. Aos 24, já manejava duas dúzias de vendedores; aos 26, com 200 ou mais caixeiros e empregados, entre 40 a 60 anos, sob sua direção, os quais não se rebelavam em receber or-

dens de um jovem imberbe, alistou 31 vendedores. Nesse mesmo ano transformou 80 mil dólares de déficit em lucros para a companhia. Aos 35 "amassou" seu primeiro milhão; aos 36, ganhava um salário de 160 mil dólares anuais (mais o interesse e as bonificações), como presidente da maior companhia de dentifícios da América.

Tais raros e agradáveis sucessos, longe de serem matéria de sorte, foram alcançados graças aos planos de Luckman para o êxito.

Numa idade em que a maioria dos rapazes fazem barganhas, o jovem Luckman estava ocupado em somar débitos e créditos no que ele chamava seu "sucesso angular". A mocidade, decidiu ele, era um persistente débito. Um jovem inclinado ao êxito estava sempre a deixar escapar juventude e inexperiência através dos dentes. Para obter algo com rapidez, um camarada tem de achar o caminho mais curto rumo à idade e à experiência.

Luckman propôs-se a analisar a maturidade. Ele encarou o venerável, o encanecido, o senil e o patriarcal e concluiu que a maturidade era um "feito" que podia ser executado com ou sem idade.

Quatro características — observou Luckman — invariavelmente assinalavam as deliberações dos mais velhos: deliberação lenta, paciência, abordagem sem emoção e experiência. Luckman confiava que um jovem poderia adquirir os três primeiros atributos num átimo se se dispusesse à tarefa. O quarto não seria tão difícil se, em vez da experiência, se fizesse um exame, clínico e detalhado, de todos os prós e contras, antes de tomar uma decisão.

Com o objetivo supremo à vista, Luckman, aos quinze anos, começou a ensinar maturidade a si mesmo. Reduziu a pressa no

falar a uma pronunciação vagarosa; abaixou o tom da voz, re-freando os tons altos e a gesticulação. Laboriosamente, desenvolveu uma expressão facial impassível, para esconder a impaciência de sua mocidade. A deliberação foi penosa. Ele negou a si mesmo o luxo dos julgamentos apressados, isto é, impensados. Ao invés, ele metódicamente explorava todas as possibilidades e contingências antes de chegar a uma decisão, decisão esta que, muitas vezes, era a que havia chegado desde o princípio.

De modo singular, entretanto, isto não o tornava um homem inflexível e sem humor. Pelo contrário, há, em Charles Luckman, suavidade, estabilidade, alegria e um inenso senso de segurança. O único detalhe incoerente em todo esse "jovem madurão" são as suas faces rosadas, seu rosto liso.

Duas vezes por ano, Luckman abandona os grandes negócios para uma alegre temporada em sua casa de campo, nas montanhas de São Jacinto, sul da Califórnia. Ele sente-se algo indefinível, dado que seu esconderijo cobre cerca de 22 mil acres de terras planas, montanhas e picos desertos e lagos. Originalmente estabelecido como um lugar onde ele, sua mulher e três filhos pudessem andar a cavalo e viver ao ar livre, em tempo algum Luckman, falou a linguagem dos criadores de gado e teve seu "rancho" como fonte de lucros.

Charles Luckman começou sua vida em Kansas City, sendo filho único de Alberto e Dora Luckman. Seu pai era gerente de um armazém. Embora aos nove anos tivesse vendido jornais em uma esquina de rua movimentada, sua carreira nos negócios começou realmente aos doze, ano em que entrou para o curso secundário. Em adição às raízes latinas, à álgebra e à História da Grécia,

arranjou três empregos, simultaneamente, num armazem, numa drogaria e numa mercearia. Conduziu-se competentemente em todos os três, durante os seguintes quatro anos, desenvolvendo sua estratégia para o sucesso e aplicando-a em começo. Teve a mais alta média entre 4 mil estudantes, foi o dirigente de sua classe "semor", editor do anuário da escola, presidente do Comitê dos Maiores, capitão da equipe de debates e membro da equipe dos senhores.

Tudo isso fê-lo ganhar uma matrícula de quatro anos em uma Universidade do Estado, mas Luckman a todos confundiu, regelando-a. A essa altura ele queria ser arquiteto e entrou para o curso respectivo na Universidade de Illinois. Mais tarefas e atividades desenvolveu. Quando se graduou — sempre dos primeiros — possuía, enfim, a ambicionada licença de arquiteto. E nunca a usou, desde então.

Duas razões havia para isso: Luckman casou-se com Harriet Mc. Elroy, uma colega, dois dias antes de graduar-se e o ano era o de 1931, quando renomados arquitetos achavam-se em dificuldades.

Quando lhe foi oferecida a oportunidade de desenhar "portfolios" para o sabonete Colgate, agarrou-a. O gerente de vendas duvidou da eficiência de sua primeira exibição e para prová-la valiosa, Chuck correu a oito lojas e vendeu seus produtos a sete delas. Viu-se transferido para o departamento de vendas e designado para o que se chamava de "o mais difícil território dos Estados Unidos": — a seção negra de Chicago. Fez negócios crescentes e, como recompensa, foi transferido para o bairro polonês, o segundo mais difícil território. Durante esses duros e desafiadores períodos, Chuck entendeu-se com os processos de venda, os quais não lhe pareciam mais que operações de "carregar". Noites seguidas desenvolveu planos para ajudar os pobres comerciantes embaraçados a "des-carregar" a mercadoria que suas habilidades de vendedor haviam feito chegar até eles. Suas idéias eram tão eficientes que as vendas da Colgate, de Chicago, elevaram-se e ele foi enviado a Milwaukee como gerente distrital. Dois anos mais tarde era gerente de divisão de seis Estados.

Com esse vasto território a considerar, ele lançou um programa para a venda em massa de carraças de baldes, completos, com

escovões, panos de chão e tal e tal espécie de sabão. A idéia atraiu tanto a atenção de Kenneth C. Smith, então presidente da Pepsodent, que mandou chamá-lo.

Em Chicago, Luckman conver-sou com Smith e outros gênios da Pepsodent: Albert Lasker, da direção suprema, e Thomas, da publicidade. Esses astutos e interessados ofereceram a Luckman o cargo de gerente de vendas da Pepsodent e ele não resistiu. Afinal, eram mais tarefas sobre a mesma secretária todos os dias e nenhuma noite fora de casa. Além disso, que dificuldades havia em vender um produto tão solicitado que, para atrair os fregueses, os varejistas o vendiam abaixo do custo?

Realmente, Luckman encontrou-se a trabalhar nas 51 semanas das 52 em que estava na companhia porque seus produtos estavam sofrendo excessiva solicitação. Embora grandes negociantes o estivessem comprando a 29 centimos o tubo e vendendo-o a 21, muitos logistas independentes recusavam-se a tê-los em seus estabelecimentos. Na Califórnia, havia um vasto "boycott" da Pepsodent. Ainda naquele tempo qualquer companhia que tentasse estabelecer preços mínimos estava em perigo de incorrer na Lei Sherman-Clayton Anti-Trust. Em seu segundo dia na companhia Luckman compreendeu que os delegados à Convenção da Associação Nacional dos Droguistas

(Conclui na pag. 126)



★ dependem do cuidado com seus cabelos. Mantenha-os pretos, sedosos, brilhantes, são e juvenis com Brylcreem que fixa o penteado sem emplastar. Experimente Brylcreem após o permanente! No cabelereiro de 1.ª ou nas suas 5 embalagens diferentes, Brylcreem está ao alcance de todos! Isento de goma, álcool e sabão.

Mais de 27 milhões de unidades vendidas anualmente no mundo inteiro!

BRYLCREEM
O MAIS PERFEITO TÔNICO FIXADOR DO CABELO



FIGURAS E FATOS

● JOÃO SERRANO ●

★ GASTÃO FORMENTI ★

Há tempos, uma emissora carioca dedicou um quarto de hora às músicas do ex-cantor Gastão Formenti, artista que abandonou, há anos, o rádio para dedicar-se à pintura.

Gastão Formenti naturalmente "sentiu" que "todo mundo" se fazia cantor com muita facilidade e que continuando ele a cantar "a sério", estaria prejudicando a sua arte pictórica. Deixou, assim, o rádio e continuou a pintar paisagens, em que é o "tal".

Ouvindo-o, na "conserva" dos discos, lembrei-me do caso daquela sua "fan" que o procurou para solicitar-lhe um autógrafo num retrato em que o artista aparecia como sempre despenteado...

Conduzida ao "atelier" onde se encontrava, pintando, o brilhante aquarelista, a jovem se surpreendeu ao deparar o cantor de pincel em punho, defronte ao cavalete e cercado de telas admiráveis. E, não ocultando a surpresa e a lamentável ignorância, perguntou, num laivo de ironia, a Gastão Formenti:

— O senhor também é pintor?!



Gastão Formenti

O artista sorrindo, mas pálido, retrucou:

— Não, senhorita, eu também sou cantor...

Gastão Formenti sempre foi, aliás, pintor, antes de ser o esplêndido cantor que sempre admiramos, até deixar o rádio. E creio que ainda o é. Deixou o rádio firme, andando de cabeça erguida em pleno êxito. Enjoou do microfone, tão acessível hoje em dia a todo cantador que tenha amigos ou compadres mais ou menos influentes nas emissoras ou que sejam amigos de patrocinadores mãos-abertas dêsses programas de auditório em que todos vêem e ouvem, menos os que, em casa, ligam o rádio para ouvir...

Vendo que não nascera para trabalhar no palco, correndo o risco de bancar, de vez em vez, o palhaço, Gastão Formenti mandou às favas o microfone e voltou à intimidade dos seus quadros luminosos, cuja beleza lhe caracteriza melhor a vocação artística.

Deveriam seguir êsse exemplo vários cantores e humoristas medalhães que, ao contrário de Formenti, dariam aqui fora bons brochadores de paredes...

* * *

RA'DIO PERNAMBUCANO



A radíofonia pernambucana possui valores expressivos, dignos de figurarem, sem nenhum favor, ao lado dos maiores *cartazes* do Rio, São Paulo e Minas. Falta-lhes, apenas, publicidade...

Ronaldo Lupo, o conhecido artista que há pouco esteve nesta Capital cantando na Rádio Guarani, aliás

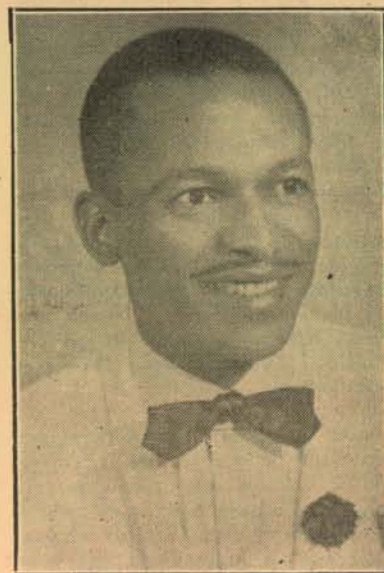
com absoluto sucesso, exteriorizou, numa palestra, a sua admiração pelo rádio pernambucano e nos ofereceu a fotografia acima, na qual aparecem, à esquerda do *chansonnier* elegante, Maria Celeste, a sambista número um do Norte, e o apreciado cantor Ernani, intérprete de músicas populares; e à sua direita, a brilhante so-

RA'DIO PAULISTA



RAGO, dirigente do apreciado Conjunto Regional da Tupi-Difusora, de São Paulo. Exclusivo dessas Emissoras, Rago desfruta de invejável prestígio no "broadcasting". Grava com os melhores cantores paulistas.

*



Cantor exclusivo da Rádio Bandeirante, Rubens Santos vem se impondo como intérprete de músicas populares. Fez sua estréia em gravações para o próximo Carnaval, na Continental. Bonita voz e boa interpretação

*

prano ligeiro Maria Parizlo. Afirmou-nos Ronaldo Lupo serem êsses três artistas da Rádio Clube de Pernambuco merecedores das melhores referências e dignos de maior projeção no panorama radiofônico do país. Aqui ficam, pois, as expressões a que fazem jús os três ases pernambucanos.

URBANO LÓES prossegue vigorosamente com os seus "Espetáculos" semanais na Rádio Globo.

*

CARMEN COSTA, a popular cantora de sambas, contraiu núpcias com um engenheiro norte-americano, viajando para New-York.

*

JORACI CAMARGO, o conhecido teatrólogo brasileiro, está escrevendo interessantes crônicas para a P.R.E.-3, subordinadas ao título "Aconteceu no Rio".

*

"MEMÓRIAS DO RIO" é o sugestivo programa da Rádio Globo, agora a cargo de Carmen Nícia de Lemoine.

*

"MELODIAS SULAMERICANAS" é o magnífico programa que a Rádio Clube irradia com orquestra.

*

"CALENDÁRIO HISTÓRICO", programa especializado dirigido por Luiz de Medeiros, e irradiado pela Rádio Guarani, comemorou o seu terceiro aniversário.

*

EDISON DE CASTILHO, o baixo mineiro cuja estreia agradou plenamente, continua a cantar às sextas-feiras na Rádio Guarani.

*

AS NOSSAS EMISSORAS já lançaram seus programas carnavalescos, num prenúncio bem expressivo do que vai ser o reinado de Momo...

*

"RADIOFONIA NAS ALTE-ROSAS" é a palestra que o nosso companheiro Almir Neves irá pronunciar em Vitória, Estado do Espírito Santo.

*

OS PREMÍOS radiofônicos de 1945, instituídos pela Secretaria Geral de Educação e Cultura da Municipalidade carioca, são de Cr \$10.000,00, e os cronistas de rádio foram inscritos "ex-officio".

*

WILSON BISTENE está atuando, com grande sucesso, no "broadcasting" paulista.

A RÁDIO INCONFIDENCIA vem oferecendo, para a delícia do público ouvinte, uma série de expressivos programas que bem refletem, através de sua qualidade e bom gosto artístico, a mentalidade dos seus dirigentes.

Enumerêmo-los: "Hora Literária", organizado por Aires da Mata Machado Filho; "Nos Domínios da Música" por Alphonsus de Guimarães Filho; "Nos Livros e nos Tribunais", por Washington Albino; "Antologia Sonora", organizado por Milton Pedrosa; "Caleidoscópio", por Karl Weissman, e "Aconteceu na Semana", por Moacir Andrade.

Esses programas, preparados com esmero e critério, vêm valorizando a programação da P.R.I.-3.

*

DURANTE uma irradiação esportiva da Rádio Mineira, a quantidade de anúncios era tal que o locutor não pôde anunciar no momento preciso o *goal* sensacional de um dos contendores.

Ah! a plethora dos anúncios...

*

O RADIO-TEATRO-INCONFIDENCIA é certamente das melhores organizações no gênero. Dirigido por Brandão Reis e Vicente Prates, que têm a auxiliá-los elementos destacados que são todos os integrantes do homogêneo conjunto de intérpretes, o Rádio-Teatro-Inconfidência distingue-se pelas peças apresentadas, todas elas extraídas de obras famosas e impecavelmente radiofonizadas.

*

A HORA DO FAZENDEIRO, organizada pelo engenheiro-agrônomo João Anatólio Lima e apresentada diariamente pela P.R.I.-3, é um programa que tem resistido em nosso rádio, mantendo o mesmo prestígio de oito anos atrás.

O grande número de cartas recebidas de diversos pontos do País atesta a eficiência e utilidade desse programa.

*

LINDA BATISTA



Linda Batista, a "rainha do samba", que está se destacando atualmente como grande intérprete das músicas para o Carnaval.

RÁDIO *Caríoca*



Gilberto Alves, grande intérprete de músicas carnavalescas, da Rádio Tupi.



Joel e Gaucho, a dupla que sempre se impõe através de reais sucessos carnavalescos.



Alvarenga e Ranchinho, a dupla que é uma narração da Mayrink, está firme para abafar no Carnaval da Vitória...

Silvio Caldas, o "poeta da voz" criador de autênticos sucessos para o Carnaval de 1946. Pertence à Tupi.





Adoniram Barbosa, o popular Barbo-sinha da Rádio Record, é o notável criador de vários tipos radiofônicos. Já trabalhou no cinema nacional, aparecendo no filme "Pif-Paf". Já deve estar no Rio, afim de participar de outro filme carnavalesco, com Ademar Gonzaga. Seus programas humorísticos lhe grangearam inúmeros admiradores em todo o país.



CACO VELHO, mago da bossa na música popular brasileira. Exclusivo das Rádio-Tupi-Difusora. Conta com a maioria dos ouvintes como fans. No gênero, é o único que mais tem admiradores pelas mil e uma trapalhadas que faz quando canta, dando graças aos seus programas de audilório. É compositor e está gravando na Continental em São Paulo. Tem várias gravações de sua autoria e demais compositores paulistas e do Rio para o próximo Carnaval. De parceria com Carlos Armando, está apresentando em seus programas, um número que marcará sucesso. Mistura de swing e samba, ritmando, imitando instrumentos, etc... Intitula-se "Assim se dança na América".



OTAVINHO DA MATA MACHADO,
o "cantor das mil e uma fans", da Guarani

Panorama Radiofônico

Responde à "enquete" de "Alterosa" o admirável cantor José Lino, da Guarani

— QUANDO E COMO INICIOU SUA CARREIRA RADIOFÔNICA?

— Foi numa quinta-feira, às 21 horas. Existia na Rádio Guarani um programa que se intitulava "Hora da Corneta", onde calouros, como eu, iam em busca do cobizado "primeiro prêmio". Cantei naquela noite memorável a linda valsa: "Sonhei que tu estavas tão linda" e um fox-canção. Fui muito aplaudido e, no fim do programa, a comissão resolveu me conceder o 1.º prêmio. Fiquei satisfeíssimo, pois, não esperava que isto acontecesse. Depois não mais voltei à Guarani. E' que não pensava na possibilidade de fazer parte do nosso "broadcasting" Mas... Parece que o destino já havia resolvido que eu viesse a tomar parte nos programas da H-6. Num domingo, fui apreciar o programa "Gurilândia". Rômulo Pais me reconheceu entre os assistentes. Pediu para que eu cantasse. Interpreteti as mesmas músicas da estréia, com absoluto agrado do público. Desde então continuei a participar de "Gurilândia", isto é, a partir de fevereiro de 1943. Hoje, já rapaz, deixei o programa infantil da Guarani e faço parte do seu "cast" de exclusivos.

— QUE EMOÇÕES MARCAM A SUA INICIÇÃO ARTÍSTICA?

— Minha maior emoção foi quando Rômulo Pais pediu ao público que decidisse se eu devia cantar músicas mexicanas ou brasileiras. Isto porque havia cantado, com acompanhamento de MacIerevski ao piano, o único bolero que conhecia: "Solamente una vez". Tenho a impressão de que todo mundo gostou mais da interpretação desta música do que das outras. E assim, foi lançado o concurso, pelo qual a maioria dos assistentes opinou favoravelmente pelas melodias aztecas. Esta a minha maior emoção. Desde então, tenho procurado esmerar na interpretação e na escolha de meu repertório, pensando sempre em nunca desapontar os "fans", que tão carinhosamente me têm incentivado.

— CONTE-NOS ALGO INTERESSANTE DE SUA CARREIRA RADIOFÔNICA.

— Com apenas dois anos e pouco de rádio tenho tido oportunidade de sentir e participar de acontecimentos curiosos e interessantes, mas de todo inenarráveis. Segrêdo? Não! E' algo "muito interessante"...

— QUAL O SEU GÊNERO DE MÚSICA PREFERIDO?

— Claro que, no gênero popular tenho de preferir as músicas mexicanas que, com mais intensidade falam à alma da gente. Todavia, meu gênero preferido, de um modo geral, é o da música fina. Sou admirador intransigente das lindas páginas de Chopin, Strauss e Beethoven. Dêsses imortais compositores, pretendo fazer uma discoteca tendo para meu deleite espiritual, os discos em que estão gravadas as suas inesquecíveis melodias.

— QUAIS SÃO ATRAVÉS DOS MÚLTIPLOS GÊNEROS ARTIS-



José Lino

TICOS, AS FIGURAS REPRESENTATIVAS DE RADIADORES, RADIAUTORES, CANTORES, HUMORISTAS E LOCUTORES DO NOSSO RÁDIO?

— No rádio mineiro existe grandes valores individuais de radiadores. Oduvaldo Viana e Amaral Gurgel são radiadores de méritos inconfundíveis. No gênero de música fina admiro Cristina Maristani, Teresinha Pedroso, Rosita de Sousa e José Menezes. No gênero popular brasileiro, Francisco Alves, Sílvio Caldas, Abílio Lessa, Flávio Alencar e Linda Batista. No mexicano, aprecio imensamente "nuestro gran amigo Pedro Vargas" e Elvira Rios. Dos humoristas, Zé Fidélis. Pela ordem, meus locutores preferidos são: Celso Guimarães, Raul Brunini, Orlando Pacheco, Saint'Clair Lopes, Brandão Reis, Carlos Frias e Teófilo Pires.

— E O MELHOR PROGRAMA DE CALOUROS SOB OS ASPECTOS ARTÍSTICO, RECREATIVO E MORAL?

— Apenas dois, nos três aspectos, merecem minha apreciação: A "Hora do Pato" da Rádio Nacional e o "Programa de Calouros" da Tupi, do Rio.

— E O MAIS COMPLETO ANIMADOR DE PROGRAMAS DE AUDITÓRIOS?

— Inegavelmente, Almirante marcha na vanguarda. Seguem-no Herbert de Bóscoli, Barbosa Júnior e Orlando Pacheco.

— QUE INOVAÇÃO SUGERE PARA O NOSSO RÁDIO?

— Muitas. Apesar de possuírmos grandes valores, falta-lhes, porém incentivo por parte dos diretores, da imprensa e do público. Sou capaz de garantir o sucesso de qualquer dos nossos artistas desde que lhes dêem oportunidade e estímulo de aparecerem em programas bem organizados. Falo isto excetuando tudo o que se relaciona com minha pessoa; digo, sem o menor intuito de enaltecer e aproveitar oportunidade para meus bens futuros. A verdade, porém, é que inovações não faltam; mas, tão somente, encorajamento, estímulo e confiança.

(Conclui na pag. 117)

Temporada de Verão



em

Quistandinha

INFORMAÇÕES: 42-6190 - RAMAL 16 - RIO

RECORDAR

é viver



JA' vimos que o **Sport-Club**, fundador do futebol em Belo Horizonte, era composto de dois quadros, que se denominavam **Vespúcio** e **Colombo** e desses quadros nascera o **Viserpa**, cuja denominação recordava o nome de Vitor Serpa e era uma homenagem a este iniciador do esporte bretão na cidade.

Mas, a 7 de janeiro de 1906, reunidos os componentes dessas entidades, deliberaram fundi-las em uma única e nomearam uma comissão encarregada de rever os estatutos, composta dos srs. José Gonçalves, Hugo Torres e Abel Drumond. Em seguida, elegeram a nova diretoria formada pelos srs. dr. Nelson de Sena, presidente; Armando Alves, vice-presidente; Jefferson Mourão, 1.º Secretário; Abel Drumond, 2.º Secretário; José Gonçalves, tesoureiro; Joaquim Roque Teixeira, diretor geral do campo. Essa diretoria empossou-se a 13 de maio, em sessão realizada em casa do sr. José Gonçalves, à rua da Bahia e nessa ocasião foram aprovados os estatutos refundidos. A diretoria mandou logo preparar o campo para a partida inaugural da nova fase do pai e **leader** do futebol horizontal.

Reiniciando, assim, as suas atividades, o **Sport-Club**, depois da partida inaugural, que esteve animadíssima, desenvolveu ação contínua, animando a vida desportiva

AINDA O FUTEBOL — O "VISERPA" E O "SPORT-CLUBE" FUNDEM-SE — AS SUAS ATIVIDADES NA VANGUARDA DO FUTEBOL HORIZONTAL — A FUNDAÇÃO E ALGUNS FEITOS DO ATLÉTICO MINEIRO

Abilio Barreto

Ilustração de Fábio

da Capital. Temos notícia, por exemplo, de que a 25 de abril de 1909, pela manhã e à tarde, dois "teams" desse clube — o branco e o azul — disputavam interessantes jogos no respectivo campo. O branco constituía-se pela seguinte forma: "goal-keeper" José Gonçalves; "bakes", Olavo Drumond e Alexandre Brandão; "half-back" Plínio de Mendonça, Americo Costa e Cícero Ferreira; "forwards" Cacau Brito, Mário Magalhães, José Ferraz, José Maximiano e Francisco Caracioli; "captain", José Gonçalves.

O azul estava assim composto: "goal-keeper", Artur Mendonça; "backs", Pompêo e Nhonhô Sales; "half-backs", Nilo Rosenberg, Rômulo Joviano e Valter de Castro; "forwards", Carlos Toledo, Plínio Brasil, Paulo Rodrigues, Lelé e Eduardo Frieiro; "captain", Rômulo Joviano. Depois de grande peleja, venceu o azul por 3x0.

A 30 de maio, o clube elegeu a sua nova diretoria, assim: presidente, Rômulo Joviano; vice-presidente, Antonio Martins Pena; 1.º secretário, Antonio de Oliveira; 2.º secretário, José Mariano de Sales (Nhonhô); 1.º tesoureiro, José Gonçalves; 2.º tesoureiro, Israel Fonseca; "captain-geral" — Eduardo Frieiro.

A 12 de setembro de 1909, o **Sport-Club** disputava grande partida com o **Vila Nova Athletic Club**, de Morro Velho, no campo da Exposição Agro-Pecuária, no Prado Mineiro, sendo vencido por 3 x 1.

Duas belas festas desportivas realizou depois o **Sport-Club**, no Parque, em benefício de seus cofres: uma a 12 e outra a 19 de dezembro, constantes de corridas de bicicletas, de velocípedes e a pé, natação e corrida de patos.

A 1.º janeiro de 1910, elegia a seguinte diretoria: presidente, tenente Gentil Falcão; vice-presidente, Rômulo Joviano; 1.º secretário, Francisco Caracioli; 2.º secretário, Nilo Rosenberg; 1.º tesoureiro, Aureliano Nochi; 2.º tesoureiro, Agenor Nogueira; comissão fiscal, dr. Alberto Pena, Abel Drumond, Viriato Mascarenhas, José Ferraz e José Gonçalves.

A 16 daquele mês, os quadros azul e branco disputavam uma partida, assim formados: azul: — Artur, Agenor, Gil, Rômulo, Ferreira, Monteiro, Vito Ino, Aurélio, Valdir, Mario e Aureliano; branco: — Nilo, Drumond, Alberto, Silvio, Itabirano, Bar, Eduardo, Toledo, Paulo e Djalma. Não conseguimos saber o resultado desse jogo.

Em sessão de 23 de setembro de 1910 o **Sport-Club** admitia, como socios, diversas senhorinhas, as primeiras que se incorporaram a agremiações esportivas daquela natureza na Capital.

Pouco tempo mais durou o **Sport-Club**, depois de reconstituído, tendo deixado, entretanto, nos fastos esportivos da Capital, entre outras, a glória de haver sido o fundador do futebol em Belo Horizonte.

*

Já eram consideráveis as atividades desportivas em Belo Horizonte, principalmente no ramo do futebol, quando, a 25 de março de 1908, se fundou o **Atlético Mineiro Foot-Ball Club**, cuja existência gloriosa chegou até os nossos dias e é, como sempre foi, uma das expressões mais altas e distintas do esporte bretão no Brasil.

Nascido discretamente de um grupo de moços entusiastas do futebol, tão logo teve o seu primitivo campo preparado, iniciou o treinamento de suas primeiras duas equipes, a branca e a verde, que na tarde de 10 de outubro daquele ano, realizavam o seu primeiro jogo. E muitas outras partidas foram disputadas entre os seus dois "teams", até 1911, preparando-se para os seus grandes dias do futuro.

A sua primeira diretoria de que temos notícia, eleita em 1911, estava assim constituída: presidente, Aleixanor Pereira; vice-presidente, Anibal Machado; 1.º Secretário, Jair Pinto dos Reis; 2.º Secretário, Mario H. Loth; tesoureiros, Mário Neves e Oscar Maciel.

Naquele ano, a 27 de agosto, já o "Atlético" media forças com o Minas Gerais F.B.C., de cuja fundação temos apenas vaga no-

ficia, sendo empatada a partida, o que prova que esse competidor era valente.

O início da carreira de glórias do "Atlético", porém, data de 12 de maio de 1912, quando ele bateu o "Gramberense", de Juiz de Fora, pela notável contagem de 5 x 0, com o seguinte quadro: Artur Pinto, João Brito, Nardi, Laranjeira, Dooper, Proença, Jair Reis, Morethson, Paula Dias, João Reis e Prata. Mais de 1000 pessoas apreciaram essa empolgante peleja numa "torcida" infernal, na "Princesa do Paraibuna", onde voltou o "Atlético" a 6 de setembro para derrotar novamente o "Gramberense", a 5 de outubro, por 3 x 2.

Em comemoração à data de 14 de julho, em 1912, o alvi-negro realizou belo festival, jogando contra o 1.º e o 2.º quadros do "Vila Nova", vencendo-o, respectivamente, por 5 x 1 e 4 x 0. Eram estes os quadros do "Atlético": o 1.º — Nilo, Morethson, Alfredo, Sebastião, Dooper, Proença, Jair Brito, Meireles, Morgan e Aristides; o 2.º: Artur, Carlos, Valdomiro, Heitor, Aleixanor, Zé Eurico, Camardelli, Anibal, Mendonça e João.

A 30 de março de 1913, em comemoração ao 5.º aniversário de sua fundação, ocorrida a 25 de março de 1908, como já foi dito, jogava o "Atlético" contra o "Acadêmico Sport Club", fundado pouco antes, vencendo-o com facilidade.

Em maio de 1913, realizava dois jogos sensacionais: o primeiro a 4, em Juiz de Fora, com o "Gramberense", derrotando-o por 7 x 0, e o 2.º a 11, em Vila Nova de Lima, contra o "Morro Velho Athletic Club", perdendo por 3 x 2.

Ainda naquele ano, a 29 de junho, lutava contra o "Palmeiras" e o vencia, com este quadro: Condorcet, Morethson, Camardell, Sigaud, Dooper, Lana, Aristides, Brito, Meireles, Artur e Djalma. Era este o "team" do "Palmeiras": Euclides, Francisco, Balsamo, Arduino, José Uzoní, José Figueiró, Rampazi, Leopoldo e Isaías.

Pela primeira vez, a 14 de junho de 1914, jogava contra o "America F. B. C. (fundado a 30 de abril de 1912 e do qual depois trataremos) e perdia por 0 x 1 com este quadro: Zé Ferreira, Meireles, Morethson, Capo, Dooper, Lé, Araujo, Kené, Matos, Rose e Djalma, sendo juiz o sr. J. Gultbert.

Jogou, depois, contra o selecionado acadêmico carioca, perdendo por 0 x 1, com este quadro: Ferreira, Leon, Morethson, Dan-

Um GUIA GRATIS

para SUCESSOS CULINÁRIOS!

• É o novo livro "Receitas com Maizena Duryea", onde encontrará 74 receitas variadas, saborosas e para todos os paladares.



MAIZENA DURYEA

Verifique o acampamento índio e o nome Duryea



A MAIZENA DURYEA 50 45
 Caixa Postal, 6-8 - São Paulo
 Peça enviar-me, GRATIS, o livro "Receitas com Maizena Duryea"

NOME _____
 RUA _____
 CIDADE _____ ESTADO _____

ton, Lé, Sardinha, Matos, Chagas, Meireles, Brito e Rose.

Ainda em 1914 jogou outra partida com o "America" vencendo-o por 3 x 0, com o quadro seguinte: Ferreira, Morethson, Gultbert, Djalma, Mario, Lé, Aristides, Portela, Meireles, Danton e Rose. Com esse jogo conquistou a taça "Bueno Brandão".

Em 1915, o alvi-negro venceu novamente o América por 1 x 0, com este quadro: Morethson, Camardell, Leon, Testi, Lé, Sigaud, Aristides, Loth, Meireles, Matos e Rose.

A 11 de julho ainda de 1915 venceu o Yale Athletic Club por 5 x 0, com o mesmo quadro que havia jogado contra o América, e a 3 de outubro batia o America por 2 x 1, com este quadro: Ferreira, Coutinho, Leon, Sigaud, Lé, Testi, Matos, Meireles e Rose.

Campeão, em 1915, ano em que foi fundada a segunda "Liga Mineira", realizadora do campeonato oficial, venceu um torneio de que participaram 5 clubes, sem uma derrota e sem que o seu goal fosse vazado uma vez sequer.

Em 1916, a 26 de julho, era o alvi-negro batido pelo América, por 0 x 3, com este quadro: Ferreira, Mourinha, Morethson, Coutinho II, Lé, Romeu, Tedinho, Jorge, Coutinho I, Loth e Nilo.

No 2.º quadro, foi também vencido por 2 x 1, quadros que jogaram contra o Sport Higiênico, vencendo-o por 1 x 0 e 4 x 0, respectivamente, no 1.º e segundos quadros, a 6 de agosto.

Nesse ano, apesar de ter perdido sete jogadores, conseguiu colocar-se em 2.º lugar no campeonato. Nesse período o seu quadro era este:

(Conclui na pagina 127)

* * *



DESENHOS

COMERCIAIS

TECNICOS E

ARTÍSTICOS

CARTAZES
 GRAFICOS
 R O T U L O S
 ILUSTRAÇÕES
 CARICATURAS

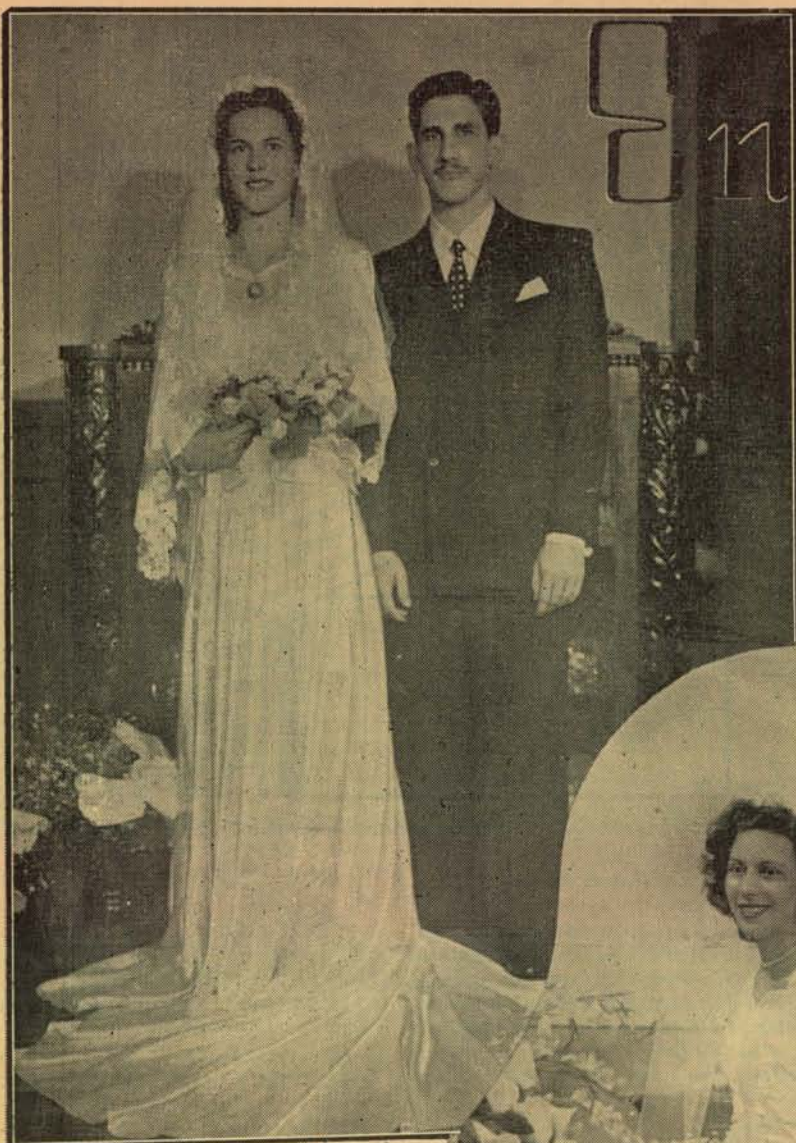


RUA ESP. SANTO, 621-ESQ. AVENIDA-ED. CRISTAL
 1º AND. SALA 4 - FONE 2-6707-BELO HORIZONTE

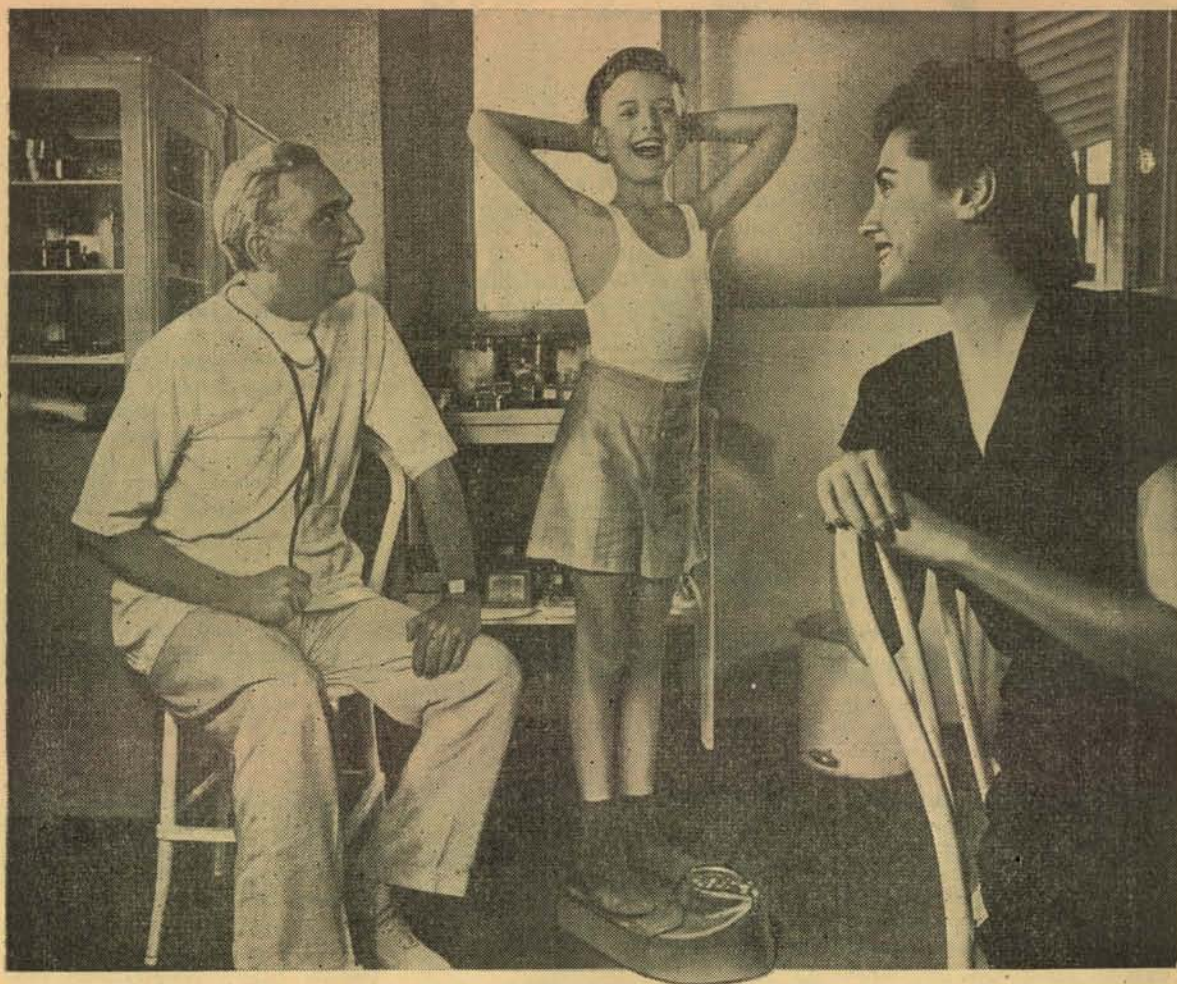
Enlaces



Sr. Vicente de Paula Sousa-
Sta. Neusa Maria Neves Cé-
sar, que se consorciaram
nesta Capital.



Sta. Dalva Fraga Nascimen-
to no dia de seu enlace
matrimonial com o Sr. Al-
mir Neves Pereira da Sil-
va, nosso companheiro de
redação.



Quem é o mais orgulhoso ?

O orgulho de um menino que supera seus companheiros nos folguedos e a alegria da mãe antevendo o futuro do filho, podem comparar-se apenas com a satisfação do médico que acompanhou a infância desse menino, evitando-lhe os perigos comuns nessa época da vida.

Hoje, graças ao seguro diagnóstico do médico e à prescrição de dietas e vitaminas apropriadas, milhões de famílias encontraram a solução para o sério problema da nutrição defeituosa.

Por esse motivo, os cientistas dos laboratórios Squibb sentem-se orgulhosos por terem auxiliado o médico, pondo à sua disposição produtos vitamínicos da mais alta qualidade. Os produtos vitamínicos Squibb são garantidos por mais de 87 anos de ininterruptos de pesquisas farmacêuticas.

E o êxito das fórmulas dos Produtos Vitamínicos Squibb

é devido, em grande parte à íntima cooperação mantida com as mais notáveis autoridades mundiais no campo da nutrição.

Seu médico sabe que a atividade e a estabilidade de cada Produto Vitamínico Squibb são garantidas por mais de 162 provas exatas de laboratório.

É de máxima importância a consulta a seu médico sobre as vitaminas, porque só ele pode prescrever o tratamento vitamínico adequado para você e sua família.

E·R·SQUIBB & SONS DO BRASIL, INC.

Produtos Químicos, Farmacêuticos e Biológicos

FAMA MUNDIAL EM PESQUISAS MÉDICAS



Grafologia

Direção de Fêbo

Sob a competente e criteriosa direção de FÊBO, um dos mais consagrados mestres que o Brasil possui no campo da Grafologia, esta seção constitui uma régia oferta de ALTEROSA aos seus leitores de todo o país. As consultas recebidas até o dia 7 de cada mês, acompanhadas do respectivo cupão que vai publicado em todas as edições, serão respondidas no número do mês seguinte. As consultas chegadas depois daquela data terão resposta na edição posterior. A correspondência para esta seção deverá ser assim endereçada: FÊBO — Redação de ALTEROSA — Cx. Postal 279 — Belo Horizonte — Estado de Minas Gerais.

JABUTIFUTE — S. PAULO — CAPITAL — Letra movimentada de pessoa ativa, curiosa, alegre e algo vaidosa. Traços de ironia, capacidade artística, desconfiança e gostos requintados. Imaginação, expansividade, inteligência acima do normal e, às vezes, hesitação. Dedutividade.

DREAM — S. PAULO — CAPITAL — Ótima inteligência e boa cultura artística e literária. Equilíbrio harmonioso das funções psíquicas. Senso prático, modéstia e simplicidade. Alguma pressa, que se nota nos finais, às vezes modificados em relação ao aspecto geral da escrita. Impenetrabilidade, reserva, discrição e dissimulação.

TÍMIDA — PETROPOLIS — RIO — Grafia sinistrogirã reveladora de vontade frágil, exclusivismo e imaginação. Traços de vaidade pessoal intensa, graça, vivacidade e presença de espírito. Imaginação, sensibilidade e alguma preguiça.

K.P.T.A. — LINS — S. PAULO — Tipo de grafismo dedutivo, revelador de lógica, raciocínio, capacidade de abstração, observação e senso positivo das coisas e dos fatos. Espontaneidade, atividade e alguma teimosia. Caráter suscetível e autoritário. Ligação nas idéias e dedutividade. Ponderação, expansividade. Os algarismos mostram gostos matemáticos e capacidade analítica.

NIVEA — DIAMANTINA — MINAS — Grafia de pessoa egoísta, reservada, dissimulada e desconfiada. Inteligência viva, imaginação, gostos literários e cultura geral não especializada. Pronunciado sentimento do ritmo, amor da música, senso crítico. Instintos parcimoniosos.

LIVIA — DIAMANTINA — MINAS — Inteligência normal, aptidões artísticas, um pouco de teimosia e sentimentos poéticos. Capacidade de trabalho, necessidade de movimento, gosto das viagens.

GESSI — CARATINGA — MINAS — Notado sentimento artístico, caracterizado pelo gosto da forma. Religiosidade, misticismo, preconceito e rotina. Espírito de ordem e método, meticulosidade e observação. Espírito claro, às vezes um pouco de teimosia e alguma vaidade. Sentimentalidade normal.

RANOSI — DIAMANTINA — MINAS — Boa inteligência, pendor literário, gosto estético, originalidade nas idéias, prodigalidade e amor do luxo e do conforto. Espírito em formação, com constantes crises de depressão, desânimo e melancolia. Marcado sentimento de ritmo.

PREOCUPADO — CAPITAL — Abundância de coração, boa inteligência, idéias positivas, tino comercial. Gosto para o desenho, sentimento da forma. Tipo de letra dedutiva reveladora de capacidade de raciocínio, lógica e precisão. Facilidade de cálculo e boa educação, expansividade e caráter, às vezes, demasiado confiante.

PAFUNCIO — CAPITAL — Inteligência clara, cultura intelectual, prodigalidade nos gastos. Educação esmerada, gostos finos, alguma desconfiança, grande idealismo. Exagero em quase todas as idéias que abraça, vontade regular e um pouco de pressa. Independência de caráter. Embora pensando libertariamente, ainda guarda consigo alguns preconceitos sociais e religiosos.

SARAIVA — RUBIM — MINAS — Letra um tanto caligráfica, onde a custo se pode notar um ou outro traço original. Qualidade predominante, desconfiança. Expansividade com os estranhos e reserva com os íntimos. Vontade frágil e desigual, equilíbrio nervoso, sentimentalidade normal.

S. PAULO — VERGUEIRO XX — S. PAULO — CAPITAL — Grande nervosismo, desconfiança e falta de conhecimento do próprio valor. Alguma vaidade, timidez e exagerado amor próprio. Inteligência que merecia melhor cultivo. Espírito de assimilação e idéias práticas.

SANDRA IARA — TRÊS CORAÇÕES — MINAS — Pronunciado gosto artístico, vaidade e amor próprio. Timidez, hesitação e fina educação. Inteligência clara e equilibrada, cultura bem iniciada. Bondade natural.

SAUDADE — RIO ESPERA — MINAS — Notada independência de caráter, originalidade nas idéias, imaginação poderosa, cultura intelectual aprimorada. Inteligência superior, gostos requintados, ausência de preconceitos. Vontade enérgica, coragem e sentimento de beleza.

VIRGINIA — ITAJUBA' — MINAS — Letra um tanto caligráfica, encontrada na maioria das normalistas mineiras. Traços de impaciência, pressa e agitação. Crises de nervosismo, inteligência normal, luta entre o desejo de romper com a tradição e o sentimento do amor ao passado. Cultura geral, não especializada.

NENIA — DIAMANTINA — MINAS — Letra de pessoa bastante inteligente, que merecia aprimorar os dotes mentais que possui. Pouco controle nervoso, prodigalidade, vaidade e desejo de ser notada. Crises de tristeza. Vontade frágil. Temperamento contraditório.

ELCINHA — SETE LAGOAS — MINAS — Queira renovar a consulta, preenchendo as condições exigidas no cupon publicado nesta mesma página.

BARROS — CAPITAL — Vontade bem orientada, espírito de ordem, disciplina e método. Independência de caráter, imaginação, capacidade creadora. Instinto de proteção, sentimento do dever, amor do lar e da família. Dissimulação, desconfiança e algum egoísmo.

HORTENCIA MAGOADA — PATRO-

FÊBO - SEÇÃO GRAFOLÓGICA

Junto a esta mais de 20 linhas, à tinta e em papel sem pauta, para que V. S. faça o meu perfil grafológico pela revista ALTEROSA.

NOME.....

PSEUDÔNIMO.....

CIDADE.....

ESTADO.....

CINIO — MINAS — Sinais de vaidade, orgulho e exagerado amor próprio. Boa educação, finura no trato, desigualdade de humor. Crises de desânimo, tristeza e melancolia. Amor da discussão. Vontade frágil e desigual.

NELMO — CAPITAL — Acentuado egoísmo, orgulho e vaidade. Dissimulação, discreção, reserva fria, pouca afetividade. Inteligência normal, idealismo e prodigalidade. Calma, ponderação e algum capricho.

S.O.S. — SANTOS — S. PAULO — Gostos finos e poéticos, notada sensibilidade, perseverança e linha de conduta inflexível. Tino comercial, capacidade de raciocínio, lógica e precisão. Finura no trato, delicadeza de sentimentos, capacidade afetiva. Temperamento quase passional, saúde equilibrada, generosidade e bondade. Gênio forte, vontade regular, doçura e expansividade.

ESPERANÇOSA — OURO PRETO — MINAS — Vontade forte e bem equilibrada, inteligência normal, gosto das letras. Temperamento sentimental normal, bondade natural, calma e controle nervoso. Imaginação, amor da tradição e sentimento do dever.

SANDRA — MURIAE' — MINAS — Ótima inteligência, a serviço de uma cultura bem apreciável para uma grafia feminina. Pronunciado sentimento de ritmo, gosto das artes, especialmente da música. Equilíbrio psíquico. Cérebro e coração harmoniosos. Independência de caráter, idéias próprias, saúde e alegria de viver. Vontade bem orientada, decisão pronta, capacidade criadora.

LAE — CAPITAL — Queira renovar a consulta, enviando a sua verdadeira assinatura, material indispensável para um estudo, mesmo superficial.

SHEILA MICHAELI — MANHUAS-SU' — MINAS — Letra alta, reveladora de orgulho, gostos aristocráticos, amor do conforto, do luxo e da vida faustosa. Franqueza, lealdade e nobreza de sentimentos. Sentimentos elevados, amor da poesia, finura e "savoir-faire". Um pouco de pretensão e vaidade.

PAULISTA — JUIZ DE FORA — Letra inclinada e pesada, reveladora de sensibilidade, afetuosidade, coração generoso e bondade. Ausência de egoísmo, prudência e ponderação. Predomínio dos sentimentos morais, vontade forte, firme e conciliadora. Atenção, constância, perseverança e imutabilidade de caráter. Igualdade de humor e um pouquinho de ciúme.

RAQUEL — PIRAPORA — MINAS — Fantasia desregulada, capricho, egoísmo e exagerado amor próprio. Dissimulação, reserva fria, vaidade. Inteligência normal, traços de teimosia e gosto das letras e das artes. Sentimento de ritmo.



DUAS FORMULAS DIFERENTES
para dois males diferentes

De acordo com os imperativos da razão, da ciência e do bom senso:



N.º 1: Regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências.

N.º 2: Falta de regras, regras atrasadas suspensas, deminuidas e suas consequências.

REGULADOR XAVIER

O REMEDIO DE CONFIANÇA DA MULHER

VAUMART

LAR — S. LOURENÇO — MINAS — Sensibilidade, afetuosidade, generosidade, ausência de egoísmo, reserva e devotamento refletido. Modéstia e simplicidade. Franqueza e lealdade. Predominância dos sentimentos morais. Atividade, raciocínio, Prudência. Traços de desconfiança, timidez e pouca ousadia. Falta espí-

SAUDADE — NEPOMUCENO — MINAS — Espírito em formação onde se podem operar ainda muitas transformações. Inteligência normal, alguma

rito de ordem e método. Gosto da matemática.

ZITA — DIAMANTINA — MINAS — Boa inteligência que merecia melhor cultura. Coração generoso, sentimentalidade normal, capacidade de trabalho, alegria de viver. Franqueza, lealdade, modéstia e simplicidade. Atenção e prudência.

MALAGUEIA — CORDISBURGO — MINAS — Nervosismo, pressa, impa-

(Conclui na pág. 126)



**Novo!
Diferente!**

Cintilante

• PEGGY SAGE
contém novo ingrediente
que faz as unhas cintilarem com
novo fulgor e estranha beleza.

Tons cintilantes: HEARTBREAK PINK • DARK FIRE
VICTORIAN ROSE • PSYCHE PINK • GINGER TEA



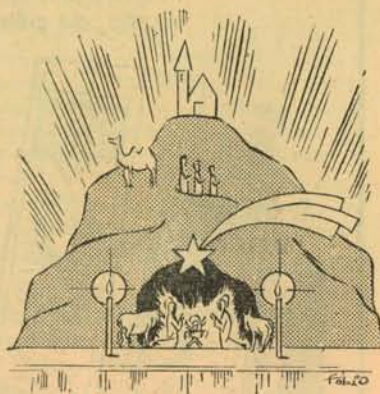
★ O PRESEPIO ATRAVE'S DA HISTO'RIA ★

PENETRANDO em qualquer igreja, de cidade ou de aldeia, entre a véspera do Natal e o dia de Reis (6 de janeiro) encontramos um presépio, rico ou pobre, e nêle a Santa Família e os demais personagens tradicionais. Ao fundo, uma tela simulará a cidade de Bethlém, sobre a qual refulge um céu recamado de estrelas: a gruta poderá ser de papelão ou de estuque e o Menino de biscoito ou de cera. Os animais são de madeira ou de massa; os pastores, os reis, em gesso pintado ou revestidos de pano ou de seda.

Mas, numa capela lateral, ao lado do altar, ou à entrada do templo, junto ao adro, lá estará um presépio.

Desde o princípio da Idade Média, a mais humilde capela, o menor convento, beneditino, cisterciense ou franciscano abrigavam ao mesmo tempo exatamente a mesma coisa.

Um dos mais antigos presépios que vem sendo conservado através dos tempos é o do Chaource — século XVI — no departamento de Aube. Comporta uma dúzia de figuras móveis, de um delicioso



imprevisto: os pastores, de calças compridas, usam cartolas; um dos reis magos é um horrível turco. O boi e o jumento fariam honra ao mais hábil escultor de animais. Possui o pequeno tocador de flauta a delicadeza de uma figura de Donatello; Maria e José lembram as grandes figuras de Reims e de Chartres.

No fim do século de Luís XIV, o natural vai cedendo lugar ao pitoresco e as creches tomam um luxuoso aspecto. Em Nevers foi inventado o presépio de vidro no qual os personagens eram bone-

cos vestidos de seda e veludo. No museu de Cluni há um precioso presépio em terra cota que é uma jóia de arte. Um de bronze que existe em Saint Sulpice, é uma verdadeira obra-prima de grande mestre do cinzel.

Devíamos no entanto pôr de lado essas riquezas artificiais e voltar ao tempo das creches de palha que são as verdadeiras...

Observem um grupo de crianças, em torno de uma mesa, recortando e colocando, graves e atentas, figuras em papelão e papel de cor. Graças à tesoura de costura de mamãe, elas recortam a Virgem Santa, São José e o Menino Jesus. Depois, colam tudo em cartolina e colocam as figuras sobre uma caixa forrada de papel verde; em seguida apanham no jardim um pouco de areia, umas folhas de samambaia e com um punhado de palha, numa cestinha, improvisam a mangedoura. Para terminar uma enorme estrela de cartão prateado pendê de um fio de arame, sobre o estábulo.

Na véspera do Natal, o presépio é cercado de velas multicores — as mesmas que iluminam a Árvore — e em torno ao Menino, meninos e meninas entoam hinos.

— QUAIS SÃO SUAS FUTURAS REALIZAÇÕES?

— Futuramente pretendo, com a ajuda de Deus, realizar algo importante para minha vida artística. Presentemente tenho ambições que espero realizar dentro em breve.

— QUAL A SUA IMPRESSÃO SOBRE NOSSO RÁDIO COMO FATOR DE RECREAÇÃO, EDUCAÇÃO E CULTURA?

— O rádio no Brasil está cada dia avançando mais um passo para a perfeita educação moral e cultural do nosso povo. Temos nas principais emissoras do país, programas bem dirigidos e redigidos com capricho, correção e eficiência, de acordo com a capacidade de cada um de nós. Há programas literários para a cultura do nosso povo; programas leves e bem apresentados, próprios de nossa moral. E programas divertidos, bem animados, com a colaboração de artistas que oferecem ao público horas de intensa alegria e bom humor.

NOTURNO

As sombras violáceas
aumentaram a tristeza crepuscular...
Um bloco escuro
paralisou os meus olhos atônitos.
A paisagem desapareceu.
Sumiu a distância.
Os passos tornaram-se indecisos...

Em um instante
o aniquilamento poderia ser total.
Mas eu ignoro a extensão da noite
e tortura-me a lembrança
de outras trevas iguais...

Agora não consigo perceber
se foi o céu ou a planície
quem estendeu o silêncio
para sonhar...

Não sei mesmo se é um canto
ou um soluço
esse eco longínquo
que fêre os meus ouvidos desatentos...

Tudo se mergulhou no esquecimento
do sono...

Maria Emilia de Castro Goulart



BRINDES À "ALTEROSA"

Desejamos consignar aqui os nossos agradecimentos à The Sydney Ross Company, a simpática organização produtora de "Melhoral", "Talco Ross", "Leite de Magnésia de Phillips", "Glostora", "Pasta Dentífrica Ross", "Sabonete Ross", "Pasta Dental Phillips", "Sabonete Linda Ross", "Pílulas de Vida do Dr. Ross" e outros produtos tão apreciados pelo público brasileiro, pela linda e luxuosa cesta de Natal enviada a esta revista, juntamente com uma rica caixa contendo todos os seus excelentes produtos, como oferta de Boas Festas. A este fidalgo gesto da grande organização, os nossos sinceros agradecimentos.

Também à Cia. T. Janér, Comércio e Indústria, a conceituada casa importadora de papel para imprensa que vem abastecendo ALTEROSA há vários anos, desejamos tornar público o nosso agradecimento pela gentileza da oferta de um luxuoso "block-notes" para uso de nossa redação, oferecido a esta revista como presente de Boas Festas.

Do sr. Joaquim Correia, gerente da filial de J. C. Eno (Brasil) Ltda. em nossa Capital, recebemos valioso brinde de Natal, constante dos excelentes produtos "Sal de Fruta ENO" e "Brylcreem", distribuídos em todo o Brasil e fabricados por aquela grande organização mundial.

A Espôsa Ideal

A ESPOSA ideal é aquela que, sem ostentação faça diante do companheiro transparecer sua suave e amável presença em tudo que rodeie a ambos: uma mulher capaz de manter em perene realidade todos os sonhos que, quando noiva, inspirou. Que o espôso, quando entrar no lar sintase descansado na suavidade do ambiente, e a veja refletida em todas as coisas desde a cuidada transparência de um vidro até no perfume e na cor de uma flor colocada junto a seu prato. E que ela saiba prender em seus braços não apenas o dorso do espôso, mas também a própria felicidade, sempre tão fugidia — que seja perenemente boa e simples, franca e laboriosa, e que tenha um coração tão grande que nêle fiquem todas as boas emoções da vida.



Inauguração da Escola Profissional

Foto -

Magnífica realização da Divisão de Ensino e Seleção da Central do Brasil • Presente o Dr. J. M. de Andrade Sobrinho, chefe da D. E. S., representando o Dr. Ernani Bittencourt Cotrim

REALIZARAM-SE, em janeiro último, na cidade de Conselheiro Lafaiete, neste Estado, as solenidades com que a Divisão de Ensino e Seleção da Estrada de Ferro Central do Brasil, inaugurou, oficialmente, o novo e majestoso edifício da Escola Profissional "Eugênio Feio", órgão técnico e educacional cuja finalidade é preparar elementos capazes de integrar com eficiência os quadros de artifices da grande ferrovia nacional ou de outra qualquer empresa.

Centro ferroviário importante, sede que é do 5.º Depósito da E. F. C. B., a cidade de Conselheiro Lafaiete vem fornecendo, desde a fundação ali da Escola Profissional "Eugênio Feio", expressiva quantidade de material humano, oriundo justamente das famílias ferroviárias que encontraram, na patriótica realização, a solução do difícil problema da educação e, consequentemente, do futuro de seus filhos. O velho prédio, aproveitado em 1939 para a fundação da Escola, transcorridos três anos de profícua atividade, já não comportava o grande e sempre crescente núme-



Jorge Azevedo, Inspetor de Turismo e Publicidade em Belo Horizonte, quando saudava, em nome do Dr. Astolfo Serra, o Dr. Ernani Bittencourt Cotrim, representado pelo Dr. J. M. de Andrade Sobrinho

ro de pretendentes aos cursos técnicos ali ministrados, motivo por que, em 1943, estando sob a direção do dr. Paulo de Cerqueira Leite, um dos destacados valores da moderna geração de engenheiros da Central, foi iniciada a

construção do novo prédio, construção moderna, que se caracteriza pelo conforto e capacidade, e bem reflete a união dos esforços e dedicação de todos, cumprindo ressaltar a ação do ilustre Dr. J. M. de Andrade Sobrinho, sob cuja esclarecida orientação se desenvolve uma das mais notáveis campanhas pelo Ensino Técnico Profissional no Brasil, pois nada menos de doze Escolas Profissionais estão em plena atividade ao longo da nossa mais importante via-férrea, e a do competente Dr. Paulo de Cerqueira Leite, cuja força de vontade se comunicou a todos os seus auxiliares entre os quais se destacou o atual diretor, Sr. Otacílio Geraldo Mendes Roque, então instrutor chefe. E todas as dificuldades oriundas do período crucial do estado de guerra foram vencidas pelos corajosos construtores dessa escola modelo, digna de encômios e incentivo.



Flagrante tomado durante a solenidade da inauguração no salão nobre da Escola dos retratos do seu patrono e ex-diretores.

A INAUGURAÇÃO

A's oito horas da manhã, no

"EUGÊNIO FEIO"

da E.F.C.B. em Lafayette

● O Dr. Astolfo Serra fêz-se representar ● Uma escola de trabalho, disciplina e união, que honra a comunidade ferroviária



O Dr. José Moacir de Andrade Sobrinho, Chefe da Divisão de Ensino e Seleção da Central do Brasil, quando discursava, inaugurando o novo edifício da Escola Profissional "Eugênio Feio".

moderno campo de educação física da Escola, perante numerosa assistência, realizou-se expressiva demonstração de cultura física pelos alunos do referido estabelecimento, causando o espetáculo ótima impressão, pois revelou o excelente preparo dos jovens atletas. Revelou, também, a série de jogos e exercícios, realizada ininterruptamente pelos alunos, o cuidado com que estão sendo treinados, constituindo o fato o melhor elogio que se possa fazer à seção de cultura física da Escola Profissional "Eugênio Feio".

Precisamente às nove horas, finda a cerimônia de educação física, a assistência encheu todo o jardim fronteiro à Escola, onde já se encontravam as autoridades presentes ao ato. Ao som do hino nacional cantado pelos alunos da Escola e os escoteiros da Central, foi hasteado pelo Dr. J. M. Andrade Sobrinho o pavilhão nacional, sob palmas da assistência. Logo após, o Dr. J. M. de Andrade Sobrinho dirigiu-se à escadaria do novo prédio, desatando a fita simbólica que vedava

o acesso, e pronunciou na ocasião belo discurso em que traçou as diretrizes construtivas que orientam a D. E. S. e enalteceu a ação realizadora do Engenheiro Paulo de Cerqueira

Leite e a valiosa coadjuvação dos seus auxiliares, professores e instrutores da Escola "Eugênio Feio". Falou a seguir o sr. Otacílio G. M. Roque, para salientar a ação profícua da D. E. S. e sobretudo a capacidade técnica e o tirocínio educacional do Dr. José Moacir de Andrade Sobrinho. Abordou também o largo descortino da administração do Dr. Paulo de Cerqueira Leite, sob cuja direção havia sido construído o novo prédio. Pelo vigário da Paróquia de São Sebastião, Revmo. Pe. Antônio J. Ferreira, foi dada a bênção inaugural e o prédio foi franqueado ao público. Vimos, então, algo que ultrapassou de muito a nossa expectativa através da magnífica exposição de trabalhos técnicos executados pelos alunos do modelar estabelecimento. Sentimos a carinhosa assistência que a D. E. S. prodigaliza às suas Escolas Profissionais através do seu órgão coordenador que é a Inspeção do Ensino Profissional, à cuja frente está o Dr. Carlos da Silva Guimarães Junior, conhecedor profundo desse ramo do Ensino, e a perfeita correspondência dos seus auxiliares nas Escolas, cuja competência e dedicação ficaram cabalmente demonstradas.



O Dr. J. M. de Andrade Sobrinho quando desatava a fita simbólica, inaugurando oficialmente o novo edifício da "Escola-Eugênio Feio".



A turma dos alunos que concluíram o curso na Escola Profissional "Eugênio Feio".

Trouxemos a melhor impressão sobre a atividade e eficiência dos mestres e alunos da Escola "Eugênio Feio" e assistimos à solenidade de entrega à Estrada de um martelete de molas desenhado e construído sob a administração direta do sr. Otacilio G. M. Roque, seu idealizador. Semelhante ao que foi entregue à Estrada, apreciamos um que foi construído também pelo sr. Otacilio Roque e seus auxiliares para uso da ferraria da Escola.

Encerrando a solenidade matinal, realizou-se no salão nobre da Escola a inauguração dos retratos do patrono do estabelecimento e seus ex-diretores, Drs. Luís de Carvalho e Paulo de Cerqueira Leite, falando sobre a significação da homenagem os Drs. José Moacir de Andrade Sobrinho e Paulo de Cerqueira Leite que focalizaram, respectivamente, as figuras do patrono e do diretor-fundador, dr. Luís de Carvalho. Justificando a homenagem ao ex-diretor, Dr. Paulo Cerqueira Leite, falou o Prof. José de Souza Junior. Representou o prefeito municipal o

sr. Jair Noronha, secretário da prefeitura local.

O ALMOÇO

Ao meio-dia, no Primavera Clube, realizou-se o grande almoço que os diretores e os corpos docente e discente da Escola ofereceram ao Dr. José Moacir de Andrade Sobrinho, em sinal de sua gratidão pelo irrestrito apoio que esse ilustre engenheiro da Central sempre deu à realização do programa de ensino e seleção profissional ferroviária, não somente da Central do Brasil, como especialmente de Lafaete, de cujos operários sempre se mostrara amigo, e aos Drs. Paulo Cerqueira Leite e Carlos da Silva Guimarães e ao Prof. Otacilio Roque, pela eficiente ação em prol do desenvolvimento da Escola Profissional "Eugênio Feio".

Interpretando os sentimentos dos promotores da homenagem, o Prof. José de Souza Junior, pronunciou o seguinte discurso:

"Meus senhores e minhas senhoras:

E' sempre em torno à mesa que os homens de todas as épocas se reúnem para fixar, dentro do âmbito intangível do Tempo, o marco simbólico de uma comemoração. Do cenáculo sacrosanto da Cristandade à Távola Redonda dos Templários do Santo Graal e destes aos tempos modernos, a humanidade vem carpindo as suas tristezas ou celebrando suas alegrias, em torno à mesa, diante do pão e diante do vinho... No dia de hoje, por todos os motivos um grande dia para a nossa Escola, não podíamos fugir a esta regra ancestral, e reunimos os nossos convidados para celebrarmos neste almoço a magnificência rígida da nova construção de cumieiras vermelhas fechadas para o alto num sentido de arrôjo e de progresso! Não nos reportaremos, porém, à simetria pétrea do cimento, senão aos que criaram, vencendo as injunções severas do estado de guerra, com a escassez consequente das aplicações desviadas para pontos-chave ou de caráter inadiável.

A Divisão de Ensino e Seleção,



Aspecto do grande almoço comemorativo do auspicioso acontecimento para a família ferroviária de Lafaete.

na pessoa de seu ilustre chefe, Dr. J. Moacir de Andrade Sobrinho e na de seu Inspetor Dr. Carlos da Silva Guimarães Junior, não poupou esforços para nos dar mais esta realização de vital importância à expansão do Ensino Profissional em nossa Estrada. O chefe da Divisão de Ensino e o Inspetor Dr. Carlos Guimarães, este último grande amigo nosso pela força moça de sua inteligência e pelos laços íntimos de um ideal comum, foram, incansáveis propugnadores pela vitória de hoje! Mas, sobretudo, senhores, cumpre-me falar-vos de dois nomes: Dr. Paulo Leite e Otacílio M. Roque. Acerco-me de ambos, temeroso. Temeroso, porque vou esfecelar a austeridade modesta de um e, falando-vos do outro, falarei de alguém que a vida transformou em meu irmão pelo milagre humaníssimo da amizade.

A Divisão de Ensino teve no Dr. Paulo Leite o realizador profícuo e incansável, o responsável pela obra que hoje se inaugurou. Mestre e amigo, os seus dotes pessoais de inteligência e de cultura e o impecável cavalheirismo do seu trato nos conquistaram, e de tal maneira que os seus conselhos eram preciosas lições e suas sugestões agradáveis ordens. Eu vi, senhores, a ação conjunta do cérebro que idealiza e de mãos que realizam, fazer brotar da inconsistência de um período crítico uma sólida obra de renovação. Se do nosso Diretor de então, vimos o esforço, o interesse, o carinho; se do Sr. Chefe da Divisão e do Sr. Inspetor do Ensino tivemos a assistência de todos os momentos, de Otacílio Roque presenciamos a dedicação elevada ao sacrifício. Quanta vez, curvado sobre a prancheta de desenho, à luz de deshoras, ele não lamentou comigo a dificuldade para o traço, pela grossura do esparadrapo afixado em suas mãos cuja pele se desgastara no descarregamento de tijolos para a construção! Mês e meses a fio, a luta prosseguiu sem que, em um só dia, se paralisassem os trabalhos normais de aprendizagem dos alunos.

Esta é a razão, porque aqui estou, senhores, para, na alegria confraternizadora deste almôço convidar-vos a um brinde em homenagem a quatro nomes, nomes que se consolidaram e que viverão para sempre em nossos corações, nomes que a pátna do Tempo não sobrepujará por longa que seja a história da nossa Escola; nomes ante os quais, reverentes se cur-

(Conclui na pag 126)

JÁ CONHECE

Michel



★ Toda mulher encantadora procura o baton que parece feito especialmente para ela. Já experimentou Michel? É vibrante, acariciador, em cores que se harmonizam com sua beleza e sua personalidade — é um baton fragrante, suave como o veludo, com base de creme que conserva sua aderência durante horas sem escorrer. Experimentando-o, saberá que Michel é o baton que lhe convém.

11 TONS SEDUTORES

MARIPOSA • AMAPOLA • BLONDE
RASPBERRY • CYCLAMEN • VIVID
AMARANTH • SCARLET • CHERRY
BRUNETTE • CAPUCINE

BATON *Michel*



MICHEL COSMETICS, INC. - NEW YORK

Rejuvenescimento pelas Glândulas

A velhice não é uma doença, é uma infelicidade. Com o correr dos anos, o nosso organismo vai deixando, aos poucos, de corresponder às exigências normais da vida. Nossas funções tornam-se irregulares; algumas mesmo deixam de existir. A existência, assim, é um sacrifício. Só a idade jovem nos permite viver alegremente. É por isso que a maior preocupação da Humanidade sempre foi a de conservar a juventude. Sabemos, hoje, que a regularidade de nossas funções depende essencialmente dos hormônios, substâncias produzidas pelas glândulas de secreção internas. Essas glândulas trabalham em perfeita harmonia e em estreita colaboração. Qualquer perturbação ou falha em uma delas provoca um desequilíbrio geral do organismo. Na idade avançada, ou por outro motivo, no moço, quando as glândulas sexuais são atingidas em sua vitalidade, a deficiência ou a falta dos hormônios correspondentes provocam, além de outros distúrbios, a perda da virilidade. Quando isso acontece, o recurso está em OKASA. OKASA é um

produto de alta reputação mundial e de eficácia comprovada no tratamento de todas as formas de insuficiência das glândulas sexuais, onde se acham associados os hormônios sexuais e as vitaminas essenciais. OKASA, restabelecendo a função sexual, rejuvenesce, revigora, e restitue a Alegria de Viver. OKASA é apresentado sob a forma de drágeas, fáceis de tomar e fabricado pelos famosos Laboratórios Hormo-Pharma de Londres, de onde é diretamente importado. OKASA combate com sucesso todas as perturbações originadas pela insuficiência das glândulas sexuais tais como: fraqueza sexual, debilidade orgânica, senilidade precoce, fadiga, perda de memória, neurastenia, no homem; frigidez, irregularidades da menstruação, males da idade crítica, obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e enrugamento da cutis, na mulher. À venda nas boas Drogarias e Farmácias. Peça fórmula "Prata" para homem e fórmula "Ouro" para mulher. In'ormações e pedidos ao Distr. A. S. Loureiro - Galeria Municipal, 15 - P. Alegre



NO MUNDO DOS ENIGMAS

● Direção de POLIDORO ●

TORNEIO DE FEVEREIRO DE 1946

(Aos meus amigos JASBAR, JOTA, RAUL SILVA e VALERIO VASCO, lembrando o "bicho-de-pé".)

Léxicos adotados: Simões da Fonseca, edição antiga; Silva Bastos; Seguíer; Brasileiro, 2.^a e 4.^a edições; Fonseca e Roquete, os dois; Breviário do Charadistas; Japiassu e Proverbios, de Lamenza

LOGOGRIFO N.º 1

E' aquêlê fanfarrão
Que anda devagarinho 8-7-6-4-5-8-9-6-4-5.
E tem fama de adivinho,
O grandíssimo ladrão.

Anda sempre às escondidas: 8-7-8-9.
Disfarçado de dansador, 3-8-3-6-4-3-2-3.
Mas tirou já várias vidas
De um "pessoal" do Equador 6-9-4-2-3-1-3

Certa vez houve um Frei
Que o acusou, com razão,
Do roubo de um "Peixe-rei".
— Foi morto sem compaixão.

PANAÇA — P. Vargas.

ENIGMAS N. 2 a

O "número" setecentos
Que na "palmeira" entalhei,
Indica a soma, em talentos,
Do dinheiro que ganhei.

PACO — T.B. — S. Paulo

Se um "homem" tem "bom" senso,
Ninguém vai julgá-lo mal,
A não ser alguma hipócrita
Ou um homem muito boçal.

PANAÇA — P. Vargas

Entre o "papão" e o "quindim"
Coloque, "nota", uma uva,
Para achar, chegado ao fim,
Um sujeito n-anda-chuva

PACO — T.B. — S. Paulo

(Ao amável JAM, com as minhas cordiais saudações).

Se puzeres quatro ases,
Um "pronomê pessoal"
E uma "nota musical"
Em um "jôgo de rapazes"
Encontrarás, meu colega,
Uma planta esquisita,
Mas que dizem ser bonita
E chamar-se beldroega.

PANAÇA — P. Vargas

A' custo eu adaptei
Uma "letra" em xibê,
E sabem o que encontrei?
— Uma grande bicho-de-pé!

PANAÇA — P. Vargas

(Ao JOTA, o mais novo vate-charadista de Minas)

Com "um" "intuito" bem raro,
Este enigma fiz a custo:
De lhe pedir, ó meu caro,
P'ra dar lembranças ao Justo.

PANAÇA — P. Vargas

Nesta mulher nota algo?

— Sangue português fidalgo.

PACO — T.B. — São Paulo

CHARADAS Ns. 9 a 11

2-2 "Boneco de trapos" é o nome de uma ária
cujo desenrolar é muito enfadonho

Altamir da Costa Barros — Maceió

1-2-2 Aqui para nós, a tradição popular é conhecida,
em grande quantidade, através de certo almanaque.

Zenóbio Bonifácio — Patos de Minas

2-1 Causa-me pesar viver sob o comando de um
oficial que está de luto.

Altamir da Costa Barros — Maceió

SINOPADAS Ns. 12 e 13

3-2 Indique, neste trecho, a preposição.

Zenóbio Bonifácio — Patos de Minas

3-2 Calçados de botas, o soldado distribuía as permissões de viagem aos seus camaradas.

Altamir da Costa Barros — Maceió

ANGULAR SILABICA N. 14

Este brilhante advogado possui grande habilidade
para lidar no foro além de ser favorecido por sua
grande cultura.

Altamir da Costa Barros — Maceió

CHARADA N. 15.

E' depois da refeição — 2
Feita com todo o vagar — 1
Que me trazes o tutú!
Como é que eu posso aceitar?!

PACO — T.B. S. Paulo

SOCIAIS

Do estimado confrade José de Sólha Inglesias recebemos a participação de ter sua dileta filha, senhorita Maria Teresa Maia Sólha, contratado casamento com o sr. Nicolau da Costa Val. Enviando aos noivos e a seus pais nossos cordiais cumprimentos, formulamos ardentes votos de felicidades.

*

Cumprimos o grato dever de apresentar ao nosso confrade João de Azevedo Barbosa (Jasbar) os nossos muito sinceros parabens pela sua recente promoção na Secretaria de Estado a que empresta o brilho de sua inteligência de escol.

*

O inteligente confrade Raif Kurban, de regresso a São Paulo, onde reside, dirigiu-nos o postal que a seguir transcrevemos, em sinal de agradecimento pela delicadeza do gesto.

AO CONFRADE POLIDORO

Polidoro, bom confrade
Guardo uma grande saudade
Da bela terra mineira.
Charadistas que encontrei
Da bela Minas Gerais
No coração coloquei
P'ra não largar nunca mais.
Guardo uma grande saudade
Da bela terra mineira:
Saudade p'ra vida inteira...

São Paulo — Raif Kurban

*

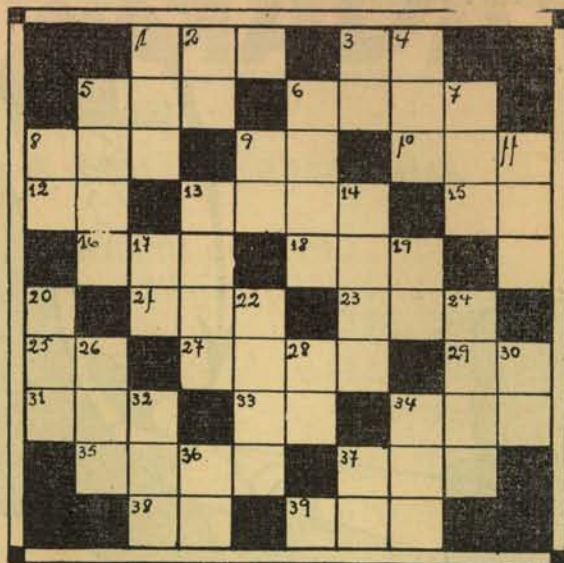
SIMBÓLICO N.º 16

Em homenagem ao Polidoro



1946

PALAVRAS CRUZADAS



(Problema de Adamair — Juiz de Fora)

CHAVES

HORIZONTAIS: 1 — Árvore do Chile. 3 — Desconfiar. 5 — Convento. 6 — Gênero de aves galináceas das regiões do Amazonas. 8 — Feixe. 9 — Nome que os Egípcios dão ao sol. 10 — Larva que se cria nas feridas dos animais. 12 — Invocação mística dos índios. 13 — Epígrafe. 15 — Também. 16 — Bordão. 18 — Unidade do trabalho. 21 — Conjunção. 23 — Rio da Sibéria. 25 — Estadista francês. 27 — Cidade do México. 29 — Freguesia de Aveiro. 31 — Bôlo de farinha. 33 — Filhas de Inaco e Ismene. 34 — Comédia de Aristófanes. 35 — Bandeira militar. 37 — Razão suprema. 38 — Soberano da Pérsia. 39 — Pessoa de pouca confiança.

VERTICAIS: 1 — Compositor de música italiano. 2 — 18.ª letra do alfabeto céltico. 3 — Piara. 4 — Cesto dos índios. 5 — Moeda da Polônia, 15 soldos. 6 — Tonto! (interjeição). 7 — Moeda antiga de cobre. 8 — Escumilha. 9 — Roberto de Oliveira. 11 — Acampamento. 13 — Gênero de canácea. 14 — Nome grego do deus do amor. 17 — Ditongo. 19 — Árvore. 20 — Vaso de igreja. 22 — Peça de música, para uma só voz. 24 — Certa qualidade de linho. 26 — Demônio. 28 — Rio da Espanha. 30 — Ides. 32 — Ilha do mar Egeu. 34 — Patrão. 36 — Nada. 37 — Ligadura.

"BREVIA'RIO DO CHARADISTA"

Conforme tivemos ocasião de noticiar, o nosso incansável confrade Silvio Alves refundiu inteiramente o "Breviário do Charadista", dando-nos, do mesmo, uma terceira edição que vale a pena ser conhecida dos charadistas.

Estamos adotando nesta seção todas as edições do Breviário.

Ao autor agradecemos a remessa, que nos fez, de um exemplar.

PAGAR



com Cheque

- E' MAIS PRÁTICO
- E' MAIS SEGURO
- E' MAIS HIGIENICO

PAGUE SEMPRE COM CHEQUE

Empréstimo Mineiro de Consolidação

Decreto n. 11.412, de 30 de junho de 1934, modificado pelo n. 11.419, de 5 de Julho de 1934

"SERIE A" -- RELAÇÃO DAS APÓLICES PREMIADAS

No sorteio de 31 de dezembro de 1945

Cr\$1.000.000,00	396.295
Cr\$ 100.000,00	425.590
Cr\$ 50.000,00	724.929
Cr\$ 5.000,00	425.154
Cr\$ 5.000,00	510.702

PRÊMIOS DE CR\$1.000,00

140.289	179.996	203.744	217.965	263.400	291.993	347.875	356.967
362.130	402.703	452.654	460.902	514.049	516.233	547.623	556.569
619.201	637.162	637.873	835.992	939.062			

PRÊMIOS DE CR\$300,00

001121	004151	007181	010211	013241	016271	019301	022331	025361	028391
031421	034452	037481	040511	043541	046571	049601	052631	055661	058692
061721	064751	067781	070811	073841	076871	079901	082931	085961	088991
092021	095051	098081	101111	104141	107171	110201	113231	116261	119291
122321	125351	128381	131411	134441	137471	140501	143533	146561	149592
152621	155651	158681	161711	164741	167771	170801	173831	176861	179891
182921	185951	188981	192011	195041	198071	201101	204131	207161	210191
213221	216251	219281	222311	225342	228371	231401	234432	237461	240491
243521	246551	249581	252611	255641	258671	261701	264731	267761	270791
273821	276851	279881	282911	285941	288971	292001	295031	298061	301091
304121	307151	310181	313211	316241	319271	322301	325331	328361	331391
334421	337451	340481	343511	346541	349571	352601	355631	358661	361691
364722	267751	370781	373811	376842	379871	382901	385931	388961	391991
395021	398051	401081	404111	407141	410171	413201	416231	419261	422291
425321	428351	431381	434411	437441	440471	443501	446531	449561	452591
455621	458651	461681	464711	467741	470771	473801	476831	479861	482891
485921	488951	491981	495011	498041	501071	504101	507131	510161	513191
516221	519251	522281	525311	528341	531371	534401	537432	540461	543491
546521	549551	552582	555611	558641	561671	564701	567731	570761	573791
576821	579851	582881	585915	588941	591971	595001	598031	601062	604091
607121	610152	613181	616211	619241	622271	625301	628331	631361	634391
637421	640451	643481	646511	649541	652571	655602	658631	661662	664691
667721	670751	673781	676811	679841	682872	685901	688931	691961	694991
698021	701051	704081	707111	710141	713171	716201	719231	722261	725291
728321	731351	734381	737411	740441	743471	746501	749531	752561	755591
758621	761651	764681	767711	770741	773771	776801	779831	782861	785892
788921	791951	794981	798011	801041	804071	807101	810131	813163	816191
819221	822251	825281	828311	831341	834371	837401	840431	843462	846491
849521	852551	855583	858611	861641	864671	867701	870731	873761	876791
879821	882851	885881	889011	892041	895071	898101	901131	904161	907191
910222	913251	916281	919311	922343	925371	928401	931431	934461	937491
940521	943551	946581	949611	952641	955671	958701	961731	964761	967791
970822	973851	976881	979911	982941	985972	989001	992031	995061	998091

A Inauguração da Escola "Eugênio Feio"

Conclusão

varão os nossos jovens alunos de hoje e do futuro, porque são nomes de homens que soberam realçar suas virtudes no cumprimento do dever para com a sua terra e a sua gente.

Dr. José Moacir de Andrade Sobrinho, Dr. Carlos da Silva Guimarães Junior, Dr. Paulo de Cerqueira Leite e Prof. Otacilio G. Mendes Roque!"

A seguir, falou o escritor Jorge Azevedo, inspetor de Turismo e Publicidade da Central do Brasil em Belo Horizonte, que, em nome do dr. Astolfo Serra, diretor do Turismo e Publicidade da Central do Brasil, congratulou-se com os realizadores da grande obra de ensino-técnico que é a Escola Profissional "Eugenio Feio" e ressaltou a personalidade do dr. J. M. de Andrade Sobrinho como o propulsor do levantamento do nível cultural dos candidatos a emprêgo na Central. Terminando sua oração, o orador ergueu, entre aplausos gerais, o brinde de honra ao insigne engenheiro e Professor, dr. Ernani Bittencourt Cotrim, diretor da Central do Brasil, técnico de merecido renome nacional, cuja atuação à frente da maior ferrovia do Brasil, — frizou o orador — está se caracterizando pelo equilíbrio que marca as grandes personalidades e a competência técnica que já era consagrada desde a sua áurea administração à frente da Locomoção da mesma ferrovia que agora recebe o benefício de sua atividade construtiva, seus conhecimentos seguros e sua supervisão esclarecida.

Logo após, o dr. José Moacir de Andrade Sobrinho agradeceu a homenagem de que estava sendo alvo e transmitiu uma mensagem de fé e estímulo de que era portador por delegação do dr. Ernani Bittencourt Cotrim, a quem representava naquelas solenidades.

À tarde no Cine Teatro Avenida, perante seleta e numerosa assistência, realizou-se a cerimonia da entrega dos diplomas aos alunos das turmas do Curso Normal e Curso Rápido de Formação Profissional, falando os drs. José Moacir de Andrade Sobrinho, Paulo Cerqueira Leite, os oradores das turmas, os jovens Jaime Espada e Antonio Carlos de Sousa Junior, e, encerrando a solenidade, o escritor Jorge Azevedo, em nome do Dr. Astolfo Serra, Diretor de Tu-

GRAFOLOGIA

(CONCLUSÃO)

ciência, emotividade. Pouco controle nervoso, hipersensibilidade, teimosia, algum ciúme, ambição construtiva. Vontade energica, desconfiança, inteligência normal.

ZEMADAR — JUIZ DE FORA — MINAS — Capacidade artistica, jeito para o desenho, alguma vaidade e presunção. Exagerado espirito de ordem, meticulosidade, rotina e preconceito. Boa inteligencia, cultura pouco cuidada, traços de egoismo. Artificio Sinceridade precária.

MON-MAR — PARA DE MINAS — MINAS — Inteligencia acima do normal, cultura intelectual apreciável, independência de idéias e de caráter, vontade consciente. Pendor literário, bondade natural, nervosismo e inquietação. Algum materialismo e crises de desânimo, originadas da falta de conhecimento do próprio valor.

ANN SHERIDAN — RIO — DISTRICTO FEDERAL — Letra bizarra reveladora de exagerada "coquetterie",

pretensão e em síntese; admiração de si própria. Algum egoismo, vaidade e bom gosto. Absolutismo nas idéias, inteligência normal, capacidade artistica incontestável. Vontade forte e bem orientada.

SAUDADE — CORDISBURGO — MINAS — Inteligencia normal, gosto das letras em geral, imaginação e capacidade de estudo. Crises de desencorajamento e tristeza, modéstia e simplicidade. Timidez, desconfiança e sentimento de ritmo.

AMIXANG — CAPITAL — Grafia fortemente apoiada, reveladora de energia na vontade, temperamento vigoroso, personalidade nitidamente acentuada. Coração generoso, exclusivismo no amor, ambição e ciúme. A assinatura mostra vivacidade, decisão pronta e independência de caráter e de idéias. Perseverança, conduta inflexível, prodigalidade, gostos finos, iniciativa e coragem. Capacidade artistica, expansividade e imaginação. Ordem, método e inteligência clara.

De jornaleiro a multimilionário

CONCLUSÃO

em varejo estavam considerando em aplicar um "boycott" nacional à Pepsodent. Ele apareceu ante a convenção e prometeu aos delegados reformar a casa e estabelecer uma política razoável.

Como evidência de sua boa fé — e ainda porque era uma perfeita dramatização — ele, no local, subscreveu um cheque de 25 mil dolares, contribuição da Pepsodent a um fundo destinado à promulgação de uma lei reguladora do comércio. Isso em setembro de 1935. Em 1937, sem dúvida como resultado de sua sugestão especifica, o Congresso aprovou a lei Miller-Tydings.

Enquanto isso, com numerosos varejistas sabotando sua nova política, as vendas da Pepsodent desceram ao lucro bruto de 600 mil dólares apenas, sem contar os impostos. Mas em 1943 as novas práticas comerciais faziam dividendos: os lucros subiam ao "re-

cord" de três milhões de dólares. No ano de 1944 proporcionou 11% de lucro a mais e para 1945 era esperado novo "record". O comentário de Luckman sobre o negócio é: — "A margem entre ser um herói e um fracassado é muito escorregadia".

Entretanto, essa era a única margem: a outra pagaria na mesma moeda de fracasso. Luckman recebeu um milhão de dólares quando a Pepsodent se fundiu com a Irmãos Lever.

Em troca, Luckman deu ao mundo duas cousas: — a consciência do Irium e Bob Hope. Irium é o nome comercial para o agente de limpeza alcali-sulfato de sódio, mas ninguém, fora dos laboratórios, havia ouvido falar nêle até que Luckman tirou-lhe o obscuro rótulo e começou a persuadir as pessoas a criar o hábito do Irium.

Do mesmo modo, foi a persistência de Luckman que tornou famoso Bob Hope na radio-propriedade n.º 1 da Nação. Nos fabulosamente bem sucedidos anos em que trabalhou, a dupla Hope-Luckman fez três tournées e assinou quatro contratos no que Luckman descreveu como sendo "uma série de preciosas manobras para manter Hope feliz". E que, pelas aparências, mantém Mr. Luckman muito feliz também...

* * *

rismo e Publicidade da Central do Brasil.

O BAILE

À noite, no amplo salão do Primavera Clube, gentilmente cedido pelo sr. Oton Ferreira da Costa, realizou-se, ao som do magnifico Jazz Record, de Santos Dumont, um esplêndido baile.

RECORDAR E' VIVER...

CONCLUSÃO

te: Ferreira, Morethson, Moura Costa, Coutinho I, Lé, Romeu, Nilo, Mario Loth, Jorge Pena, Coutinho II, Leon Prata e outros.

Foi ainda nesse ano que a lei municipal n. 121, de 19 de outubro, concedeu ao **Atlético** o terreno que ocupava ou outro que fôsse conveniente para sua sede.

A 3 de junho de 1917, batia-se, o alvi-negro no Prado Mineiro, contra o **Sport Club**, de Juiz de Fora, perdendo a partida por 2 x 1, e a 17, perdia para o **Americano** por 2 x 0, no mesmo local. A 27, ia a Sete Lagoas e vencia o **Democrata** por 3 x 2.

No Prado, a 8 de julho do referido ano, competia com o **Sete de Setembro**, vencendo-o por 4 x 1 e a 25 de dezembro, transferia sua sede para a Avenida Afonso Pena, 748, onde instalou novos divertimentos, tais como **ping-pong** e bilhares.

Até 1918, o **Atlético** havia conquistado os seguintes troféus: taça "Bueno Brandão", em 1914; bronze "Liga Mineira" em 1915; bronze oferecido pela comissão organizadora do torneio em benefício do "Pão de Santo Antônio", de Diamantina, e outro bronze da "Liga Mineira", em 1917.

Em 1917 e 1918 colocou-se novamente em 2.º lugar no campeonato da "Liga Mineira", no passo que em 1919 não tomou parte no torneio, sendo que, em 1920, logrou apenas o 3.º lugar no campeonato.

Disputou, em 1921, várias partidas amistosas, vencendo o **Sport Club**, de Juiz de Fora, o **América**, o **Morro Velho** e alguns outros clubes do interior, levantando o torneio da "Imprensa", com a conquista da taça "Jornal de Minas", sendo, então, este o seu quadro: Felicíssimo, Vavá, Alvinho, Furtadinho, Leon, Furtado, Tuffi, Eduardinho, Burjato, Zica, Hernani, Doquinha, Marcio, Morgan, Coutinho, Titita, Danton e Menotti.

Não obstante haver ficado em 4.º lugar no campeonato, em 1922, foi vencedor no torneio **inítmum** da "Liga Mineira" e venceu também várias partidas amistosas, entre as quais uma contra o **Palestra Itália**, em disputa da taça "Concordia", sendo este o seu quadro: Odilon, Dias, Coelho, Menotti, Ivo, Porfírio, Eduardo,

TUDO PASSA...

Perdi tudo o que o amor me havia dado:
A tristeza e a alegria de viver,
De sentir o amor próprio espesinhado,
Nessa estranha volúpia de sofrer!

Perdi mesmo o desejo exagerado
De te ouvir, de falar-te e de te ver,
De pecar por amor, pois é pecado
Querer mais do que Deus manda querer.

Perdi o gosto que tinha pela vida,
E a coragem sublimine de morrer.
Perdi até a vontade envaidecida

De estudar corações e de escrever.
Mas, ficou na minha alma incompreendida,
A tortura de nunca te esquecer!

IARA NATHAN

* * *

Manso, Gondim, Zica, Tulla, Paiva, Coutinho, Eolo, Pedro Arges, Larita e Fileto.

Logrando sensível melhora no seu quadro, em 1925, conquistou o vice-campeonato do torneio, venceu várias partidas amistosas e ficou detentor da taça "Instaladora". Perdeu para o **Botafogo**, do

*

Sociais



Sr. Josefino Firmino dos Santos e seus filhos Anunciação, Omar e Oneida, residentes nesta Capital.



Rio, por 4 x 2, principalmente devido recusa de seu arqueiro Mário Barreto em tomar parte no jogo, quando não havia no momento substituto à altura da competição. Entre outros jogadores, fizeram parte do quadro nesse ano: Mario Barreto, Menotti, Ivo, Jair, Mario Viana, Tula, Zica, Said e Furtadinho.

Justamente por esse tempo ia entrar o alvi-negro no seu período áureo de que trataremos depois.

Coceira dos Pés Combatida no 1.º Dia

Seus pés coçam, doem e ardem tanto a ponto de quasi enlouquecê-lo? Sua pele racha, descasca ou sangra? A verdadeira causa destas afecções cutâneas é um germe que se espalhou no mundo inteiro e é conhecido sob diversas denominações, tais como Pé de Atleta, Coceira de Singapura, "Dhoby" coceira. V. não pôde livrar-se destes sofrimentos senão depois de eliminar o germe causador. Uma nova descoberta, chamada **Nixoderm**, faz parar a coceira em 7 minutos, combate os germes em 24 horas e torna a pele lisa, macia e limpa em 3 dias. **Nixoderm** dá tão bons resultados que oferece a garantia de eliminar a coceira e limpar a pele não só dos pés, como na maioria dos casos de afecções cutâneas, espinhas, acne, frieiras e impigens do rosto ou do corpo. Peça **Nixoderm**, ao seu farmacêutico, hoje mesmo. A nossa garantia é a sua maior proteção para as Afecções Cutâneas.

Dist. S. I. P. Caixa Postal 3786 — Rio

Alterosa

PARA A FAMÍLIA DO BRASIL.
Publicação mensal de sociedade, arte, literatura, moda e beleza, da
SOC. EDITORA ALTEROSA LTDA.

*

Diretor-gerente:
MIRANDA E CASTRO
Diretor-redator-chefe:
MÁRIO MATOS
Secretário da redação:
JORGE AZEVEDO

*

ADMINISTRAÇÃO:
Rua Tupinambás, 643, sobreloja n.º 5
Endereço Telefônico "ALTEROSA"
Belo Horizonte - Est. de Minas Gerais

*

SUCURSAL NO RIO:
Diretor: Nelson Ribeiro de Castro
Rua Visconde de Santa Izabel, 515
Fone 38-5684

*

ASSINATURAS
(Sob registro postal)
1 semestre (6 números) . Cr\$ 20,00
1 ano (12 números) . Cr\$ 40,00
2 anos (24 números) . Cr\$ 70,00
(A única revista brasileira que só faz expedição sob registro postal, sem onus para o assinante).

*

VENDA AVULSA
(Preço em todo o Brasil)
Número comum Cr\$ 3,00
Números especiais Cr\$ 5,00
Número atrasado, mais . . . Cr\$ 1,00
(Os números especiais circulam em agosto e dezembro, comemorando respectivamente o aniversário da revista e o Natal).

*

SECRETÁRIO FUNDADOR — Teódulo Pereira.

COLABORAÇÃO — Alberto Renart, Alphonsus de Guimarães Filho, Ademar Tavares, Alvarus de Oliveira, Austen Amaro, A. J. Hermenegildo Filho, Antônio Silveira, Aguiar Brandão, Anita Carvalho, Almir Neves, Antonieta Assumpção, Bahia de Vasconcelos, Bastos Portela, Cláudio de Souza, Carlos Maranhão, Djalma Andrade, Dionísio Garcia, Edgard Rezende, Edmundo Costa, Edison Pinheiro, Evárgio Rodrigues, Francisco Armond, Geraldo Dutra de Moraes, Huberto Rohden, Ilza Montenegro, Joaquim Larrangeira, J. M. de Andrade Sobrinho, Luís de Bessa, Luís Otávio, Luís H. Lisboa, Luís de Paula Lopes, Lourdes G. Silva, Lúcia Machado de Almeida, Srna. Leandro Dupré, Malba Tahan, Maria Antônia Sampaio, Maria Emília de Castro Goulart, Murilo Araújo, Moacir Andrade, Murilo Rubião, Neyde Joppert, Nilo Aparecida Pinto, Nóbrega de Siqueira, Oliveira e Silva, Olga Obry, Oscar Mendes, Paulo Dantas, Pedro Ribeiro da Franca, Paulo Peregrino, Roberto Gil, Raul de Azevedo, Vanderlei Vilela e Yara Nathan.

FOTOGRAFIAS — Francisco Martins da Silva e Stúdio Constantino.
GRAVURAS — Fotografia Minas Gerais Ltda. e Gravador Araújo.
DESENHOS — Fábio Borges, Érico de Paula, J. C. Moura, Rodolfo e Rocha.
IMPRESSÃO — Gráfica Quêroz Brelner Ltda.

*

A redação não devolve, em hipótese alguma, originais ou fotografias, ainda que não sejam aproveitados.

*

Os conceitos emitidos em artigos assinados, não são de responsabilidade da direção da revista.



DR. CYRO CANAAN

Cirurgião da Casa de Saúde e Maternidade São José

Operações Vias urinárias - Sífilis
Consultório: Edif. Caetés — Rua Caetés, 386 - 2.º andar — Ss. 205-207 — Fone 2-4388 — Residência: Rua Caetés, 460, 2.º andar — Fone 2-0788 — Horário — Diariamente: 12,30 às 19 horas — Domingos: das 8 às 11 horas — Belo Horizonte

Dra. Henriqueta Macedo Bicalho

CLINICA DE SENHORAS

Das 13 às 17 — Ed. Capichaba — Rua Rio de Janeiro, 430 — Sala 121 — 12.º andar — Tel. (res.) 2-2544 — B. Horizonte

DR. NEREU DE ALMEIDA JUNIOR

DOENÇAS DO APARELHO DIGESTIVO

Diagnóstico e tratamento das moléstias do estômago, intestinos, fígado, pâncreas e vesícula biliar
Consultório: Edifício Thibau - R. S. Paulo, 401 - 2.º andar — Salas 208/210 — De 14 às 17 horas.
Residência: Rua Guarani, 268 — Fone: 2-6067.

GABRIEL DE SOUSA LIMA JORGE DE SOUSA LIMA (CIRURGIÕES-DENTISTAS)

Consultórios com aparelhagem moderna para Clínica e Protese.
Raios X.

RUA TAMOIOS, 62
Sala 106 — Fone: 2-3866
Residência: 2-4418

DR. COSTA CHIABI

CLINICA DE CRIANÇAS

Docente da Faculdade de Medicina — Cons.: Edif. do Cine Brasil — Fone, 2-0180 — Residência: Bernardo Guimarães, 3071 — Fone 2-1910

Dr. José Lins

RAIOS X

RUA SÃO PAULO, 629

TROVA

Que há consolo no amargor
alguém pode duvidar:
— Mas juro que foi a dor
que me ensinou a cantar.

LINDOURO GOMES

O AMOR

O amor é uma concordata entre um anjo e uma fera que termina sempre por uma dupla falência. — J. Peladan

VISITA A' "ALTEROSA"

Proporcionaram-nos o prazer de suas visitas, em janeiro último, o sr. João Stramandinoli, Chefe da Seção de Turismo e Publicidade, do Departamento de Turismo da Central do Brasil, no Rio, e os escritores José Lara, Wanderley Vilela e Luís de Paula Lopes, nossos prezados colaboradores.

Nossos agradecimentos.

O Mucus da Asma Dissolvido Rapidamente

Os ataques desesperadores e violentos da asma e bronquite envenenam o organismo, minam a energia, arruinam a saúde e debilitam o coração. Em 3 minutos, **Mendaco**, nova fórmula médica, começa a circular no sangue, dominando rapidamente os ataques. Desde o primeiro dia começa a desaparecer a dificuldade em respirar e volta o sono reparador. Tudo o que se faz necessário é tomar 2 pastilhas de **Mendaco** às refeições e ficará completamente livre da asma ou bronquite. A ação é muito rápida mesmo que se trate de casos rebeldes e antigos. **Mendaco** tem tido tanto êxito que se oferece com a garantia de dar ao paciente respiração livre e fácil rapidamente e completo alívio do sofrimento da asma em poucos dias. Peça **Mendaco**, hoje mesmo, em qualquer farmácia. A nossa garantia é a sua maior proteção.

Mendaco Acaba com a asma.

Crianças



Ricardo José e Sônia, os encantadores filhinhos do casal D. Abigail Rebouças de Andrade-Dr. J. M. de Andrade Sobrinho, residente na Capital Federal.



A linda Maria Marta, filhinha do casal D. Julia Brandão de Moraes - Dr. Ximenes de Moraes, residente em Patos, neste Estado.



A interessante Miriam Márcia, filhinha do casal D. Alida Spagnuolo Avelar-Valter Avelar, residente nesta Capital.



Roberto, o belo filhinho do casal D. Maria Esteves Neves-Francisco Neves, residente em Santos, São Paulo.





Um "show" que é sempre uma fina revista... Duas orquestras que são as melhores da Capital... A cozinha internacional mais perfeita... O ambiente mais distinto e deslumbrador...

PAMPULHA, o recanto preferido da sociedade belorizontina!

PAMPULHA